

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

ANA PAULA LACÔRTE GIANESI

**Causalidade e determinação: o problema do
desencadeamento em psicanálise**

São Paulo

2008

ANA PAULA LACÔRTE GIANESI

**Causalidade e determinação: o problema do
desencadeamento em psicanálise**

**Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da
Universidade de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do título de Doutor em
Psicologia.**

**Área de concentração: Psicologia Clínica
Orientador: Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker**

São Paulo

2008

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Gianesi, Ana Paula Lacôrte.

Causalidade e determinação: o problema do desencadeamento em psicanálise / Ana Paula Lacôrte Gianesi; orientador Christian Ingo Lenz Dunker. --São Paulo, 2008.

291 p.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Psicanálise 2. Noção de Causalidade 3. Ansiedade 4. Fantasia
5. Sintomas I. Título.

RC504

FOLHA DE APROVAÇÃO

Ana Paula Lacôrte Giansesi

Causalidade e determinação: o problema
do desencadeamento em psicanálise

**Tese apresentada ao Instituto
de Psicologia da Universidade
de São Paulo como parte dos
requisitos para obtenção do
título de Doutor em Psicologia.
Área de concentração:
Psicologia Clínica.**

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*Para Ronaldo, José e Francisco,
pois o amor possui causas que a própria razão desconhece...*

AGRADECIMENTOS

Ao Luiz Carlos Nogueira, *in memoriam*, que inicialmente me orientou neste trabalho. Atribuo meu “giro lacaniano” ao encontro que tive com suas transmissões, em 2000. Aquele foi um encontro com efeito de corte. Oví-lo indicou-me um caminho e acompanhá-lo precipitou em mim uma decisão. Seguir as veredas lacanianas, isto operou marcas, evidenciou um antes e um depois em minha trajetória e, claro, não foi sem conseqüências para a minha clínica. Verifico que suas palavras permanecem e ressoam fortemente nas trilheiras psicanalíticas que, decididamente, continuo a percorrer. Se sua ausência exigiu-me um trabalho de luto, foi-me possível transformar a perda em causa e, inclusive, realizar esta tese.

Ao Prof. Dr. Gilberto Safra, pela atenção nos momentos em que estive “sem orientador”.

Ao Christian Dunker, por quem tive, então, o privilégio de ser orientada. Agradeço-lhe pela leitura sempre atenta, crítica e rigorosa, por me acompanhar de maneira generosa nos diversos momentos que atravessei, por me mostrar, de modo peculiar, ser possível o estabelecimento de uma parceria em um trabalho acadêmico e por me auxiliar a bem conduzir as delicadas relações entre universidade e psicanálise.

À Helena Bicalho, que de perto me acompanhou e que, com bastante delicadeza, indicou-me caminhos fundamentais para a tessitura dessa tese. Suas preciosas pontuações sobre lógica, em meu exame de qualificação, modificaram o destino de algumas passagens em minha escrita.

Ao Raul Pacheco que, em meu exame de qualificação, a um só tempo, sugeriu uma nova estrutura para este texto e me despertou de uma espécie de “equivoco político”. Isso, preciso dizer-lhe, com muita justeza e clareza.

À Michele Faria, pelas ricas supervisões que ressoam neste trabalho.

À Dominique Fingerhann, por sua escuta e por seu gesto, que analiticamente me conduziram do desencadeamento até a causa.

À querida Ana Laura Prates Pacheco, importante interlocutora, com cujos textos tanto dialoguei na confecção desta tese.

Aos amigos queridos Juliana, Mauricio, Maria Lívia, Ana Laura, já mencionada, Marcelo e Sergio, por estarmos juntos nos momentos difíceis que sucederam o falecimento de Luiz Carlos Nogueira, em outubro de 2003. Há época, Juliana, Maria Lívia, Marcelo e eu formamos um cartel, que sustentou nosso esforço de pesquisa e, particularmente, fez-me deslizar até a causa. Esses amigos, somados ao Christian, como *mais um*, foram, mais uma vez, fundamentais as minhas realizações. E, depois, preciso sublinhar, brindaria também os tantos outros momentos preciosos que partilhamos.

Aos amigos e colegas do grupo de orientação: Marcelo, já mencionado, Paulo, Leandro, Abenon e ao meu marido Ronaldo, por pontuações e discussões que contribuíram bastante para este trabalho. Neste mesmo sentido, agradeço também à Letícia, à Fátima e ao Ivan.

Às coordenadoras do PROMUD, Patrícia Hochgraf e Silvia Brasiliano, pelos espaços abertos e pelo tempo concedido para o início deste trabalho.

À Miriam Debieux, minha orientadora no mestrado, por nos possibilitar bons e importantes encontros, após alguns descaminhos.

À Flávia Trocoli, pela leitura atenta e pela precisa revisão deste texto.

À Daniela e à Anita, à Helô e à Ilana, por toda a ajuda com as línguas estrangeiras.

À Ilana, amiga querida, com quem as relações entre tempo e espaço mostram-se bastante peculiares. No tempo, o encontro seguinte parece sempre ser sucedâneo daquele ocorrido ontem. Os “cafés”, nem sempre regados à café, os interesses comuns, as boas risadas, os bons filmes, enfim, pontos que fazem com que ela esteja presente e bem perto, mesmo tão longe.

À Helô, por sua preciosa amizade, que permanece tão importante e há tempos habita meu cotidiano. Agradecer-lhe me faz retroagir ao nosso lugar de descobertas: Chico Buarque, o “pensamento do mundo”, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, a dança, o “Lula lá”, os choros, os risos, a escola, o colégio, a faculdade. Pois é, falar sobre ela me trás a impressão de que uma parte daquilo que muda na gente, muda cuidadosamente. Tanto disso ainda esta aqui, mas de maneira tão diferente.

Aos queridos amigos Ricardo e Marine. Ao Ricardo, por sua “leitura poética do mundo”, que ele tantas vezes deixa surgir, comumente em nossos encontros gastronômicos, regados à vinho e outros itens com teores alcoólicos um pouco mais elevados. À Marine, por fazer de sua honestidade e transparência, também beleza e poesia. Ao querido Tomás, por trazer tanta alegria a nossa casa e, particularmente, à Alice, que sobremaneira me inspirou nos momentos finais deste trabalho.

Aos queridos Valéria, Clayton e João, por tanta alegria (e comidas deliciosas) aos nossos finais de tarde, finais de semana e viagens de fêrias.

Aos amigos queridos Marcelo (já mencionado) e Karina, pelas ricas interlocuções e pelas gostosas conversas acompanhadas pelo som quase constante da doce voz de nossos pequenos. Obrigada Marina, sua presença traz delicadeza aos nossos encontros.

À Lygia, amiga querida e companheira de trabalho desde os tempos do HC, passando pelas intempéries da Uninove. Agradeço-lhe por cada palavra de incentivo que ouvi você dizer. Tocam-me sua generosidade, doçura e vivacidade, que agora, com o lindo Tom, aguçaram-se mais ainda.

À Malú querida, amiga e parceira de supervisão, por suas contribuições de toda sorte. Pelas veredas que se iniciaram ainda na faculdade: nossa inesquecível viagem, Roma, Nice, “Cem anos de solidão”, o parque de diversões, um tempo longe, o reencontro, a psicanálise, nossos filhos brincando juntos... à Nina.

À Neide e à Sebastiana, pela presença sábia e pelo cuidado carinhoso dedicado aos meus filhos.

À Dilza, por sua presença amorosa. E também à Adalgisa e ao Edu, afinal, sem o ‘mutirão’ que fizeram, eu não teria tido o tempo necessário para essa escrita. A minha preciosa cunhada Pri e ao musical Ricardo, enfim, a toda essa gente que se fez família e, sublinho, família querida.

Aos meus saudosos avós, Octávio e Niette, por me introduzirem no “mundo das letras”.

Aos meus pais, Paulo e Regina, por tudo aquilo que me transmitiram. A minha mãe, por me oferecer, com tranquilidade e desde cedo, espaços tão fundamentais. Ao meu pai, que, com sua exatidão, logo me mostrou que as retas fazem curvas. Também, é claro, pela particular afeição que testemunho dedicarem aos netos. Ao meu querido irmão, Gui, por todos esses anos juntos e à querida Deda. E, por fim, agradeço por estarem tão presentes nestes tempos em que o “mutirão família” fez-se necessário.

Aos meus filhos, José e Francisco, “partos participantes” do tempo deste trabalho, por despertarem em mim um amor que eu mesma não sabia ser possível e que, então, fez meu coração, “menor que o mundo”, crescer muito. E, também, por me proporcionarem escansões fundamentais ao escape de uma produção desvitalizada. Poder “bater palminhas”, deixá-los “escrever nomes”, ouvir “Pé com pé”, o “Cocoricó”, assistir ao “Peter Pan”, trocar a fralda, fazer e dar a mamadeira, brincar de “corre cotia”, “pintar e bordar”... ah, certamente, só assim eu pude bordar!

Àquele que sobremodo causou em mim uma série daquilo que, verdadeiramente, chamo amor: de seu princípio clandestino, guardo os segredos e, do momento em que se legalizou, até os dias atuais, experimento nossas tantas invenções para além da lei. Obrigada Rô, por apostar nas diversas escolhas que partilhamos e por sustentar comigo um desejo. Por estarmos tão perto nesta bela e nova empreitada com nossos filhos. E, igualmente, por mostrar-se criativo mesmo em situações não tão simples, como estas, que envolveram momentos de concluir.

RESUMO

GIANESI, A.P.L. **Causalidade e determinação: o problema do desencadeamento em psicanálise**, 2008. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Este trabalho versa sobre o problema do desencadeamento para a psicanálise e toma por fio condutor alguns casos freudianos. O tema sublinhado foi concebido como um ponto clínico fundamental, que remete o psicanalista tanto à questão diagnóstica quanto à investigação etiológica. Neste sentido, destacamos que o surgimento de sintomas e do surto psicótico mereceu particular atenção ao longo de nossas linhas. Verificamos que, depois de Freud, a presença de uma conversão histérica ou de um delírio paranóico logo indicava uma direção para o tratamento e também indagava a psicanálise acerca das causas precipitadoras de tais quadros. Pois bem, sobretudo nos intrigou a pesquisa sobre as dimensões causais de um desencadeamento. Para realizá-la seguimos primeiro Freud e sua complexa teoria da causalidade psíquica e depois Jacques Lacan, que, de maneira peculiar, soube destacar o inédito freudiano e postular uma noção de causalidade que designamos como própria à psicanálise e pertinente ao desencadeamento.

Palavras-chave: 1. Psicanálise 2. Noção de Causalidade 3. Ansiedade 4. Fantasia 5. Sintomas.

ABSTRACT

GIANESI, A.P.L. **Causality and determination: the problem of the *triggering off* in psychoanalysis**, 2008. Thesis (Doctoral) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This work seeks to explore the question of *triggering off* in psychoanalytic theory by examining some Freudian cases. The theme was conceived as a key clinical aspect which poses for the psychoanalyst the questions of diagnosis and of etiological investigation. In this sense, we highlight that the emergence of symptoms and of psychotic breakdown were particularly important to this work. We verified that since Freud, either the hysterical conversion or the paranoid delirium indicated the direction of the treatment; and raised concerns about the emerging causes of these conditions. In this study the causal dimensions of *triggering off* was particularly intriguing. To accomplish this investigation, we first drew upon Freud's theories of the psychic causality and proceeded to the study of Jacques Lacan who in a particular manner highlighted Freudian's findings and postulated a notion of causality that is central to psychoanalysis and strongly related to the idea of *triggering off*.

Keywords: 1. Psychoanalysis 2. Notion of Causality 3. Anxiety 4. Phantasy 5. Symptoms.

RÉSUMÉ

GIANESI, A.P.L. **Causalité et détermination: le problème du déchaînement en psychanalyse**, 2008. These (doctorat). Institut de Psychologie, Université de São Paulo, São Paulo, 2008

Ce travail traite le problème du déchaînement pour la psychanalyse et prend comme fil conducteur quelques cas freudiens. Le thème souligné a été conçu comme un point clinique fondamental, qui remet le psychanalyste tant sur la question diagnostique que sur l'investigation étiologique. Dans ce sens, nous soulignons que le surgissement de symptômes et l'impulsion psychotique a mérité une attention particulière tout au long de notre travail.

Nous vérifions que, depuis Freud, la présence d'une conversion hystérique ou d'un délire paranoïaque indiquait automatiquement une direction pour le traitement et questionnait légalement la psychanalyse du sujet des causes qui précipitent de tels tableaux. En effet, ce qui nous a le plus intrigué c'est la recherche sur les dimensions casuelles d'un déchaînement. Pour réaliser cette recherche nous avons suivi tout d'abord Freud et sa complexe théorie sur la causalité psychique et ensuite Jacques Lacan, qui, de manière spéciale, a su détacher l'inedit freudien et postuler une notion de causalité que nous designons comme propre à la psychanalyse et pertinente au déchaînement.

Mots-clefs: 1. Psychanalyse 2. Causalité 3. Angoisse 4. Fantaisie 5. Symptôme

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1: Apresentação do desencadeamento em Freud	11
1.1. Primeiras considerações.....	11
1.2. Anna O: o trauma sexual e o desencadeamento de sintomas na transferência..	17
1.3. Sra. Emmy: o fator quantidade e a manutenção de sintomas.....	19
1.4. Miss Lucy e o momento traumático real.....	21
1.5. Katharina: o intervalo de incubação, o sintoma e a angústia.....	25
1.6. Elizabeth: a histérica e o pai.....	27
1.7. Dora: as causas, os motivos e as razões das formações de sintomas.....	31
1.8. O desencadeamento na neurose obsessiva.....	44
1.9. Hans: uma fobia infantil.....	53
1.10. O Homem dos Lobos: uma neurose infantil?.....	57
1.11. O desencadeamento na psicose.....	72
1.11.a. Schreber.....	72
1.11.b. Um caso de paranóia e o estalido.....	79
Capítulo 2: Causalidade e determinação	99
2.1. Considerações iniciais.....	99
2.2. O traço: exemplo da causalidade negativa.....	109
2.3. A metáfora paterna.....	117
2.4. A castração: entre o pai simbólico e o pai real.....	122
2.5. Objeto <i>a</i> causa de desejo.....	125
2.6. A fantasia, causa de sintomas.....	130
2.7. A causação do sujeito.....	138
2.8. A causa material e a causa real.....	145
Capítulo 3: O desencadeamento da psicose	154
3.1. Aimée.....	154
3.2. Serguei Constantinovitch Pankejeff: a <i>Verwerfung</i> e o Homem dos Lobos.....	164
3.3. Schreber: a abolição interna e o retorno desde fora.....	187
3.4. Joyce, o <i>sinthoma</i>	203
Capítulo 4: O desencadeamento na neurose	126
4.1. Dora: a histeria revisitada.....	216
4.2.a. A Jovem Homossexual: a frustração e a fantasia.....	225
4.2.b. A Jovem Homossexual e a passagem ao ato.....	234
4.3. O Homem da Areia e a angústia.....	238
4.4. Hans: a angústia e o objeto fóbico.....	242
Conclusão	270
Referências bibliográficas	285

1. INTRODUÇÃO

... Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede...

... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão...

... Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse...

... Na fraqueza em que estava tudo a atingia como um susto; desceu do bonde com as pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite...

... Ao mesmo tempo que imaginário – era um mundo de comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio e colado. Como a repulsa que precedesse a entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo e era fascinante...

Clarice Lispector

Inspiro-me na idéia, tão bem recebida em nosso campo psicanalítico, segundo a qual a literatura necessariamente nos ultrapassa, para apresentar-lhes o ponto central desta tese, a saber, o desencadeamento. O que Clarice Lispector transmitiu-nos com seu “Amor” bate-nos às portas cotidianamente. A Ana de Clarice pode ser encontrada em tantos outros protagonistas de nossa clínica. Os ovos quebrados, escorrendo, o mal-estar, a expulsão dos próprios dias, o salto, o susto, o mundo imaginário e o de comer com os dentes, o fascínio, o nojo, o sexual, termos e temas que nos chegam e designam o estranhamento real desses sujeitos que nos falam.

Não me fiarei pela homonímia, é claro, mesmo porque isso traria obscenidades redundantes às nossas linhas. Todavia, sublinho que consubstancial ao dispensar um apelo personalista é a asserção de que seria improvável não estar profundamente implicada em um trabalho que pretendeu versar justamente sobre o desencadeamento.

Trauma, encontro com o real, abertura da angústia, fração não calculável de gozo, abalo fantasmático, sintomas que vacilam e fazem inconsistência. Estas são

algumas das formas possíveis de se fazer referência ao desencadeamento, este acontecimento tão caro à psicanálise. Pois bem, o que logo se evidencia, quando debruçamo-nos sob tal temática é que o desencadeamento indaga a clínica e coloca o psicanalista diante de impasses e do inusitado.

Intrigados com este problema, e imbuídos das diversas expressões que elegemos para descrevê-lo, perguntamo-nos: o que se desencadeia? Respondemos, prontamente: o sintoma, o delírio, a expressão de angústia, a alucinação, as formas de ato. Enfim, diversos fenômenos que trazem consigo questões para o sujeito e para nossa práxis, uma vez que a um só tempo colocam luz na diagnóstica e engendram perguntas de caráter etiológico.

Não é pouco comum estarmos diante de um fenômeno desencadeado e indagarmo-nos: isto se faz suficiente para afirmarmos tratar-se desta ou aquela estrutura clínica? Igualmente, outra pergunta nos surge com frequência: o que ocasionou tal manifestação? Eis uma proposta de vetorização para nosso problema. Por um lado, ele aponta para a estrutura e, por outro, para o estudo das causas.

Os eventos que precedem um desencadeamento nos são transmitidos constantemente em uma análise. Não é incomum alguém situar o acontecimento que originou seu sintoma, ou descrever-nos o que se passou antes da precipitação de um ato. Frases como: “desde que ouvi um tiroteio passei a ter crises de pânico”; “eu tremo muito e isso começou há cinco anos, quando meu marido faleceu”; “fui traído e a partir de então não consigo mais manter uma relação sexual até o fim”; “quando a vi olhando-me atentamente, não sei o que aconteceu, perdi o controle sobre meu corpo, despenquei, caí”; compõem muitas das narrativas escutadas. Entretanto, tais enunciados não costumam aparecer desvinculados de sua condição enigmática, e é por isso que, desde

já, seguimos a assertiva segundo a qual o desencadeamento faz surgir para o sujeito sua própria opacidade.

O sujeito descreve-nos um evento, uma cena ou um momento, ali localiza o princípio de seu sofrimento e também nos aponta que estes não são cristalinos para ele. Assim, dizemos que do mesmo modo em que se situa na história do sujeito, o desencadeamento se faz acompanhar pela emergência de significantes enigmáticos e pelo esvaziamento dos significantes fálicos. Asseveramos, então, que a localização no tempo, a historicidade do desencadeamento não fornece imediatamente sua causa, nem seu sentido.

Dizemos, outrossim, que, enquanto um acontecimento, o desencadeamento impõe um corte na diacronia temporal, ele é disruptivo para o sujeito, marca um antes e um depois do sintoma, do surto ou do ato. Além disso, o desencadeamento liga-se também à ahistoricidade da estrutura e remete-nos à constituição do sujeito por retroação temporal. Desta feita, nota-se um interessante combinado entre temporalidade e espacialidade neste início. Enquanto corte, o tempo do desencadeamento é o instante, entretentes, este ponto clínico nos faz retroagir até o momento de constituição do sujeito, lugar do trauma, e incluir este último na configuração daquilo que assistimos desencadear-se.

Acrescentando um passo ao que pudemos apresentar, afirmamos que o desencadeamento refere-se ao trauma e o constitui por retroação temporal. Por outro lado, arriscamo-nos a dizer que o trauma é condição de possibilidade (necessária, mas não suficiente) para o desencadeamento. Asseveramos, então, que há, no campo psicanalítico, uma outra vetorização que nos envia do desencadeamento ao trauma. Tal vetorização possuiria tênues distinções em relação àquela da diagnóstica.

Em se tratando das estruturas, poderíamos, por exemplo, enunciar que se há sintoma, logo, teríamos uma neurose. No entanto, é importante destacarmos que quando tratamos esta estrutura não indagamos os sintomas em termos de presença ou ausência, mas sim, como precisamente, escreveu Dunker (2002), perguntamo-nos acerca da “consistência ou inconsistência dos mesmos” (p.113). Na neurose, o desencadeamento é consoante ao momento em que os sintomas fazem inconsistência, deixam de ser um “artefato subjetivo para a contenção do gozo” (p.113), ou, antes ainda, ao momento em que a fantasia vê-se abalada. Afinal, como nos indicou Sauret (1998), quando a fantasia é atingida, os sintomas inflamam.

A partir dos postulados freudianos, os sintomas desencadeados após um período de incubação ou latência estiveram intimamente relacionados ao trauma e, acrescentemos, à estrutura, o que então corroborava a idéia de que aqueles sintomas tardios “seriam como que versões de uma mesma geratriz.” (Dunker, 2002, p. 135) Esta saída, encontrada primeiramente por Freud, afastou-o da visão patologizante que impregnou o termo desencadeamento (*Erkrankung*), o que não teria ocorrido sem razão, já que esta palavra significa doença, moléstia. Diríamos, desta feita, que Freud, ao empregar o termo *Erkrankung* para referir-se ao desencadeamento¹, a um só tempo seguiu a tradição médica (que até hoje se utiliza desta terminologia) e subverteu-a.

Se o desencadeamento fosse concebido como adoecimento² pela psicanálise, isso teria anulado a noção de estrutura clínica e faria essa práxis imergir em uma lógica

¹ Note-se que desencadear, em alemão, diz-se: *Einband, abmachen*. (Dicionário Alemão-português).

² Outrossim, não deixa de ser interessante pontuarmos que em português (bem como em francês) não há relação etimológica entre os termos desencadeamento e adoecimento. Adoecer, em português, do latim *adolescere*, deriva do radical ‘dol’ – ‘sentir dor, afligir-se’ etc e desencadeamento do étimo cade- (cadeia; laço, atadura). Desencadeamento: – *s.m.* “ato ou efeito de desencadear(-se); desencadeio, desencadeação **1** liberação de (algo ou alguém) da(s) cadeia(s) que o prende(m) ou ata(m) **2** soltura de elo ou conexão; desligamento, separação **2.1** *fig.* Falta de encadeamento, de ordenação, desconexão **3** liberação de força(s) que se mantinha(m) retida(s); sublevação, irritação **4** surgimento impetuoso de (sentimento individual ou coletivo) <*d. de euforia, de desânimo*> **5** manifestação violenta (de fenômeno natural). ETIM *desencadear* + *-mento*, ver *cade-*. ANT encadeamento” (Houaiss, 2001, p.979).

causal linear e mecanicista. Ao sustentarmos que não se trata disso, que o desencadeamento não é um fato isolado que se apresenta em sua transitividade e em sua dimensão temporal unicamente diacrônica, conseguimos um lugar para versar sobre nosso tema de acordo com uma concepção de sujeito própria à psicanálise. Apenas deste modo, o desencadeamento pode incluir o trauma e uma temporalidade que se efetiva por retroação.

Afirmamos que as estruturas do ser falante (neurose, psicose e perversão) estão lá desde o início como efeitos da constituição. Assim, dizemos que o desencadeamento é uma questão clínica que não contradiz as construções psicanalíticas sobre a constituição do sujeito ou sobre a estruturação do mesmo. Ao contrário, aquele habitualmente nos traz estas de volta à ordem do dia. Castração, fantasia, sintoma; forclusão, delírio, desmentido, fantasia, fetichismo. Deste modo, os sintomas desencadeados tardiamente teriam relação com a neurose infantil, o surto psicótico com estruturação psicótica e o fetichismo ou o masoquismo com sujeito perverso.

Muito embora tenhamos apresentado a coerência entre o desencadeamento e a estruturação do sujeito, enfatizando uma temporalidade bastante peculiar em sua causação, não podemos deixar de sublinhar toda hesitação que determinados eventos nos impõem quanto ao problema diagnóstico. Haveria fenômenos não exclusivos de estrutura? Enfatizaríamos igualmente todo o problema que nos é evidente quando tratamos de uma estrutura sem a ocorrência de um desencadeamento. Podemos, neste princípio, pincelar a questão das psicoses não desencadeadas e casos de neurose em que não se evidencia um desencadeamento.

Recordemos, conforme a proposta de vetorização para o nosso tema, que o desencadeamento também abre espaço para as elucubrações acerca de sua etiologia.

Seguindo o percurso psicanalítico trilhado por Freud, logo percebemos o esforço realizado por ele na direção da investigação etiológica. Freud se empenhou, primeiramente em seus estudos sobre as neuroses e, de maneira decidida, na busca daquilo que seria o encontro real, que então antecederia a construção de cada fantasia singular, assim como a formação dos mais diversos quadros sintomáticos. Nesta direção, Freud (1939) estabeleceu, à frente em sua obra, uma espécie de seqüência lógica para dar conta do desenrolar de uma neurose: trauma infantil – defesa – latência – desencadeamento da neurose (*Neurotischen Erkrankung*)– retorno parcial do recalado.

Lendo esse modelo freudiano, marcamos que tanto o trauma quanto o desencadeamento são termos que incluem a psicanálise em uma noção de causalidade condizente com o que lhe é próprio. Pois bem, voltamos à associação entre trauma e desencadeamento agora pontuada na pesquisa etiológica.

Lançando-nos neste nosso propósito investigativo abrimos algumas trilheiras. Verificamos, dentre os fenômenos desencadeados, o transcorrer de processos formativos. Uma fobia, uma conversão histérica, uma obsessão, um delírio paranóico envolvem um percurso até sua ereção. Os mecanismos próprios a estas formações estão bem fundamentados pela psicanálise e podem contar, por exemplo, com a identificação, a regressão ou com certa vicissitude pulsional. É o caso do que ocorre com os sintomas.

Ainda neste sentido, diríamos que se percorre um caminho até a edificação de um delírio psicótico. O *acting out*, em sua relação direta com a fantasia, parece igualmente incluir um desenrolar temporal. A angústia e a passagem ao ato, no entanto, são respostas-reações automáticas e se referem à dimensão instantânea do tempo, e então excluem o mencionado percurso.

Permanecemos, também, com algumas perguntas sobre as razões ou os motivos da ocorrência de tais desdobramentos, isto, com o intuito de desvendar suas finalidades.

Por quê? Para que? Outrossim, vimo-nos em uma investigação conceitual acerca das expressões que utilizamos para designar nosso problema. O que significa abalo fantasmático? O que seria encontro com o real?

Da mesma maneira, fizemos com que nossa escrita deslizesse para um importante diálogo entre a determinação e a causalidade imbricado em nosso problema. A determinação, note-se, é justamente a determinação inconsciente postulada por Freud e a causalidade, insistentemente procurada e sublinhada por Freud, foi separada da determinação e finalmente formalizada por Lacan.

Pois bem, declaremos que sobretudo nos inquietou a questão das causas de um desencadeamento. Questão consoante à indagação: o que pode causar, por exemplo, sintomas a perder sua consistência?

Nota-se que a investigação sobre nosso problema do desencadeamento, ao invés de apontar um percurso que se afunila, de fato, abre-nos veredas diversas. Apresentamos uma vetorização inicial, que nos direcionou na confecção deste trabalho, bem como algumas perguntas que foram desdobrando-se ao longo do caminho e, outrossim, acompanharam-nos. No desenrolar de nossas linhas, remetemo-nos às questões da constituição do sujeito e de sua estruturação e esforçamo-nos por diferenciar as causas das razões e dos motivos³, também as causas dos mecanismos de formação (*Bildung*) de sintomas, bem como a causalidade da determinação.

Não obstante as várias trilhas abertas, propusemo-nos a seguir um fio condutor. Definido nosso tema enquanto um ponto (ou um problema) clínico, alicerçamos o trabalho na clínica psicanalítica e fiamo-nos primeiro pelos casos freudianos e depois por sua retomada lacaniana. Dividimos esta tese em duas partes e em quatro capítulos.

³ Com o intuito de embasar esta questão, fiamo-nos pela obra de Jurandir Freire Costa, *Redescrições da Psicanálise*, de 1994, através da qual o autor discute as contribuições do pragmatismo lingüístico de Wittgenstein, Austin, Quine, Davidson etc e aponta-nos uma distinção entre causas, motivos e razões.

Na primeira parte, que contém o primeiro capítulo, focalizamo-nos no estudo de alguns casos significativos tratados por Freud, bem como na investigação de textos freudianos que colocaram luz no problema do desencadeamento. A divisão entre causas, razões e motivos nos foi particularmente útil nesta etapa inicial. Acompanhamos Freud em sua incursão etiológica e verificamos que este psicanalista lançou mão de inúmeras designações para a causa (*Ursache*). Ele construiu um sistema explicativo que envolveu a participação de diversas forças causais concorrentes (*Konkurrierende Ursache*), trabalhando com pesos e valores distintos, para o desenrolar de um desencadeamento. Foi-nos possível esboçar certa hierarquia entre os tipos causais e, então, verificar o que Freud designou por causa real.

Na segunda parte, segmentada em três capítulos, enveredamos pela trilha lacaniana. Interessados na vetorização que propusemos, elaboramos nosso segundo capítulo e apresentamos a importância da questão das causas para Lacan. Este capítulo possui um caráter introdutório, ele procura situar-nos e destacar certo percurso realizado pelo psicanalista francês. Para tanto, enfocamos propriamente os termos causalidade e determinação. É certo que Lacan foi do determinismo à causa e acabou aportando em uma concepção causal que comportava uma dupla via, a saber: causa material - significante e causa real- objeto. Seguimos alguns passos de Lacan e lançamos luz no momento em que ele deslizou sua pena para a defesa de uma concepção de causalidade própria à psicanálise.

Parece-nos relevante destacar que versamos sobre a citada dupla vertente precisamente sobre aquilo que Lacan designou “causação do sujeito”, ou seja, aquilo que refere o momento de constituição do sujeito ao trauma. Logo, verificamos que o desencadeamento, em Lacan, igualmente nos remete ao trauma. Recordemos, então, que

este vetor possui distinções em relação àquele da diagnóstica que, conforme anteriormente apontado, vai do desencadeamento à estrutura.

Aproveitando esta lembrança, indiquemos outra direção para nossos vetores. Lacan dedicou-se especialmente à formalização clínica e estabeleceu uma importante relação entre o fim de análise e a causa. Desta forma, podemos seguir nossos caminhos de pesquisa apontando o curso do tratamento e seu final.

Apesar desta inserção, logicamente não abandonamos nossa primeira vetorização. Assim, além de discorrermos sobre a questão que sobretudo nos intrigou, novamente, a causa de um desencadeamento, outrossim apontamos a questão diagnóstica como um dos vetores de nosso problema.

Desta feita, nos capítulos terceiro e quarto, quando retomamos os casos clínicos como nosso fio condutor, além de procurarmos desvendar a causalidade e a determinação envolvidas em cada recorte clínico, também deparamo-nos com indagações acerca das relações entre os fenômenos desencadeados e as estruturas clínicas. Encontramos as esperadas coerências e os pontos em que as estruturas nos mostram que não são fechadas.

Através da feitura do terceiro capítulo, procuramos seguir Lacan em sua incursão sobre o desencadeamento das psicoses. Nossa porta de entrada: sua tese de doutorado em psiquiatria, o caso Aimée. Em seguida, encontramos com suas definições canônicas acerca da causação de um desencadeamento psicótico, particularmente aquela do Presidente Schreber, e com o momento em que ele procurou desvendar uma psicose não desencadeada, tomando a letra de James Joyce enquanto um legado psicopatológico. Asseveramos, então, que há uma teoria do desencadeamento em Lacan, principalmente quando referimos esta estrutura.

No quarto capítulo apresentamos a questão fundamental da angústia através do “caso” Homem da Areia e passamos à investigação do desencadeamento na neurose. Acompanhamos Dora, a Jovem Homossexual e o Homem dos Ratos, e pudemos enfatizar a dupla vertente, qual seja, a da determinação e da causalidade no desencadeamento tanto de sintomas quanto de formas de ato.

E, assim, para concluir, teço minhas considerações finais.

1 – Apresentação do desencadeamento em Freud

A Coisa freudiana foi o que Freud deixou cair – mas que continua após sua morte, é ainda é ela que conduz toda a caçada, sob a forma de todos nós.

Jacques Lacan

1.1) Primeiras considerações

Desde suas publicações pré-psicanalíticas Freud demonstrara ligação com a questão das causas. Ele produziu, dentre outros artigos, sua monografia sobre as afasias, em 1891. Neste trabalho, o médico Freud estabeleceu que as causas dos distúrbios da fala aportar-se-iam na estrutura do sistema nervoso, e procurou construir, a partir de elementos neurológicos, uma psicologia correspondente. Sua tentativa consistiu, inicialmente, em compreender aquele aspecto do funcionamento mental a partir de sua base orgânica. Entretanto, não foi apenas o apelo organicista de Freud que encontramos nessa construção de uma psicologia. O interessante resultado dessa pesquisa, retomado no Apêndice C do texto “O Inconsciente”, 1915, apontou para uma necessária ruptura entre a palavra e o objeto na causação do que chamou de afasia de segunda ordem. Freud asseverou, então, que a unidade psicológica da função da fala seria a palavra, esta, por sua vez, ganharia significado ligando-se a uma ‘apresentação de objeto’. E, ainda nessa via, chegou à seguinte conclusão: a causa do tipo específico de afasia, ao qual denominou afasia assimbólica (ou afasia de segunda ordem), seria, justamente, uma perturbação na “associação entre a apresentação da palavra e a apresentação do objeto” (Freud, 1915/1980, p.245).

Assim, muito embora tenha apoiado suas fontes no organismo, desde os primórdios de seus escritos, Freud fez referência a um tipo de desencadeamento que remetia o leitor a uma causalidade que seria de ordem psíquica. Neste ponto do trabalho, Freud aplicou-se notadamente a uma crítica ao localizacionismo cerebral

tomado como explicação causal dos transtornos de fala. Verificamos, por esta via, que tal consideração freudiana aproximar-se-ia bastante bem da defesa de um campo do sentido como não redutível ao biológico e, ainda mais, de um campo do sentido que tivesse não apenas relevância causal, mas eficácia causal, tornando-se, desta forma, irreduzível à categoria de epifenômeno⁴. Tudo isso sem aderir ao idealismo.

No começo de suas veredas psicanalíticas, Freud mostrou-se intrigado com a questão da etiologia dos fenômenos mentais com os quais se deparava e, na tentativa de explicá-los, lançou mão de modelos causais. Como um pesquisador imbuído do ideal de ciência de seu tempo (Milner, 1996), Freud sofreu influências de modelos deterministas e mecanicistas, importando-os para a psicanálise. Trabalhou, desta forma e com alguma frequência, com as noções de causalidade relativas a estes modelos. Mesmo tendo verificado que a concepção causal freudiana não se apresenta por linearidade, ao contrário, opera por retroação e presentifica-se em seus efeitos, notamos o mecanicismo freudiano na relação, diríamos, bem comportada entre a causa e seu efeito, que ele tantas vezes evidenciou com seu determinismo inconsciente.

Freud, em 1915, afirma que “A psicanálise é uma ciência da natureza”, o que é uma maneira de posicionar-se em relação a sua descoberta. Se, por um lado, as referências de Freud as *Naturwissenschaft*, que incluem Goethe e Lamarck, podem ser consideradas um capítulo do romantismo alemão, por outro, são verdadeiramente inegáveis os mergulhos nos princípios da ciência positiva (ciência ideal), a influência do naturalismo darwiniano e o esforço para manter a proposta segundo a qual aparelho psíquico estava em analogia com modelos energéticos. Freud sofreu, então, visível influência de autores que propunham a decifração do psiquismo a partir dos modelos da anátomo-fisiologia ou da interação entre a física e a fisiologia. Autores como Herbart ou

⁴ Note-se que um epifenômeno não possui valor causal e muito menos eficiência causal para um desencadeamento. No organicismo estrito todo fenômeno mental é considerado decorrência de uma causa orgânica e, assim, reduz-se à categoria de epifenômeno.

Helmholtz chegaram até Freud através de suas referências intelectuais iniciais. Os princípios da energética freudiana se apoiavam nos postulados de uma economia do orgânico e ele foi buscá-los justamente na física e na química. Da física, Freud retirou as noções de força e de matéria, afirmou que a dinâmica psíquica dar-se-ia por conflitos constantes entre forças antagônicas. Através de uma analogia com a química atomística, Freud formulou seus conceitos sobre os componentes da vida psíquica.

Todavia, uma dificuldade na leitura da obra freudiana, conforme suas bases e fundamentos, poderia, logo, ser sublinhada. De acordo com as assertivas acima, quando estudamos o legado de Freud esbarramos em uma problemática que deixa clara a imersão do psicanalista nos ideais de cientificidade que tanto marcaram sua época. Ao mesmo tempo, flagramos Freud escapar a esses mesmos modelos e tanto sustentar suas descobertas quanto deixar alguns pontos de sua obra como algo a ser passado a limpo. Desde já podemos chamar este segundo movimento do inédito de Freud.

Nesta direção, verificamos que uma certa incongruência interna ao freudismo fora destacada por alguns pensadores. Leituras críticas mostraram a tentativa freudiana de conciliar um discurso da interpretação, do sentido (hermenêutica), com um discurso energético, relativo à tópica freudiana. Bento Prado lembou-nos de Paul Ricoer e sua obra *De l'interprétation*, através da qual o pensador francês fez da psicanálise um discurso misto, que sofreria “uma passagem constante de uma teoria mecanicista a uma teoria teleológico-fenomenológica.” (Prado, 2003, p.238)

Uma outra perspectiva mostra a tentativa de separação entre a metapsicologia (enquanto doutrina) e o método psicanalítico (Georges Politzer). Por esta via, Raul Pacheco nos mostrou que Freud sofrera críticas de dois grupos intelectuais “adversários entre si: os positivistas lógicos, de um lado, e pensadores filiados ao marxismo de outro.” (Pacheco, 2006, p.4) Do primeiro grupo, o autor citou Ernest Nagel (1958) e

afirmou que o mesmo denunciara a impossibilidade de verificação empírica das proposições freudianas haja vista a imprecisão que ligaria os conceitos teóricos e sua observação. Do segundo grupo, Pacheco lembrou Bakhtin e Politzer, frisando que o último a um só tempo realizara críticas à teoria freudiana e reconheceria “as descobertas e as virtudes do método da psicanálise.” (Pacheco, 2006, p.4)

Precisaríamos, então, dividir Freud em dois psicanalistas? Um fiel à teoria energética, ou a seu arcabouço teórico e outro que, por sua vez, não se conciliaria com o primeiro e que estaria preocupado com sua hermenêutica ou fiel a um método? Se assim o fizéssemos diríamos que o primeiro nasceu com o “Projeto para uma Psicologia Científica”, 1887, e o segundo com a “Interpretação dos Sonhos”, 1900⁵. O primeiro estaria atrelado ao linguajar positivista e também mecanicista, por isso trabalharia conforme o modelo energetista da físico-química. O segundo seria aquele capaz de análises compreensivas impressionantes, uma vez que inaugurara um método magnífico para a interpretação do humano.

Apesar de as leituras críticas terem denunciado a impraticabilidade do experimentalismo na psicanálise, apontado um impasse (ou dualidade) entre uma hermenêutica e uma energética, ou entre a abstração de uma teoria e um método, e, também, procurado demonstrar como ambas seriam irreconciliáveis, seria preciso reler a obra freudiana para então concluir que a referida briga entre campos irreduzíveis fora resultado de uma certa maneira de ler o freudismo. Freud nunca pareceu preocupado com a polaridade apontada. Dizemos que o ato interpretativo, em Freud, jamais se desvinculou de sua pretensão explicativa. Em nenhum momento de sua obra a hermenêutica assumiu sua independência. A teoria do sentido sempre esteve vinculada à natureza.

⁵ Divisão proposta pelo aspecto geral de cada uma dessas obras. O que não torna excludente o apontamento de referências preciosas sobre o desejo e sobre a busca de satisfação por um ‘objeto perdido’ no primeiro texto e de explicações organicistas no segundo caso.

Freud não trabalhou com qualquer postulado ideal da alma. Ele definitivamente não foi um idealista. A representação com a qual operou não esteve desvinculada do organismo. A teoria da pulsão, exemplo nodal desta vinculação, referia-se a algo que era ao mesmo tempo psíquico (representantes ideativos e afeto) e físico (fonte). A base materialista em Freud parece-nos mesmo inquestionável. A fonte da representação é material.

A pulsão, conforme propôs Freud, seria uma pressão que se originaria no corpo e teria por finalidade a busca de satisfação. Segundo o fundamento econômico postulado no freudismo, toda a vida psíquica trabalharia no sentido da obtenção da satisfação, que se relacionaria ao apaziguamento gerado pela diminuição do excesso de estímulos. Embora esse construto marcado pela posição naturalista de Freud permeie todo o seu trabalho, em “A Pulsão e seus Destinos”, 1915, o primeiro texto de sua Metapsicologia, ele nos deixou escrito que não se teria acesso à pulsão, mas apenas aos representantes psíquicos da pulsão. Aos representantes ideativos (idéia) ou aos afetos. Segundo Freud, a fonte orgânica da pulsão não seria objeto da psicanálise, pois esta práxis trabalharia com tais representantes. Não houve, portanto, dois Sigmunds Freud.

Assim, a questão não parece consistir nas dicotomias método x teoria e hermenêutica x energética, mas sim em uma contradição incontornável à época entre o inédito de Freud e o positivismo (ou naturalismo) de Freud.

Pacheco (2006) citou Althusser (que efetuara críticas aos ataques sofridos pela psicanálise por parte dos positivistas e de um certo tipo de marxismo) e sua defesa da estrutura científica da psicanálise. Tanto Freud quanto Marx teriam produzido com suas descobertas (materialistas e não idealistas) uma “forma de conhecimento” subversiva em relação aos “processos tradicionais de descoberta nas ciências” e às “formações teóricas ideológicas da sociedade capitalista.” (Cf.: Pacheco, 2006, p.6 e p.11) Neste

caminho, ele escreveu que Freud não teria sido “apenas o instaurador de uma discursividade, no sentido foucaultiano, mas também o fundador revolucionário de um novo campo científico.” (Pacheco, 2006, p.7)

Nesta direção, Luiz Carlos Nogueira, em sua tese de livre-docência, evidenciou-nos a subversão realizada por Freud. O método (associação-livre) que ele inventou ao fundar uma ‘nova ciência’ não condizia de fato com o experimentalismo tão valorizado em seu tempo. Freud inaugurara um método para a decifração do sentido trazido pela fala de cada um de seus pacientes. E, através desta regra de ouro, ele pôde trabalhar com a interpretação, com as manifestações do inconsciente, a saber, com os sonhos, atos-falhos, sintomas, esquecimentos e chistes. Mais ainda, com sua metapsicologia, ele introduzira uma biologia humana irreduzível ao organismo animal: “Depois de Freud [...] a sexualidade humana é inassimilável à biologia animal [...] a montagem pulsional contraria a lógica do ser vivo” (Nogueira, 1997, p.7).

Pois bem, uma vez finalizado este preâmbulo, podemos declarar que, apesar de atentos ao ponto de tensão sublinhado que coloca luz no ideal de ciência de Freud e seu apelo determinista, o foco deste primeiro capítulo dirigir-se-á ao que denominamos inédito de Freud. Caminhemos, então, para a nossa investigação sobre o desencadeamento e suas causas. Enveredemos, inicialmente, pelos caminhos da descoberta da psicanálise e recuperemos os primeiros passos dados na direção de sua porta de entrada: a histeria. Subseqüentemente, apresentaremos a questão em pauta em outras psicanálises trabalhadas por Freud.

Como nos foi possível notar, em seus “Estudos sobre a Histeria”, 1893-95, Freud citara seu interesse por pesquisar os sintomas e descobrir sua causa precipitante (*Veranlassung ursache*). Nesta obra escrita a quatro mãos, ele, juntamente com Breuer, fez uma análise detalhada da questão do desencadeamento nos casos de histeria.

1.2) Anna O., o trauma sexual e o desencadeamento de sintomas na transferência.

O primeiro caso relatado nos estudos de Freud e Breuer foi o de Anna O., jovem que desencadeara seus sintomas no momento da doença fatal de seu pai e que fora tratada inicial e principalmente por Breuer. Os sintomas desencadeados por ela eram: paralisias, perturbações da visão, dificuldade em manter a cabeça erguida, repugnância por alimentos, impossibilidade de beber água, impedimento de falar a língua materna, absence, entre outros.

Através daquilo que a própria paciente denominou '*talking cure*' demonstrou-se que os sintomas histéricos originavam-se a partir de determinados eventos (os quais Freud reuniu no termo cena traumática) e podiam ser modificados pela fala, pois se averiguava um afastamento passageiro das repetidas perturbações psíquicas e o desaparecimento daqueles sintomas após algumas recordações.

Em 1909, referindo-se ao caso em questão, Freud afirmou que a causa do desencadeamento dos sintomas de Anna O. foram precipitados, resíduos de experiências emocionais, que se configuravam como traumas psíquicos. Os sintomas teriam, deste modo, uma relação com a cena traumática que os causaram. Seriam, portanto, símbolos mnêmicos de experiências traumáticas.

Freud evidenciou, então, uma relação primeira entre o desencadeamento dos sintomas de Anna e o amor dela por seu pai. O que mais tarde na obra freudiana configurar-se-ia como próprio da novela edípica, o amor da menina por seu pai, aparecia, assim, como a causa real da neurose desta paciente, necessária para a estruturação da histeria de Anna O.. Seus sintomas desencadeados na juventude estariam, deste modo, associados ao primeiro e fundante trauma oriundo da relação

amorosa da paciente com seu pai. Esta relação de Anna O. com seu pai fora, portanto, considerada por Freud a causa primeira, geratriz de todos os outros seus sintomas.

Assim, ao mesmo tempo que Freud apontou, para cada um dos sintomas de Anna, uma cena traumática que ao longo do tratamento fora rememorada pela paciente, como aquela do cachorro bebendo água, o psicanalista, outrossim, desenhou precisamente as bordas da condição inicial para a formação de tais sintomas da paciente de Breuer, que estaria, enfim, relacionada a um trauma infantil de caráter erótico.

Uma vez recapitulada a circunscrição efetuada em torno da origem traumática dos sintomas de Anna, podemos acompanhar os comentários de Colette Soler que bem nos apontou para outra questão, agora, relativa ao desencadeamento de sintomas históricos a partir de um componente erótico posto na relação transferencial. Neste sentido Soler (2006) escreveu que, se por um lado Anna O. não chegou a ser tratada propriamente por Freud, por outro, quem o fez, Breuer, negou o componente erótico que estava presente neste caso e na transferência.

Breuer sempre quisera acreditar, contrariando a idéia de Freud, que o componente erótico em Anna O. estava singularmente ausente. A luz lhe veio de fora, pela voz de sua mulher Mathilde, interessada demais no assunto para não captar que o desejo epistemofílico não era o único a animar os cuidados tão fartamente ministrados por Breuer a sua paciente. Assim, eis que o tratamento supostamente assexuado desembocou de repente, para Breuer, no drama conjugal. Passando subitamente do desconhecimento ao pânico, sem nenhum preâmbulo, ele deu um fim abrupto ao tratamento. No dia seguinte, Anna O., tomada pelas dores de um parto fantasioso, acolheu-o com estas palavras: 'Está chegando o filho de Breuer'. O que seria preciso demonstrar, é claro, mas o suposto pai já dera nos calos, decidido a não saber de mais nada ,..., assim, Breuer descobriu a transferência sem conseguir levá-la em conta. (Soler, 2006. p. 10)

De toda forma, após acompanharmos os escritos de Soler (2006), podemos sublinhar essa descoberta precoce relativa ao desencadeamento de sintomas na transferência. Desta feita, lançaríamos a hipótese segundo a qual, assim como o trauma, a transferência possuiria valor causal para o desencadeamento. Todavia, restar-nos-ia

uma questão sobre o valor causal da transferência: seria este análogo ao valor causal do trauma? Poderíamos pensar que os sintomas desencadeados na transferência seriam versões de determinada configuração sintomática inicial? Estes sintomas seriam, portanto, remetidos por retroação à mesma cena traumática (causa real) geratriz de sintomas tardios?

1.3) Sra. Emmy: o fator quantidade e a manutenção de sintomas.

Em Emmy Von N., Freud escreveu, já considerando os sintomas histéricos como efeitos de excitações que tiveram atuação traumática, que, ao perguntar a paciente qual o acontecimento mais marcante de sua vida, ela respondera: a morte do marido. Seu marido caíra morto subitamente, enquanto ela estava de cama após seu segundo parto.

Freud assinalou que não lhe seria mais possível evitar a introdução da noção de quantidade para dizer daquilo que teria efeito traumático em determinado sujeito. O desencadeamento de sintomas dependeria, portanto, dessa noção. Freud, naquele momento, trabalhava com a concepção sobre a existência de um conflito entre grupos ideativos antagônicos. Assim, ao analisar o sintoma do estalido de Emmy, que aparecia durante os cuidados relativos a seu bebê, Freud marcou a presença de um conflito entre a vontade de sua paciente e a forte insistência de uma idéia antitética. Ele afirmou que a própria Emmy tinha horror ao ruído que emitia contra a sua vontade e que foi exatamente este horror que fizera com que aquele evento se configurasse como traumático e que ali então se operasse uma fixação.

Ao longo de sua obra, como veremos adiante, Freud reafirmou a primazia do fator quantitativo. Defendendo a sobredeterminação das neuroses, ou seja, a concorrência de diversos fatores na causação de um quadro neurótico, ele postulou, conforme nos apontou Christian Dunker, que “na etiologia do quadro clínico o declínio

de um fator causal deve ser explicado pelo acréscimo de outro.” (Dunker, 2002, p.196-7).

Pois bem, sigamos Freud a partir desta noção de sobredeterminação simbólica, que nos impõe uma costura marcada pela hierarquização entre as causas. Em seu trabalho “Críticas à neurose de angústia”, de 1895, ele tratou o fator quantitativo (*quantitative moment*), o excesso de excitação, como um fator etiológico específico, uma causa específica e, igualmente, prosseguiu seu trabalho marcando o elemento sexual como um gerador de traumas. O trauma, enquanto causa real, possuiria um caráter evidentemente sexual:

Também me ocorreu que, dentre todas as informações íntimas que me foram dadas pela paciente, houve uma ausência completa do elemento sexual, que é, afinal de contas, passível mais do que qualquer outro de ocasionar traumas. É impossível que suas excitações nesse campo não tivessem deixado qualquer vestígio; o que me foi possível ouvir foi, sem dúvida, uma *editio in usum delphini* (uma edição expurgada) da história de sua vida. A paciente comportava-se com o maior e mais natural senso de decoro, a julgar pelas aparências, sem nenhum traço de pudicícia. Quando, porém, reflito sobre a reserva com que me narrou, sob hipnose, a pequena aventura de sua empregada no hotel, não posso deixar de suspeitar que essa mulher, que era tão passional e tão capaz de sentimentos fortes, não tenha vencido suas necessidades sexuais sem grandes lutas, e que, por vezes, suas tentativas de suprimir essa pulsão, que é de todas a mais poderosa, tinham-na exposto ao seu grave esgotamento mental. (Freud, 1893-1895/1980, p.124)

Assim como fizera com Anna O., Freud elencou os acontecimentos que deram origem aos diversos sintomas da Sra. Emmy. Seu medo de sapos seria decorrente do fato de um de seus irmãos ter-lhe atirado um sapo. Esse evento desencadeara seu primeiro acesso de espasmos histéricos. O medo de tempestades estaria relacionado ao choque causador de seu estalido. O terror de choques aparecia como conseqüência da terrível experiência de ter visto seu marido morrer diante de seus olhos:

Seu medo altamente específico de que houvesse alguém de pé atrás dela foi determinado por diversas experiências apavorantes na mocidade e mais tarde. Desde o

episódio do hotel, que lhe foi especialmente aflitivo por causa de suas implicações eróticas, seu medo de que um estranho se esgueirasse para seu quarto foi muito acentuado. (Freud, 1893-1895/1980, p.111 – 112)

Freud encerrou esse trecho, em que fez ligações diretas entre os sintomas desencadeados e suas causas precipitantes relativas a diversos traumas, com uma asserção bastante interessante. Ele afirmou que tais fatos traumáticos eram suficientes para explicar uma escolha pela fobia, mas não sua persistência: “Na minha opinião, contudo, todos esses fatores psíquicos embora possam responder pela *escolha* dessas fobias, não podem explicar-lhes a *persistência*. É necessário, julgo eu, acrescentar um fator *neurótico* para explicar sua *persistência* – o fato de que a paciente vinha vivendo há anos em estado de abstinência sexual.”(Freud, 1893-1895/1980, p.111 – 112)

Assim, além de introduzir a noção de quantidade como condição necessária para a configuração de um trauma e, portanto, para a ocorrência de um desencadeamento, Freud pontuou, a partir desta construção de caso, que aquilo que explicara a formação de um sintoma não teria sido suficiente para dar conta do motivo de sua persistência (*Fortdauer*).

Marquemos, enfim e por hora, mais essa relevante distinção entre a causa de um desencadeamento e os motivos para a manutenção de um sintoma. Sobre as causas, seria-nos possível enfileirá-las do seguinte modo: causa real (desvelada em análise) e causa específica (fator quantitativo) responsável pela precipitação dos sintomas. Sobre a manutenção dos sintomas, que correlacionamos aos motivos, Freud deixara indicada a abstinência sexual (enquanto fator neurótico – *Neurotisches Moment*).

1.4) Miss Lucy e o momento traumático real.

Miss Lucy R., o caso três dos “Estudos sobre a Histeria”, era uma jovem que trabalhava como governanta na casa de um diretor-gerente de fábrica, viúvo, e cuidava

de suas crianças. Ela chegara a Freud queixando-se de perda do sentido olfativo e da perturbação ocasionada por sensações olfativas subjetivas muito aflitivas. Referia-se a um cheiro de pudim queimado. Freud lhe perguntou sobre a lembrança deste cheiro específico e ela respondeu:

'Ah, sim, sei exatamente. Foi há uns dois meses, dois dias antes do meu aniversário. Estava com as crianças na sala de aula e brincava de cozinhar com elas' (eram duas meninas). 'Chegou uma carta que acabara de ser entregue pelo carteiro. Vi pelo carimbo postal e pela letra que era da minha mãe, em Glasgow, e queria abri-la e lê-la, mas as crianças se precipitaram sobre mim, arrancaram a carta de minhas mãos e gritaram: 'Não, você não vai ler agora! Deve ser pelo seu aniversário, vamos guardar a carta para você!' Enquanto as crianças faziam essa brincadeira comigo, houve de repente um cheiro forte. Elas haviam esquecido o pudim que estavam assando, e ele estava queimando. Desde então tenho sido perseguida pelo cheiro, que está sempre presente e fica mais forte quando estou agitada (Freud, 1893-1895/1980, p.133).

Quando Freud lhe perguntou sobre o que havia ali de tão perturbador, Lucy respondeu que ficara emocionada com o tanto que as meninas haviam sido afetuosas consigo, justamente quando esta recebera uma carta de sua mãe. Lucy planejava voltar para a casa da mãe e sentira tristeza ao pensar em deixar as crianças:

'Não podia mais suportar ficar naquela casa. A empregada, a cozinheira e a governanta francesa pareciam pensar que eu me estava colocando acima do meu lugar. Aliaram-se numa pequena intriga contra mim e disseram toda espécie de coisas a meu respeito ao avô das crianças, e não obtive tanto apoio quanto esperava dos dois cavalheiros quando me queixei a eles. Assim, notifiquei o Diretor (o pai das crianças) de que pretendia ir embora. Ele respondeu de maneira muito amável que seria melhor eu pensar mais sobre o assunto durante umas duas ou três semanas, antes de dar-lhe minha decisão final (Freud, 1893-1895/1980, p.134)

Lucy decidiu então não ir embora. Disse que, além do afeto pelas crianças, ela prometera a mãe das mesmas, em seu leito de morte, que cuidaria das meninas ocupando para elas o lugar de mãe. Freud apontou, neste sentido, que "o conflito entre seus afetos promovera o momento da chegada da carta à categoria de um trauma, e a

sensação de cheiro associada a esse trauma persistiu como seu símbolo.” (Freud, 1893-1895/1980, p.135)

Freud esforçou-se, a partir de então, para encontrar o elemento desta narrativa que ficara recalcado e que estaria relacionado à conversão histérica. Ele disse a Lucy que ela deveria estar apaixonada pelo patrão e lhe perguntou se estaria envergonhada disto. Ela lhe respondeu que era aquilo mesmo, estava apaixonada, mas que não sentia vergonha. O que lhe afligia era o fato de ser uma moça pobre e ele um homem tão rico. As pessoas poderiam rir se disto soubessem. Lucy lembrara-se, enfim, de um episódio em que o patrão fora mais cordial do que o costume e a olhara de modo significativo. Isso quando, certa vez, iniciaram uma discussão acerca dos modos pelos quais as crianças deveriam ser educadas. Seu amor pelo patrão teria, portanto, essa data de início. Porém, como não houvera qualquer avanço em relação ao primeiro episódio, Freud estabeleceu a hipótese de que ela resolvera rechaçar suas idéias eróticas para fora da consciência.

Freud seguiu o relato do caso e trouxe mais duas cenas recordadas pela paciente. Lucy lembrou primeiro de uma situação, que Freud denominou traumática, em que o contador da fábrica, ao ir embora da casa onde ela trabalhava, após um almoço que transcorrera conforme o habitual, tentara beijar as crianças e fora impedido pelo patrão que, muito exaltado, chegara a gritar com o convidado. A esta primeira lembrança seguiu-se uma segunda:

[...] uma terceira cena, ainda mais antiga, que fora o trauma realmente atuante e que dera à cena com o contador-chefe sua eficácia traumática. Ainda acontecera, alguns meses antes, que uma senhora conhecida do patrão fora visitá-los e, ao sair, beijara as duas crianças na boca. O pai delas, que se achava presente, conseguira refrear-se para não dizer nada à senhora, mas depois que ela havia partido, sua fúria explodira sobre a cabeça da infeliz governanta. Disse que a responsabilizaria se alguém beijasse as crianças na boca, que era seu dever não permitir tal coisa e que ela estaria incidindo numa falta para com seu dever se o permitisse; se aquilo acontecesse de novo, ele confiaria a educação das crianças a outras mãos. Isso havia acontecido numa ocasião

em que Miss Lucy ainda supunha que ele a amava, e estava na expectativa de uma repetição de sua primeira conversa amistosa. A cena esmagara suas esperanças. (Freud, 1893-1895/1980, p. 138-139)

A partir das três cenas recordadas por Lucy na ordem inversa de seu acontecimento cronológico, Freud estabeleceu o que assim chamou de momento traumático real (*eigentlich traumatische moment*)⁶. Este estaria referido ao primeiro evento logo acima citado. A formação de um grupo psíquico separado e, portanto, a divisão psíquica, frutos da incompatibilidade entre uma idéia e o eu da paciente, operou-se no momento da explosão do padrão contra ela. Mais ainda, este primeiro momento se engendraria nos outros subseqüentes garantindo-lhes a eficácia causal.

Deste modo, constatamos com Freud que as sensações olfativas que incomodavam Miss Lucy desencadearam-se após a terceira cena, ou a primeira a ser relatada, aquela do pudim queimado. Não obstante, segundo o psicanalista, a aquisição da histeria ocorrera no momento traumático real, quando suas idéias e expectativas amorosas em relação ao padrão, que por sua vez foram construídas a partir da fala e do olhar daquele sobre ela, foram arrasadas. Neste ponto, podemos concluir que o que Freud procurou transmitir através da noção de aquisição da histeria e de momento traumático real referia-se a um primeiro momento desencadeante que serviria como ponto de referência, ou como causa eficiente, para a ocorrência de todos os outros desencadeamentos.

Ao comentar o presente caso, Serge André sublinhou outro ponto. Ele frisou que o mesmo ilustrara perfeitamente outra questão sublinhada por Freud, mais tarde em sua

⁶ Trataremos, a partir deste ponto, o momento traumático real (*eigentlich traumatische moment*) como causa desencadeante (*auslösende ursache*) e a causa primeira (causa inicial, infantil) como causa real. Freud não fez uso da noção de causa primeira, a não ser quando tratou da relação de Schreber com Deus. Assim, optamos por designá-la causa real, inspirados no termo *eigentlich*, que significa: verdadeiro, próprio, real (Porto). Deste modo, conseguimos também estabelecer distinção terminológica entre a causa própria ao trauma infantil e aquela que desencadeia sintomas tardios. *Auslösen* é um termo bastante interessante, significa: “desatar, livrar, desencadear um mecanismo, causar, produzir” (Neves Wörterbuch).

obra, acerca da histeria, qual seja, a necessidade histórica de manter o desejo próprio insatisfeito. Escreveu o autor:

O desejo de Miss Lucy fica claro, então: amar o patrão, mas sem ir mais longe do que o amor, ou seja, sem que se trate de satisfazer o desejo que sente. É, aliás, a um tal equilíbrio que ela atinge no final do tratamento: confessa a Freud que está feliz por poder continuar a amar secretamente seu patrão, continuando a seu serviço para se ocupar de suas filhas. Sem dúvida seria preciso acrescentar a isso que esta situação lhe permite ter os filhos de um pai, sem para isso ter precisado manter relações sexuais com ele. (André, 1998, p.132)

Elaboremos, neste ponto, uma pergunta: esta questão histórica da não satisfação do desejo próprio, se não pode ser colocada no lugar de causa real de um desencadeamento, poderia ser considerada um motivo para a permanência de um sintoma? Seria este o equivalente do fator neurótico proposto por Freud no caso anterior, quando versou sobre a abstinência sexual?

1.5) Katharina: o intervalo de incubação, o sintoma e a angústia.

Ao tratar do caso Katharina, Freud dera, para o intervalo entre o trauma e a produção dos fenômenos históricos, o nome de ‘intervalo de incubação’, fazendo menção direta a Charcot quanto àquilo que o último denominara período de elaboração psíquica. Este período que então ligaria as experiências infantis às manifestações sintomáticas da juventude ou da vida adulta se caracterizaria por retraimento, sensibilidade e irritabilidade por parte dos pacientes.

Nesta construção de caso Freud enfatizou, mais propriamente, o componente sexual dos eventos relativos aos dois pontos referidos acima, ou seja, o trauma sexual que ocuparia o lugar de causa real, mas ocorreria em um período pré-sexual, intervalo de incubação e momento traumático real:

Em toda análise de casos de histeria baseados em traumas sexuais, verificamos que as impressões do período pré-sexual que não produziram nenhum efeito na criança atingem um poder traumático, numa data posterior, como lembranças, quando a moça ou a mulher casada adquire uma compreensão da vida sexual. (Freud, 1893-1895/1980, p.150)

Katharina, na conversa que manteve com Freud, queixara-se de falta de ar e dissera que há dois anos vinha sofrendo com a visão terrível de um rosto medonho que a olhava de uma maneira que a assustava. Freud sublinhou que esta sintomatologia histerica possuía a angústia como conteúdo. Tal angústia seria, segundo Freud, “uma reprodução da angústia que surgira em conexão com cada um dos traumas sexuais.” (Freud, 1893-1895/1980, p.151)

A paciente recordou uma cena, contemporânea à conversão histerica, em que vira pela janela de um quarto seu tio deitado em cima de sua prima Franziska. Katharina afirmou, então, que ficara tão assustada que se esquecera desta cena. A este evento a paciente somou outros dois ocorridos durante o período que Freud chamou de pré-sexual. Em ambas ocasiões Katharina sentira algo como uma falta de ar. Ela lembrou as investidas sexuais do tio em relação a ela, bem como o momento em que começou a perceber que alguma coisa se passava entre sua prima e este mesmo tio. Desta feita, verificamos tanto o delineamento da temporalidade retroativa, como a decomposição temporal da causa. Haveria o tempo do trauma que nenhum efeito sintomático produziria e, após o período de incubação, ocorreria outro evento traumático (real) que traria (*a posteriori*) significação sexual para o primeiro e causaria o desencadeamento de sintomas. No segundo tempo assistiríamos, então, à inclusão do trauma enquanto sexual. Eis o fundamento para o conceito freudiano de sobredeterminação.

No desfecho deste recorte de caso, parece-nos relevante pontuarmos que na discussão em questão Freud fez uma ligação entre o trauma sexual e a angústia. O conteúdo do sintoma de Katharina era a angústia. Podemos, neste sentido, deixar

indicadas relações, que deverão ser amplamente consideradas mais tarde neste trabalho, entre o trauma e o desencadeamento da angústia, bem como entre sintoma e angústia.

1.6) Elizabeth: a histérica e o pai.

Na apresentação do caso da Srta. Elizabeth Von R., a primeira análise de histeria integralmente realizada por Freud, o psicanalista discorreu sobre uma jovem de 24 anos de idade que desenvolvera dores nas pernas e dificuldade para andar. Assim como Anna O., Elizabeth cuidara de seu pai enfermo e depois o perdera.

Neste caso Freud notou uma simultaneidade entre a formação de um grupo psíquico isolado (recalcado) e o desenvolvimento de dores histéricas (sintomas de conversão). Os sintomas da jovem, no entanto, seriam de espécie mista, pois haveria uma base orgânica (dor causada por algo como um reumatismo⁷) que contribuiria para que depois, na conversão, a excitação psíquica se convertesse em dor física.

Como já apontado anteriormente, Freud deixou escrito nesses “Estudos sobre a Histeria” que o mecanismo da formação de sintomas dar-se-ia a partir de momentos traumáticos caracterizados pela irrupção, na consciência, de representações incompatíveis com o eu dos sujeitos. Assim, conforme a assertiva do psicanalista, o mecanismo de formação dos sintomas de sua paciente deu-se da seguinte forma: (1) houve uma recusa por parte do eu de Elizabeth a entrar em um acordo com determinado grupo de idéias; (2) tais idéias, eróticas, foram recalcadas e (3) aquilo que apareceria enquanto dor psíquica, o insuportável da representação, converteu-se em dor física.

Com Elizabeth não ocorreu uma conversão total, já que a paciente por vezes pode relatar, por exemplo, o afeto pelo cunhado. Mesmo assim Freud anunciou que o processo dera-se de modo eficiente porque uma quantidade importante do amor, então

⁷ Poderíamos atribuir ao reumatismo, enquanto fator orgânico contido na ‘causa mista’ da sintomatologia de Elizabeth, um valor de causa ocasional. Esta terminologia voltará a habitar nossas linhas no terceiro capítulo, quando estivermos discutindo o caso Aimeé de Lacan.

inconsciente, perdera sua intensidade, reduzindo-se a uma fraca e tolerável representação. Frisemos, neste ponto, que o amor (e então a insatisfação do desejo) pode aqui relacionar-se ao fator neurótico necessário para a manutenção (permanência) dos sintomas.

Elizabeth era a filha mais nova de uma família que tinha três meninas. Teve um contato muito íntimo com o pai, o qual costumava afirmar que ela ocupava o lugar de um filho que ele não tivera. Por seus modos, seu pai dizia que ela era convencida e insolente, não correspondendo aos ideais para uma moça da época. Ela, por sua vez, sentia-se, de fato, muito descontente por ser mulher.

Certa vez seu pai caíra gravemente doente e ela cuidou dele por 18 meses. Neste período, Elizabeth arrumou um pretendente. Uma noite, ela foi encorajada pela família, inclusive pelo pai, a ir a uma festa em que o rapaz estaria. Acabou experimentando sentimentos intensos pelo moço e, muito envolvida, voltou tarde para casa. Quando chegou, deparou-se com a piora do pai. Ela recriminou-se bastante por isso.

Elizabeth fez sua primeira conversão histérica dois anos após o falecimento de seu pai. À época, ela sentiu-se doente e impossibilitada de andar por conta de dores na perna direita. Durante sua análise, a lembrança do episódio da festa, da corrente de representações que esteve envolvida neste evento, proporcionou a Freud a descoberta das causas desta primeira conversão. Segundo Freud, o referido sintoma aconteceu: “No momento em que o círculo de idéias que abrangia seus deveres para com o pai enfermo entrou em conflito com o conteúdo do desejo erótico que estava sentindo na época” (Freud, 1893-1895/1980, p.175). Ela, então, recalcou sua idéia erótica e transformou a carga de seu afeto em sensações físicas de dor. Elizabeth lembrou-se, também, de que o lugar que sentia dor na perna direita correspondia ao local onde seu pai apoiava a perna enquanto ela renovava suas ataduras.

Um ano após a morte do pai, sua irmã mais velha se casou com um homem que foi o único na família a ousar falar com consideração por sua mãe. Elizabeth se viu convocada a empreender uma luta contra o cunhado e não conseguiu perdoar sua irmã mais velha pela complacência feminina. O feliz casamento da segunda irmã, no entanto, não provocou o mesmo efeito na paciente de Freud. Esta segunda irmã faleceria muito cedo devido a problemas cardíacos.

As lembranças de Elizabeth referentes ao seu primeiro namorado, ao episódio da festa, à piora do pai e ao apoio em sua perna por parte deste, antecederam a parte essencial e decisiva que ela haveria de comunicar a Freud: ela tinha outra dor, que surgira na perna esquerda. Quando, em análise, Freud provocava uma recordação relacionada à morte da irmã ou ao cunhados essa última dor surgia.

Um pouco antes da morte de sua segunda irmã, a família foi passar algum tempo em uma estação de águas. Ao relatar a viagem, Elizabeth apontou o contraste que havia entre a sua própria solidão e a felicidade dessa irmã, mesmo enferma, confessando que gostaria de ser tão feliz quanto ela.

Em um dos passeios realizados, Elizabeth permaneceu o tempo todo ao lado do cunhado, enquanto a irmã estava acamada. A irmã e o cunhado foram, enfim, embora e Elizabeth permaneceu na estação. Ela, ao fazer o mesmo passeio que havia feito ao lado do cunhado, sentou-se diante de uma bela vista e sonhou encontrar um marido como ele. Logo em seguida, Elizabeth recebeu uma carta com notícias sobre a irmã e viajou de trem com a mãe, ainda esperançosa de encontrar a irmã viva, o que não ocorreu. Quando se deparou com a querida irmã morta pensou: “agora ele está livre novamente e posso ser sua esposa.” (Freud, 1893-1895/1980, p.169)

Segundo André:

A observação de Freud põe em evidência o elemento que explica a brusca mudança na atitude de Elizabeth durante essas férias passadas em família [...], Ora, a moça tivera a ocasião de dar um passeio a sós com o cunhado. Tinham então falado de uma porção de coisas íntimas, o que só podia evocar, para Elizabeth, as confidências que trocava outrora com seu pai. Um desejo a invadiu a partir daquele momento: o de possuir um marido como aquele. Mais tarde, na manhã que se seguiu à partida do casal, Elizabeth voltou a fazer sozinha este passeio e pôs-se a sonhar, sentada numa pedra, ‘com uma vida feliz como a de sua irmã’. Ao levantar-se sentiu uma dor que logo passou, mas voltou na tarde seguinte, depois de tomar um banho quente. Desde então essa dor não a deixou mais. (André, 1998, p.127)

Freud (19-893-85/1980) concluiu, assim, que sua paciente:

[...] sentia pelo cunhado uma ternura cuja aceitação na consciência deparara com a resistência de todo seu ser moral. Ela conseguiu poupar-se da dolorosa convicção de que amava o marido da irmã induzindo dores físicas em si mesma. E foi nos momentos em que essa convicção procurou impor-se a ela (no passeio, durante o devaneio matinal, no banho e junto ao leito da irmã) que suas dores surgiram, graças à conversão bem sucedida (p.169).

Desta feita, Freud indicou que a dor na coxa esquerda desse sintoma de conversão⁸, desencadeado pelo insuportável amor que Elizabeth sentira pelo marido de sua irmã, era uma repetição daquela outra localizada na perna direita, no local onde seu pai apoiava o pé quando enfermo e sob os cuidados da filha. O desencadeamento deste primeiro sintoma ocorreu, então, pela associação traumática entre o apaixonar-se por um rapaz que por sinal muito admirava seu pai e a piora deste último quando ela e o pretendente saíram para divertir-se. Este primeiro instante seria referente ao momento traumático real, que designamos como causa desencadeante (*auslösende ursache*) e que então serviria de causa eficiente para o segundo. Freud destacara, novamente, a decomposição temporal do trauma, a ligação entre representações e a inter-relação entre os eventos na causação dos sintomas. A partir desta duplicidade temporal, conforme sublinhamos, o conceito freudiano de sobredeterminação, fundamental para a

⁸ Note-se que as dores na coxa esquerda tornavam-se mais intensas em análise quando falavam sobre o tal cunhado. A dor intensificou-se particularmente quando Elizabeth ouviu a voz de um homem no consultório e associou ao cunhado. Haveria aqui uma leitura causal da transferência enquanto repetição da realidade inconsciente.

explicação de um desencadeamento aos moldes do determinismo inconsciente, pode enfim ser destacado. Segundo Freud, para que haja sintoma são necessários ao menos dois conflitos em causa.

Se por um lado Freud fizera referência ao amor de sua paciente pelo pai, como já anunciado em Anna O., por outro, como no caso da Sra. Emmy, Freud indicou um fator quantitativo (causa específica) como sendo co-responsável pelos desencadeamentos sintomáticos descritos:

a questão de qual o grau máximo de tensão afetiva dessa natureza que um organismo pode tolerar. Mesmo uma pessoa histérica é capaz de reter certa quantidade de afeto com o qual não se lidou; quando, em ocorrência de causas provocadoras semelhantes, essa quantidade é aumentada pela soma até um ponto além da tolerância do indivíduo, dá-se o ímpeto para a conversão (Freud, 1909/1980, p.183).

1.7) Dora: as causas, os motivos e as razões das formações de sintomas.

Neste “Fragmento da Análise de um Caso de Histeria”, 1905, Freud propôs-se a fundamentar conceitos relacionados à gênese dos sintomas histéricos que anteriormente havia utilizado em seus “Estudos sobre a Histeria” (1895-96), bem como em “A Etiologia da Histeria” (1896). O psicanalista pôde assim publicar suas formulações sobre as ‘forças motivadoras’ da referida sintomatologia e sustentar que as mesmas seriam encontradas na intimidade da vida psicosssexual de seus pacientes e que, outrossim, estariam apoiadas em bases orgânicas:

Provavelmente, ninguém desejará negar o caráter de fator orgânico na função sexual, e é esta que considero a base da histeria e das psiconeuroses em geral. Creio que nenhuma teoria sobre a vida sexual poderá ignorar a existência de algumas substâncias excitantes [...], contudo, mais uma vez não me aprofundo aqui em tudo o que poderia ser dito atualmente sobre ‘submissão somática’, sobre a origem infantil da perversão, sobre as regiões erógenas e nossa predisposição à bissexualidade; chamei a atenção apenas para os pontos em que a análise entra em contato com estas bases orgânicas dos sintomas (Freud, 1905/1980, p.110-111).

E, ainda,

a sexualidade (...) fornece a força motivadora para cada sintoma isolado, e para cada manifestação isolada de um sintoma. Os sintomas de doença nada mais são do que a atividade sexual do paciente ... a sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses e neuroses em geral. Quem desprezar esta chave jamais abrirá a porta (Freud, 1905/1980, p.111-112).

Pois bem, assim como frisamos sobre teoria das pulsões, podemos destacar que Freud referiu-se tanto às bases orgânicas da sexualidade (origem perversa da sexualidade infantil, zonas erógenas e predisposição à bissexualidade), quanto à chave da questão neurótica da sexualidade. Estaria aqui esboçado um primeiro corte entre a fonte e o representante da representação? Guardemos isso por enquanto.

A partir do destaque dado à sexualidade (e suas bases orgânicas) enquanto força motivadora (termo que aqui utilizamos para referirmo-nos à causalidade), leiamos, finalmente, o caso.

Dora teria desencadeado sintomas histéricos desde a infância. Freud pontuou, por exemplo, que quando tinha oito anos de idade, ela começara a sofrer de dispnéia. A interpretação freudiana concluiu que tal ato sintomático tivera sua ‘causa precipitadora’, causa excitante’ ou ‘fato causador’, repousada em uma experiência infantil. Dora teria ouvido seu pai ofegando durante um ato sexual:

As crianças, em tais circunstâncias, ligam os sons misteriosos, que lhes chegam aos ouvidos, ao sexo,[...] Afirmei, anos atrás, que a dispnéia e as palpitações que ocorrem na histeria e na neurose de angústia são apenas fragmentos soltos do ato de copulação; e, em muitos casos, como no de Dora, pude relacionar o sintoma da dispnéia ou asma nervosa à mesma causa excitante – o paciente teria entreouvido adultos durante a prática sexual (Freud, 1905/1980, p.77).

Aos doze anos Dora passou a ser vítima de crises de enxaqueca e tosse nervosa. Quando tinha dezesseis anos a enxaqueca cessou, mas a tosse permaneceu. Inclusive, ao

ser levada ao tratamento psicanalítico, ainda apresentava tal sintomatologia. Ela dizia incomodar-se bastante com a perda da voz que ocorria durante suas crises.

Freud escreveu, então, que a moça lhe foi trazida aos dezoito anos logo após seus pais terem lido uma carta de despedidas escrita por ela e depois de ter sofrido sua primeira crise de perda de consciência. Seu pai dissera a Freud que não tinha dúvidas acerca de qual evento seria responsável pelo quadro depressivo de sua filha, bem como por suas idéias suicidas. Segundo relatou ao psicanalista, uma cena do lago com o Sr. K e suas decorrências abalaram-na profundamente.

Pois bem, Dora contou que o Sr. K tivera a audácia de lhe fazer propostas amorosas quando retornavam de um passeio ao lago. Ao ser indagado sobre o episódio, o Sr. K. passou a lançar suspeitas sobre a moça, dizendo que ela simplesmente imaginara tal cena e que se interessava por assuntos sexuais. Freud pontuou, então, que este incidente relatado por Dora parecia fornecer o trauma psíquico necessário para explicar e determinar a natureza de seus sintomas. E isto estaria de acordo com as construções conceituais efetuadas por ele durante sua parceria com Breuer. Entretanto, o psicanalista assinalou que a teoria do trauma, muito embora não devesse ser abandonada, estava incompleta. Como anteriormente indicado, Dora apresentou sintomas histéricos anos antes do evento traumático com o Sr. K. Freud afirmou, enfim, que seria preciso retornar à infância de sua paciente, para tentar localizar naquela época quaisquer “influências ou depressões que pudessem ter tido efeito análogo a um trauma.” (Freud, 1905/1980, p.25)

Nesta época, Freud já havia formulado sua teoria sobre a sexualidade infantil. Ele considerou que mesmo naqueles casos em que os sintomas não surgiram na infância seria essencial a reconstituição da história do sujeito até os primeiros anos de vida. O momento traumático real (a causa desencadeante) e os subseqüentes estariam ligados,

por retroação, ao trauma infantil de caráter sexual (conforme começamos a desenhar no caso Katharina).

Após ter contado a seu analista o acontecimento do lago, Dora também relatou outro evento, anterior àquele já descrito. O Sr. K. teria preparado uma situação para estar a sós com ela quando tinha quatorze anos. Neste episódio ele a teria beijado. Sobre isso Freud (1905/1980) deixou escrito:

o comportamento desta criança de quatorze anos já era inteira e completamente histérico. Eu sem dúvida consideraria histérica uma pessoa na qual uma ocasião para excitação sexual despertasse sensações que fossem preponderante ou exclusivamente desagradáveis; e o faria fosse ou não a pessoa capaz de produzir sintomas somáticos (p. 26).

O psicanalista frisou, então, que no comportamento histérico da moça haveria, além de uma inversão de afeto, um deslocamento de sensação. Ao invés da excitação sexual Dora teria sentido repugnância e, no lugar de sentir a pressão do pênis ereto do Sr. K., passou a dizer que podia lembrar da sensação da pressão do abraço dele na parte superior de seu corpo. Além da inversão do afeto em repugnância, do deslocamento da sensação da parte inferior para a parte superior de seu corpo, Dora disse que passou a evitar homens em conversas afetuosas. Segundo Freud, seria possível compreender como se formaram esses três sintomas. A repugnância seria decorrente de uma repressão da zona erógena oral que:

fora ultracultivado na infância de Dora pelo hábito sensual de sugar. A pressão do pênis ereto provavelmente levou a mudança análoga no órgão feminino correspondente ao clitóris; e a excitação desta segunda zona erógena foi remetida por um processo de deslocamento para a pressão simultânea contra o tórax, fixando-se ali. O evitar homens que pudessem estar em estado de excitação sexual segue o mesmo mecanismo de uma fobia, sendo sua finalidade salvaguardar a paciente de qualquer reavivamento da percepção reprimida (Freud, 1905/1980, p.28).

A formação desses sintomas histéricos (*Bildung hysterischer Symptome*) dar-se-ia, então, através de movimentos do destino da pulsão. Lembremos que Freud, em 1915, tratando das vicissitudes da pulsão propôs quatro destinos diferentes para seus representantes, quais sejam: inversão ao oposto, retorno ao próprio eu, repressão e sublimação. A inversão proposta por Freud, nesta descrição de processo formativo, localizaria este destino específico enquanto elemento formativo do sintoma. Todavia, se havíamos proposto um corte entre a fonte (orgânica) e o representante da representação, neste ponto seria-nos possível marcar uma diferença de valor causal entre a pulsão e os destinos da pulsão. Indicaríamos a pulsão (o representante da representação) como causa real e seus destinos como elementos participantes da formação de um dado sintoma.

Nesta toada, poderíamos somar a esta primeira leitura, uma outra relativa ao entendimento daquilo que Freud propriamente designou por: ‘motivos de doença’ (*Krankheitsmotive*). Conforme sustentou, os motivos não seriam equivalentes aos mecanismos de formação de sintomas, mas sim, parcialmente responsáveis pelo aparecimento de determinada sintomatologia. Com o intuito de precisar tal distinção, Freud, mais tarde em sua obra, fez uma separação conceitual entre ganho primário e ganho secundário:

O motivo para ficar doente é, destarte, invariavelmente a obtenção de alguma vantagem. O que se segue adiante neste parágrafo se aplica ao ganho secundário. Mas em toda doença neurótica há de ser reconhecido também um ganho primário. Em primeiro lugar cair doente envolve uma economia de esforço psíquico; surge como sendo a solução mais conveniente quando há um conflito mental (falamos de uma fuga para a doença) [nota de rodapé acrescentada em 1923 – Freud, 1905, p.40].

Os motivos, que se distinguiriam da formação sintomática, passaram, então, a referir-se a uma economia de esforço psíquico (ganho primário) consubstancial à fuga para a doença e à obtenção de uma vantagem (ganho secundário). Quanto a Dora, Freud

destacara a finalidade de “salvaguardar a paciente de qualquer reavivamento da percepção reprimida”, conforme a citação acima. Nota-se uma interessante articulação entre finalidade (causa final) e motivo. Parece-nos essencial marcarmos que Freud tinha para si que discorrer sobre os processos de formação ou sobre os motivos de doença era algo diverso de tratar propriamente das causas desencadeantes de um quadro neurótico.

Os motivos teriam alguma responsabilidade no desencadeamento, porém, evocando a temporalidade particular que imputamos ao conceito de sobredeterminação e acrescentando certa hierarquização necessária a nossa compreensão do problema, afirmaríamos que os motivos não ocupariam o lugar de causa real. E, igualmente asseveraríamos que o fator quantitativo refere-se à causa específica, e o momento traumático real (a causa desencadeante) à causa eficiente (em relação aos desencadeamentos subsequentes). Até o presente ponto a causa real (recordemos, associada à constituição do sujeito) pôde ser localizada no trauma (infantil) e na pulsão.

Em relação aos ‘motivos para ficar doente’, podemos retornar, neste ponto, ao trecho escrito por André (1992) acerca de Miss Lucy. O autor referira-se à necessidade histórica de manter seu próprio desejo insatisfeito. A fundamentação relativa à importância da manutenção da insatisfação de desejo por parte do paciente histórico fora efetivada por Freud ao discorrer sobre o sonho da bela açougueira em sua “Interpretação dos Sonhos”, de 1900. No caso Dora, como sabemos, Freud voltou a fazer a mesma pontuação: o desejo de Dora não poderia ser satisfeito. Havíamos assinalado que essa necessidade de manter a insatisfação do desejo poderia ser localizada como motivo de permanência dos sintomas. Acrescentemos, agora, que tal necessidade relacionar-se-ia a uma vantagem. Guardemos isso por enquanto.

Quanto ao problema da causa do desencadeamento, notamos que Freud inicialmente fizera uma leitura da sintomatologia desencadeada no caso em questão

enquanto algo referente ao amor inconsciente de Dora em relação a seu pai substituído, posteriormente, pelo Sr. K. Freud indicou que a formação dos três sintomas acima citados deu-se a partir do beijo roubado pelo Sr. K. Além disso, apontou que nas formações sintomáticas em que se evidenciou a prevalência das pulsões parciais orais, de sintomas marcados por seu caráter oral, tais como a dispnéia, a tosse nervosa e a afonia, também o amor pelo pai desvelou-se como sendo o fator causador (primeiro). Toda esta série de sintomas remeteria, portanto, a causa desencadeante às narrativas edípicas, mais especificamente, poderíamos arriscar-nos a dizer, ao trauma relativo ao encontro com o sexual.

De acordo com o que Freud pôde constatar, Dora vivera um acordo de certo modo harmonioso, formando um quarteto com seu pai, a Sra. K e o Sr. K. Quando, entretanto, recebeu propostas amorosas de forma direta do Sr. K, seus arranjos se desmoronam, ela esbofeteou este último e exigiu que seu pai rompesse relações com o casal K. Seguindo a proposta freudiana, poderíamos dizer que o evento do lago a remeteu ao amor reprimido que um dia sentira por seu pai. Neste mesmo sentido Freud interpretou o fato de Dora, associando a partir de um sonho, o primeiro descrito pelo psicanalista, dizer-lhe que certa vez recebeu um porta-jóias de presente do Sr. K. O psicanalista formulou a Dora sua conclusão, dizendo-lhe que o Sr. K deveria ser posto no lugar de seu pai. O Sr. K lhe teria dado um porta-jóias e Dora precisaria dar-lhe um presente de retribuição: o seu próprio porta-jóias. Assim, a moça daria ao Sr. K o que sua mulher, a Sra. K., recusava-se a lhe dar. A interpretação freudiana fora, portanto, novamente na direção do desvelamento da questão edípica. Dora amaria o Sr. K., substituto de seu pai. Acompanhemos Freud (1905/1980):

Ela sentia e agia mais como uma esposa ciumenta – de uma maneira que teria sido compreensível em sua mãe. Mas o ultimato ao pai ('ou ela ou eu'), pelas situações que

costumava criar, pelas intenções suicidas que deixava transpirar – por tudo isto, ela estava claramente colocando-se no lugar da mãe. Se adivinharmos corretamente a natureza da situação sexual imaginária subjacente à sua tosse, nessa fantasia ela devia estar-se colocando no lugar de Frau K. Ela estava, portanto, identificando-se com a mulher que seu pai uma vez amara e com a mulher que ele amava agora. A conclusão óbvia é que sua afeição pelo pai era muito mais forte do que ela pensava ser ou que poderia admitir: na verdade, ela o amava (p.53).

E,

[...] o que fora suprimido fora seu amor por Herr K. Não pude evitar a pressuposição de que ela ainda estava apaixonada por ele, mas que, por razões desconhecidas, desde a cena do lago, seu amor despertara nela sentimentos violentos de oposição, e que a moça trouxera à tona e reforçara sua velha afeição pelo pai a fim de evitar qualquer outra necessidade de dar atenção consciente ao amor que sentira nos primeiros anos de sua meninice e que se tornara agora, para ela, penoso (p.55).

Sobre o segundo sonho de Dora, Freud asseverou que fora relativo a uma geografia simbólica do sexo. A partir dos elementos do sonho ele formou uma rede para demonstrar-nos o que surgiu no lugar dos órgãos genitais femininos: *Bahnhof* (pátio de ferrovia), *Friedhof* (pátio de paz – de cemitério) e *Vorhof* (vestíbulo, pátio anterior), este último um “termo anatômico para designar uma região específica da genitália feminina”. Tal configuração sexual é corroborada pelo “acréscimo das “ninfas” vistas ao fundo do “bosque denso”. Segundo Freud “Ninfas” “é como se chamam os pequenos lábios que ficam no fundo do “bosque denso” dos pêlos pubianos”:

Mas quem usa termos técnicos como ‘vestíbulo’ e ‘ninfas’ há de ter extraído seu conhecimento dos livros, e justamente não de livros populares, mas de manuais de anatomia ou de alguma enciclopédia, refúgio habitual dos jovens devorados pela curiosidade sexual. Portanto, se essa interpretação estava certa, ocultava-se por trás da primeira situação do sonho uma fantasia de defloração, como quando um homem se esforça por penetrar na genitália feminina (Freud, 1905/1980, p.58).

Em meio às associações de Dora sobre esse segundo sonho adveio a lembrança de uma parte esquecida do sonho: ela começara a ler um grande livro cujo formato era de uma enciclopédia. Quando indagada por seu analista, Dora recordou que consultara

uma enciclopédia para verificar quais eram os sintomas de apendicite na época da doença de um primo. Lera que um dos sintomas era dor abdominal. Freud logo constatou que haveria uma ocasião oculta por trás daquela leitura inocente. Surgiu, finalmente, a explicação sexual, ela teria recorrido a um dicionário proibido em algum momento, motivada por curiosidades eróticas.

Dora lembrou, também, que após ter sofrido ela própria de uma suposta apendicite, desenvolveu um curioso sintoma: passou a arrastar o pé direito. Como a ‘crise do apêndice’ sofrida por ela ocorreu nove meses após a referida cena do lago, Freud logo fez uma ligação entre a tal cirurgia e um parto, trazendo-lhe uma construção acerca de seu desconhecido desejo por um filho, de sua fantasia inconsciente de gravidez.

Freud pontuou, do mesmo modo, que Dora havia torcido o pé daquela perna que ficara arrastando, o que pôde servir como causa ocasional (assim como o fator reumatismo do caso Elizabeth). A torção se deu quando ela era criança, ao subir uma escada (termo presente neste segundo sonho), e a obrigou a ficar de cama durante semanas. Este episódio da infância ocorrera um pouco antes do desencadeamento de sua tosse nervosa, que se deu aos oito anos. Quando criança, movida por curiosidades sexuais, Dora teria lido sobre gravidez e parto em um dicionário proibido. Dera um passo errado. Na cena do lago ela teria dado um ‘passo em falso’ ao desejar o Sr. K e nove meses depois tivera um filho. Passara a arrastar a perna, tal como é feito quando se torce o pé. O psicanalista encontrava, assim, uma conexão entre o desencadeamento da vida adulta e o infantil, mais uma vez fazendo referência à questão sexual presente no enredo edípico. Dora amara primeiramente seu pai, depois o Sr. K. Eis os dois tempos (e os dois conflitos) necessários para uma configuração sintomática: o atual e o infantil.

Apesar dessas assertivas relativas ao amor inconsciente de Dora em relação ao seu pai e ao Sr. K., Freud reconheceu que não conseguiu manejar a transferência a tempo e essa análise se encerrou prematuramente, após três meses de duração. Em suas notas de 1923 sobre o mesmo caso, o psicanalista anunciou que não dera importância à época ao amor homossexual de Dora pela Sra. K.:

Quanto maior o intervalo de tempo que me separa do fim desta análise, mais provável me parece que a falha em minha técnica esteja nesta omissão: não consegui descobrir a tempo nem informar à paciente que seu amor homossexual (ginecofilico) por Frau K, era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental [...]. Quando não havia ainda compreendido a importância da corrente homossexual de sentimentos nos psiconeuróticos, era amiúde obrigado a interromper o tratamento de meus casos, ou era tomado de total perplexidade. (Freud, nota de 1923 – 1905, p.116-117).

Em todos estes casos de histeria tratados por Freud podemos encontrar um ponto comum referente à explicação dada pelo psicanalista acerca da origem sexual dos diversos sintomas de suas pacientes. Apesar de ter registrado que só pôde fundamentar sua concepção sobre a etiologia dos sintomas neuróticos através do caso Dora e ter publicado este caso com sua teoria sobre a sexualidade infantil bem formulada e a importância da fantasia instituída, nas interpretações relativas aos desencadeamentos efetivados por Anna O. e Elizabeth, Freud notara que a causa desencadeante daqueles sintomas remetia, em última instância, à relação amorosa de suas analisantes com seus respectivos pais, ou seja, as colocava envolvidas em suas próprias narrativas edípicas.

Outrossim, no caso Katharina, hipotetizara que o trauma ocorrido em uma fase ‘pré-sexual’ ganharia seu estatuto propriamente sexual em um segundo episódio traumático. No caso Emmy, ele pontuou o excesso de excitação enquanto causa específica e a abstinência sexual enquanto motivo da permanência de seus sintomas. No caso Lucy, a explosão do padrão foi articulada ao momento traumático real e sua relação com o olhar do padrão apareceu como causa desencadeante. A recusa do amor foi

vinculada ao motivo do desencadeamento e permanência dos sintomas, entretanto, encontramos o esforço de Lucy em perpetuar a insatisfação de seu desejo. De toda forma, notemos que ao inverter as cadeias simbólicas de suas pacientes, Freud alcançara aquilo que ele designou como fato traumático, o que, em cada um dos casos, teria aparecido como um encontro com o sexual.

Todavia, o que surgiu com Dora, que Freud não mencionara nos outros casos dos *Estudos*, foi justamente sua posterior formulação acerca de um componente homossexual inconsciente enquanto causador de sintoma. Deixemos, neste ponto, uma questão: se, ao invés de dirigir o tratamento de Dora no sentido de fazê-la encontrar um objeto substituto para seu pai, tornando-a, enfim, uma mãe, Freud tivesse fornecido à paciente este outro objeto, a Sra. K., o desfecho da análise teria sido diferente?

Para corroborar esta investigação sobre a histeria, podemos acompanhar Freud em seu texto “Observações gerais sobre os ataques histéricos”, de 1909, quando ele procurou desvelar as leis que então regeriam o desencadeamento de ataques histéricos. Segundo sua proposta, estes ataques ocorreriam: A) Associativamente: quando a fantasia (conteúdo ideativo) fosse atingida por algum evento da vida consciente a esta relacionado; B) Organicamente: quando razões somáticas fruto de influências psíquicas externas elevassem a libido acima de determinado nível suportado; C) A serviço do objetivo primário, como uma ‘fuga para a doença’; D) A serviço do objetivo secundário, quando, através do ataque, o paciente conseguiria um ganho. Freud também pontuou que, ao estar sob a regência desta última determinação, o ataque seria sempre endereçado a alguém, podendo, inclusive, ser adiado.

Muito embora no texto citado o psicanalista tenha voltado a conceber as causas do desencadeamento em certa horizontalidade em relação aos motivos, o que abalaria nossa tentativa de hierarquização, sintetizemos o que procuramos esboçar, a partir da

leitura de Dora e do conceito de sobredeterminação: em um primeiro patamar a determinação posta pelo quiasma criado entre causa final (os motivos referentes à economia psíquica, no que esta toca os ganhos primário e secundário)⁹ e a causa específica (o fator quantitativo desenhado no item B); e em outro patamar propriamente a sobredeterminação advinda do trauma sexual ou da pulsão enquanto causa real e da causa desencadeante (momento traumático real em sua relação eficiente com os desencadeamentos subseqüentes).

Por outro lado, se enfatizássemos o tópico A dessas observações gerais, nos seria possível apontar um rico número de questões para discussões futuras. Freud, ao tratar da ‘fantasia atingida’, versara sobre um ponto essencial para uma formulação precisa do desencadeamento, o que, no capítulo seguinte, denominaremos abalo fantasmático.

Igualmente, poderíamos desdobrar o que anteriormente designamos como motivos (de desencadeamento e permanência de sintomas) e assinalar que o objetivo secundário, a partir de agora referente a certo endereçamento ao outro, passaria a ocupar o lugar da razão de um desencadeamento¹⁰. Desta feita as questões sobre o desejo passarão a designar-se por razões.

⁹ Frederico Carvalho indicou que Schopenhauer sugerira que um motivo poderia ser “causa suficiente de uma ação” (Carvalho, 2004, p.204).

¹⁰ Vale uma interpolação com a crítica dirigida por Wittgenstein a Freud. Acompanhando a leitura de Carvalho (2002) quanto ao ponto que nos interessa, verificamos que, para Wittgenstein, Freud teria tratado as razões ou os motivos (o filósofo não teria feito distinção entre os dois termos) como causas. Uma razão seria aquilo que aparentaria sê-lo e exigiria reconhecimento por parte do interessado, como expressão de seu assentimento: “Por outro lado, uma relação causal é o que estabelecemos por meios experimentais ou observando uma coincidência regular de processos. Neste sentido, a causa não poderia ser conhecida como uma razão, mas apenas conjecturada (...) Freud teria tratado as razões como causas, supondo que se poderia chegar às determinações últimas de uma manifestação psíquica qualquer e ao considerar que as razões poderiam ser conjecturadas por um procedimento do tipo científico. Por outro lado, trata as causas como as razões, supondo que as causas que ele procura poderiam ser conhecidas como as razões, o que, no entanto, nada tem a ver com a maneira como se verificam as hipóteses causais nas ciências experimentais. Assim, Freud teria atribuído um caráter causal à explicação psicanalítica, embora todo o seu procedimento seja orientado por uma gramática das razões” (Carvalho, 2002, p.63-64-65). Uma relação causal dispensaria, então, o assentimento (Carvalho, 2004). Wittgenstein não teria apenas refutado a pretensão de ciência da psicanálise, localizando-a do lado das razões, para o filósofo o mais importante talvez tenha sido “o ponto de passagem das razões às causas” (Carvalho, 2004, p.204) efetivada por Freud com seu apelo à causalidade psíquica. A explicação psicanalítica fiar-se-ia em uma espécie de jogo de linguagem intersubjetivo que incluiria uma relação persuasiva, o que consistiria em um assentimento da razão seria então transformado em causa.

Quanto aos fatores orgânicos determinantes, concebidos como causas tanto no caso Dora, quanto no texto supracitado, poderíamos, além de relembrar o fator quantitativo do item B, seguir Freud em sua incursão filogenética (e então desdobrar este último item). Mais tarde em sua obra, em “Um Estudo Autobiográfico”, 1925-26, ele deixou escrito que a sexualidade humana possuiria um desencadeamento bifásico, o que significaria que esta se daria em dois tempos, com um intervalo entre pontos. A primeira onda atingiria seu clímax no quarto ou quinto ano da vida de uma criança:

Mas a partir daí essa eflorescência prematura da sexualidade desaparece; os impulsos sexuais que mostraram tanta vivacidade são superados pela repressão, e segue-se um período de latência, que dura até a puberdade e durante o qual as formações reativas de moralidade vergonha e repulsa são estruturadas. De todas as criaturas vivas somente o homem parece revelar esse desencadeamento bifásico do crescimento sexual, e talvez seja ele o determinante biológico de uma predisposição a neuroses (...) Na puberdade, os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e entre eles os laços emocionais do seu complexo de Édipo. Na vida sexual da puberdade, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência. (Freud, 1925-26/1980, p.)

Ainda que possamos localizar nestas últimas colocações o apelo organicista freudiano, destacamos que Freud considerara o desencadeamento bifásico da sexualidade humana como o determinante biológico da predisposição à neurose. Assim, poderíamos relembrar a citação por nós destacada de Nogueira (1997) no início deste capítulo, bem como o clássico artigo metapsicológico: “A pulsão e seus destinos”, de 1915. A pulsão¹¹, neste ponto, um ser mítico grandioso em sua indeterminação (p.119),

¹¹ A localização da pulsão enquanto causa denuncia o ponto fraco da crítica de Wittgenstein a Freud. Retomando Carvalho (2002): “A crítica wittgensteiniana de Freud acaba recusando, no jogo de linguagem da interpretação psicanalítica, o seu referente. O que limita o alcance de sua crítica é que o sentido da interpretação liga-se, em Freud, ao referente pulsional, mas isso escapa a Wittgenstein. De fato, em nenhum momento, Wittgenstein menciona a teoria freudiana das pulsões” (Carvalho, 2004, p.129). Ainda segundo este mesmo autor, pode-se notar o sublinhado na resposta de Freud ao filósofo em seu texto *Construções em análise*, de 1937. Se por um lado para Wittgenstein não seria possível ir das razões às causas já que não haveria uma gramática para essa transição, por outro, para Freud a construção seria justamente “como um ser intermediário entre a ordem das razões e a causa. Ela incide sobre o limite da explicação, levando a um trabalho ficcional” (Carvalho, 2002, p.129-130). Para Wittgenstein “a cadeia das razões se dedia diante de uma forma de vida. O assentimento só seria possível como um efeito subjetivo do próprio jogo de linguagem, sustentado pela impossibilidade de referir, pois tudo se passa na

aquilo que a um só tempo seria orgânico e psíquico, o representante da representação, tornaria, enfim, inassimilável a sexualidade humana aos objetos de satisfação postulados em uma biologia animal.

1.8) O desencadeamento na neurose obsessiva.

Após essa incursão pelos casos de histeria tratados por Freud, passemos à delimitação e descrição do desencadeamento de sintomas em outras ‘psicanálises’, também tratadas por Freud, mas, referentes a outros modos estruturais. Começemos pelo clássico caso de neurose obsessiva do Homem dos Ratos.

Tratando do desencadeamento de sintomas neste caso, Freud anunciou que diante da ciência do plano familiar de casá-lo com uma mulher rica, o paciente entrara em conflito: deveria permanecer fiel a sua amada ou seguir os passos do pai? Segundo Freud, o rapaz ficara, então, doente, evitando a tarefa de resolver tal conflito: “Digno de ênfase é o fato de essa fuga para a doença ter sido possível através de sua identificação com o pai. A identificação possibilitou aos seus afetos regredir aos resíduos de sua infância” (Freud, 1909/1980, p.201, em nota de rodapé).

Pois bem, conforme articulado anteriormente, o que Freud denominou ‘fuga para a doença’ pode, então, ser compreendido como o motivo para a formação de sintomas

linguagem” (Carvalho, 2004, p.208). Para Freud o assentimento não se afirmaria como um “signo de aceitação do eu, mas de uma forma indireta que provém do inconsciente” (Carvalho, 2004, p.207). Desta forma, a crítica vienense “de que o analista parece ter sempre razão, quer o paciente diga sim, quer o paciente diga não a uma interpretação – é admitida, neste texto, e leva a uma explicitação do trabalho analítico graças ao meio-dito da verdade. Para Freud, o assentimento a uma construção analítica depende dos efeitos subjetivos que se seguem à sua comunicação” (Carvalho, 2004, p.207), a correção de uma interpretação não dependeria de um embate intersubjetivo entre falantes, não caberia ao analista dizer ‘você não está aceitando a verdade que eu lhe digo’, ao contrário, ele aguardaria o dizer do analisante e “a verdade somente aparece do lado do que é dito. Em torno desses efeitos, Freud evocará a função de causa, que ele concebe como uma fixação pulsional – uma forma de satisfação pulsional e de laço com o objeto – à qual o sujeito se mantém atrelado” (Carvalho, 2004, p.207). A construção analítica apontaria a fixação e provocaria um forçamento do sujeito em relação à assunção de sua causa. A inclusão da causa na ordem das razões implicaria, todavia, a transferência, ou seja, “que o analista se faça fiador da verdade até que um assentimento possa se produzir, sustentado pela relação transferencial” (p.207). A verdade já surgiria aqui atrelada à causa. O autor citado também nos esclareceu como, *a posteriori*, com Lacan, a crítica de Wittgenstein a Freud mostrou-se limitada.

obsessivos do Homem dos Ratos. O psicanalista revelou, outrossim, de acordo com a passagem exposta acima, que tais formações sintomáticas teriam sido possíveis graças à identificação de seu paciente com o pai. A identificação possibilitou a regressão dos afetos até a infância do paciente de Freud. Através do processo identificatório, o Homem dos Ratos se colocou na mesma situação em que seu pai estivera antes de casar-se com sua mãe.

Parece-nos relevante marcar, mais uma vez, a distinção entre o que teria sido a causa desencadeante (*Auslösende ursache*)¹² do referido sintoma e os seus motivos (fuga para a doença). Ao lermos as colocações freudianas, podemos pensar inicialmente que o evento desencadeador do primeiro sintoma, a saber, a dúvida, teria sido a ciência, por parte do paciente de Freud, do plano familiar de casá-lo com uma mulher rica. Pois bem, qual teria sido a causa? Também poderíamos frisar o uso freudiano do conceito de identificação, o que nos remeteria a um percurso formativo, àquilo que teria possibilitado aos afetos regredirem até a infância do Homem dos Ratos e então estaria deslocado de uma posição causal. Quiça, possamos articular a identificação com as razões para um desencadeamento.

Ao tratar da questão do desencadeamento, Freud frisou, ainda, que todas as questões desencadeadas pelo paciente em idade adulta estavam relacionadas à infância e às experiências edípicas que ele vivera. A questão da rivalidade com o genitor do mesmo sexo foi, então, desvelada pelo psicanalista. O pai era visto pelo próprio Homem dos Ratos como opositor de sua vida erótica, perturbador de seu gozo sexual. Freud nos fornecia, então, razões para as formações sintomáticas de seu paciente, relativas ao modo como ele se relacionava com o próprio desejo. Um exemplo, o pensamento

¹² Vale um parêntese sobre o significado de *auslösen*: “desatar, livrar”... em um encadeamento significativo com *auslosen* (sem o trema) que significa: “sortear, rifar, tirar a sorte” (Neves Wörterbuch). A causa desencadeante (*auslösende ursache*) nos levaria, por associação, ao acaso, à sorte. Este jogo parece-nos bastante apropriado ao caso do Homem dos Ratos, em que um elemento do ‘destino’ entra em campo.

obsessivo sobre o qual o jovem se ocupava, que dizia que se ele visse uma mulher nua, então, seu pai deveria morrer. Tal pensamento remetia-o, diretamente, à narrativa edípica, à rivalidade em relação ao pai.

Freud tratava, através daquele historial clínico, do cenário edípico erguido por um menino e reeditado por um rapaz (o que marca uma diferença de gênero em relação aos casos de histeria feminina discutidos anteriormente).

Em suas articulações teóricas sobre o caso e no exame das origens da compulsão e da dúvida, próprios aos quadros obsessivos, Freud supôs que poderia nos fornecer uma explicação provisória para as articulações entre o amor e o ódio presentes na relação de seu paciente com o pai. Nos casos de ódio inconsciente, os componentes sádicos do amor (relacionados às causas constitucionais) teriam sido exageradamente desenvolvidos e, então, suprimidos. Os sentimentos de afeição conscientes tornar-se-iam exacerbados como em uma reação e o sadismo permaneceria inconsciente na forma de ódio (Freud, 1909/1980, p.241).

Dunker (2002) relembra-nos que Freud, em seu artigo “A disposição à neurose obsessiva”, de 1913, voltou a fazer menção às causas constitucionais, que apareceriam, enfim, em oposição às denominadas causas contingenciais. Dentre as causas constitucionais, poderíamos incluir, portanto, aquelas relativas à organização sádico-anal. Outro texto citado pelo autor foi “Caráter e erotismo anal”, de 1908, em que Freud descrevera os traços de caráter como continuações, sublimações ou formações reativas da pulsão anal originária. Assim, podemos seguir a assertiva freudiana segundo a qual as pulsões parciais, relacionadas à constituição sexual dos sujeitos, seriam fundamentais na causação de sintomas. Novamente nos deparamos com a pulsão considerada como causa real.

Na seqüência de suas construções e interessado em desvendar uma outra idéia que tanto perturbava seu paciente, aquela da punição realizada por meio de ratos, Freud perguntou-se por que as duas falas do capitão exerceram tamanho efeito sobre o rapaz. O capitão lhe havia contado a história do rato e também pedira ao paciente em questão que este pagasse uma dívida. Freud apontou, enfim, que o pai do Homem dos Ratos também servira ao exército e contraíra uma dívida de jogo (referência à *Spilratte* – rato de jogo) durante seu tempo de soldado. O reembolso da dívida do Homem dos Ratos aparecia, assim, em alusão à dívida não saldada de seu pai. Neste sentido, Freud concluiu que o conflito de seu paciente girava em torno da questão sobre a manutenção ou não de uma obediência a seu pai. Esta obediência aparecia, então, tanto nas questões da dívida e quanto nas do amor.

No relato deste caso, Freud insistiu que no desencadeamento de seus sintomas o paciente remetera-se ao pai. Notamos isso na hesitação, do pai e do filho, que surgiu em relação ao próprio casamento (casar-se por amor ou por dinheiro). Mais ainda, na análise da obsessão dos ratos o paciente havia feito uma associação entre ratos (*Ratten*) e dinheiro (*Raten* – prestações) em relação ao outro ponto de identificação com o pai, a dívida contraída quando servira o exército. Havia ali, portanto, um deslocamento de termos – *Spilratte* – *Raten* – *Ratten*. O percurso formativo da identificação do Homem dos Ratos com o pai, nesta explicação do desencadeamento da obsessão dos ratos, fez-se acompanhar de um encadeamento inconsciente em que a palavra ‘rato’ formou uma série e adquiriu significados simbólicos.

A idéia da punição realizada por meio de ratos atuara como estímulo a muitos de seus instintos e evocara um conjunto de recordações; de sorte que, no curto intervalo entre a história do capitão e seu pedido para reembolsar o dinheiro, os ratos tomaram uma série de significados simbólicos [...] os ratos passaram a adquirir o significado de ‘dinheiro’. O paciente deu uma indicação dessa conexão reagindo à palavra ‘*Ratten*’ [‘ratos’] com a associação ‘*Raten*’ [‘prestações’] [...] ‘Tantos florins, tantos ratos’. Paulatinamente traduziu para a sua língua o complexo inteiro de juros monetários centrados em torno do

legado que lhe daria o pai; isso quer dizer que todas as suas idéias correlacionadas com aquele assunto se reportavam, por intermédio da ponte verbal ‘*Raten – Ratten*’, à sua vida obsessiva e caíam sob o domínio de seu inconsciente. Ademais, o pedido que lhe fizera o capitão, para reembolsar as despesas relativas ao pacote, serviu para fortalecer a significação monetária dos ratos, mediante outra ponte verbal, ‘*Spielratte*’, que reconduziu à dívida contraída por seu pai no jogo. (Freud, 1909/1980, p. 214 – 216)

Freud também destacou o fator casualidade como um importante elemento causal dos sintomas do Homem dos Ratos. Este fator, que o psicanalista bem delimitou como tendo sido o fornecimento de uma palavra, pode nos fazer pensar o quanto este encontro contingencial provocou uma instabilidade na identificação fálica (identificação com o pai) de seu paciente: “Foi quase como se o próprio destino, quando o capitão lhe contou a sua história, o estivesse submetendo a um teste de associação: o destino lhe apresentara, em desafio, uma palavra-estímulo complexa e ele reagira com sua idéia obsessiva.” (Freud, 1909/1980, p.218)

Esta passagem freudiana merece destaque, já que conhecemos bem o esforço realizado pelo psicanalista em manter-se fiel ao determinismo inconsciente e, neste sentido, justificam-se suas afirmações referentes à inexistência do acaso, de algo insignificante ou arbitrário na vida mental. Assim, a formação do encadeamento anunciado por Freud, que passara pela identificação¹³ de seu paciente com o pai, tivera, em sua raiz, no lugar da causa, um elemento do destino. Na origem da compulsão poderíamos localizar, portanto, o contingente.

Encontramos, desta feita, a pulsão parcial (constituição sexual) e o contingente (o fornecimento de uma palavra-estímulo) em posição causal (causa real). A relação proibitiva que o Homem dos Ratos nutriu com seu desejo foi por nós designada como razão para a manutenção de seus sintomas e para os desencadeamentos. A ‘fuga para a doença’ enquanto economia de esforço psíquico teria sido seu motivo. O processo

¹³ Note-se que a identificação parece ter um papel fundamental no percurso formativo de um sintoma, o que a retiraria definitivamente de um lugar que pudesse designar-se como causa primeira. Como vimos, a causa de um desencadeamento difere dos mecanismos de formação do mesmo.

formativo passou pela identificação ao pai e pelas vicissitudes da pulsão (amor e ódio). Restar-nos-ia uma pergunta: qual o valor causal do encadeamento de termos destacado por Freud?

O psicanalista igualmente sublinhou um importante encadeamento revelado durante a interpretação do segundo sonho de Dora, recordemos: *Bahnhof*, *Friedhof*, *Vorhof*. Também mostrou-nos como a caixinha de jóias, elemento do primeiro sonho daquela paciente, surgiu como metáfora para o órgão genital feminino. Enquanto versava sobre tais deslocamentos lançou mão da palavra determinação. Quiçá possamos atribuir às séries formadas em ambos os casos o estatuto próprio ao determinismo inconsciente.

Finalizando, enfim, essa discussão, dizemos que, assim como ao longo dos relatos de histeria, o estudo sobre o desencadeamento de sintomas neste caso de neurose obsessiva remeteu Freud à realização de uma articulação entre o trauma, ou o momento da constituição relacionado ao Édipo, o período de incubação (ou latência) e o desenvolvimento sintomatológico na fase adulta. Mais tarde em sua obra, mas nesta mesma direção, precisamente em “Moisés e o Monoteísmo”, de 1939, Freud remontou a gênese de uma neurose a impressões primitivas da infância que então puderam ser lidas como traumáticas, os traumas etiológicos e, como vimos, que ele incluíra a possibilidade do sintoma neurótico aparecer imediatamente após um trauma infantil:

Um trauma na infância pode ser imediatamente seguido por um desencadeamento neurótico, uma neurose infantil, com uma abundância de esforços de defesa, e acompanhada pela formação de sintomas. Essa neurose pode durar um tempo considerável e provocar perturbações acentuadas, mas pode também seguir um curso latente e não ser notada. Via de regra, as defesas levam a palma nisso; seja como for, alterações do ego, comparáveis a cicatrizes, são deixadas para trás. Só raramente uma neurose infantil prossegue, sem interrupção, numa neurose adulta. Muito mais freqüentemente ela é sucedida por um período de desenvolvimento aparentemente não perturbado – curso de coisas apoiado ou tornado possível pela intervenção do período fisiológico da latência. Só posteriormente realiza-se a mudança com que a neurose

definitiva se torna manifesta, como um efeito retardado do trauma. (Freud, 1939/1980, p.96)

Não obstante tenha deixado este lembrete acerca do modo mais comum dos sintomas neuróticos manifestarem-se, o próprio Freud já havia feito um importante alerta a este respeito:

Não existe, contudo, em princípio, nenhuma diferença entre o fato de o sintoma surgir dessa forma temporária após sua primeira causa provocadora e o fato de estar latente desde o começo. Com efeito, na grande maioria dos exemplos, verificamos que um primeiro trauma não deixa nenhum sintoma, ao passo que um trauma posterior da mesma espécie produz um sintoma, só que este último não pode ter surgido sem a cooperação da causa provocadora anterior, nem pode ser esclarecido sem se levarem em conta todas as causas provocadoras. (Freud, 1893-1895/1980, p. 183).

Enfim, haveria, conforme nos propôs Freud, algumas possibilidades de ocorrência do desencadeamento de sintomas segundo uma perspectiva temporal:

- 1) subsequente ao trauma infantil (causa real);
- 2) após o período de latência e depois de uma causa desencadeante (momento traumático real);
- 3) após alguma cena traumática posterior ao momento traumático real;
- 4) no decorrer do tratamento psicanalítico.

Segundo formulou Freud, esta diversidade de pontos postos no tempo não parecia abalar a lógica para o acontecimento de um desencadeamento. Quando, em princípio, Freud nos deixou escrito que não existiriam diferenças entre o fato de uma formação de sintomas ocorrer neste ou naquele instante, ele talvez estivesse nos transmitindo a idéia segundo a qual os eventos traumáticos da vida psíquica de um sujeito não estariam separados ou estanques, mas sim, encontrar-se-iam ligados e

subordinados a uma determinada causalidade que, por vezes, só apareceria no seu efeito, de forma retardada, por retroação. De todo modo, é bastante intrigante a constatação freudiana acerca destes momentos diversos de formações sintomáticas, da inclusão ou não de um período de latência ou mesmo da ocorrência ou não de um desencadeamento de sintomas como sucedâneo de um trauma imediatamente anterior ou enquanto efeito retardado de traumas mais antigos. Igualmente, as diferentes designações para a causa que em inter-relação estariam envolvidas na causação de uma neurose saltam-nos aos olhos.

Com o intuito de fundamentar essas passagens freudianas sigamos o próprio psicanalista em suas “Conferências introdutórias”, 1916-17, texto em que Freud introduzira o conceito de “séries complementares”. Todavia, inicialmente, permitimo-nos uma breve digressão. Verificamos que desde uma comunicação a Fliess, em 8 de fevereiro de 1893, passando por “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, 1896a, Freud evocara o que denominou “equação etiológica” para dar conta de um desencadeamento neurótico. Segundo este postulado, seriam necessários que todos os termos da equação se vissem satisfeitos para que enfim houvesse desencadeamento. Em uma espécie de subtração desta primeira equação, subsistira a hereditariedade e a experiência como os dois grandes grupos determinantes da neurose.

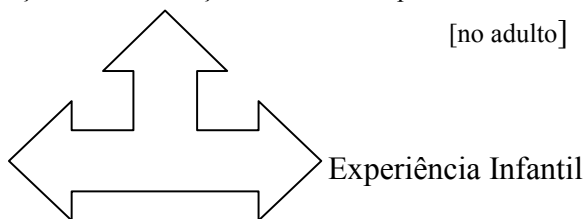
Nas conferências XXII e XXIII, do primeiro grupo de artigos citados, Freud deslizara sua pena e apresentara sua “série complementar” através da qual propunha uma causalidade “em que a intensidade decrescente de um fator é contrabalançada pela intensidade crescente de outro”, ou “quando um dos fatores é mais forte, o outro é menos” (Freud, 1917/1980, p.406). Com isso ele substituiu inclusive o termo antigo ‘série etiológica’ em seus “Três ensaios”. Na conferência XXIII – “Os caminhos da formação dos sintomas” - Freud oferece-nos um diagrama (Freud, 1917/1980, p.423):

Causação da neurose = Disposição devida à fixação da libido + Experiência Casual (traumática)

[no adulto]

Constituição Sexual

(Experiências Pré-históricas)



A constituição sexual seria hereditária e apresentar-se-ia em grande variedade, conforme o sujeito tivesse herdado, em maior ou menor intensidade, as pulsões parciais. Esta constituição formaria “junto com o fator experiência infantil uma ‘série complementar’”. Outra série estaria representada pela fixação da libido de um lado e pela experiência do adulto de outro, “ou, se preferirem, fixação da libido e frustração” [grifo nosso] (Freud, 1917/1980, p.406). Outrossim, Freud estabeleceu que, entre “a intensidade e importância patológica das experiências infantis e das experiências posteriores”, existiria uma relação “complementar semelhante à série” de que tratava (Freud, 1917/1980, p.426). Assim, haveria casos em que todo o peso da causação de sintomas recairia nas experiências sexuais infantis, cujo efeito eminentemente traumático far-se-ia sentir, e outros casos em que o acento recairia nos conflitos posteriores. Nestes últimos chegar-se-ia às experiências infantis por “obra da regressão”. Mais ainda, postulou que haveria outros “graus de combinação entre os dois fatores” (p.426). Posição que não retira o fator traumático das experiências infantis, mas relativiza seu peso. O instante traumático real, ligado à experiência casual, poderia situar-se, desta feita, em qualquer momento da história de um sujeito.

A constituição sexual (que possui apelo filogenético) relacionar-se-ia à pulsão (pulsões parciais) e as experiências infantis relacionar-se-iam ao trauma sexual. Ambas remeteriam à fixação da libido (fantasia). A experiência no adulto (frustração) estaria

ligada ao desencadeamento após o intervalo de incubação e faria, por regressão, menção às primeiras experiências da infância.

Freud retomou, ainda em torno dessa discussão, a questão do sintoma designando-o um “substituto da satisfação frustrada”. Não obstante, o sujeito não reconheceria a satisfação libidinal própria ao sintoma e queixar-se-ia do mesmo, pois, ao contrário, tomá-lo-ia por sofrimento. Ele escreveu, então, que por meio da análise, “partindo dos sintomas” chegaríamos às experiências infantis, “às quais a libido está fixada e das quais se formam os sintomas.” (Freud, 1917/1980, p.428) Freud foi, enfim, assertivo e nos convidou a verificar que seguindo este caminho, em que se iria do sintoma ao desejo modelado nas experiências infantis, aportar-se-ia nas fantasias fundamentais (sedução, cena primária e ameaça de castração)¹⁴. A fantasia, enquanto ponto de fixação do sujeito, seria decorrente da primeira série complementar por nós mencionada e teria um papel fundamental na causação dos sintomas.

1.9) Hans: uma fobia infantil.

De modo diferente dos relatos clínicos expostos até o momento, que contém o traço comum referente à existência de um período de incubação entre o trauma e o desencadeamento, o que, segundo Freud, chegava a cobrir décadas (Cf.: Freud, 1909/1980, p.46), a análise do caso do pequeno Hans comporta um exemplo em que o desencadeamento de sintomas apareceu em contigüidade ao trauma da infância. A escolha neurótica de Hans esteve imediatamente relacionada ao desencadeamento de sua fobia.

Neste sentido, Freud relatou episódios bastante relevantes para a compreensão do caso e de tal desencadeamento. Quando o menino tinha três anos e meio sua mãe o

¹⁴ Freud procurava convencer seus interlocutores de que as fantasias possuem ‘realidade psíquica’: “Levará um bom tempo até poder assimilar nossa proposição de que podemos igualar fantasia e realidade.” (Freud, 1917/1980, p.430)

viu masturbando-se e o ameaçou dizendo que se ele procedesse daquela maneira novamente chamaria o Dr. A. para cortar-lhe fora o pipi. Freud pontuou, então, que o hábito de se masturbar encontrava-se no núcleo da gênese dos sintomas do menino.

Seguindo a mesma trilha, o psicanalista chamou de “grande evento da vida de Hans” o nascimento de sua irmãzinha, Hanna, quando ele tinha a mesma idade de três anos e meio. Hans sentira-se, então, excluído da relação exclusiva que tinha com sua mãe até aquela data. Estes dois fatores (ameaça de castração e nascimento da irmã) parecem ter sido determinantes para o desencadeamento de sua fobia.

A fobia de Hans desencadeara-se, todavia, após um certo intervalo temporal (quicá uma matriz reduzida do período de incubação proposto pelo psicanalista). Os eventos fundamentais relacionados à eclosão de seu quadro sintomático, que pontuamos acima, se configuraram como traumáticos um ano e três meses depois de ocorridos. Após este pequeno intervalo, segundo afirmou Freud, a ameaça de castração sofrida outrora produzira finalmente efeito.

Às voltas com suas questões edípicas, Hans passara a evitar as ruas e desenvolvera dois medos: que o cavalo o mordesse ou que o cavalo caísse. Freud fez, neste sentido, referência a uma situação em que Hans vira um cavalo caindo, ele teria dito a seu pai “*uma vez um cavalo do ônibus caiu*” (Freud, 1909/1980, p.59):

Aprendemos qual foi a causa imediata que precipitou a irrupção da fobia. Ocorreu quando o menino viu cair um cavalo grande e pesado; e pelo menos uma das interpretações dessa impressão parece ser aquela à qual seu pai deu ênfase, ou seja, que Hans naquele momento percebeu um desejo de que seu pai caísse do mesmo modo... e morresse. A expressão de seriedade que assumiu ao contar o episódio referia-se, sem dúvida, a esse significado inconsciente. (Freud, 1909/1980, p.61)

Esta referência à causa imediata realizada por Freud nos remete à noção de causalidade auxiliar. Segundo Dunker, a distinção entre causa específica e causa auxiliar desdobra-se “na distinção entre fator quantitativo e fator qualitativo. Assim a

existência de diversos quadros de neurose de angústia, desencadeada após um evento gerador de terror, torna-se compreensível.” (Dunker, 2002, p.196)

A queda do cavalo presenciada por Hans foi a causa imediata (fator qualitativo) deste desencadeamento, o que marca uma distinção em relação ao fator quantitativo (causa específica) sublinhado em tópicos anteriores. Hans asseverara que sua ‘*bobagem*’ teria iniciado quando vira a tal cena do cavalo caindo. Ao ser indagado pelo pai sobre o medo inicial de que o cavalo mordesse, ele lhe respondeu de maneira enfática que tinha medo que o cavalo caísse ou mordesse (Freud, 1909/1980, p.59). Freud afirmou, então, que Hans tinha razão, seu medo “consistia no fato de que o cavalo (seu pai) o morderia por causa de seu desejo de que ele (seu pai) caísse.” (Freud, 1909/1980, p.59) Diríamos, assim, que o evento relatado pelo pequeno o remetera ao ódio em relação ao pai, ao amor pela mãe, à perda da exclusividade ocorrida com a chegada de sua irmã, ou seja, colocara-o diante das questões edípicas, do complexo de castração.

Se aqui introduzimos mais esta especificidade causal (imediata ou auxiliar) também podemos marcar que as questões relacionadas ao desejo pela mãe, à rivalidade e à identificação com o pai poderiam ser realocadas como razões para a fobia do pequeno Hans, seguindo a coerência de nossas proposições.

Todavia, Freud propôs que deixássemos em separado o começo da ansiedade (angústia) de Hans e o início de sua fobia. “O distúrbio teve início com pensamentos ao mesmo tempo apreensivos e ternos, seguindo-se então um sonho de ansiedade cujo conteúdo era a perda de sua mãe” (Freud, 1909/1980, p.35). Não haveria, neste primeiro momento, fobia alguma. Tanto a aversão à rua, quanto o medo de cavalo surgiria depois. A passagem para o recalque, Freud asseverou, quiçá tenha ocorrido pelo fato da intensidade das emoções do menino terem ultrapassado certas condições (fator quantitativo). Quanto aos seus passeios pelas ruas de Viena (que faziam com que ele se

distanciasse de casa para então obrigar a babá a retornar com ele), o psicanalista pontuou um significado primário de não querer ficar longe de sua mãe, não querer deixar de ‘mimar’ com ela. Também, em um destes passeios Hans encontrara o objeto para sua angústia: o cavalo. Freud indicou-nos inicialmente o interesse que o pequeno nutria em relação aos ‘pipis’ dos cavalos.

Ele nos apontou, outrossim, além da formação do sintoma fóbico de Hans, construções fantasmáticas operadas pelo menino. Certa manhã o pequeno acordou assustado e relatou ter sonhado com a mãe despida, de camisa, de modo que podia ver-lhe o ‘pipi’. Ele também lhe mostrava o seu. O psicanalista fora assertivo ao dizer que se tratou de uma fantasia masturbatória: “A partir de sua fantasia, podemos reunir duas coisas: em primeiro lugar, a reprimenda de sua mãe produziu nele um resultado intenso, no momento em que foi feita, e, em segundo, o esclarecimento de as mulheres não possuírem pipi não foi, a princípio, aceito por ele.” (Freud, 1909/1980, p.43)

Freud acrescentou a fantasia da girafa relatada pelo pai do menino e a articulou a um “tomar posse”: “De noite havia uma girafa grande no quarto, e uma outra, toda amarrotada; e a grande girou porque eu levei a amarrotada para longe dela. Ai, ela parou de gritar; então eu me sentei em cima da amarrotada.” (Freud, 1909/1980, p.47)

Houve, igualmente, a série que culminou na fantasia de preencher a banheira. Primeiro “eu estava no banho, e então veio o bombeiro e desparafusou a banheira. Depois ele pegou uma grande broca e bateu no meu estômago.” (Freud, 1909/1980, p.74) Em seguida, houve a fantasia do trem para Gmunden na qual ele pensara que estavam na estação e puseram as roupas, “mas não conseguimos acabar a tempo e o trem nos levou.” (Freud, 1909/1980, p.74) Em meio a associações de sua análise com o pai, que nesta altura já passara por Freud, o menino articulou estas duas fantasias à

última, seu medo de tomar banho na banheira grande, ser largado pela mãe e mergulhar com a cabeça, na banheira pequena ele cabia.

Retomemos.

Freud pontuara um primeiro tempo de angústia (referente à relação de Hans com a mãe) e um segundo tempo em que o menino construiu fantasias (inclusive em ‘análise’) e elegeu seu objeto fóbico (em um combinado de causa específica e causa imediata). Seguindo esta trilha, apenas destaques mais uma passagem freudiana que pode corroborar estes nossos apontamentos: ao tratar sobre o nojo sentido por Hans em relação às calcinhas preta e amarela da mãe, isso no momento em que ela não as usava (afinal quando a mãe estava vestida a roupa cobria as calcinhas), Freud versara propriamente sobre a castração. Hans sentira nojo da calcinha preta da mãe (*‘lumpf’*) e tivera vontade de cuspir (a calcinha amarela ele associou ao xixi, ele as via e tinha vontade de fazer xixi). O nojo, este sim, seria o sinal de que a castração fora operada. Segundo Freud escreveu: “Tratava-se de algo que já lhe havia proporcionado *um prazer enorme*, mas que agora, instalada a repressão, muito o envergonhava, provocando nele expressões de nojo.” (Freud, 1909/1980, p.66)

1.10) O Homem dos Lobos: uma neurose infantil?

Passemos, neste ponto, da “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”, texto de 1909, para a “História de uma neurose infantil”, publicada por Freud em 1918.

Logo nas primeiras linhas de sua construção do historial clínico do Homem dos Lobos, Freud nos informou que se tratava de um jovem que tivera a saúde abalada aos dezoito anos, após uma gonorréia infecciosa. Quando iniciara sua análise, encontrava-se incapacitado e dependente. O psicanalista apontou, também, que o rapaz “tivera uma vida mais ou menos normal durante os dez anos que precederam a data de sua doença”

(Freud, 1918/1980, p. 19). Apesar deste período de “normalidade”, Freud frisou que a infância daquele fora dominada: “por um grave distúrbio neurótico, que começou imediatamente antes do seu quarto aniversário, uma histeria de angústia (na forma de uma fobia animal), que se transformou então numa neurose obsessiva de conteúdo religioso e perdurou, com suas manifestações, até os dez anos.” (Freud, 1918/1980, p. 20)

Freud indicou que apenas a neurose infantil do Homem dos Lobos seria objeto de sua análise, pois reconheceu a impraticabilidade da transmissão completa da história da enfermidade deste paciente. Freud construiu, portanto, uma história de neurose infantil a partir do atendimento de um jovem rapaz que desencadeara um quadro específico após contrair uma doença oriunda do campo da sexualidade. Ele pontuou, outrossim, que, por conta de sua opção, não conseguiu transmitir a seus interlocutores qual seria a ligação entre os desencadeamentos da infância e da idade adulta deste paciente. Supomos, entretanto, que os eventos surgidos nos dois tempos desta história clínica não estavam desvinculados e também não eram estanques, mesmo porque, o recorte efetuado por Freud na fala de um adulto foi tributário do fato dele ter encontrado nas palavras do rapaz a narrativa daquilo que então fora edificado sobre sua infância.

Assim, se por um lado Freud não demonstrou a relação entre “sua doença na infância e a sua doença posterior e permanente” (Freud, 1918/1980, p.20), por outro podemos permanecer com a hipótese segundo a qual o evento traumático ocorrido na idade adulta do Homem dos Lobos, que causara seu desencadeamento tardio, também o remetera, em análise, a diversas construções relacionadas ao trauma infantil. Acompanhemos, então, o caso escrito por Freud sob o foco de nosso problema.

Durante seus primeiros anos o Homem dos Lobos teria sido uma criança muito tranqüila. Ele costumava ser cuidado por uma babá, “Nanya”, uma senhora de origem

camponesa, que o tinha como uma espécie de filho substituto. Aos três anos e meio, entretanto, operou-se uma brusca mudança em seu caráter. Com o intuito de explicar tal transformação Freud contou que os pais de seu paciente, habitualmente, ficavam algumas semanas fora nas férias de verão, certa vez, todavia, ao regressarem eles “encontraram-no transformado. Tornara-se inquieto, irritável e violento. Ofendia-se por qualquer coisa e depois tomava-se de raiva e berrava como um selvagem.” (Freud, 1918/1980, p. 29)

Especificamente nestas férias, os pais deixaram-no com uma governanta inglesa que discutira muitas vezes com sua já conhecida babá. Freud indicou, então, que o menino, diante de tais brigas, tomava partido de sua amada babá e mostrava rancor em relação à inglesa. Além desta primeira lembrança, outras se sucederam associadas à análise do desencadeamento deste primeiro “quadro neurótico”. Ele se lembrou de um livro que apresentava a figura de um lobo de pé, dando grandes passadas. O pequeno tinha medo que esse lobo viesse e o comesse. Sua irmã, deleitando-se com seu horror, fazia com que o mesmo se deparasse com tal figura sempre que podia. O paciente relatou, também, que sentira muito medo de diversos animais, grandes e pequenos e que, em outros momentos, desenvolvera uma atitude extremamente cruel em relação aos mesmos. Gostava de bater em cavalos, atormentar besouros, cortar lagartas etc.

Algumas cenas que faziam referência ao sexual foram trazidas pelo paciente. No entanto, este frisava que quando estivera diante de tais episódios não sentira angústia. Descreveu, por exemplo, cenas de sedução com a participação ativa de sua irmã, isso quando tinha três anos e três meses. Também viu meninas urinando e concluiu que se tratava dos traseiros frontais das mesmas. Lembrou da explicação feita pela governanta acerca de confeitos que ganhou, esta lhe dissera que eram pedaços de cobra cortados. Outrossim, relatou que o pai, certa feita, cortara uma cobra em pedaços com uma vara.

Sabia os diferentes nomes dados aos cavalos conforme estes eram ou não privados do órgão sexual. Deparou-se com questões sexuais surgidas dos contos de fadas que ouvira à época, tais como “Chapeuzinho Vermelho” e “Os Sete Cabritinhos” etc.

Freud pontuou, então, que a referida ausência de angústia apontava para uma negação por parte do paciente da diferenciação entre os sexos: “Assim, ocupava-se com pensamentos sobre a castração, mas ainda não acreditava nela, nem a temia.” (Freud, 1918/1980, p. 40) Na seqüência de suas associações o paciente recordou, enfim, uma cena em que via o chapéu de sua governanta sendo levantado pelo vento. O psicanalista a considerou uma lembrança encobridora e comunicou sua hipótese ao paciente. Salientando essa passagem Ana Laura Prates escreveu que a pontuação feita por Freud provocou a emergência de sonhos em que o Homem dos Lobos realizava “atos agressivos em relação à irmã e à governanta, recebendo castigos como consequência.” (Prates, 2006, p.246)

Após o aparecimento de tal lembrança encobridora, Freud pode dividir em dois tempos o período da infância do Homem dos Lobos. O psicanalista construiu, assim, suas considerações acerca da emergência da primeira fase em que surgiram os comportamentos cruéis e a marcada perversidade no menino. Segundo Freud, esse primeiro momento estendeu-se da sedução, aos três anos e três meses, até seu quarto aniversário. O psicanalista nos indicou, por esta via, que a sedução a que o menino submetera-se provocou nele excitação sexual. Ele começou a se masturbar inclusive na presença da babá que, por sua vez, repreendera-o com severidade:

Uma das informações do paciente tornará mais fácil para nós compreender a alteração do seu caráter, a qual apareceu durante a ausência dos pais como uma consequência um tanto indireta de sua sedução. Ele disse que abandonou a masturbação pouco depois da recusa e ameaça da sua Nanya. *Sua vida sexual, portanto, que estava começando a surgir sob a influência da zona genital, cedeu ante um obstáculo externo e foi, por influência deste, lançada de volta a uma fase anterior de organização pré-genital.* Como resultado da supressão da masturbação, a vida sexual do menino assumiu um

caráter anal-sádico. Tornou-se um menino irritável, um atormentador, e gratificava-se dessa forma às custas de animais e seres humanos. O principal objeto era sua amada Nanya, e ele sabia como atormentá-la até que ela rompesse em lágrimas. Desse modo vingava-se nela pela recusa que encontrara e, ao mesmo tempo, gratificava a sua lascívia sexual na forma que correspondia à sua presente fase regressiva. (Freud, 1918/1980, p. 40 – 41)

Parece-nos relevante marcar que o que ficou conhecido como este primeiro ‘quadro neurótico’ referiu-se a uma mudança de caráter. Freud estaria, portanto, tratando do desencadeamento não de sintomas propriamente ditos, mas de alterações no caráter do menino. Neste sentido, Dunker (2002) nos apontou que as transformações de caráter apareceram, na obra freudiana, de forma distinta do desencadeamento de sintomas, pois na formação do caráter, apesar de haver regressão, não ocorreriam nem o fracasso do recalçamento, nem o retorno do recalçado.

Retomemos os escritos freudianos, seguindo o curso deste primeiro período da infância do Homem dos Lobos, podemos afirmar que a castração não operara:

É fato da maior importância que algumas fantasias contemporâneas de natureza bem diferente tenham brotado também da memória do paciente. O conteúdo dessas fantasias era o de meninos sendo castigados e surrados e, especialmente, levando pancadas no pênis. E, de outras fantasias, que representavam o herdeiro do trono sendo encerrado num quarto estreito e surrado... (Freud, 1918/1980, p. 40 – 41).

Freud insistiu que o sentimento de culpa relacionado à masturbação e procedente dessas fantasias estava envolvido no processo de transformação do caráter de seu paciente neste primeiro tempo de sua infância. A culpa aparecera satisfeita por uma inversão ao oposto (atitude ativa para passiva) apontada pela interpretação freudiana. Após ter sido rejeitado pela babá o paciente realizara um deslocamento relativo a seu objeto sexual, qual seja, da babá para o pai. Ele renovava, de tal modo, sua mais primitiva escolha objetal: “Já sabemos que o pai fora o seu modelo admirado, e que, quando lhe perguntavam o que queria ser, costumava responder: um cavalheiro como o papai.” (Freud, 1918/1980, p.42 – 43)

A mudança de caráter do Homem dos Lobos, neste primeiro tempo de sua neurose, teria sido, enfim, subsequente a um evento: a ameaça que sofrera de sua amada Nanya. Após este episódio, o menino ressignificou suas experiências relacionadas à castração que apareceram na sua anteriormente citada série associativa, incluindo, então, a lembrança do pai cortando uma cobra em pedaços. Segundo Freud, como aos três anos e meio seu paciente ainda era indiferente em relação a sua organização genital, diante da ameaça de castração, ele sucumbiu e regrediu à fase imediatamente precedente de organização pré-genital, a sádico-anal. Poderíamos situar este percurso, que envolveu certa vicissitude pulsional, no âmbito da explicação formativa de um quadro ‘sintomático’ e, assim, verificarmos que a trilha identificatória caminhou lado a lado com as escolhas de objeto e com as mudanças dos destinos da pulsão.

Os mecanismos relacionados a tal processo diziam respeito à mudança da identificação para a escolha de objeto e da atitude ativa para a passiva, esta última consequência e registro da sedução que ocorrera. Freud bem precisou, nesta passagem, que o motivo (e então localizamos o ganho) de tais mudanças, em relação ao pai, era masoquista:

Esse objeto de identificação da sua corrente ativa tornou-se o objeto sexual de uma corrente passiva na sua fase sádico-anal. Era como se sua sedução pela irmã o houvesse forçado a um papel passivo, dando-lhe um objetivo sexual passivo. Sob a persistente influência dessa experiência, seguiu um caminho da irmã, via babá, para o pai [...] a identificação foi substituída pela escolha objetal; ao passo que a transformação da atitude ativa em passiva era a consequência e o registro da sedução que então ocorrera [...] em relação ao pai, o propósito era masoquista. Levando avante sua rebeldia, estava tentando forçar castigos e espancamentos por parte do pai, e dessa forma obter dele a satisfação sexual masoquista que desejava. Os seus ataques e gritos eram, portanto, simples tentativas de sedução. Ademais, de acordo com os motivos subjacentes ao masoquismo, esse espancamento satisfaria também o seu sentimento de culpa. (Freud, 1918/1980, p.42 – 43)

A acima referida segunda fase da infância do Homem dos Lobos fora, segundo Freud, a mais longa e caracterizara-se por sinais de neurose. O evento que delimitou a

passagem do primeiro para o segundo tempo de sua infância teria sido, justamente, o sonho que tivera aos quatro anos e que relatara como sendo o de sete lobos brancos sentados quietos, sem fazer movimentos, na nogueira em frente à janela de seu quarto. Ele então sentiu um grande terror de ser comido pelos lobos. Tal sonho desencadeou sua neurose de angústia, caracterizada pela fobia de lobos. O que estivera em causa neste sonho?

Durante a interpretação do sonho, Freud postulou que os lobos representavam o pai de seu paciente, o terror, portanto, o medo que o sonhador tinha de seu pai. Até aqui estaríamos nos âmbitos da causa específica (fator quantitativo) e de explicações pela via da razão. Aos quatro anos o menino já distinguia o passivo (feminino) e o ativo (masculino) e, segundo Freud, associou sua passividade ao feminino. O seu objetivo sexual passivo que surgiu como um desejo de ser copulado pelo pai esteve, enfim, presente no sonho de ansiedade e fora justamente, através da elaboração do mesmo sonho, reprimido:

O desejo de nascer do pai (como ele acreditara, no início, que fosse o caso), o desejo de ser sexualmente satisfeito pelo pai, o desejo de presentear-lo com uma criança – e tudo isso ao preço da sua própria masculinidade, expresso na linguagem do erotismo anal -, esses desejos completam o círculo da sua fixação no pai. Neles o homossexualismo encontrou a sua mais nova e íntima expressão. (Freud, 1918/1980, p. 127)

Como sabemos, seguindo a cadeia associativa do rapaz chegou-se, em análise, à cena de um coito a tergo entre os pais do Homem dos Lobos, que teria sido presenciada por ele quando tinha um ano e meio (Freud levantara também uma hipótese segundo a qual o menino teria presenciado o ato sexual entre animais e então transferido a cena para os pais). Todavia, tal cena recebera o estatuto de trauma. Dizemos, portanto, que a interpretação do sonho dos lobos trouxe a cena primária (trauma) como conteúdo latente. Por retroação, significou o sexual traumático.

Conforme escreveu Freud, o poderoso homossexualismo de seu paciente, por razões narcísicas, foi reprimido e então incrivelmente substituído por sintomas fóbicos. A fobia do Homem dos Lobos fora causada pelo trauma e relacionou-se à crise narcísica decorrente de impulsos sexuais conflitantes com seu eu. O psicanalista pontuara, enfim, que tanto a homossexualidade quanto o masoquismo dominante do Homem dos Lobos feriam o eu do menino. Sublinhemos neste ponto que, nesta construção clínica, Freud trouxe um importante conceito psicanalítico, com o qual já trabalhava na época, para tentar dar conta da explicação sobre o desencadeamento. Interpretemos que o narcisismo, quando assume a forma de crise narcísica gerada por impulsos sexuais conflitantes com o eu do sujeito, fornece-nos uma boa razão para repressão.

Retomemos. Quando o Homem dos Lobos estava com quatro anos e meio seus sintomas de angústia desapareceram e deram lugar àquilo que Freud denominou “neurose obsessiva”. Os sintomas obsessivos do Homem dos Lobos desencadearam-se após uma iniciação religiosa proposta por sua mãe. Esta procurou familiarizar o menino com a história da Bíblia. Desde então até seus dez anos ele realizou rituais religiosos diariamente e foi atormentado por pensamentos obsessivos cujo conteúdo relacionava-se, aparentemente, a certo aviltamento à figura divina.

Freud perguntou-se, neste sentido, como aqueles sintomas fóbicos, causados pelo encontro traumático e relacionado à crise narcísica, cederam lugar aos sintomas obsessivos. Eis sua resposta: Deus aparecia, para o Homem dos Lobos, como substituto de seu pai. A força motivadora teria sido a identificação do paciente com Cristo.

A principal força motivadora da influência que a religião exerceu sobre ele era a sua identificação com a figura de Cristo, que se estabeleceu com facilidade devido à coincidência da data de seu nascimento. Ao longo desse caminho, o extravagante amor que tinha pelo pai, que tornara necessária a repressão, encontrou, finalmente, sua forma de sublimação ideal. Como Cristo, podia amar seu pai, que agora se chamava Deus, com um fervor do qual procurara em vão libertar-se enquanto seu pai fora um mortal. O meio pelo qual podia testemunhar esse amor era estabelecido pela religião, sem ser

perseguido por aquela sensação de culpa da qual seus sentimentos individuais de amor não conseguiam libertar-se. Assim, era-lhe ainda possível esgotar a sua corrente sexual mais profunda, que já se precipitara na forma de homossexualismo inconsciente; e, ao mesmo tempo, sua impulsão masoquista, mais superficial, encontrou uma sublimação incomparável, sem muita renúncia, na história da Paixão de Cristo, que, por ordem do seu divino Pai e em sua honra, deixara-se maltratar e sacrificar... (Freud, 1918/1980, p.143)

Freud sublinhou, finalizando este historial clínico, que os sintomas obsessivos do Homem dos Lobos cederam assim que ele encontrou um novo substituto paterno, um preceptor alemão. Aos cinco anos, no entanto, ocorreu-lhe uma breve alucinação. Freud assim a descrevera acompanhando as palavras de seu paciente:

'Quando eu tinha cinco anos, estava brincando no jardim perto da babá, fazendo cortes com meu canivete na casca de uma das nogueiras que aparecem em meu sonho também. De repente, para meu inexprimível terror, notei ter cortado fora o dedo mínimo da mão, de modo que ele se achava dependurado, preso apenas pela pele. Não senti dor, mas um grande medo. Não me atrevi a dizer nada à babá, que se encontrava a apenas alguns passos de distância, mas deixei-me cair sobre o assento mais próximo e lá fiquei sentado, incapaz de dirigir outro olhar ao meu dedo. Por fim, me acalmei, olhei para ele e vi que estava inteiramente ileso.'(Freud, 1918/1980, p. 150)

Durante a puberdade ele inclinou-se para as mulheres, conservando-as como objetos sexuais. Muito embora considere este fato um passo dado por seu paciente na direção daquilo que denominara organização sexual genital 'normal', o próprio psicanalista disse que o rapaz não podia desfrutar da posse de seu objeto de escolha e fez referência às constantes queixas trazidas por ele ao longo do tratamento: ele "não suportava ter que se ocupar das mulheres." (Freud, 1918/1980, p.146)

Ainda que a apresentação deste caso tenha contemplado a assertiva segundo a qual não se trataria de uma análise da vida adulta deste paciente, o que teria impedido Freud de demonstrar as relações entre as duas ondas do desencadeamento, o psicanalista fez poucos e relevantes apontamentos no sentido de proporcionar ao leitor a execução de correlações entre os sintomas desencadeados na infância e na vida adulta do próprio

Homem dos Lobos. Nesta direção, parece-nos interessante marcar uma nota de rodapé em que Freud pontuou algo de um sintoma da vida adulta do Homem dos Lobos.

Escreveu que entre os sintomas mais torturantes deste período:

[...] estava sua relação com cada alfaiate a quem encomendasse um terno: sua deferência e timidez na presença desse alto funcionário, suas tentativas de obter um bom conceito junto ao alfaiate dando-lhe gorjetas extravagantes, e seu desespero diante dos resultados do trabalho, quaisquer que estes fossem. [A palavra alemã que corresponde a ‘alfaiate’ é ‘Schneider’, do verbo ‘schneiden’ (‘cortar’) [...]. (Freud, 1918/1980, p. 110)

Freud recordou, igualmente, que dentre as associações de seu paciente acerca do sonho dos lobos surgiu uma sobre a história que lhe fora contada pelo avô, em que um alfaiate aparecia cortando o rabo de um lobo e este, de rabo cortado, pedia aos outros que subissem em cima dele. Tal associação, que trazia uma questão de posição entre os lobos, formou uma cadeia direta com a cena primária fantasiada por ele. Portanto, o Homem dos Lobos estava ali, já adulto, novamente às voltas com a questão da castração. Conforme acrescentou o psicanalista, a doença orgânica (gonorréia) que acometera o rapaz reavivou seu medo da castração. Freud deixou indicada, deste modo, a íntima relação entre os desencadeamentos da idade adulta e aqueles mais profundamente tratados em sua “História de uma Neurose Infantil”. Ele assinalou ainda que os encontros sempre evitados de seu paciente com a castração, a ferida narcísica aberta por seu masoquismo dominante e seu homossexualismo (que então tivera que ser reprimido), estiveram presentes na causação de seus diversos quadros denominados neuróticos. Já indicamos que a ferida narcísica tomaria parte na razão de um desencadeamento. Então, como delimitar o valor causal da castração?

Podemos concluir que, ao versar sobre o caso em questão, Freud mostrou-se bastante intrigado com o modo de relação de seu paciente com a castração. Até os quatro anos, o psicanalista fora enfático, a castração não havia ocorrido, o menino

permanecia fixado na fase sádico-anal. Houve o sonho dos lobos e o recalque teria se operacionalizado. Ele desencadeara sintomas fóbicos depois uma neurose obsessiva.

Sigamos um trecho freudiano em que notamos esta importante hesitação:

Já tomamos conhecimento da atitude que o nosso paciente adotou, de início, em relação ao problema da castração. Rejeitava a castração e apegava-se à sua teoria de relação sexual pelo ânus (...) Tal atitude, no entanto, pode não ter sido a sua atitude final, mesmo na época da sua neurose infantil. Encontramos uma subsequente evidência nítida de que tenha reconhecido a castração como um fato. Em relação a isso, uma vez mais, ele comportou-se da maneira que era tão característica dele, mas que torna difícil dar uma imagem clara dos seus processos mentais ou perceber o acesso a eles. Primeiro, resistiu e, depois, capitulou; mas a segunda reação não *anulou* a primeira. (Freud, 1918/1980, p. 151)

Freud utilizara o termo *Verwerfung* para referir a relação do Homem dos Lobos com a castração. Alguns “sintomas” foram desencadeados quando o paciente estivera às voltas com esta questão. Poderíamos pensar que a angústia de castração e a sua recusa ocuparam lugares causais em seus diversos desencadeamentos, desde a alucinação até as formações sintomáticas. O estado que chegara à análise (após uma gonorréia) e o relato do alfaiate corroboram nossa posição. Assim, notamos que, muito embora o psicanalista tenha encontrado a evidência da ocorrência de uma castração de fato, ao seguirmos seu escrito, deparamo-nos com sua hipótese segundo a qual encontraríamos em seu paciente duas correntes que caminhavam lado a lado, a saber: recusa e aceitação (conformação com a feminilidade) da castração. Haveria, além disso, outra corrente, mais primitiva, anterior à colocação em questão da castração que também poderia incidir sobre ele.

O caso Homem dos Lobos evidentemente traz consigo algo enigmático para nosso problema do desencadeamento. Por exemplo, quanto à questão diagnóstica podemos recordar que Freud descrevera sua crise narcísica e a posição feminina em que ele se fixara (temas que circundam o caso Schreber). Freud observara ainda que seus

sintomas cessavam (ou eram substituídos por outros) quando o paciente encontrava um substituto paterno. Todavia, o psicanalista asseverou que de forma alguma se tratou de uma psicose. O Homem dos Lobos recebera este diagnóstico quando atendido por sua segunda analista Ruth Mack Brunswick. Guardemos isso por enquanto.

Se retomarmos nossas séries complementares poderíamos pensar em um diálogo entre a angústia de castração (causa) relativa ao trauma e a castração propriamente dita (efeito) tomando parte na resposta fantasmática do sujeito. De um lado de nosso pêndulo teríamos, então, a fantasia (enquanto resposta) e de outro, para que possa ocorrer um desencadeamento, procuraríamos a frustração. Assim, citemos novamente Freud em uma revisão que fizera de seus construtos conceituais, por conta do que descobrira através do caso em questão. A frustração no Homem dos Lobos teria sido narcísica:

[...] A causa que precipitou a neurose não se enquadrava em nenhum dos tipos que consegui descrever como casos especiais de ‘frustração’ [Tipos de Desencadeamento da Neurose – (1912c)], e, desse modo, chama a atenção para uma lacuna naquela classificação. Ele sucumbiu depois que uma afecção orgânica dos genitais havia reavivado o medo da castração, destruído seu narcisismo, e o compelira a abandonar a esperança de ser pessoalmente favorecido pelo destino. Adoeceu, portanto, em consequência de uma ‘frustração’ *narcísica*. (Freud, 1918/1980, p.147)

Eis uma interessante colocação do psicanalista, considerando que ele escreveu em 1912 um trabalho de fôlego acerca das causas relativas ao desencadeamento de uma neurose. Parece-nos, nesta direção, pertinente comentar algumas linhas do texto freudiano. Dunker (2002), referindo-se então ao “Tipos de desencadeamento da neurose”, destacou as quatro possibilidades de desencadeamento inicialmente elencadas por Freud. Seriam elas: A) frustração (*Versagung*), em que se opera a introversão da libido e a regressão da mesma até um ponto de fixação e aparece por conta da “indisponibilidade do objeto real no mundo externo”; B) mudança no mundo interno,

como uma “impossibilidade de trocar um tipo de satisfação por outro ou dificuldade em modificar-se para atender as novas exigências da realidade”; C) inibição no desenvolvimento, relativo a uma “redução de formas específicas de gozo” e D) excesso de libido “que ultrapassa a capacidade de tramitação psíquica”. O autor nos apontou, também, que as duas primeiras formas de desencadeamento estariam relacionadas às formações de ideal – “caí-se enfermo tanto quando se põe de lado um ideal (primeiro caso) como quando se procura atingi-lo (segundo caso).” (Dunker, 2002, p. 116-117)

Neste texto de 1912, Freud procurou tratar os fatores que causariam a eclosão de conjuntos de sintomas frisando que as mudanças que ocorreriam para que isso se desse deveriam ser referentes, exclusivamente, à libido do sujeito. Nota-se que isso se reitera na frustração da satisfação pela indisponibilidade do objeto, na impossibilidade de trocar uma satisfação por outra (fixação), no montante excedente de libido ou na inibição (que opera uma redução do montante libidinal). O psicanalista apontou, inicialmente, a frustração como a causa precipitante mais óbvia, todavia, afirmou mais adiante que este termo, enquanto causa, seria insuficiente se não se levasse em consideração o fator quantitativo como fator primário. Entrementes, neste caso clínico do Homem dos Lobos, Freud apontara uma forma inédita de frustração que seria narcísica.

Ao construir sua hipótese de uma frustração narcísica, Freud mostrara que o evento desencadeante, a saber, uma afecção orgânica dos genitais, reavivou o medo da castração do rapaz, destruiu seu narcisismo e fez com que ele pusesse de lado seus ideais (ao abandonar suas esperanças de ser alguém favorecido pelo destino). A destruição do narcisismo, a situamos como a razão deste desencadeamento que o levou a Freud, e o abandono dos ideais, o articulamos à própria frustração. A designação

“frustração narcísica” proposta por Freud procura incluir as razões no campo das causas.

Diríamos que sua doença orgânica funcionou como causa ocasional. Todavia, arriscaríamos a dizer que tal afecção também serviu como causa imediata neste caso, já que o paciente de Freud parece ter associado a imagem de seu pênis afetado a uma perda real. A angústia (de castração) teria surgido justamente no instante em que uma perda real sobrepôs-se a uma perda imaginária. Retiraríamos, desta forma, a angústia da posição de efeito para a realocarmos em seu lugar de causa (real). Guardemos isso por enquanto.

Pois bem, com o intuito de recuperarmos aquilo que desenhamos acerca das noções freudianas de causalidade, procuremos relacionar os “Tipos de desencadeamento”, de Freud, às suas “Observações gerais”, de 1909, e às séries complementares da Conferência XXIII, de 1917. Lembremo-nos que, no primeiro texto, ele enumerou quatro possibilidades para o desencadeamento da neurose, tratando a frustração como causa óbvia, muito embora condicionada ao fator quantitativo, no segundo, propôs leis para o desencadeamento e no terceiro ele estabeleceu que a causação de um sintoma deve-se à presença de fatores diversos agindo com pesos e valores diferentes em cada momento da vida de cada sujeito singular.

Os dois primeiros itens do artigo de 1909, propriamente pertinentes à causa, foram assim designados: (A) abalo na fantasia e (B) fator quantitativo (causa específica). Ele colocou a fantasia (que também tem sua causa) como fator de causação em relação aos sintomas. Fazendo menção aos estudos autobiográficos de Freud, desdobramos a determinação orgânica (pertinente ao item B) e chegamos a versar sobre

a pulsão¹⁵. Localizamos então esta última, enquanto representante da representação, em posição de causa real.

Na conferência XXIII, de 1917, notamos alguns balanços: a fantasia, enquanto fixação da libido, adviria de uma série complementar formada pelos fatores constitucionais (hereditários) das pulsões parciais e pelo trauma sexual infantil. Outra série seria formada pela fantasia de um lado e pela experiência casual do adulto (frustração) de outro. Tanto as experiências infantis (trauma) quanto aquelas dos adultos (frustração), no que ambas têm de traumáticas, parecem depender da inclusão da causa específica (excesso de libido) para fazer eclodir um desencadeamento. Pudemos referir ao trauma nesta mesma designação de causa real.

Ainda em nossa recuperação da noção de causalidade em Freud, recordemos, igualmente, a localização da experiência traumática do adulto (momento traumático real) enquanto causa eficiente para outros desencadeamentos, da causa ocasional dos fatores orgânicos (o reumatismo de Elizabeth), da causa imediata citada no caso Hans e, finalmente, o determinismo inconsciente expresso nos encadeamentos entre termos que adquirem valor simbólico (que pudemos sistematizar nos casos Dora e Homem dos Ratos).

Destacamos também, os motivos (fuga para a doença relativa ao ganho primário) e as razões (ganho secundário que envolve os movimentos do desejo) em sua finalidade (causa final). Outro aspecto sublinhado por Freud, que é importante para o desencadeamento, refere-se aos mecanismos envolvidos na formação dos sintomas, o que, como vimos, conta com a participação do percurso identificatório e dos destinos das pulsões.

¹⁵ Verificamos, assim, que desde o item (B) 'organicamente' das observações gerais freudianas nos foi possível abrir dois vetores. O primeiro seguiria ainda à economia psíquica e estaria calcado em seus modelos energéticos e o segundo teria um apelo filogenético, incursionar-se-ia pelas explicações hereditárias, mas, ao mesmo tempo, dar-nos-ia a possibilidade de investigar o terreno das pulsões.

Verificamos, deste modo, que a teoria da causalidade freudiana não é pouco complexa e implica um conjunto de fatores em ação (muito embora em relação hierárquica uns com os outros). Nesta trilha pontuamos que Freud havia destacado, no texto de 1912, que na grande maioria das vezes a neurose, enquanto um montante de sintomas, apareceria em ondas sucessivas e que não seria possível atribuir uma única causa desencadeante a um só sujeito, ou seja, estas categorias não seriam ajustáveis a um sujeito singular quando de suas manifestações neuróticas.

Se passar em revista o conjunto de pacientes em cuja análise acho-me presentemente empenhado, tenho de registrar que nem um só deles constitui exemplo puro de qualquer dos quatro tipos de desencadeamento. Em cada um, antes, encontro uma parte de frustração operando lado a lado com uma parte de incapacidade de adaptar-se às exigências da realidade; a inibição do desenvolvimento, que coincide, naturalmente, com a inflexibilidade das fixações, tem de ser levada em conta em todos eles e, como já disse, a importância da quantidade de libido nunca deve ser desprezada. (Freud, 1912/1980, p. 298).

1.11) O desencadeamento na psicose.

1.11.a) Schreber.

Em relação à problemática aqui em pauta, lembremos que outro caso extensamente discutido por Freud fora aquele do presidente Schreber. Ao adentrarmos por esta construção clínica somos convidados a versar não mais sobre o desencadeamento neurótico, mas sim sobre os sintomas psicóticos.

Pois bem, Freud iniciou sua história clínica utilizando as palavras do próprio Schreber em seu relato autobiográfico:

'Duas vezes sofri de distúrbios nervosos', escreve o Dr. Schreber. 'e ambas resultaram de excessiva tensão mental. Isso se deveu, na primeira ocasião, à minha apresentação como candidato à eleição para o *Reichstag*, enquanto era *Landgerichtsdirektor* [juiz que preside um tribunal inferior] em Chemnitz, e, na segunda, ao fardo muito pesado de trabalho que me caiu sobre os ombros quando assumi meus novos deveres como *Senatspräsident* no *Oberlandesgericht* em Dresden'. (Freud, 1911/1980, p.27)

A primeira dessas crises designou-se como uma grave hipocondria e ocorreu entre 1884 e 1885, quando Schreber tinha 42 anos de idade. Ele então ficou internado na clínica Flechsig. A segunda manifestou-se no final de outubro de 1893 e o obrigou a retornar àquela clínica. Neste segundo momento a paranóia do presidente evidenciou-se.

Em junho de 1893, Schreber fora informado de sua possível indicação para o cargo de presidente do Senado. A partir desta data, até assumir a posição, Schreber tivera sonhos que apontavam para o retorno de seu antigo distúrbio e, além disso, certa manhã, quando encontrava-se entre o sono e a vigília, deparara-se com a seguinte idéia: deveria ser bom ser mulher e submeter-se à cópula. Tal fantasia, notou Freud, teria sido rechaçada se pensada sob o domínio da consciência. Em primeiro de outubro Schreber assumiu o cargo e no final do mesmo mês retornou à clínica.

Como apontado, as idéias de perseguição surgiram neste segundo tempo da doença de Schreber. Ele acreditava estar sendo perseguido por algumas pessoas, dentre elas pelo próprio Dr. Flechsig, a quem chamava de “assassino da alma” e que, à época deste desencadeamento, já não era mais seu médico. Freud elencou, então, uma série de sintomas que, em Schreber, surgiram até a estruturação final de seu delírio paranóico. Além daqueles perseguidores, Schreber esteve às voltas com ilusões visuais e auditivas, com queixas referentes a um amolecimento cerebral, com a crença de que estava morto e em decomposição e com outros “horrores”, tudo, afirmava ele, em nome de algo sagrado.

O que fora designado como o ponto culminante do sistema delirante de Schreber referia-se ao chamamento divino que Schreber teria sofrido exclusivamente, já que a experiência que ele relatara não poderia estar ao alcance da fala humana e teria sido revelada somente a ele. Segundo o presidente, ele fora convocado por Deus para restituir à humanidade a beatitude perdida, bem como para redimir o mundo. Parte

essencial desta missão redentora foi sua necessária transformação em mulher e, notemos, isso apareceu no delírio de Schreber não como algo do campo do desejo, mas sim como um dever relativo à ordem das coisas. Nervos femininos estariam sendo passados para seu corpo, em um processo que duraria muitos anos. A partir da introdução destes nervos femininos, Schreber poderia ser fecundado por Deus e, então, daria origem a uma nova raça de homens. Apenas quando transformado em mulher poderia morrer, juntamente com o resto da humanidade que teria, enfim, alcançado a beatitude.

Mesmo constatando que não poderia alcançar as causas da primeira enfermidade de Schreber, à qual configurou como algo que permaneceu dentro dos limites de uma neurose, e afirmando que esse conhecimento seria de fundamental importância para o devido entendimento do segundo desencadeamento que acometeu o presidente, Freud formulou a hipótese segundo a qual a “causa ativadora” da psicose paranóica de Schreber teria sido o conflito produzido pela irrupção de sua libido homossexual: “o objeto desta libido foi, provavelmente, desde o início, o médico, Flechsig, e sua luta contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas.” (Freud, 1911/1980, p.62)

Freud defendia a idéia de que todos os seres humanos oscilavam entre sentimentos hetero e homossexuais ao longo da vida e que uma frustração em uma das direções poderia impulsionar o sujeito desapontado para a outra. Neste sentido fez uma consideração acerca da idade de Schreber à época de seu segundo desencadeamento. Contava com 51 anos de idade e, segundo Freud, poderia estar sofrendo um processo de involução de sua atividade sexual, isso, enfim, por fatores somáticos.

O psicanalista supunha, desta forma, a ocorrência de alguma frustração antecedendo o afloramento da vertente homossexual de Schreber, a partir da qual

decorria um conflito (causa ativadora ou precipitante¹⁶). A frustração teria um lugar causal em relação ao conflito. Indaguemos: tratar-se-ia de uma frustração narcísica? E então a essa frustração seguiu-se uma causa ativadora ou precipitante a qual poderíamos relacionar, neste caso, à causa específica referente ao fator quantitativo.

Construindo seu argumento nesta direção, Freud somou ao rápido apontamento relativo ao fator orgânico (involução da atividade sexual) o que chamou de uma privação na vida real de Schreber, qual seja, seu feliz casamento não lhe dera filhos, principalmente um filho homem, o que, segundo Freud: “poderia tê-lo consolado da perda do pai e do irmão e sobre quem poderia ter drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas.” (Freud, 1911/1980, p.78) Esta frustração imposta pela inacessibilidade de um objeto real esteve atrelada à corrente homossexual do presidente, a sua fixação em uma posição feminina.

Freud frisou, então, a presença de um complexo paterno neste caso. Afirmou que a relação que o presidente passou a ter com Deus era o protótipo da relação que um menino teria com seu pai. Uma relação que propiciava a composição de submissão com insubordinação. Desta feita, a frustração, fruto da experiência do adulto, remeteu a explicação freudiana às experiências infantis de Schreber. Não deveria passar despercebido, outrossim, o fato do pai de Schreber ter sido um renomado médico. Para alguém que perdera o pai tão cedo como Schreber não seria tarefa impossível a transformação daquele em Deus. Freud estendera, deste modo, a cadeia antes composta por Flechsig e Deus, que, segundo o psicanalista, eram termos pertencentes à mesma classe:

¹⁶ Note-se que a causa ativadora pode ser desdobrada em causa ativadora imediata, relacionada a uma determinada figuração imaginária (em seu aspecto qualitativo), e causa ativadora específica (aspecto quantitativo). Lembremos que a causa imediata remeteu-nos anteriormente à idéia de causa auxiliar. Neste sentido podemos pensar que a frustração, enquanto causa óbvia, faz acompanhar-se necessariamente dos aspectos quantitativos na causação de um desencadeamento. Aspectos qualitativos eventualmente podem somar-se a estes (como no caso da eleição de um objeto fóbico).

Se o perseguidor Flechsig fora originalmente uma pessoa a quem Schreber amara, então também Deus deveria ser simplesmente o reaparecimento de alguém mais que ele amara, e, provavelmente, alguém de maior importância [...] seremos levados a conclusão de que essa pessoa deve ter sido seu pai; isso torna ainda mais claro que Flechsig deve ter representado o irmão, que, esperamos, pode ter sido mais velho que ele próprio. A fantasia feminina, que despertou uma oposição tão violenta no paciente, tinha assim suas raízes num anseio, intensificado até um tom erótico, pelo pai e pelo irmão. (Freud, 1911/1980, p. 70)

Freud afirmou, portanto, que a origem da fantasia de desejo homossexual de Schreber repousou sobre o referido Complexo Paterno. Ele então passou a investigar as conseqüências de tal irrupção homossexual. Durante o intervalo temporal que antecedeu o distúrbio psicótico de Schreber, ao qual Freud nomeou período de incubação (de junho a outubro de 1893), o primeiro teve alguns sonhos e uma fantasia de desejo homossexual. A eclosão deste seu desejo homossexual teria sido excessiva, ultrapassando, sua capacidade de tramitação psíquica. Enfim, a psicose teria se desencadeado apenas quando sua fantasia feminina venceu todas as barreiras iniciais e assim apareceu com intensidade.

Todavia, através do delírio que estruturou, o presidente ofereceu um lugar à fantasia de desejo antes repudiada. Ele efetuou em seu delírio uma substituição do médico Flechsig (que formava uma rede com seu pai e irmão) por Deus e assim pôde estabilizar-se. Neste momento um salto de fundamentos poderia ser finalmente dado. Quanto à questão do desencadeamento podemos asseverar que a idéia de ser transformado em mulher constituiu a razão da estrutura delirante de Schreber. Com seu delírio ele passava do horror gerado por sua corrente homossexual abominada à certeza da “ordem das coisas”. Localizamos, assim, o ponto em que o conflito desapareceu e deu lugar à ausência de conflito:

Era impossível para Schreber resignar-se a representar o papel de uma devassa para com seu médico, mas a missão de fornecer ao Próprio Deus as sensações voluptuosas que Este exigia não provocava tal resistência por parte de seu ego. A emasculação, agora, não era mais uma calamidade; tornava-se ‘consoante com a Ordem das Coisas’, assumia seu lugar numa grande cadeia cósmica de eventos e servia de instrumento para a recriação da humanidade, após a extinção desta. ‘Uma nova raça de homens, nascida do espírito de Schreber’, assim pensava ele, reverenciaria como ancestral esse homem que se acreditava vítima de perseguição. (Freud, 1911/1980, p. 67).

Outrossim, através do estudo do material que tinha em mãos, Freud postulava uma relação bastante íntima entre paranóia e megalomania. Ele inicialmente pontuava que a efetuação da referida transformação do presidente teria a finalidade de abusos sexuais. Freud seguiu, assim, a assertiva que o delírio de perseguição sexual foi posteriormente transformado em delírio religioso de grandeza.

Quanto ao primeiro dos fenômenos psicóticos citados Freud afirmou que haveria uma fixação do sujeito no estágio do narcisismo. Assim, escreveu ele, na paranóia a libido seria utilizada de modo especial, após liberada, ela, a libido, ligar-se-ia ao ego em um retorno ao estágio do narcisismo, quando o objeto sexual do sujeito era o próprio ego. Note-se que Freud não tratou neste ponto de uma possível crise narcísica, como o fez com o Homem dos Lobos, ele, na tentativa de explicar-nos o processo formativo desta estrutura delirante, asseverou que se tratou de uma parada no desenvolvimento.

Nesta trilha, Freud havia apontado que o lugar de perseguidor, inicialmente ocupado pelo Dr. Flechsig, foi, mais tarde, assumido por Deus. Vimos que Flechsig tratara Schreber ao longo de sua primeira internação por conta da crise de hipocondria. À época, o presidente pareceu guardar grande gratidão por ele. Guiando-se por uma clara direção Freud deixou escrito que o perseguidor, pessoa temida e odiada, fora outrora amada e admirada: “A intensidade da emoção é projetada sob a forma de poder externo, enquanto sua qualidade é transformada no oposto.” (Freud, 1911/1980, p.60)

Freud supôs, então, que na paranóia ocorreria um desligamento da libido bastante característico. Haveria, inicialmente, a retirada da libido das pessoas e coisas em outro momento amadas. A este processo denominou repressão. Subseqüentemente ocorreria, enfim, o retorno do que fora reprimido:

Acontece silenciosamente; dele não recebemos informações, só podemos inferi-lo dos acontecimentos subseqüentes. O que se impõe tão ruidosamente à nossa atenção é o processo de restabelecimento, que desfaz o trabalho da repressão e traz de volta novamente a libido para as pessoas que ela havia abandonado. Na paranóia, este processo é efetuado pelo método da projeção. Foi incorreto dizer que a percepção suprimida internamente é projetada para o exterior; a verdade é, pelo contrário, como agora percebemos, que aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora. (Freud, 1911/1980, p. 95).

Ao descrever os mecanismos da paranóia, Freud teceu um importante comentário acerca do aspecto causal deste mesmo fenômeno. Ele afirmou que apenas saberíamos algo sobre a repressão ou sobre o desligamento da libido *a posteriori*. E mais, a interpretação freudiana formulou, com precisão, o que se teria revelado como causa do conflito de Schreber, a saber, o retorno desde fora do que foi abolido internamente, no caso, sua fantasia de desejo homossexual.

Retomando o caso sob a nossa perspectiva, poderíamos sublinhar um corte em sua construção. Inicialmente, pela via da explicação do conflito, localizaríamos os pontos já apresentados nas séries complementares, são eles: experiências infantis, fixação da fantasia, frustração enquanto experiência do adulto e fator quantitativo (causa ativadora/ específica). Freud parecia versar sobre a “neurose” de Schreber que então teria antecedido seu desencadeamento paranóico. Entrementes, quando tratou especificamente do delírio, no ponto em que o conflito desaparecera, a causa decantou-se e o que surgiu no lugar determinante fora, justamente, o “retorno desde fora”.

1.11.b) Um caso de paranóia e o estalido.

Dentro deste mesmo espectro estrutural da psicose, lembremos que em 1915 fora publicado “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença”, Freud relatou um caso de uma jovem que procurara um advogado para proteger-se das investidas de um homem: “Declarou que esse homem abusara de sua confiança, pois conseguira que testemunhas ocultas os fotografassem enquanto faziam amor; agora, com a exibição das fotografias, ele estava em condições de desonrá-la e forçá-la a pedir demissão do emprego.” (Freud, 1915/1980, p.297)

A jovem contou a Freud que, enquanto esteve em um prazeroso encontro amoroso com o tal homem que posteriormente transformou-se em seu perseguidor, ela ouvira um ruído, uma espécie de estalido vindo da escrivaninha. Ao perguntar assustada ao rapaz de que se tratava obteve a resposta que aquele era provavelmente um barulho proveniente de um pequeno relógio que ficava sobre a tal escrivaninha. Quando a jovem saiu do apartamento de seu amante, entretanto, deparou-se com dois homens que cochicharam algo quando a viram. Um deles carregava um pacote.

Ela ficou muito preocupada com esse encontro e, ao caminho de casa, já havia concatenado as seguintes idéias: a caixa poderia muito bem ter sido uma máquina fotográfica e o homem, um fotógrafo que ficara escondido por detrás da cortina enquanto ela se encontrava no quarto; o estalido fora o ruído do obturador; a fotografia fora tirada tão logo ele a viu numa posição particularmente comprometedor, que desejava registrar. A partir daquele momento nada pode diminuir sua suspeita em relação ao amante. Ela passou a perseguí-lo com recriminações e a atormentá-lo com pedidos de explicações e garantias. (Freud, 1911/1980, p. 299).

O título que Freud escolhera para a narrativa aponta para algo que poderia surgir da clínica e contrariar a teoria. Entrementes, ao que parece, ele fez uso deste nome com o intuito de tecer uma pequena provocação. O que Freud havia elaborado em termos teóricos até então dava conta do fato da paranóia ser determinada pelo retorno (desde fora) de poderosas inclinações homossexuais abolidas internamente. Inicialmente, o

caso revelava uma mulher defendendo-se contra um perseguidor do sexo oposto. Freud desenvolveu seu texto e acabou por confirmar suas suposições primeiras, já que ele pôde ver desvelar-se uma poderosa ligação emocional de sua paciente com a mãe. Ele explicou, finalmente, a paranóia de sua paciente da seguinte forma:

Sabemos que nossa paciente era órfã de pai havia muitos anos: também podemos supor que ela não deveria ter-se conservado afastada de homens até a idade de trinta anos, se não tivesse sido apoiada por uma poderosa ligação emocional com sua mãe. Esse apoio tornou-se um pesado jugo quando sua libido começou a se voltar para um homem em resposta a seus insistentes galanteios. Ela tentou libertar-se, desfazer-se de sua ligação homossexual; e sua disposição, que não precisa ser examinada aqui, permitiu que isso ocorresse sob a forma de um delírio paranóico. A mãe tornou-se assim a observadora e a perseguidora hostil e malévola [...] (Freud, 1911/1980, p.302).

A tese que Freud sustentava aparece, enfim, comprovada. A homossexualidade, desvelada na relação da jovem em questão com sua mãe, poderíamos acrescentar, que retornara desde fora foi tratada como a causa do desencadeamento do referido delírio paranóico. Concluamos, porém, com mais uma pergunta: o estalido, este “pouco ruído”, vindo de fora poderia ser situado em qual posição em relação às causas, seria ele uma referência à causa imediata em sua figuração imaginária?

1.12) A Jovem Homossexual: a constituição sexual e o ato suicida.

No caminho que estamos trilhando, podemos dar seqüência às discussões clínicas seguindo o caso da Jovem Homossexual. Parece-nos interessante localizar, neste ponto, este historial clínico, pois, de maneira diversa dos últimos três casos por nós apresentados, Freud não tratou a homossexualidade desta sua paciente como fator desencadeante de sintomas ou de delírios paranóicos. O que também logo nos indica uma questão: esta análise teria versado sobre o desencadeamento? Sigamos, então, o relato freudiano.

Freud, na construção deste caso “isolado” de homossexualismo feminino, diz que chamava a atenção o fato de ter encontrado “sua origem e desenvolvimento na mente com uma segurança completa ou quase sem lacunas.” (Freud, 1920/1980, p.185) Pois bem, esta jovem homossexual despertara preocupação em seus pais ao demonstrar verdadeira adoração por uma dama dez anos mais velha que ela própria. Por conta da devoção que devia a tal dama, a jovem não mais se interessava por funções sociais e se relacionava com poucas amigas que lhe serviam de confidentes:

Um dia ocorreu de fato, como mais cedo ou mais tarde seria inevitável nas circunstâncias, o pai encontrar a filha em companhia da senhora, acerca de quem chegara a conhecer. Passou por elas de olhar irado, prenunciando nada de bom. Subitamente, a jovem saiu correndo e arremeteu-se em direção a um muro, saltando-o para o lado de um corte que dava para a linha ferroviária suburbana ali perto. Pagou essa indiscutivelmente séria tentativa de suicídio com um tempo considerável deitada de costas na cama, embora, afortunadamente, fossem poucos os danos permanentes causados. (Freud, 1920/1980, p.186)

Seis meses após este evento seus pais procuraram Freud para que ele reconduzisse a moça ao estado “normal” da sexualidade.

Logo no início de seu texto, Freud nos fez um alerta escrevendo que o caso em questão não compunha um cenário ideal para o desenvolvimento de uma análise, pois a jovem não parecia propriamente envolvida com seu tratamento e lhe foi trazida pelos pais que, por sua vez, evidenciaram que almejavam a cura de sua filha. A moça não demonstrava sofrimento e não se queixava de sua situação. Esta ausência de uma questão pessoal fez com que a jovem ficasse em uma posição de espectadora durante o tratamento e inclusive, algumas vezes, pôde apreciar as descobertas trazidas por seu analista. Deste modo, ela acompanhava sua análise sem implicar-se no tratamento.

Chamava a atenção do psicanalista a aparente suspensão de suas resistências. Todavia, ele revelou mais tarde que este fenômeno era fruto de uma transferência

singular dela para com a figura masculina do analista¹⁷. Além disso, Freud bem nos apontou que o problema indicado pelos pais de sua paciente dizia respeito à organização genital daquela e não a um conflito neurótico. Não haveria, então, sintoma formado.

Conforme mencionamos, de acordo com Freud, a origem da questão homossexual da moça foi encontrada. Afinal, muito embora ela tenha afirmado que não conseguia conceber outra forma de relacionar-se amorosamente, acrescentou que auxiliaria seu analista em seu trabalho, por amor aos pais e por não suportar ser-lhes a causa de tanto pesar. De fato, aparentemente sem dificuldades a jovem pôde trazer associações suficientes ao desvendar das perguntas de Freud. Entretanto, as descobertas, interpretações e construções freudianas pouco a afetaram. O tratamento, enfim, seguiu desta forma seu curto trajeto.

Em relação ao caso Freud, dirigindo-se aos leitores, deixou duas questões a serem respondidas. A primeira referia-se às características físicas de sua jovem paciente, indagara se estas eram pertinentes ao sexo oposto. Neste sentido, escreveu que o grau de hermafroditismo físico era, em muitos casos, independente do hermafroditismo psíquico. Disse, também, que as alterações de sua paciente, seus traços e atributos intelectuais, que poderiam ser lidos como indicadores de masculinidade, não eram sinais suficientes para uma conclusão que se pretendia científica. Freud frisou, então, que o mais importante teria sido a atitude que a jovem assumira diante de sua amada, uma atitude que ele denominou masculina. A segunda pergunta interrogava o estatuto do homossexualismo. Tratava-se de algo congênito ou adquirido? Após apresentar tais indagações, Freud fez um resumo da história sexual da paciente, o que, certamente, o auxiliou a responder a segunda de suas perguntas.

¹⁷ A moça teria transferido para Freud todo o repúdio dos homens que a habitou desde um determinado desapontamento com o pai (a ser descrito nas próximas páginas).

Assim, o psicanalista apostou que a jovem, na infância, passara pela maneira característica do Complexo de Édipo feminino. Com o tempo começara a substituir o pai por um irmão um pouco mais velho. Por volta dos cinco anos de idade, as comparações que realizara entre o órgão sexual deste irmão e o seu próprio causara-lhe forte impressão e, segundo nos contou Freud, tiveram, posteriormente, efeitos bem significativos.

As entrevistas que Freud conseguiu fazer apontaram que durante os tempos de pré-puberdade a moça recebera os fatos do sexo com uma aversão não exagerada em grau, mas, segundo o psicanalista, anormal. Por volta dos quatorze anos desenvolvera uma afeição considerável por um menino que ainda não havia completado três anos de idade. Por conta deste laço, ela iniciara uma grande amizade com os pais dele. Freud, então, pontuou que este evento poderia denotar um forte desejo de maternidade por parte de sua paciente. Porém, em pouco tempo, a mesma tornara-se indiferente ao menino e passara a interessar-se por mulheres maduras, fato que provocara um importante castigo aplicado por seu pai. Esta mudança na direção da libido da jovem, Freud descobriu, fora contemporânea a uma nova gravidez de sua mãe e ao nascimento de um terceiro irmão. Nesta ocasião, a moça tinha dezesseis anos de idade:

A análise da jovem revelou, sem sombra de dúvida, que a amada era uma substituta de sua mãe. É verdade que a própria dama não era mãe; contudo, também não era o primeiro amor da moça. Os primeiros objetos de sua afeição após o nascimento do irmão mais novo haviam sido realmente mães, mulheres entre trinta e cinco anos de idade, a quem havia encontrado com os filhos durante férias de verão ou no círculo familiar de conhecidos da cidade. A maternidade como condição *sine qua non* em seu objeto amoroso foi posteriormente abandonada, de vez que na vida real essa precondição era difícil de combinar com outra, que foi tornando-se cada vez mais importante. (Freud, 1920/1980, p. 195).

Freud trouxe, então, a razão para o que chamou de inversão, o homossexualismo da moça: no momento em que ela revivia o Complexo de Édipo, na puberdade, sofreu

sua grande decepção, poderíamos dizer, frustração, a saber, não foi ela quem teve o filho do pai, mas sim sua rival, a mãe: “Após ter sido punida por sua atitude tão afetuosa para com uma mulher, compreendeu como poderia ferir o pai e vingar-se dele. Desde então permaneceu homossexual em desafio ao pai.” (Freud, 1920/1980, p.198)

Freud também descreveu o processo de inversão contíguo à constituição sexual e procurou fornecer-nos os motivos (fuga para doença) para tal modificação, incluindo em sua descrição um certo caminho pulsional que envolveu uma escolha de objeto: “Furiosamente ressentida e amargurada, afastou-se completamente do pai e dos homens. Passado esse primeiro grande revés, abjurou de sua feminilidade e procurou outro objetivo para sua libido.” (Freud, 1920/1980, p.196)

Um interessante apontamento sobre a questão da causalidade foi logo depois realizado pelo autor. Ao seguir a assertiva que o conhecimento das premissas, ou das condições que antecederam esta específica inversão, não seria de modo algum suficiente para a previsão de eventos futuros que estivessem sob a égide daquele mesmo contexto, Freud concluiu que poderíamos conhecer os fatores etiológicos através da análise, mas não conseguiríamos predizê-los em uma síntese. Ele deixou claro, deste modo, que a causalidade (as razões e os motivos) correspondente à emersão da homossexualidade da jovem só pôde ser encontrada após sua análise e que aquilo que então surgiu foi algo da ordem da singularidade, não podendo, enfim, ser duplicado para prévias construções de casos ou eventos futuros¹⁸.

Não sustentaremos, portanto, que toda jovem que experimenta um desapontamento, como esse do anseio de amor, que brota da atitude de Édipo na puberdade, necessariamente cairá, por causa disso, vítima do homossexualismo. Pelo contrário, outros tipos de reação a esse trauma sem dúvida são mais comuns. Contudo, sendo assim, na jovem paciente podem haver existido fatores especiais que fizeram pender a

¹⁸ Esta posição, sustentada, retira radicalmente o psicanalista do campo da profilaxia, prática bastante valorizada por certas técnicas (ou ciências) e pelo discurso capitalista.

balança, fatores externos ao trauma, provavelmente de natureza interna. Além do mais não há qualquer dificuldade em apontá-los. (Freud, 1920/1980, p.208)

Esta interpretação freudiana fez vacilar sua primeira construção de que a inversão da libido da moça, do Édipo normal para o homossexualismo, teria sido posteriormente adquirida. A fim de analisar mais precisamente o caso, Freud considerou, então, não apenas os fatores adquiridos como também aqueles que ele mesmo denominou internos. Nesta direção, destacou que se esta análise tivesse terminado antes, ficar-se-ia com a constatação de se tratou de um caso de homossexualismo adquirido. Porém, alguns elementos por ele desvelados foram então utilizados para justificar a hipótese de que se estava lidando com questões relativas à constituição sexual daquela paciente e, portanto, para Freud, com fatores congênitos.

Poder-se-ia afirmar que houve uma mescla de caracteres hereditários e adquiridos, entretantes, a escrita freudiana apontou que, por conta da presença dos primeiros fatores, os hereditários, aquele era um caso de homossexualismo congênito que se fixou e apenas na puberdade pode manifestar-se. Pois, a jovem, uma feminista como alertou o psicanalista, trouxera consigo, desde muito pequena, um considerável complexo de masculinidade. Fixada na figura da mãe, ela teria sofrido de um combinado entre a negligência desta e uma forte inveja do pênis, esta última exercitada nas comparações de seus órgãos genitais com os do irmão.

Argumentando neste mesmo sentido, Freud designou como homossexual a corrente da libido de sua paciente que fluiu de forma mais superficial, mais consciente. Essa corrente, segundo o psicanalista, era relativa à continuação direta da primeira fixação infantil, a fixação na mãe. Para efetivar essa conclusão, Freud partira da tese que então sustentava segundo a qual haveria uma bissexualidade universal nos seres humanos. Ele assim deixou escrito que a escolha do sexo do objeto amoroso seria tardia

e que, mesmo indivíduos por ele considerados normais, experimentariam entusiasmos homossexuais por algum tempo. A análise da jovem teria desvelado, portanto, de que forma a sua corrente heterossexual da libido se desviara para a homossexual e manifesta. Afinal, a corrente heterossexual da paciente, relativa ao Complexo de Édipo, demonstrou ser aquela que permanecera inconsciente. A decepção sofrida na puberdade, através da ‘traição’ de seu pai, propiciara a inversão de tal corrente heterossexual:

A ligação sobremodo intensa com seu último amor tinha, ainda, outro fundamento que a jovem com facilidade descobriu certo dia. A figura esbelta, a beleza severa e a postura ereta de sua dama faziam-na lembrar-se do irmão que era um pouco mais velho que ela. Assim, sua última escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao masculino; combinava a satisfação da tendência homossexual com a da tendência heterossexual. É bem sabido que a análise de homossexuais masculinos em numerosos casos revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples da natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a bissexualidade universal dos seres humanos. (Freud, 1920/1980, p. 195)

Outro ponto da análise da jovem destacado por Freud foi o da tentativa de suicídio efetuada por ela. A moça forneceu-lhe sua explicação imediata para o evento:

Confessara à senhora que o homem que lhes dirigira o olhar tão enfurecido era seu pai, e que ele proibira por completo a amizade entre elas. A dama encolerizara-se com isso e ordenara à jovem que a deixasse ali mesmo e nunca mais esperá-la ou a ela se dirigir: o caso tinha terminado ali. Desesperada por haver dessa forma perdido para sempre sua bem-amada, quis por termo à sua própria vida. (Freud, 1920/1980, p.201)

Freud indicou, no entanto, que tal tentativa de suicídio fora motivada por dois outros fatores além daquele fornecido por sua paciente: uma autopunição e a realização de um desejo. Quanto ao primeiro destes motivos, Freud seguiu a assertiva segundo a qual seria improvável alguém ter energia mental para matar-se a não ser que desta forma estivesse ao mesmo tempo matando um objeto com o qual havia anteriormente se identificado. Freud fez referência aos desejos inconscientes de morte que a moça desenvolvera contra o pai e, principalmente, contra a mãe e afirmou que a jovem

identificara-se com a mãe que por sua vez deveria ter morrido quando concebeu o irmão mais novo, o filho então negado a ela.

Freud notou, enfim, que o desejo inconsciente de morte que a moça nutria contra seus pais estava velado e disfarçado por seu oposto, ou seja, por uma suposta consideração pelos mesmos. O desnudamento de tal atitude hostil para com os pais foi, então, resultado daquilo que ele precisamente chamou de exploração (antes de ser tratamento) analítica. O psicanalista também pontuou ganhos conquistados por sua paciente desde seu ato. Através da tentativa de suicídio, a jovem homossexual conseguiu tornar menos rígida a atitude de seus pais em relação a si e a dama, comovida, passou a dar-lhe mais atenção.

O segundo motivo que justificaria esta tentativa de suicídio estava relacionado ao desejo da jovem em ter um filho com o pai. Freud fez neste ponto um jogo com o verbo *niederkommen* que significa tanto “cair”, quanto “dar a luz”. O elo entre os termos cair e dar a luz fez-se quando a paciente contou ao psicanalista que a dama lhe falara exatamente do mesmo modo que seu pai, expondo-lhe a mesma proibição. Freud concluiu, então, que sua paciente caíra por culpa do pai.

Parece-nos relevante sublinhar que ao designar o que teria propiciado a tentativa de suicídio efetuada pela jovem, Freud fez uso da palavra motivo, desdobrado em: (A) autopunição e (B) realização de desejo *versus* culpa¹⁹; e não do termo causa. Este último termo, acompanhado de “desencadeamento”, voltou a ser empregado enquanto Freud discorria sobre esta mesma questão do suicídio, porém sob a perspectiva do inusitado. Segundo a formulação do psicanalista, os pais da moça, apesar de reprovarem sua atitude em relação às mulheres, ainda não haviam levado a sério sua escolha e ela

¹⁹ Note-se que toda explicação freudiana nos levaria a substituir motivo por razão, haja visto as considerações sobre o movimento de desejo de sua paciente, bem como sobre os ganhos que a mesma conseguiu com seu ato. Todavia não o fizemos, pois o caráter de fuga para a doença (e economia de esforço psíquico) salta aos olhos em uma reação automática como essa.

própria não experimentara intensas sensações de amor até que uma frustração específica ocorreu. Interessante então pontuarmos a distinção entre a frustração relacionada à inversão e a que apontaria um corte, uma frustração específica seguida de uma reação bastante excessiva. O inusitado (a contingência): o olhar reprovador do pai é seguido da reprovação da dama:

[...] uma frustração específica é seguida por uma reação bastante excessiva, que mostra a qualquer um interessado que elas têm algo a ver com uma paixão consumidora de força elementar. Tampouco a jovem nunca percebera do estado de coisas algo que constituía uma preliminar necessária ao desencadeamento dessa tormenta mental. (Freud, 1920/1980, p.206)

Conforme acompanhamos, neste trabalho, Freud tratou precisamente das questões da constituição sexual e da tentativa de suicídio operada pela jovem. Ele procurou as razões para o homossexualismo de sua paciente, bem como, entrando em um ‘domínio inteiramente diferente’ no que se referiu à análise da mesma, tentou encontrar uma explicação plausível para sua intencionada tentativa de suicídio. Neste caminho, parece-nos importante marcar que nem a constituição, nem o evento do salto para a morte foram tratados por Freud como tendo um estatuto de sintoma. Ele afirmou que em momento algum aparecera algo que lembrasse um sintoma analítico.

Como anteriormente mencionamos, ele inclusive não a tratou como uma neurótica, destacando a ausência de sintomas histéricos. Outrossim, notamos que Freud não estabeleceu qualquer vínculo entre a transferência negativa que sua paciente operara consigo, uma vez que o psicanalista hipotetizou que a moça haveria transferido para a figura do analista seu ressentimento relativo ao pai, e o desencadeamento de sintomas, como o fez ao tratar os sintomas desencadeados na transferência no caso Anna O.

Pois bem, o homossexualismo despertado após a puberdade não fora concebido por Freud como um sintoma desencadeado, mas sim como o acabamento da gênese

sexual de sua paciente, quando enfim a inversão da corrente heterossexual da mesma efetuou-se. O homossexualismo relacionar-se-ia, portanto, à decisão quanto ao objeto amoroso e, então, ao campo da constituição. Seguindo esta trilha nos parece plausível a assertiva segundo a qual o desencadeamento, objeto da presente tese, foi tratado apenas quando Freud analisou a questão do ato suicida. O psicanalista pôde encontrar motivos para este desenlace e precisou sua causa no que chamou de frustração específica. Poderíamos conjecturar que o inusitado deste tipo de frustração, transcrito a partir do olhar irado do pai e da reprovação violenta da dama, esteve articulado ao específico do excedente de libido que justamente inviabilizou a tramitação psíquica na jovem que, automaticamente, pulou. Verificaríamos, assim, a experiência do adulto - fator casualidade - caminhando de mãos dadas com a causa específica - fator quantitativo. Interessante pontuarmos, igualmente, que Freud não concebera o olhar reprovador do pai como causa imediata para o referido ato. Ao contrário, evocara ali uma causalidade que remete à contingência e que por isso não é antecipável à reação.

1.13) Dostoievski e o parricídio: a bissexualidade inata e o superego sádico.

Assim como no caso da jovem homossexual, neste trabalho clínico realizado em 1927, Freud postulara mais um universal, a saber: a bissexualidade inata. Assim, iniciamos esta última discussão de capítulo com este postulado central freudiano. Além do Complexo de Édipo, a bissexualidade humana também possui caráter universal.

Vamos ao caso. Ao analisar o gênio de Dostoievski, Freud fez menção a quatro facetas distintas que comporiam sua complexa personalidade. Uma destas, de interesse maior para o psicanalista, seria a do neurótico. Segundo Freud, as crises epiléticas do autor poderiam ser referentes à sua neurose, um sintoma daquilo que o primeiro chamou

de histeria grave²⁰. Discorrendo então sobre a epilepsia, Freud pontuou que as crises presentes nestes quadros comumente se devem a fatores físicos, entretanto, em alguns casos podem ser decorrentes de causas mentais, como, por exemplo, de um susto. A esta epilepsia de origem mental Freud chamou de epilepsia “afetiva” e então afirmou que reações epiléticas assim seguiriam à disposição de uma neurose, uma vez que teriam por função “livrar-se, através de meios somáticos, de quantidades de excitação com as quais não se pode lidar psiquicamente.” (Freud, 1927-28/1980, p.209) A forma epilética do sintoma de Dostoievski apareceu tardiamente na vida do autor. Muito embora alguns relatos refiram o surgimento da moléstia aos anos de exílio na Sibéria, Freud apostou que essa manifestação sintomática foi contemporânea ao assassinato do pai do escritor.

Antes da epilepsia, entretanto, outros sintomas neuróticos haviam sido desencadeados. Quando menino Dostoievski desenvolvera uma melancolia cujo conteúdo dizia respeito ao temor da morte, a, durante a noite, cair em um sono equivalente à morte. Freud retomou, com o intuito de explicar tanto estes sintomas como aqueles referentes à epilepsia do autor, sua teoria sobre os processos de identificação envolvidos no Complexo de Castração.

Conhecemos o significado e a intenção dessas crises semelhantes à morte. Significam uma identificação com uma pessoa morta, seja com alguém que está realmente morto ou com alguém que ainda está vivo e que o indivíduo deseja que morra. O último caso é o mais significativo. A crise tem então o valor de uma punição. Quisemos que outra pessoa morresse; agora somos nós essa outra pessoa e estamos mortos. Nesse ponto, a teoria psicanalítica introduz a afirmação de que, para um menino, essa outra pessoa geralmente é o pai, e de que a crise (denominada de histérica) constitui assim uma autopunição por um desejo de morte contra o pai odiado. (Freud, 1927-28/1980, p. 211)

Freud não pode se furtar a notar uma explícita relação entre o assassinio do pai na obra de Dostoievski, *Os Irmãos Karamassovi*, efetivada pelo irmão epilético do herói

²⁰ Note-se que esta explicação freudiana nos leva ao reverso do “fator reumatismo” enquanto causa ocasional proposto no caso Elizabeth. Nele a conversão se apóia no organismo, aqui é o organismo que se apóia na conversão (ataque histérico).

Dimitri e a morte de seu próprio pai. O psicanalista apontou, assim, o significado e a intenção (os motivos e as razões) das crises autopunitivas do escritor, bem como seu desejo parricida. Segundo Freud nos mostrou, haveria certa ambivalência na relação do menino com o pai. Além do ódio que o primeiro sentiria pelo segundo, ter-se-ia, igualmente, uma dose de ternura: “As duas atitudes mentais se combinam para produzir a identificação com o pai; o menino deseja estar no lugar do pai porque o admira e quer ser como ele, e também por desejar colocá-lo fora do caminho.” (Freud, 1927-28/1980, p. 212)

Em determinado momento, porém, o menino compreenderia que suas tentativas de livrar-se do pai acarretar-lhe-iam uma severa punição advinda do mesmo, a castração. Com o intuito de manter sua masculinidade, ele abriria mão de seu desejo de possuir a mãe e de colocar o pai para fora. O recalque seria, assim, operado e os sentimentos de culpa então surgiriam. Todavia, ao explicar a origem destes sentimentos de culpa que estariam na base das formações sintomáticas de Dostoievski, Freud trouxera, também, um elemento teórico a que chamou de complicador para esse caso.

Nesta análise Freud sustentou que a bissexualidade (enquanto fator constitucional, inato) esteve fortemente desenvolvida no escritor, o que justificaria uma suposta homossexualidade latente, representada em seus laços de amizade masculinos, em exemplos que poderiam ser retirados de suas obras, bem como em sua atitude terna e compreensiva para com rivais no amor. Seguindo sua narrativa edípica Freud asseverou que a ameaça de castração faria o menino inclinar-se para o feminino, porém, ao fazê-lo, ao colocar-se como a mãe para o pai, ele colocar-se-ia novamente diante do temor da castração. Esta segunda solução seria também impossível: “O menino entende que também deve submeter-se à castração, se deseja ser amado pelo pai como se fosse

uma mulher. Dessa maneira, ambos os impulsos, o ódio pelo pai e o amor pelo pai, experimentam repressão.” (Freud, 1927-28/1980, p. 212)

Em seguida, Freud frisou que o que escrevera até então sobre a repressão ao ódio pelo pai não poderia esgotar a questão. Anunciou, assim, que algo novo precisaria ser acrescentado. Afirmou, neste sentido, que a identificação com o pai edificaria uma instância definitiva para o sujeito em seu próprio ego. Tratava-se, como logo deixou evidente, do superego. O superego seria, portanto, o herdeiro das influências do pai e estaria, no ego, separado de outras de suas funções:

Se o pai foi duro, violento e cruel, o superego assume dele esses atributos, e, nas relações entre o ego e ele, a passividade que se imaginava ter sido reprimida é restabelecida. O superego se tornou sádico e o ego se torna masoquista, isto é, no fundo, passivo, de uma maneira feminina. Uma grande necessidade de punição se desenvolve no ego, que em parte encontra satisfação nos maus tratos que lhes são dados pelo superego (isto é, no sentimento de culpa), pois toda punição é, em última análise, uma castração, e, como tal, realização da antiga atitude passiva para com o pai. (Freud, 1927-28/1980, p. 213-214).

Enfim, Freud compreendeu as formações sintomáticas de Dostoiévski do seguinte modo: o autor fora caracterizado como alguém com uma exuberante bissexualidade inata e que se defendeu de um pai muito severo. A identificação que ele operou em relação a seu pai tornou seu superego extremamente severo. O que um dia foi relação entre filho e pai passou a ser relação entre ego e superego. Um ego masoquista e um superego sádico. Desta feita pareceu a Freud plausível que os primeiros sintomas da infância tenham sido decorrentes de determinado diálogo entre seu ego identificado com o pai morto e um superego punidor:

Seus sintomas precoces de crises semelhantes à morte podem ser assim compreendidos como uma identificação paterna por parte de seu ego, a qual é permitida pelo superego como punição. ‘Você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora você é o pai, mas um pai morto’ – o mecanismo regular dos sintomas histéricos. E, além disso: ‘Agora, seu pai está matando você’. Para o ego, o sintoma da morte constitui uma

satisfação masoquista; para o superego, trata-se de uma satisfação punitiva, isto é, uma satisfação sádica. (Freud, 1927-28/1980, p.214)

A estes sintomas da infância Freud chamou de reações infantis oriundas do Complexo de Édipo, pontuando que as mesmas poderiam desaparecer se o cenário se mostrasse favorável para o sujeito. Entretanto, no caso de Dostoievski, a situação não se construiu desta forma. Pelo contrário, sua relação com o pai apenas piorou e seus desejos de morte contra ele acentuaram-se. Notemos que até o momento o psicanalista nos descreveu os mecanismos de formação dos sintomas, que passaram pelo percurso identificatório: identificação com o pai morto por parte do ego e identificação com o pai severo por parte do superego e também elencou o desejo de autopunição, o que designamos como razão para o desencadeamento dos sintomas do escritor.

Recordemos que fizemos equivaler os motivos e as razões às causas finais e lembremos que eles, os motivos, não seriam suficientes para funcionar propriamente como causa para um desencadeamento. Freud havia destacado que os motivos (e incluímos as razões) teriam papel auxiliar para dado desenrolar sintomático, mas seria preciso uma investigação sobre as causas primeiras (reais) que surgiriam em sobredeterminação em relação aos motivos. Quanto ao caso em questão, acompanhamos Freud nomear os motivos e encontramos razões para os desencadeamentos de Dostoievski, e, desta feita, asseveramos que a causa ainda não havia sido explorada.

Pois bem, aconteceu que o pai de Dostoievski fora realmente morto e subsequenteiramente suas crises assumiram o caráter epilético. A razão: mais uma identificação com o pai como punição. Neste ponto, entretanto, Freud nos chamou a atenção para o perigo envolvido em situações em que as fantasias tornam-se realidade. Esta fantasia atingida teria sido, então, a causa de desencadeamento da epilepsia de nosso escritor?

Permanecendo no trilho dos motivos e das razões, Freud também hipotetizou que as crises de Dostoievski haviam cessado durante seu tempo de exílio. Isso, pois neste período, ele supostamente operara uma substituição, aceitando, sem aparente indignação, a injusta punição aplicada pelo Czar. Substituiu, portanto, a punição do pai ou do superego pela punição de um representante paterno. As crises pararam supostamente porque Dostoievski tivera, na submissão ao estado, seus desejos de autopunição satisfeitos. Ainda nesta linha interpretativa Freud marcou, igualmente, a atitude do escritor para com a crença em Deus e com sua posterior mania de jogo, quando, enfim, transformou seu sentimento de culpa em ônus de dívidas. Segundo sua esposa, Dostoievski nunca produzia tanto quanto no momento em que havia perdido tudo em seus jogos.

Evidentemente marcado pela segunda tópica freudiana e pela já constituída terceira formulação sobre as pulsões, este trabalho freudiano descreveu de forma bastante precisa o papel do superego na formação de um quadro neurótico e nos motivos e razões para o desencadeamento de sintomas. Neste sentido, em outro texto de Freud, “O estado neurótico comum”, da conferência XXIV, podemos encontrar suas elaborações acerca do papel do ego na manutenção das neuroses em geral. Aliás, caminhando com sua acabada teoria sobre as pulsões, citemos Freud em seus motivos e razões: “Ademais, apaziguar um conflito construindo um sintoma é a solução mais conveniente e mais agradável para o princípio de prazer: inquestionavelmente, poupa ao ego uma grande quantidade de trabalho interno que é sentido como penoso [...] refugiando-se na neurose, o ego obtém internamente um certo ‘ganho proveniente da doença’.”²¹

²¹ Vale lembrar as observações gerais de Freud, de 1909, através das quais pôde declarar que a concepção de ganho secundário remeter-nos-ia a relação do sujeito com outrem e, justamente por isso, havíamos localizado naquele item (D) a razão para um desencadeamento.

Permanecendo dentre as questões da virada freudiana de 1920, podemos então acrescentar que Freud designou uma singular importância ao ego na permanência dos sintomas da neurose traumática (ou neurose de guerra), postulando motivos egoístas, por parte desta instância psíquica, que, condescendente, procuraria naqueles sintomas já formados proteção e vantagem. Desta feita veríamos atrelarem-se os motivos e as razões para a permanência de sintomas. Esta seria enfim decorrente da manutenção de um estado de desejo (insatisfeito), de uma certa economia libidinal (ganho primário) e de um compromisso do sintoma que garantiria o ganho secundário.

Retomemos o caso. Notamos ao longo de nossa construção que Freud tratou de descrever o significado dos sintomas de Dostoievski, os mecanismos, os motivos e as razões para a formação dos mesmos, deixando marcados seus universais: a bissexualidade e o complexo de castração (a chave para toda neurose). Assim, os primeiros sintomas edipianos do escritor seriam consequência direta do complexo de castração, e não localizariamos entre complexo e formação um intervalo de tempo. A sua intensa homossexualidade entrou em jogo e fora reprimida. Entre o ódio, o amor e a identificação com o pai ergueu-se seu sádico superego e este operou papel importante nas manifestações sintomáticas do escritor. As crises tardias de epilepsia do escritor foram concebidas pelo psicanalista como sintomas desencadeados, ligados ao complexo de Édipo, porém após um intervalo de tempo e seguido de um evento desencadeante. Novamente o superego apareceu na configuração dos motivos e o percurso de identificação fora citado. Na permanência dos sintomas suporíamos o desejo de autopunição (insatisfeito) e então suas razões estariam exemplificadas nos ganhos secundários.

Pudemos notar o quanto a explicação da constituição sexual em Dostoievski e na Jovem Homossexual estivera esvaziada de seu caráter propriamente traumático.

Caminhamos entre o Édipo normal, a inversão, a corrente homossexual, a outra heterossexual. Os universais propostos por Freud – a bissexualidade inata e o complexo de Édipo - pareceram dar conta da ordem das coisas. Pois bem, segue-se que o determinismo em seu caráter estrito costuma mesmo excluir o inusitado, a lacuna, o acaso. Estes mesmos termos, todavia, retornam nas inéditas elucubrações freudianas sobre a causa nestes dois casos: o susto que provocara o abalo fantasmático e uma frustração específica.

Enfim, haveria ainda o lugar da causa. Freud asseverara que um quadro de epilepsia ‘afetiva’ como o de Dostoievski poderia ser causado por um susto. Outrossim, sublinhara o perigo eminente caracterizado pela realização de uma fantasia. Dostoievski vira sua fantasia realizar-se com o assassinio do pai e logo após desencadeou seus sintomas epiléticos. O real assassinato do pai teria atingido a fantasia do escritor. Localizaríamos, assim, o abalo fantasmático na causação deste sintoma. Porém, o que causara tal abalo? O susto, *schreck*, diríamos com Freud.

Em 1920, no seu texto fundamental “Além do Princípio de Prazer”, Freud retomara a questão do trauma de maneira similar à sua primeira formulação, abandonada quando ele passou a situar o traumático no terreno da constituição e em conformação com as experiências infantis. Neste artigo o psicanalista tratou do trauma no adulto, nos quadros das assim denominadas neuroses de guerra. Encontramos então um comentário intrigante de Freud. Ele nos disse que a neurose traumática raramente se desencadeia naqueles sujeitos que concretamente se feriram na guerra. A maior parte dos traumatizados de guerra seria formada por aqueles que passaram por um susto, mas não se feriram. O trauma não se consumaria por um fato, mas pela eminência de um acontecer. Desta feita, a causa do desencadeamento deste tipo de neurose repousaria sobre o fator da surpresa e do susto, sobre processos excitatórios não ligados e

suficientemente fortes para romper o escudo protetor do sistema percepção-consciência (o que denunciaria a ausência de preparação psíquica para um acontecimento). O trauma enquanto susto seria relativo a estes processos não ligados, sem representação psíquica prévia e nos reportaria novamente ao fator quantitativo, já que, para romper o escudo protetor do sujeito, seria preciso uma quantidade excedente de estímulos. Eis novamente a inclusão do contingente no campo freudiano.

A noção de susto igualmente poderia nos remeter às distinções efetivadas por Freud através das quais ele procurou esclarecer de que se tratavam também outros dois termos, a saber, a angústia e o medo. O medo teria um objeto localizável, a angústia, por sua vez, seria sem objeto. E o susto referiria aos processos não ligados, à falta de preparação psíquica para o perigo. Pois bem, intensificando sua suposição de que a causa da neurose traumática seria o susto ele versou sobre os sonhos de repetição característicos deste quadro: “Esses sonhos se esforçam por dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a angústia cuja omissão constituiu a causa da neurose traumática.” (Freud, 1920/1980, p.48)

Como sabemos a primeira concepção de angústia proposta por Freud dizia respeito àquilo que decorria do processo de recalçamento, muito embora não figurasse como defesa. A angústia era uma expressão transformada do afeto que se desvinculara da representação no momento do recalque. Era, assim, um efeito do recalcado. Neste quadro de 1920 Freud postulou um evento do qual a angústia não participara. O aspecto angustiante destes sonhos de repetição seria justamente uma tentativa de ligar o susto na angústia.

Todavia, em 1925, em “Inibições, Sintomas e Angústia”, Freud modificara este cenário introduzindo a idéia segundo a qual a angústia seria um sinal de perigo. À ameaça de aproximação de uma moção pulsional seguir-se-ia a angústia enquanto sinal

e, mais ainda, uma das vicissitudes possíveis deste perigo pulsional seria exatamente o recalque. A angústia, desta feita, deixava de ser efeito do malogro do recalque para, realocada, ganhar status de causa. Conforme escreveu Dunker (2002):

[.. .] fica clara a importância teórica conferida por Freud àquilo que seria o ‘clichê elementar’ da angústia para cada sujeito. Uma vez que esse ‘arquetipo’ da angústia seria reatualizado em cada nova experiência, e uma vez que este é o modelo proposto para o funcionamento de todos os afetos, a experiência do trauma originário torna-se crucial para as pretensões clínicas da psicanálise. (p.175).

Pois bem, incluamos mais esta causa real, a angústia, em nosso trajeto do trauma à fantasia. Trauma (pulsão, angústia)... fantasia, isto para referirmos, finalmente, uma causa real o que, neste ponto, aparece como expressão indicativa da leitura que realizaremos sobre a causa na constituição do sujeito e no desencadeamento, isso no segundo e no terceiro capítulos, quando trataremos nossas questões sob o prisma de Jacques Lacan.

2. Causalidade e determinação

No início não é a origem, é o lugar.
Jacques Lacan

Procuremos, neste segundo capítulo, caminhar junto com Jacques Lacan que, de maneira peculiar, debruçou-se sobre a psicanálise e decantou o inédito de Freud de seu apelo positivista. Através do retorno que realizou à obra freudiana, com grande e, tantas vezes, controversa liberdade na leitura dos textos filosóficos, Lacan trabalhou na fundamentação da psicanálise e na reconsideração da práxis psicanalítica. Outrossim, o psicanalista francês esforçou-se para formalizar tal prática original²². A questão da causa, posta tanto na discussão sobre a constituição do sujeito quanto no problema do desencadeamento de quadros neuróticos e psicóticos, ganhou papel de destaque ao longo do ensino lacaniano²³. Percorramos suas trilheiras e dialoguemos, inicialmente, com suas formulações sobre a determinação e a causalidade na constituição do sujeito.

2.1) Considerações iniciais

Retomemos o princípio de seu percurso psicanalítico. Lacan inicia a ruptura com o geneticismo freudiano através da importação de um conceito muito caro à filosofia, qual seja, o de formação, *Bildung*. Muito embora o psicanalista francês o tenha empregado para delimitar o processo de aparecimento do Eu (*Je*), e assim construir os alicerces de uma teoria sobre a constituição do sujeito, este termo chegara a ele ainda em seu tempo de psiquiatra, quando Lacan já demonstrava preocupação acerca do conceito de sujeito. Isso por intermédio de Kojève, que apresentava aos seus ouvintes

²² Sobre esta questão ver Nogueira, L. C. (2007) tese de livre-docência, anteriormente citada nesta tese.

²³ Falaremos sobre o avanço de Lacan com cautela, pois não se trata de desenvolvimentismo. Se por um lado introduzimos certa divisão no lacanismo, por outro devemos marcar que afirmar a existência de práticas clínicas distintas, excludentes e prontas na obra lacaniana implicaria a mortificação de uma obra viva. Se podemos retornar ao princípio de seu ensino deve-se ao fato de sabermos que a temporalidade com a qual operamos constitui-se também por retroação.

um Hegel atravessado por noções materialistas e uma Fenomenologia do Espírito (a história do aparecimento do espírito no mundo) “traduzida em termos de um drama humano, histórico e social” (Simanke, 2002, p.399).

A teoria sobre a formação do eu, enquanto efeito de uma alienação original do sujeito na imagem de si (de um outro) refletida no espelho, trouxe uma resposta às questões correntes sobre a prematuração do humano e sobre a falta de uma determinação natural que o fizesse surgir conforme as leis de um desenvolvimento biológico. Note-se que essa ausência de determinação natural não equivale à abolição da determinação, mesmo porque, antecipemos, trata-se de uma falta determinativa. Este passo lacaniano também apontou para a importância fundamental do outro naquilo que Lacan logo passaria a designar como constituição do sujeito. O outro, essa “exterioridade que é mais constituinte do que constituída.” (Lacan 1949/1998, p.98)

Através do texto “O estágio do espelho como formador da função do eu”, de 1949, Lacan procurou articular o estágio do espelho a uma identificação, “ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p.97), o que também funda “a origem das identificações secundárias” (p.97). A assunção de uma imagem, conforme propôs Lacan, ocorre através de uma antecipação do sujeito, “o sujeito se antecipa numa miragem” (p.98). O estágio do espelho, enquanto uma resposta à questão da prematuração do humano, foi então definido como “um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação” (Lacan 1949/1998, p. 99). Em 1948, no artigo “A agressividade em psicanálise”, Lacan versara sobre uma ‘encruzilhada estrutural’ que justamente faria o sujeito precipitar-se da insuficiência (prematuração) à antecipação (de uma certeza).

A identificação, processo matriz da formação e da constituição, passará a ser concebida como uma marca de linguagem. Uma marca singular advinda de Outro

terreno que, enfim, antecede o próprio sujeito. Destaquemos também que a questão da antecipação foi colocada, a partir de seu retorno a Freud, “em termos da tese da primazia do significante e da ordem simbólica” (Prates, 2006, p.143). Assim, a antecipação, enquanto um ato que permite a significação em um tempo posterior (no só depois), revelou-se uma noção fundamental para a concepção lacaniana concernente ao deslizamento de sentido (inapreensível) da cadeia significante e seu *point de capiton*, para as suas acepções sobre o tempo em psicanálise, bem como para a sua argumentação acerca da estrutura de determinação (significante) presente em seu “Seminário sobre a carta roubada”.

Ao empreender uma crítica feroz ao objetivismo naturalista, Lacan destacou o fato do humano ser “capaz de desejar objetos perfeitamente inúteis do ponto de vista biológico” (Simanke, 2002, p.416), como os sapatos para um determinado feticlista, objetos descartáveis do ponto de vista da reprodução das espécies. Os objetos da pulsão, formulará Lacan, são absolutamente inadequados do ponto de vista sexual. Insistamos, enfim, em um ponto: não se pode reverter a crítica do objetivismo em imputação de subjetivismo, assim como a crítica do dualismo não implica a exclusão da autonomia do psíquico.

Não obstante, é importante frisar que essa crítica contundente de Lacan ao objetivismo não redundou em repúdio ao objeto, ao contrário, foi no trabalho de constituição do objeto, no fracasso em realizar sua representação, na inadequação de sua integração ao sujeito e na alienação do desejo que o constitui, que Lacan fundou sua teoria do sujeito. A constituição do sujeito, segundo ele, dar-se-ia através de uma alteridade dupla: do outro como objeto e do outro como outro sujeito. Em relação à importância dada a esta dupla alteridade nas formulações lacanianas, podemos arriscar-nos a dizer que o antiobjetivismo lacaniano é um antiindividualismo integrado à

proposta para pensar a constituição do sujeito (Cf.: Prado, 2003). A leitura realizada por Lacan sobre essa questão apontou para uma coexistência entre uma alteridade e uma ipseidade.

O sujeito, conforme propôs Lacan, origina-se de um movimento de negação da sua condição natural. Esta negação não é uma ausência, mas sim uma atividade. Ela, a negação, lança o sujeito no plano da ação e no campo do desejo. A linguagem determina o sujeito, asseverou Lacan, porém, “um sujeito só o cumprirá colocando algo de si” (Lacan 1998, p.47). Note-se que a abertura para discussões fundamentais entre determinação e liberdade já se efetivara neste início do ensino de Lacan. Por um lado a determinação significativa, por outro o ato que torna necessário ‘algo de si’: “Se a estruturação do sujeito fosse única e exclusivamente determinada pela sucessão diacrônica, ela excluiria o sujeito do ato que o constitui; excluiria, deste modo, o *algo de si*”. (Prates, 2006, p.144).

Uma vez destacado o “algo de si”, relacionando-o à liberdade, devemos extrair deste aspecto da teoria lacaniana do sujeito uma implicação importante para sua concepção de causalidade (ainda não diferenciada da determinação), a saber: a causa não recairia apenas na presença de um elemento positivo. A negatividade, como desencontro das expectativas do sujeito e como ausência do objeto, participa fundamentalmente da determinação dos fatos psíquicos e, em particular, das formações de sintoma. Partindo desta noção causal, não encontramos na constituição do sujeito qualquer agente positivo para a efetuação de tal operação e, assim, evitamos “o risco do constitutivismo clássico, qual seja, postular uma essência metafísica como agente da constituição” (Dunker, 2002, p. 27). Neste sentido, Christian Dunker, referindo-se ao tema da constituição, evoca os trabalhos de Bento Prado e Richard Simanke na seguinte passagem:

O que sincroniza a constituição do sujeito com a constituição da realidade é justamente essa costura conhecida como simbólica [...] o estudo da constituição do sujeito é o estudo da discordância e da oposição que separa sujeito e realidade. Ambos mantêm uma relação intrinsecamente negativa entre si. Daí constituição do sujeito ocorrer por uma auto-afecção, ou seja uma alteridade interna e negativa, ao contrário da consciência puramente reflexiva onde a alteridade é externa e positiva (Dunker, 2002, p.26).

Em seu retorno a Freud, Lacan delimitou o campo da psicanálise como constituído pela linguagem e, assim, o significante logo apareceu como determinação primeira do sujeito. Disso decorre a apresentação da linguagem como *condição* do inconsciente que, por sua vez, se apresenta necessariamente segundo as possibilidades prescritas por ela. O inconsciente, enquanto “a soma dos efeitos de fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos de fala” (Lacan, 1964/1985, p 143). Entretanto, além de ser condição para o inconsciente, a linguagem faz movimentar o desejo e o desejo não se articula todo e completamente na linguagem. Isso posto, lancemos uma hipótese inicial segundo a qual haveria uma dimensão determinante da linguagem (como sistema significante) e outra dimensão do que resistiria a se inscrever neste sistema, que, no presente ponto, pode ser chamada de negatividade existencial.

O retorno a Freud feito por Lacan foi marcado pela defesa de uma “experiência intersubjetiva” (Lacan, 1953/1998, p. 281) que resultaria no reconhecimento de um desejo cuja tendência seria a infinitização. Haveria um constante diálogo entre o imaginário e o simbólico. Assim, a relação entre os conflitos simbólicos e as fixações imaginárias destacar-se-iam na dialética analítica até a depuração do desejo²⁴. Firmando-nos um instante neste plano da dialética intersubjetiva, poderíamos fazer uma

²⁴ Uma interessante asserção lacaniana sobre a ‘loucura’ pode ser destacada neste ponto: “convém reconhecermos por um lado, a liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer (...) e, de outro lado, a formação singular de um delírio que [...] objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética” (Lacan, 1953/1998, p.281).

aproximação inicial com a noção de causa em Aristóteles (formal, final, eficiente, material)²⁵ tantas vezes retomada por Lacan. A dialética entre imaginário e simbólico poderia ser entendida como uma espécie de dinâmica entre a causa formal e a causa material²⁶. Assim, diríamos que ao operar identificações imaginárias o sujeito introduz-se como causa material ali onde a imagem não se forma ou se forma precariamente. O fragmento faltante da forma, da borda que delimita uma imagem, é “adivinhado” pelo sujeito como sendo sua própria matéria. Esta matéria, é claro, nada mais é do que o deslizamento do desejo que dá assim valor simbólico à imagem. Inversamente, a matéria que representaria o objeto do desejo é faltante, na medida em que sua forma é dada pelo significante em suas inúmeras configurações. O “objeto” do desejo é desse modo desinvestido de seu caráter empírico, por meio de operações de simbolização. Desta feita, da relação entre o imaginário enquanto ‘causa formal’ e o simbólico enquanto “causa material” remanesce um resto. Este resto, inicialmente, esteve articulado ao objeto inapreensível do desejo, portanto, à metonímia do desejo.

Pois bem, uma interpolação entre a causa material (significante) e algo que escapa aos processos de simbolização evidenciou-se no artigo de Lacan “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”, de 1960, texto em que concluiu a construção de sua superfície topológica conhecida como ‘grafo do desejo’, Lacan

²⁵ Aristóteles propôs, em sua Física, quatro causas, a saber, material, eficiente, final e formal, com o intuito de apreender o movimento e a mudança dos existentes. Estas diriam respeito à determinação de todos os seres em seu movimento. Seres estes pensados como nexos do efeito, que, assim, possuiriam uma determinação idêntica e, consubstancialmente, suportariam as mudanças cujas possibilidades já continham em si. As quatro causas explicariam, desta forma, como e por que cada ser torna-se o que é. Seguindo as suposições acerca da tendência de todas as coisas a passar da potência ao ato, ele formulou a teoria das causas para abrigar os motores causadores do movimento no mundo. Não obstante estas elaborações sobre as quatro causas, o filósofo também concebeu a existência de uma causa que seria esta mesma não causada. Haveria, deste modo, um primeiro motor, imóvel e imutável, que não seria nada em potência, mas ato plenamente realizado. Após este, a causa material que consistiria na matéria (elementos físicos) que por sua vez constituiria a coisa; a causa eficiente que seria o ser que promoveria a passagem do objeto inicial da potência ao ato; a causa formal, a forma que definiria a coisa e, finalmente, a causa final, a finalidade (Cf.: Aristóteles, 1998).

²⁶ Recordemos que Freud nomeara ‘causa imediata’ o fornecimento de uma imagem para a confecção de um sintoma. Haveria um imediatismo causal no instante de ver? Outrossim, articulou a causa eficiente ao momento traumático real (em relação a seus desdobramentos) e a causa final aos motivos de um desencadeamento.

esforçou-se para fundamentar essa dupla determinação do sujeito. Segundo Ana Laura Prates:

Por um lado, temos que levar em conta a determinação objetiva que se refere à lei da linguagem, que é universal e constituinte do inconsciente, por outro, temos a determinação subjetiva que remete à posição do sujeito e sua estratégia particular de desejo. (Prates, 2006, p. 167)

Partindo de sua máxima “*o inconsciente é o discurso do Outro*”, Lacan, no texto de 1960, mostrou-nos que se deve entender o *do* (de) enquanto determinação objetiva, como ‘a partir de’, do lugar do Outro concebido como tesouro dos significantes. Mas, por outro lado, o ‘de’ deve também ser entendido como determinação subjetiva já que “é como Outro que ele deseja” (Lacan, 1960/1998, p.829). Lacan afirma ainda:

Eis por que a pergunta *do* Outro, que retorna para o sujeito do lugar de onde ele espera um oráculo, formulada como um ‘*Che vuoi?* – que quer você?’, é a que melhor conduz ao caminho de seu próprio desejo. (Lacan, 1960/1998, p.829)

Além da lógica intersubjetiva, apoiada na noção da dialética do reconhecimento de certo hegelianismo²⁷, o que desembocou, por exemplo, no aforismo: o desejo é o desejo do Outro, cabe ressaltar que outras influências se fizeram sentir neste momento do ensino lacaniano. Não podemos deixar de destacar, no ponto em que estamos, tanto as contribuições de Jakobson sobre a metáfora (inicialmente relacionada à condensação) e sobre a metonímia (inicialmente relacionada ao deslocamento), que apareceram na asserção ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’, quanto o enfoque na lingüística de Saussure, dela se destaca: a divisão metodológica do signo lingüístico e a sustentação da arbitrariedade do mesmo, o que permitiu a Lacan deslocar

²⁷ Alguns autores sustentam que Lacan fora verdadeiramente hegeliano no ponto em que pensara abrir mão das formulações deste filósofo. Ver, por exemplo, Zizek (2001), Safatle (2005) e Dunker (2007), citados nesta tese. Sobre o Hegel de Lacan, vale lembrar o texto de Paulo Arantes (2003): “Hegel no espelho do Dr. Lacan”.

o problema da causa, concebida como nexos do efeito e, portanto concebida em sua linearidade, para sua distribuição por um sistema simbólico: a estrutura de determinação da linguagem²⁸. Assim, baseando-se na introdução da tese de uma autonomia do significante²⁹ em relação ao significado, Lacan conseguiu responder à sua exigência materialista, presente desde seu tempo de psiquiatra. Todavia, o preço pago por esta manobra foi uma relativa exclusão da noção mais forte de causalidade em favor da noção mais sistêmica de determinação.

No princípio, a determinação significativa evidenciada por uma topologia foi apresentada por Lacan de modo integralmente redutível à combinatória, ao espaço simbólico, cujo aspecto fundamental é o de ser “inteiramente determinado por relações de vizinhança” (Darmon, 1994, p.18). Tanto no seminário II como em “A carta roubada”, Lacan tratou desta combinatória significativa, da série do jogo de azar, e demonstrou como a série aleatória obedece a regras e determina o sujeito. Na introdução de “A carta roubada”, ele nos mostrou que a lei simbólica, extraída a partir da série aleatória de sinais + e –, relacionava-se ao automatismo da repetição proposto por Freud: “o significante sempre é composto segundo as leis de uma ordem fechada, isto é, as unidades significantes invadem umas às outras – há também relações de envolvimento – e é preciso para tudo isso um substrato topológico que é a cadeia significativa de anéis cujo colar se fecha em um outro colar etc” (Miller, 1996, p.86).

Sublinhemos novamente o fato de haver uma determinação objetiva do sujeito referente à estrutura da linguagem que o antecede, e uma determinação subjetiva articulada inicialmente à particularidade do desejo. Desde seu primeiro seminário até

²⁸ Outrossim, destaquemos a importância para Lacan do estruturalismo de Levi-Strauss e de sua obra marcante *As estruturas elementares de parentesco*, bem como a importância de sua profunda leitura de Heidegger (filósofo que empreendeu uma crítica contundente à noção de causalidade - *ousia*), que pode ser encontrada, dentre outras, em suas conceitualizações sobre a falta (enquanto falta-a-ser), assim como em suas formulações iniciais sobre o ‘ser do sujeito’ (*Dasein*).

²⁹ Lacan fundamentou-se, inicialmente, na lógica do significante a partir da estrutura de linguagem.

aquele da *Ética* (VII), Lacan tratou basicamente das relações do Simbólico com o Imaginário, pressupondo “o Real como entidade negativa e resto metonímico”. Note-se que esta qualificação era teoricamente necessária para integrar as exigências do método estrutural aos pressupostos de uma ontologia negativa de orientação fenomenológica. O real deveria estar ausente, na integração subjetiva, para que pudesse funcionar como causa. Ele necessariamente deveria ser excluído, uma vez que sua apreensão dependeria do fracasso e da inadequação em representar, simbolizar, ou imaginarizar, o objeto. Assim, começamos a notar como o problema da causalidade, ou antes, do determinismo em Lacan apelou sistematicamente para uma dupla incidência. No decorrer da sustentação da clínica intersubjetiva a duplicidade pode ser designada como: estrutural (significante) – existencial (inapreensão do objeto do desejo).

Caso evoquemos pressupostos filosóficos para pensar esse momento da obra lacaniana, poderíamos asseverar que o Outro de Lacan se encaixava bem no conceito de entidade transcendente, e por outro lado, o real ausente aproximava-se da coisa-em-si kantiana. Enfim, seguindo os passos de Kant³⁰, com a noção de causa excluída da dimensão ontológica, afirmamos que não havia, naquele tempo, “reflexão alguma sobre os modos de subjetivação deste Real, já que o significante (único dispositivo de

³⁰ Cabe lembrar que este kantismo impregna a concepção estruturalista de linguagem e de causalidade. Para Kant a noção de causalidade deve se desprender de sua classificação aristotélica (material, formal, final e eficiente) e limitar-se à descrição de um movimento local. Com isso ele pretende separar a causalidade tanto do caráter regular e repetitivo da experiência (costume) quanto do seu fundamento ontológico. A causalidade desloca-se assim para uma questão imanente à formulação de juízos, e um caso particular das categorias do entendimento, mais especificamente, a categoria de relação (entre a inerência e a comunidade). A causalidade em Kant exprime uma relação lógica entre razão e consequência. A irreversibilidade causal é análoga à irreversibilidade do tempo. Desta maneira a causalidade seria uma condição da experiência e não poderia ser derivada desta: “Kant procurou uma posição crítica em que a causalidade não se baseasse num costume derivado de experiências repetidas nem na ordem ontológica a priori de razão e consequência governada apenas pelas leis da contradição e da razão suficiente. Os resultados dessa busca foram publicados na ‘Analítica transcendental’ da Crítica da Razão Pura, onde a causalidade toma seu lugar dentro da arquitetônica mais ampla de categorias e princípios” (Caygill, 2000, p.55). A causalidade é, então, apresentada como a segunda das categorias de relação kantianas. “Como a segunda categoria de relação, a causalidade gera a segunda analogia, a qual enuncia que toda experiência obedece à lei de sucessão de acordo com causa e efeito. Essa analogia é justificada, portanto, pelo alinhamento da irreversibilidade da sucessão causal com a irreversibilidade do tempo” (Caygill, 2000, p.55).

intervenção analítica até então) era desprovido de força denotativa” (Safatle, 2005, p.231).

Segundo Vladimir Safatle, a questão da supremacia do simbólico em uma práxis intersubjetiva desembocava em um “regime de identificação entre a negatividade de um desejo sem objetos e o vazio da Lei do Simbólico” (Safatle, 2005, p.197) ³¹. Assim, dizemos que o reconhecimento, próprio de uma fracassada incursão dialética, que visava Hegel, mas aportou em certo kantismo, seria, no final de uma clínica pautada no desejo puro (desejo desvestido de objetos), reconhecimento de uma falta irremediável (falta-a-ser) imposta pelo universal da Lei e resignação diante da ausência de objeto³².

Muito embora possamos argumentar que não há consenso quanto ao reconhecimento deste kantismo em Lacan, parece não restar dúvidas, entre os psicanalistas, que o advento do conceito de objeto *a* possibilitou um passo fundamental na direção da solução de algumas questões inerentes ao campo psicanalítico. Prates (2006) apontou, neste sentido, que principalmente a partir da formulação deste conceito Lacan retomou a teoria da constituição do sujeito em termos de uma topologia (lugar do sujeito). E, ainda mais, essa noção permitiu a Lacan verter-se na direção da causa e estabelecer uma teoria da causalidade que então condissesse com sua concepção de sujeito, causalidade³³ que passou a ser concebida por outra dupla via, uma material

³¹ Vladimir Safatle tentou mostrar como o texto “Kant com Sade” teve papel estratégico na obra de Lacan, pois “o fracasso da noção de reconhecimento intersubjetivo do desejo puro como elemento da direção da cura ficava visível devido sua incapacidade em, de certa forma, estabelecer definições precisas e seguras entre final de análise e perversão” (Safatle, 2005, p. 223).

³² Acompanhemos Brodsky em um comentário segundo o qual a falta-a-ser seria um elemento mínimo para fazer girar uma análise e certamente estaria longe de ser suficiente para seu desenho final.

³³ Note-se que já no seminário XI Lacan inspirou-se em *Ensaio para introduzir em filosofia o conceito de grandeza negativa*, de Kant (1763), mais especificamente naquilo que o filósofo designou como fundamento real para versar sobre a causa. Segundo Safatle: “no fundamento real, algo segue de outro algo sem obedecer à regra de identidade, como quando digo que as fases da lua são as causas das marés. Kant dirá que, para dar conta do fundamento real, há apenas ‘conceitos simples e indecomponíveis de fundamentos reais, cuja relação com a consequência não pode absolutamente fazer-se distinta’ (Kant, 2005, p.62)” (Safatle, 2005, p.322). A leitura que Lacan (1964) realizou desta obra indicou aquilo que designou como o embaraço dos filósofos, a saber, “que sobra na noção de causa uma certa hiância” (Lacan, 1964/1985, p.27). Assim, por mais que Aristóteles tenha proposto as quatro causas ou Kant a tenha inscrito nas categorias da razão pura, só existe causa para o que manca, claudica.

(significante) e outra real (objeto). Isso, como veremos, também não foi sem conseqüências para a leitura dos casos clínicos presentes em sua obra.

2. 2) O traço: exemplo da causalidade negativa

Procurando as marcas conceituais deixadas por Lacan, que precederam a conceitualização do objeto pequeno *a*, Prates retornou ao seminário IX sobre *A identificação*, de 1961-62, e sustentou que ali Lacan buscava uma fundamentação lógica e topológica³⁴ para um objeto que não poderia mais ser “confundido com o outro imaginário.” (Prates, 2006, p.180) Lacan visava, durante este seminário, dar conta dos “efeitos do aparecimento do significante no real” (Prates, 2006, p.180) e, nesta toada, elaborar uma teoria sobre a identificação significante (três formas de identificação, distintas da identificação imaginária). Uma das possibilidades de identificação seria, justamente, a identificação com o traço. O significante é o corte, afirmou então Lacan, e o corte relaciona-se ao momento de gênese do traço unário (*einzigiger Zug*), que, por sua vez, é aquilo que dá sustentação à função significante, enquanto pura diferença introduzida no real.

A partir do traço e tendo em vista o problema da formação de sintomas, Lacan pôde questionar com mais eficiência os pressupostos inerentes às concepções clássicas de causa e determinação. Tanto a noção de causalidade quanto a de determinação presumiam a identidade do fenômeno no tempo e a sua potencial contradição predicativa diante de outros fenômenos³⁵. A identidade do objeto no tempo sugere que

³⁴ Ana Laura Prates bem sintetizou que a topologia “é a ciência que estuda as propriedades fundamentais e invariantes das figuras”. As superfícies são então concebidas enquanto ‘espaços topológicos’, ou seja, a partir da citação de Alfredo Eidelsztein em seu livro *Modelos, esquemas y grafos em la enseñanza de Lacan*, de 1992, “um espaço topológico é uma coleção de pontos (um conjunto arbitrário de objetos homogêneos)” no qual estabeleceu-se uma relação de vizinhança, de proximidade (Prates, 2006, p.180).

³⁵ Ao retornarmos a analítica aristotélica, podemos seguir os rastros de sua resposta às discordantes propostas de Heráclito e Parmênides. Se para Heráclito o mundo caracterizava-se por um fluxo contínuo no qual nada permaneceria idêntico a si mesmo, para Parmênides o ser seria idêntico a si e

sua apresentação pode ser repetida sem alteração de sua substância. O objeto é intuitivamente permanente. É da contradição de seus predicados que podemos inferir sua transformação no tempo.

A noção de identificação com o traço, que trataremos como índice de causalidade, responde a algumas exigências importantes. O traço possui uma materialidade bem definida, ele induz efeitos de significação que lhe são secundário e permite integrar negatividade e determinação segundo uma perspectiva não convencional. O traço dá sustentação ao significante que se define por não ser idêntico a si mesmo e por introduzir a diferença como tal no real (que, por sua vez, é aquilo que retorna sempre no mesmo lugar). A noção de traço seria, então, suficiente para derrogar a universalidade do primeiro pressuposto³⁶. Desta feita afirmamos que, através da investigação sobre os efeitos da aparição do significante, Lacan encontrou as bases para a sustentação da repetição enquanto um conceito fundamental que não se adequa aos pressupostos clássicos. Ele nos mostrou, assim, que a repetição em psicanálise a um só tempo repete-se e introduz a diferença. Conforme sistematizou Alfredo Garcia-Roza (1986) a repetição, segundo Lacan, não é reprodução, ao contrário, ela demanda o novo (Lacan, 1964). A repetição é um conceito que se define pela insistência no mesmo e, consubstancialmente, por uma inscrição sempre distinta.

Se anteriormente destacamos que Lacan iniciou sua topologia pela gramática do significante, certificamo-nos que a matemática, mais especificamente a teoria dos

não comportaria contradições. Segundo Aristóteles a mudança seria concebível enquanto realização em ato de uma potencialidade contida na essência do ser, e esta última, a essência do ser, seria, enfim, imutável. O ser seria, então, uma determinação idêntica, que suporta as mudanças cujas possibilidades contém. Desta feita poderíamos dizer, por exemplo, que Sócrates de ignorante tornou-se sábio, muito embora permanecendo ele mesmo (Cf.: Chauí, 2003).

³⁶ Por outro lado, segundo a lógica defendida por Lacan, a contradição não precisa ser colocada como contradição predicativa. Poderíamos pensar, por exemplo, na contradição indicada na constituição de objeto, o que como veremos implica negação por um movimento de exclusão interna. Ou na idéia de forclusão (forclusão do real que ex-siste, forclusão do Nome-do-Pai), que implica um tipo de negação que não se refere ao seu oposto.

conjuntos, ajudou-o a fundamentar esta determinação material do sujeito em termos propriamente lógicos. Enfim, com o intuito de acompanharmos este esforço de formalização lacaniano façamos, neste ponto, um breve parêntese e enveredemos pela lógica do significante³⁷.

Conforme nos indicou Ivan Corrêa, Lacan referiu-se aos *Grundlagen der Arithmetik* de Frege na sua elaboração da questão do significante, que está relacionada com o número: “Há uma analogia na fórmula ‘o significante representa o sujeito para outro significante’, e a fórmula de Frege ‘o um representa o zero para outro um’”. (Corrêa , 2001, p. 49)

De acordo com as palestras de Jacques-Alain Miller proferidas no Brasil, Frege, formulando os fundamentos da aritmética, colocou em funcionamento “um elemento não idêntico a ele próprio, a idéia da não-identidade” com o intuito de “produzir o primeiro objeto de sua construção aritmética, a saber, o próprio conceito do zero, o que não há, o que não existe.” (Miller, 1997, p.142) A partir da, introdução do zero empreende-se toda a sucessão numérica:

Vejam, o zero enquanto elemento fundador dos inteiros naturais, mas quando vou contar os inteiros naturais, a marca do zero vai ser 1. Então zero é marcado pelo 1. De uma certa forma pode-se dizer que o nome do zero é 1, porque quando eu vou contar os inteiros naturais eu conto zero como 1. O zero é portanto uma marca de um real, marca de um real porque ele esta indicando aqui uma não-existência. Porque tudo que não existe chamamos de zero, não é isso? [...], e recebe o nome de 1, que é uma marca simbólica. (Corrêa, 2001, p. 89).

³⁷ Não fizemos acompanhar este recorte clínico da obra lacaniana de seu percurso na lógica, que sabemos extenso e profundo. Todavia, e levando em consideração nossas próprias limitações no assunto, lançamos mão de uma ou outra passagem formalista de Lacan conforme pareceu-nos pertinente ao ponto que tratávamos. Assim, vale sublinhar que neste momento de seu ensino ele passou a tratar da lógica do significante a partir da matemática e da teoria dos conjuntos.

Seguindo a lógica formalizada por Frege³⁸, quando fazemos um conjunto tomando o conjunto vazio como elemento, nesse momento temos um conjunto unitário que tem um elemento que é o conjunto vazio. “Então o cardinal dele é 1” (p.52). “É a partir da definição de Frege 'O Um é o número cardinal que pertence ao conceito 'idêntico a 0' ' que Lacan diz 'A inexistência é existente de símbolo 0, e o número 1 é o significante da existência' (... ou pire, lição de 19/01/72).” (Corrêa, 2001, p.50)

Lacan teria articulado o zero (o inexistente existente) ao real e o 1 (o nome do zero) ao traço. Isto já articula S1 e S2. Pois bem, desta intrusão “o sujeito conta *um* um”. Conforme escreveu Prates (2006) sobre o seminário da *Identificação*, o momento inaugural do atravessamento deste 1 relacionar-se-ia à constituição do sujeito. O sujeito seria negativizado por um possível (que, então, não é real), o -1 constitutivo da privação³⁹, o -1 inconsciente⁴⁰. Enfim, isso foi bem postulado por Lacan através da noção de traço: “O traço unário, o primeiro dos significantes, esse um é instituído – a conta é *um* um. É ao nível, não do um, mas do *um* um, ao nível da conta, que o sujeito tem que se situar como tal.” (Lacan, 1964, p.135).

Outro matemático que auxiliou Lacan em suas questões foi Cantor. Segundo Jacques-Alain Miller a teoria dos conjuntos de Cantor⁴¹ assegurou a inocuidade do

³⁸ Quando Frege finalizou o segundo capítulo desta sua obra fundamental, Russert enviou-lhe por carta seu famoso paradoxo: “o conjunto de todos os conjuntos que não contêm a si mesmos, contém a si mesmo?”, o que fez com que o primeiro respondesse dizendo que teria que rever o conjunto de sua obra.

³⁹ A noção de possível, referente aos termos da teoria aristotélica das modalidades, bem como as proposições lacanianas sobre as três modalidades da falta, serão desenvolvidas mais adiante.

⁴⁰ Lacan interpretou o paradoxo de Russert e procurou fornecer-lhe uma resposta a partir da lógica significante. Assim, acompanhando Marc Darmon: “Se se considera que um significante é diferente de si mesmo, parece que esse conjunto não é o mesmo nos dois casos (...) esse catálogo não é o mesmo quando ele repertoria os outros catálogos, e quando é, ele mesmo, repertoriado. Lacan fala aqui de ‘exclusão interna’ com relação a si mesmo” (Darmon, 1994, p.127).

⁴¹ Segundo os primeiros axiomas de Cantor “um mesmo ser matemático não pode ser simultaneamente duas coisas, a saber, *elemento e conjunto*” (Corrêa, 2001, p.88). Assim, se um elemento (x) pertence a um conjunto (A), escreve-se $x \in A$. Conforme postula Miller, “o axioma de extensão estabelece que um conjunto é definido por seus elementos: dois conjuntos são iguais se e somente se eles têm os mesmos elementos”. Baseado neste axioma definiu-se a relação de inclusão, desta vez entre conjuntos: “Para dois conjuntos A e B, se todos os elementos do primeiro são também elementos do segundo, A é dito subconjunto de B, ou incluído em B (...) As duas relações, pertinência e inclusão são totalmente distintas” (Miller, 2007, p.211). Miller apresentou-nos também o axioma da especificação:

paradoxo russelliano. Seria possível formar um conjunto “cujos membros não estão incluídos neles mesmo.” (Miller, 2007, p.212) Mais ainda, “Cantor, nomeando o Conjunto Vazio, \emptyset , deu-nos a possibilidade de pensar o *zero*.” (Corrêa, 2001, p.86) Segundo a axiomática cantoriana, o conjunto vazio é um subconjunto de todo conjunto. Lacan, em *O Sinthoma*, articulou S1 àquilo que indicaria o 1 como podendo nada conter (1 ou 0). O número é binário, afirmou então: “Isso significa que ele suporta o 2 (...) O símbolo tem índice 2, indicando que faz o par, isto é, introduz a divisão no sujeito.” (Lacan, 1975-76, p.19-20)

Citemos Miller novamente:

“Lacan convida-nos a reconhecer no *um-todo-só* [referência à idéia de corpo aristotélica – indivisível] inicial o S1, o significante do mestre/senhor, e no segundo tempo, inscrito no conjunto, o S2. O primeiro é traço unário, o segundo é símbolo. Se o primeiro indica o conjunto vazio, o segundo ‘indica que ele é par’, o próprio par, 1, 0, do qual ele é elemento” (Miller, 2007, p.214).

Neste ponto, antes de darmos mais um passo à frente, parece-nos relevante realizar uma breve digressão. Fiquemos um pouco mais em torno da discussão sobre a causa material do sujeito. Recordemos que Lacan, em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, utilizou o algoritmo do signo lingüístico que fundara a ciência de Saussure de forma modificada $\left(\frac{S}{s}\right)$ e o apresentou como equivalente àquilo que define o tópico do inconsciente, transformado em $f(S) \frac{I}{S}$, para discorrer sobre a incidência do significante no significado.

Marc Darmon, realizando uma leitura desta questão, nos mostrou que haveria uma dupla inscrição significante implicada nessa fórmula lacaniana, ou, uma “outra

“Para todo conjunto A e para toda condição P(x), corresponde um conjunto B cujos elementos são exatamente os elementos x de A que satisfazem P(x) (...) vocês podem muito bem formar um conjunto R cujos membros não estão incluídos neles mesmos, isto é, que satisfaçam a condição $x \notin x$ (...) R é assim o ‘ausente de todo conjunto’ (...) Correlativamente aparece o ‘presente em todo o conjunto’ que é o conjunto vazio” (Miller, 2007, p.212).

cadeia significante no avesso do discurso consciente”. O autor se pergunta, então, como seria possível resolver o problema desta dupla “inscrição de um significante ao mesmo tempo no pré-consciente e no inconsciente”, o que já se evidenciara no fato de que comunicar um significante supostamente latente a um sujeito não basta “para surpreender necessariamente o recalçamento”. Isso devido ao fato de haver “uma clivagem entre saber e verdade”. (Darmon, 1994, p.31) A solução encontrada por Lacan fora topológica. Lacan imputou a dupla inscrição à banda de Moebius:

Todavia, além deste problema da duplicidade do significante, que girava em torno das questões do recalçamento, outra questão se impôs a Lacan e o fez voltar ao S/s para repensá-lo. Formular que o recalque derramava algo no inconsciente não era suficiente para designar este último enquanto conceito fundamental (Cf.: Seminário XI). No seminário *Mais, ainda*, Lacan (1973) asseverou que a noção de arbitrário do signo lingüístico não condizia com sua concepção de linguagem. Ele se propõe, então, a falar em contingência entre o significante e o aspecto real da referência⁴², o que implicava a possibilidade da presença real no simbólico.(Cf.: Seminário XX, p.41) O referente, segundo Lacan, ocuparia o lugar terceiro na dupla significante/significado. Assim, no final de uma análise, o signo lingüístico de Saussure, que é consoante ao desejo e à significação do falo, transformar-se-ia com a queda da significação do sujeito, pois o *a* apareceria ali como o referente. Por isso podemos dizer que na conclusão da análise ocorre uma separação entre $-\varphi$ (*menos fi*) e *a*. E, ainda em torno desta mesma questão, em “Radiofonia” (Lacan, 1970), a barra apresentada no algoritmo fora definida como “a borda real” entre os significantes “que flutuam” e o significado “que flui”.

⁴² Diana Rabinovich indicou-nos que foi Frege (S/referente-latente) quem inspirou Lacan neste ponto, propiciando-lhe a utilização do termo *Bedeutung* tanto como significação quanto como referente. “A primeira é usada com relação ao falo e a segunda com relação ao objeto *a*”. Segundo a autora o *a* seria “claramente o referente lógico da ficção desiderativa” (Rabinovich, 2004, p.45).

Enfim, a concepção lacaniana do traço, enquanto o 1 do zero, parece ter possibilitado a um só tempo o estabelecimento do significante como materialidade causal para o sujeito e a abertura para a inclusão do Real no âmbito da constituição do sujeito, considerando que passaria a haver uma relação de contingência⁴³ entre a causa material simbólica e a causa real.

O significante através do qual o sujeito pode contar *um* um, bem como o significante do recalque original, passaram por algumas reformulações ao longo do ensino lacaniano e mereceram nomeações distintas. No seminário *A Identificação Lacan* lançou mão de seu postulado “o significante representa o sujeito para outro significante”. Em 1964 ele indexou os significantes enquanto S1 (unário) e S2 (binário). Em 1969 S2 passou a ser designado como ‘saber’. “Com base na noção de par ordenado propôs uma topologia do par S1 S2” (Porge, 1998, p.127)⁴⁴. Em *De um outro a Outro* Lacan escreveu o par significante segundo o modelo de escrita do par ordenado $\{\{S1\} \{S1, S2\}\}$. Lacan disse, então, que S1 não cessa (vide necessário) de representar o sujeito para outro significante e presentifica-se no segundo subconjunto não ordenado do saber: $\{S1, S2\}$. Com essa reescrita do par significante Lacan integra “num mesmo conjunto o recalcado, com a simples coexistência dos significantes, e a possibilidade de divisão do sujeito, na relação com o saber.” (Porge, 1998, p.131)

⁴³ Referência aos quatro termos da teoria aristotélica das modalidades que, conforme escreveu Alain Juranville, Lacan ordenou e colocou em oposição de maneira diferente do que havia feito Aristóteles. “Para Lacan, é o possível que se opõe ao necessário, segundo a 'contradição'; e o impossível opõe-se ao contingente” (Juranville, 1987, p.276). O necessário é aquilo que não cessa de se escrever, o possível aquilo que cessa de se escrever, o contingente o que cessa de não se escrever e o impossível, o real conforme postulou Lacan, aquilo que não cessa de não se escrever.

⁴⁴ Note-se que um par ordenado, segundo a teoria dos conjuntos, é relativo a “um par de elementos de um conjunto que são colocados numa certa ordem (...) A ordem, a primeiro e b segundo é demonstrada pela propriedade de inclusão: a está incluído em {a, b}, {a} é ‘menor’ que {a, b} e por isso é chamado primeiro” (Porge, 1998, p.127). Um par ordenado se escreve (a, b) e é equivalente à $\{\{a\} \{a, b\}\}$.

No seminário *O Avesso da Psicanálise*, Lacan postulara os seus quatro discursos. Os quadrípodos, segundo o psicanalista.⁴⁵ Ele estabeleceu essas suas estruturas discursivas alguns anos depois de nos ter apresentado sua concepção de traço unário. Entrementes, podemos localizar o traço (o 1 do zero, responsável pela esquizo do sujeito) no matema S1 (significante-mestre) do “discurso do Mestre” e indicar, como o fez Jacques-Alain Miller em o *Percurso de Lacan*, nesta fórmula do “discurso do Mestre”, “o discurso do inconsciente como tal” (Miller, 1999, p.139).

O significante-mestre (S1), segundo formulou Lacan, “intervém no campo já constituído dos outros significantes” (S2) e faz surgir o sujeito como dividido \mathcal{S} . “Desse trajeto surge alguma coisa definida como uma perda” que é o que se designa com a letra “que se lê como sendo o objeto a” (p.13). Neste momento Lacan afirmou ainda: “Tendo surgido S1, primeiro tempo, repete-se junto a S2”. Seria justamente a instância do mestre que “chega a produzir, de qualquer significante, um significante-mestr” (Lacan, 1969-70/1992, p.117)⁴⁶

⁴⁵ Os elementos do discurso são 4. Mas porque 4? Segundo Corrêa, Lacan seguindo a teoria dos conjuntos de Cantor, segundo a qual pode-se passar do zero ao 1 fazendo o conjunto partes de zero, teria utilizado essa passagem para referir-se ao real (zero) e ao simbólico (1). Quando se faz o conjunto partes de 1, encontra-se o 2 (o conjunto vazio e o um). O 2 remete a teoria lacaniana ao Imaginário e à relação dual. Porém, ao se fazer o conjunto partes de 2, chega-se ao 4 (por definição, o conjunto vazio, o conjunto partes de um e o dois). Desta feita Corrêa pergunta-se: como se encontra então o três, que indicaria o sujeito e sua estrutura? Sua resposta: “Deve-se fazer uma reunião do conjunto partes de 2. Encontra-se o conjunto vazio, o conjunto vazio como 1, o 1 e o 2. O 1 se coloca só uma vez, na interseção. Obtém-se três elementos” (Corrêa, 2001, p.97). Também propõe uma interessante analogia com o processo psicanalítico: “Quando se chaga a análise, a relação inicial é prioritariamente imaginária. Quando o analisante se põe a falar, passa ao discurso, ao 4. A partir do próprio discurso, algo a ser simbolizado surge, o 1. A interpretação do analisante faz o mesmo surgir como sujeito. Está aí o 3. E o zero? O zero tanto no campo da matemática, da teoria dos conjuntos, o zero é um *tropeço*” (Corrêa, 2001, p.95).

⁴⁶ Poderíamos pensar esse significante na passagem do contingente ao necessário. O que verificaremos a seguir através do importante uso que Lacan fez da noção de efetividade (*Wirklichkeit*).

2. 3) A metáfora paterna

No seminário XVII, Lacan estabeleceu uma relação entre S1 e a castração⁴⁷, esta pensada “como princípio do significante-mestre” e o S1 pensado como algo que se gostaria de atribuir ao pai. A castração relaciona-se à metáfora do Nome-do-Pai que, por sua vez, enquanto um nome que é, recobre alguma coisa⁴⁸. De acordo com Érik Porge, o Nome-do-Pai funciona como uma rolha e subsume a “incorporação ao pai primordial”, a identificação com o traço. (Porge,1998, p.48)

O conceito de Metáfora Paterna, sistematizado no seminário *As Formações do Inconsciente*, quando Lacan postulava os três tempos lógicos⁴⁹ para o Édipo, referiu-se a uma substituição significativa⁵⁰. Segundo Michele Faria:

A riqueza de sua abordagem do Édipo consiste, portanto, em mostrar que a subjetividade não é produto, nem consequência, dessa sucessão cronológica ligada ao desenvolvimento, ela é efeito de uma articulação lógica, que permite ao sujeito inscrever-se no campo da linguagem (Faria, 2006, p.4).

Aqui o problema da causalidade reencontra a encruzilhada do contingente, então representada por essa noção de metáfora. Apesar de poder ser inicialmente considerada um dispositivo lingüístico simbólico e uma condição de subjetivação, há várias referências em Lacan que autorizam a pensar que a metáfora ocupa um papel importante em vista de um outro tipo de causalidade. A metáfora realiza um passo-de-sentido⁵¹, conforme indicado por Lacan em seu seminário sobre *As formações do inconsciente*.

⁴⁷ Adiantemos que no seminário sobre *O Sinthome* Lacan tratou a castração como possível (e não como o necessário, seu oposto).

⁴⁸ Um bom exemplo dado por Lacan refere-se a Freud: “Freud produziu um certo número de significantes-mestres, que recobriu com o nome de Freud. Um nome, isso serve também para tampar alguma coisa” (p.122).

⁴⁹ Vale acompanhar, conforme indicou Michele Faria (2006), que os três tempos lógicos do Édipo articulam-se ao que Lacan já havia demonstrado em seu texto “O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada” (1945), no qual o psicanalista nos apresentou um problema de lógica e, a partir de duas escansões, mostrou-nos o delinear de três tempos: o instante de ver, o tempo para compreender e o momento de concluir.

⁵⁰ Note-se que Lacan, neste seminário V, esforçou-se por formalizar os tempos com os quais operou no seminário anterior.

⁵¹ Note-se que *pas-de-sens* indica, a um só tempo, passo de sentido e nenhum sentido.

Pois bem, aproveitando este passo lacaniano e acompanhando seus desdobramentos posteriores podemos dizer que a metáfora em sua própria efetividade⁵² introduz algo novo no real.

Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, Lacan havia proposto uma co-presença dos elementos horizontais da cadeia significante (metonímia) e da verticalidade da metáfora. A metonímia marca a relação do significante com o significante, o “que permite a elisão mediante a qual o significante instala a falta de ser na relação de objeto” e serve-se do envio da significação “para investi-la como desejo visando essa falta que ele sustenta.” (Lacan, 1998, p.519) Lacan evocou ali a barra que constitui a resistência da significação nas relações do significante com o significado. Na metáfora há substituição de significante por significante e transposição da barra, produzindo efeito de significação. Como bem pontuou Darmon recorrendo à folha de papel: “sobre a face oculta há então um significante no lugar do significado (...) o

⁵² Ora, é exatamente a efetividade (*Wirklichkeit*) da linguagem que é alocada por Lacan na função da metáfora. Ou seja, ela não é apenas um instrumento de passagem entre forma e matéria (imaginário e simbólico), ela funciona como uma causa possível explicando a produção de um novo tipo de relação entre forma e matéria, isso no ponto de sua transformação em causa eficiente. A efetividade, realização ou realidade verdadeira, exprime aquilo que age, que possui efeito e implica a entrada de contingências no campo das determinações. Em Hegel outro tipo de ligação entre determinações fez-se formalmente possível. Ele evidenciou que é sempre formalmente possível pensar sobre ligações para além daquelas que se efetivam, não obstante muitas delas possam inclusive não se realizar e, quando se realizam, revelam a própria insuficiência de suas determinações pela entrada do contingente. A efetivação se dá através da contingência. Nenhuma realidade pode ser determinada *a priori*, o que parece contrariar as leis da causalidade clássica. Entretanto, a contingência não se sobrepõe ao necessário. O que há é um processo de retroação no qual, a partir da *Wirklichkeit*, o contingente reencontra o necessário, transformando a causa possível (enquanto condição de possibilidade) em causa eficiente (necessidade absoluta). Lembrando do S1 do seminário XVII: “Fazer de um significante-qualquer o significante mestre”. “Assim, a realização, a ex-sistência, o fato, para uma possibilidade, de se exteriorizar transforma, retrospectivamente, essa causa *possível* em necessidade absoluta” (Timmermans, 2005, p.63). É por isso que Lacan apóia na metáfora a sua teoria das estruturas clínicas (metáfora paterna). Afinal, como veremos, “o pai é aquilo que está sempre em potência de criação” (Lacan, 1969-70). Mais ainda, a efetividade em Hegel diz respeito ao “retorno incessante, essa ação recíproca entre a causa e o efeito”. Essa necessidade absoluta apareceu em Hegel associada à liberdade absoluta. Assim, partindo de uma das máximas do filósofo: “o que é racional é real [*wirklich*] e o que é real [*wirklich*] é racional”, Benoit Timmermans (2005) nos indicou que para Hegel a verdadeira liberdade do pensamento se exerce justamente pela potência do real. No processo de transformação das condições de possibilidade em necessidade absoluta (correlato da liberdade enquanto passagem ao ato) o que surge, nesta causa eficiente, é a causa real.

significado não está sobre a outra face; ele está além da borda, mas não sobre a outra face.” (Darmon, 1994, p.29)

Desta feita, se por um lado a metonímia parece reificar a barra “nos trilhos eternamente estendidos para *o desejo de outra coisa*”, o que aparece com uma configuração perversa neste vetor das “reticências da cadeia significante onde a imagem fascinante do fetiche se erige em estátua”, por outro a metáfora pode ser compreendida como uma atividade simbólica que produz efeito real. (Cf.: Lacan, 1998, p.522)

Em “Radiofonia”, 1970, Lacan assinalara que a metáfora produz um efeito de sentido (fazendo uma importante distinção entre sentido e significação que Darmon (1994) remete à influência de Frege) referente à marca deixada por um significante. O significante elidido na metáfora estaria disponível no simbólico e seu efeito de sentido seria justamente aquele do *non-sense*⁵³.

Pois bem, retomando o complexo em questão, afirmamos que o pai (enquanto Nome) advém no lugar do desejo materno. Acompanhemos o matema da metáfora paterna:

Figura 1.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado do sujeito}} = S \left(\frac{A}{\Phi} \right) (=S\mathbb{A}),$$

Por isso Lacan dirá que a metáfora paterna opera uma transmissão. O Édipo, enquanto castração, é algo que se transmite de pai para filho (Lacan, 1969-70/1992,

⁵³ Devemos considerar, entretanto, a diferenciação que Lacan opera entre a condensação, enquanto aquilo “que faz intervir o real a partir de onde o recalçamento retorna” (Darmon, 1994, p.31) e a metáfora, neste momento de seu ensino.

p.114)⁵⁴. Seguindo os pressupostos da *Wirklichkeit*, que inclui a contingência nos âmbitos causais, diríamos que através da metáfora paterna assistimos a transformação de uma causa possível em necessidade absoluta.

Lacan havia proposto que o desejo materno comporta um para-além dele mesmo e que, para o sujeito ascender a este “um pouco mais do que a simbolização primordial dessa mãe que vai e vem”, desta mãe “que é chamada quando não está presente e que, quando está presente, é repelida para que seja possível chamá-la”, far-se-á necessária uma mediação dada “pela posição do pai na ordem simbólica.” (Lacan, 1957-58/1999, p.189-190).

Desde o primeiro tempo do Édipo, momento em que o sujeito encontra-se identificado especularmente com o objeto do desejo materno, verificamos a presença de outros elementos. Trata-se, para a criança, de ser o falo da mãe (sujeito falante). Note-se que o pai e o falo estão em jogo desde o início para a mãe. Assim, a dualidade mãe-criança é apenas aparente:

O pai já está lá, no triângulo pai-mãe-criança, desde o início. Para a criança, porém, ele ainda não entrou. Mas o fato de que esteja lá desde o início não é sem importância para a articulação dos tempos lógicos seguintes, pois essa presença ‘desde o início’, revela que o pai tem, para a mãe, um lugar, antes mesmo que este lugar esteja marcado para a criança (Faria, 2006, p.84).

Acompanhamos ainda a leitura de Faria (2006) segundo a qual seria a própria “oscilação entre presença e ausência” da mãe, mais especificamente o retorno da mãe à criança, o que justamente permitiria à última concluir que este objeto de interesse e satisfação que é o falo “não está nem na mãe, nem no pai, nem na criança”. E a hipótese de que o pai já estava presente, mesmo que de forma velada, no primeiro tempo

⁵⁴ Não obstante nossa insistência em fazer a leitura da castração a partir da lógica significante, deparamo-nos, neste trabalho, com certos momentos do ensino lacaniano em que o pai imaginário é evocado como operário da castração e possuidor do falo.

corroborar a idéia, pertinente ao segundo tempo, de que o pai não priva a mãe de algo (o falo) que já não “esteja projetado no plano simbólico como símbolo”. Assim:

a estrada do pai pode ser compreendida como um *efeito* da constatação da falta no campo do Outro e não como seu *determinante* – o que dá uma conotação bastante diferente à tradicional leitura da entrada do pai no complexo de Édipo enquanto aquele que, num certo momento, dirá à criança, ‘chega!’, impondo-lhe a castração e interditando o gozo de uma relação inicialmente incestuosa com a mãe” (Faria, 2006, p.86).

Pois bem, entre o ter e o não ter o falo Lacan localizou o complexo de castração e o articulou com o mistério: “aquilo de que se trata no complexo de castração se faz quase completamente misterioso” (Lacan, 1957-58/1999, p.192). O terceiro tempo, que se refere à “etapa da identificação” em que o pai é “internalizado no sujeito como Ideal do eu”, passou, segundo Faria (2006), por uma revisão. Em uma segunda vertente de leitura do Complexo de Édipo, sustentada nos seminários X e XVII, o falo, enquanto elemento simbólico que circula, foi considerado “efeito da posição do *pai* enquanto *função simbólica*”. O pai (simbólico), por sua vez, também ele um efeito (da constatação da inconsistência do Outro), passaria a ser aquele que se constitui por avaliação simbólica, aquele que permite “vetorizar”, “ordenar simbolicamente” o ponto real, o “vazio em termos de castração”, tratando o desejo pela lei:

o pai é uma interpretação, uma interpretação que vem, justamente, oferecer uma possibilidade de significação para o ponto de hiância produzido pela ausência materna e pelo enigma relativo a seu desejo (Faria, 2006, p.87).

Neste mesmo sentido, com Ana Laura Prates, poderíamos afirmar a existência de “uma anterioridade lógica do desejo em relação à castração⁵⁵” (Prates, 2006, p. 262). A

⁵⁵ Em relação a este mesmo terceiro tempo, Prates (2006) retoma a topologia do toro no que tange as voltas da demanda para nos indicar que Lacan implicou o esgotamento da demanda, na análise, com a castração. A cada volta da demanda, diz-nos Lacan, o sujeito neurótico revive a ‘cessão de objeto’. A dialética do desmame (através da qual o bebê cede o seio à mãe) seria, como bem nos apontou a autora,

castração no terceiro tempo é uma resposta à pergunta: ‘*Che Vuoi?*’ advinda do Outro, enquanto demanda endereçada a ele, o que se faz decorrente, justamente, da resposta fantasmática do sujeito.

O percurso teórico realizado focalizou o Nome-do-Pai enquanto aquele que “une o desejo à Lei”⁵⁶, podemos atribuir plausibilidade às construções de Prates que, retomando Lacan, afirmou a existência de duas “Leis” na constituição do sujeito: a lei do desejo e a lei do significante⁵⁷. Assim, a Lei seria, por um lado (enquanto lei do desejo), o limite ou proibição sustentado pela função paterna (aquilo que organiza o desejo pela lei) e, por outro, a lei do significante ou a lei representada pela linguagem, sistema de coerção (desejo) e determinação (significante) para o falante na medida em que este está subordinado à linguagem. Note-se que ao unir desejo e significante nesta dupla inserção da Lei, a inicial duplicidade de determinação (estrutural e dialética) inviabiliza-se. Desejo (incluamos o ‘objeto do desejo’) e significante dizem respeito a um mesmo modo causal.

2. 4) A castração: entre o pai simbólico e o pai real

Enveredemos pelo Seminário XVII porque ali encontraremos uma preciosa sistematização lacaniana que corrobora nosso argumento sobre o pai simbólico enquanto um efeito e também engendra o que foi designado pai real. Tal trajeto nos

“metafórico do funcionamento do ‘complexo de castração’” (Prates, 2006, p.195). Desta feita, a criança cederia o objeto e a angústia “fica do lado da mãe”.

⁵⁶ “Numa palavra, desejamos o mandamento. O mito de Édipo significa que o desejo do pai é o que cria a lei (...) A lei nasce da transmutação ou mutação misteriosa do desejo do pai depois de ele ser morto.” (Prates, 2006, p.120)

⁵⁷ Note-se que o fulcro da teoria da causalidade kantiana reside na importância em distinguir a causalidade natural da causalidade da liberdade. A ambigüidade entre estas duas formas de causalidade se preserva, contudo, na noção de lei. A lei admite duas acepções, a lei moral ou jurídica, e a lei como descrição de um sistema de relações físicas entre elementos da natureza. Verificamos esta ambigüidade no emprego que Lacan faz da noção de lei.

abrirá uma possibilidade para pensarmos a questão clínica ‘o que é um pai?’ por uma tripla via (o pai imaginário, o pai simbólico e o pai real).

Pois bem, o pai real é o agente da castração, assim o anunciou Lacan enquanto fazia em frangalhos o Complexo de Édipo, o mito ‘darwiniano’ do pai da horda e o Moisés de Freud. Ele também defendeu que nunca se havia pronunciado acerca do Édipo, mas apenas através da metáfora paterna e do operador de tal complexo, qual seja, a castração.

Lacan se propôs a investigar as relações entre o Édipo e o assassinato do pai da horda. Para tanto, lançou mão da assertiva segundo a qual haveria, no forçado entrecruzamento dos mitos freudianos, algo relativo “ao conteúdo manifesto e ao conteúdo latente”. O mito, disse-nos Lacan, é um conteúdo manifesto. Outrossim, o enunciado do impossível⁵⁸.

Abordando o mito edípico enquanto um sonho de Freud, Lacan nos mostrou que Édipo foi colocado junto a Jocasta não por matar o pai, mas porque triunfara “em uma prova de verdade” dada pelo enigma da esfinge. Édipo não desejava a morte do pai, não sofria do Complexo de Édipo. Ele libertara o povo da pergunta que dizimava os seus, ao responder, apontando para si⁵⁹, que é o homem que anda primeiro com quatro patas, depois duas e finalmente três. Não obstante, e assim encontramos a ambigüidade da situação, ao responder ele acabou por suprimir “o suspense que a questão da verdade introduz” (Lacan, 1969-70/1992, p.96). Édipo caíra na armadilha da verdade.

⁵⁸ Recordemos que o impossível é o que não cessa de não se escrever.

⁵⁹ “A resposta do herói é curiosa. Ele faz um gesto que aponta para si mesmo. Mas, como todo gesto, ele designa, porém não nomeia. O designado seria o homem? Ou seria ele próprio, Édipo? Édipo como nome (*Oedipous*, pés inchados) ou Édipo como pessoa? Ou seria ainda a linhagem que ele atualiza (Édipo filho de Políbio, etc)? A Sphinx joga-se no precipício, pois recebe sua própria mensagem de maneira invertida, não necessariamente porque Édipo tenha proferido a resposta correta. Como sói na prática clínica, Édipo respondeu a um enigma como uma citação. Uma citação realiza um enunciado sem fixar sua relação com a enunciação, daí a diversidade de alusões contidas no gesto de Édipo” (Dunker, 2007, p.54).

Lacan argumentou que o Édipo é um saber com pretensão de verdade, sendo a última passível de ser enunciada apenas por um semi-dizer. Édipo, o herói, subira ao trono ao apagar esta questão, ao responder como um mestre. Entretanto, conforme Lacan anunciara em seu seminário XI, mesmo quando o sujeito assume a posição de mestre, a verdade encontra-se em um objeto velado e por isso a questão da verdade se renova. Assim, no final, como precisamente nos apontou Lacan não foi “a venda que lhe caía dos olhos, são os olhos que lhe caem”. No final, vimos Édipo reduzido a este objeto caído, “a ser a própria castração” (Lacan, 1969-70/1992, p. 114), este mestre castrado.

Da interpretação do sonho de Freud chegamos ao enunciado segundo o qual, ao se constituir, o sujeito (neurótico, castrado) cai como objeto. A interpretação lacaniana fez com que a castração se desvelasse. Enveredemos, finalmente, pela via do impossível. Quanto ao assassinio do pai, Lacan nos mostrou que não poderia haver ato de início que pudesse ser qualificado de assassinato. Aqui, o mito aparece como o enunciado do impossível. É a própria formulação mítica de uma impossibilidade lógica: “não poderia haver ato fora de um campo já tão completamente articulado que aí a lei não tivesse seu lugar” (Lacan, 1969-70/1992, p.118). Só há ato em um campo já constituído pela lei, e apenas por isso o ato pode ser sempre para além da lei.

Pois bem, a castração é um operador estrutural que engendra o pai real como impossível e como seu agente. Este pai, real, é um efeito da linguagem e por nos escapar, faz-nos reencontrar repetidas vezes o pai imaginário em seu lugar, muito embora o pai original de Freud seja irredutível a qualquer concepção psicológica. O pai real estará ligado à nominação real e situar-se-á além da lei, mas só depois da lei organizada e instaurada. O pai simbólico, por sua vez, seria aquele que traz consigo, pela atribuição de palavra, a possibilidade de organizar o desejo pela lei. Haveria, como vimos, uma anterioridade lógica do desejo em relação ao pai simbólico, desde o

princípio, morto⁶⁰. Ele seria, enfim, um efeito da constatação da falta no Outro e organizaria o desejo pela Lei. Por isso Lacan afirmou: “Não se é pai de significantes, é-se pai *por causa de*” (Lacan, 1969-70/1992, p.122).

Nesta vertente de leitura, a pergunta clínica: ‘*o que é um pai?*’ decorreria da incidência significativa. Ela pede uma resposta simbólica que indica o mestre castrado, o pai simbólico, mas também engendra o pai real. E então a resposta passa a ser: o impossível. Manteremos, todavia, certa claudicação entre este agente (pai real, impossível) e o efeito (pai simbólico) e até mesmo o pai imaginário (dito da realidade). Frizemos, apenas, que este pai real parece trazer consigo algo que não é propriamente um significante. Se recordarmos *Wirklichkeit* e a noção de metáfora poderíamos argüir que ocorre ali a criação de algo novo no real.

2. 5) Objeto *a* causa de desejo

Delineamos a causalidade intrínseca ao significante sem deixar de apontar que este efeito de linguagem não pôde representar um monólogo causal na constituição do sujeito. Verificamos, então, que a causação do sujeito pediu um dueto e a participação daquilo que não seria significante, qual seja, o objeto.

O objeto *a* é causa de desejo. Para sustentar tal assertiva Lacan procurou demonstrá-la via formalização. O objeto *a* está ‘aquém’ do desejo, é um exterior “anterior a qualquer interiorização” (Lacan, 1962-63/2005, p.116) e é a esse exterior que pertence a idéia de causa. Entretanto, como vimos, esta anterioridade lógica do objeto só é possível após a intrusão do significante, idéia que nos impõe mais uma torção temporal, postulando um aquém *a posteriori*. O objeto do desejo, enquanto objeto metonímico e, portanto, inatingível, havia sido colocado por Lacan além do vetor

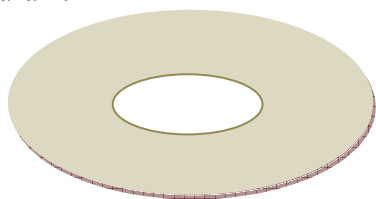
⁶⁰ Lacan asseverou que em nenhuma das formas de mito nas quais Freud se sustentou teria surgido a idéia de que o pai é o castrador. Em Édipo ou no mito do pai da horda, os filhos não são castrados pelo pai. Daí a importância dos termos metáfora e nominação.

do desejo. O objeto *a*, causa de desejo, colocado aquém do vetor do desejo e então distinto do primeiro, trouxe consigo esta noção de exclusão interna. O objeto *a*, enquanto objeto da pulsão, é o que passa para algum lugar, desliza, insere-se, é o que há de mais íntimo e mais exterior ao sujeito. Daí o silogismo: “extimidade”. Haveria, portanto, uma implicação espacial neste conceito. Lacan propôs, para isso, uma topologia.

É a forma topológica do toro que permite, como nos mostrou Miller em seu *Matemas I*, “sustentar essa relação de exclusão interna tão fundamental” à psicanálise, isto porque a exterioridade periférica e a exterioridade central desta figura “constituem apenas uma única região” (Miller, 1996, p.75). Esta interessante topologia está implicada na operação que constitui o sujeito e o Real, topologia que supera a dicotomia interno/externo tão presente nas articulações comuns entre sujeito e objeto, uma vez que, como diz Darmon (1994), o sujeito estaria “no Outro por *exclusão interna*” (p.7).

Abaixo a topologia do Toro:

Figura 2.



No seminário X, Lacan refere à transcendentalidade do significante estabelecendo que o que há de transcendente no significante é sua situação (Cf.: Lacan, 1962-63/2005, p.323). Poderíamos pensar, sua posição, no Outro. O objeto *a*, todavia, Lacan procurou tratá-lo pela imanência⁶¹. O objeto seria imanente à pulsão. Um objeto

⁶¹ Uma importante consideração filosófica sobre a causa pode aqui ser evocada. Slavoj Žižek, em “Le devenir-lacanien de Deleuze”, e referindo-se “A lógica do sentido” deste último, remonta-nos aos estóicos. Em uma revisão crítica da lógica aristotélica, os estóicos propuseram uma lógica que comportasse uma “lacuna radical entre o processo gerador e seu sentido-efeito imaterial” (Žižek, 2004,

que tem valor, não obstante não seja mensurável, como o demonstra precisamente a dívida condicionada ao pagamento da libra de carne na peça *O mercador de Veneza*, de Shakespeare. A formulação do conceito de objeto *a* implicou, então, a sustentação de uma noção de causa que não ficasse reduzida à “sombra metafísica” (que acabou transformando essa noção em uma função das mais dúbias e frágeis) e que não fosse “análoga à intencionalidade de uma *noese*”⁶².

Ainda a versar sobre objeto *a* em sua irreducibilidade ao significante, Lacan sublinhou também sua distinção em relação à falta. Ele nos propôs que o *a* dissesse respeito a outra coisa que não uma falta. Só existe falta no simbólico, asseverou Lacan, o que se evidencia pelo enunciado: “aqui [na biblioteca] está faltando o volume tal em seu lugar” (Lacan, 1962-63/2005, p.147). A falta, relativa à introdução do simbólico no real, pode ser “preenchida” pelo símbolo. No entanto, continuou Lacan, um volume que tinha em suas mãos trazia em sua primeira página uma anotação: “faltam quatro gravuras, de tal a tal.” (Lacan, 1962-63/2005, p.147) Neste ponto, Lacan se interroga:

Mas será que isso quer dizer que a função da dupla negação entra em jogo aí? Que, se o livro estiver faltando em seu lugar, a falta das quatro gravuras será suspensa e as gravuras voltarão a ele? Salta aos olhos que não é nada disso. (Lacan, 1962-63/2005, p.147)

Lacan procurou, então, apontar um tipo de falta irreducível que se vincula a algo perdido, um pedaço de corpo⁶³. “Aí está sob forma maciça e opaca”, o *a*, enquanto “uma falta que o simbólico não supre”, isto pois, não se trata de “uma ausência contra a

p.21). A causa seria material, corpo. A matéria seria equivalente a uma ligação coesa de causas. Os efeitos, entretanto, seriam incorpóreos e não possuiriam relação direta (ou mecânica) com tais causas. Tal relação seria, então, estéril, causalmente estéril.

⁶² Referência à fenomenologia de Husserl que designa por *noese* a captação do objeto pela intencionalidade da consciência.

⁶³ Voltamos a noção de extimidade, de um pedaço do corpo que a um só tempo está no corpo e fora do corpo.

qual o simbólico possa se precaver”. Uma importante diferenciação entre falta e perda (ou cessão) pode ser indicada neste ponto. Lacan nos apontou que a negação é uma forma constituída “pelo que o símbolo permite introduzir no real, a ausência”. A falta simbólica propicia a introdução da ausência, mas revertida, esta se revela como presença: “quanto mais eu digo isso não está ai, mais está aí.” (Lacan, 1962-63/2005, p.152)

O objeto *a*, que aparece em certo entrelaçamento do sujeito com o Outro, Lacan também o articula com os objetos parciais e aponta-nos que estes são objetos de cessão, objetos destacáveis que a criança pode ceder ao Outro, porque o Outro o deseja. O sujeito cede o objeto ao Outro. Procurando os rastros desta cessão nas formas do objeto *a* Lacan fez menção ao objeto transicional de Winnicott. “Um pedacinho arrancado de alguma coisa” em que o sujeito se suporta. “Fortifica-se com ele em sua função absolutamente original de sujeito em posição de queda, em relação ao confronto significativo.” (Lacan, 1962-63/2005, p.341) Lacan prossegue:

A possibilidade de desligar do corpo a imagem, isto é, sua imagem especular, a imagem do corpo, e de reduzi-la ao estado cedível, sob a forma de fotografias, ou mesmo de desenhos: conota o choque, a repugnância ou o horror provocados na sensibilidade pelo surgimento totalmente repentino desse objeto. (Lacan, 1962-63/2005, p.343)

O objeto *a*, na vestimenta da fantasia do neurótico, é um objeto construído para o Outro, como resposta à demanda do Outro. Neste sentido, podemos novamente acompanhar Lacan em “Subversão do Sujeito”, pois ele ali verificou que na fantasia neurótica “a demanda do Outro assume a função de objeto” e, assim, essa fantasia “reduz-se à pulsão: $(\mathcal{S} \diamond D)$. Por isso o catálogo das pulsões pode ser organizado no neurótico.” (Lacan, 1960/1998, p.838)

Lacan nos propõe o conceito de objetividade para tratar do objeto *a* e sua relação com o corpo⁶⁴, ou mais precisamente com a carne. O objeto *a* enquanto causa de desejo é, enfatiza Lacan em seu seminário X, uma tripa causal. Ou uma mancha conforme a configuração posta em *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, quando Lacan o articula ao objeto escópico. No seminário sobre o *Sinthoma* ele retomou seu conceito: “Eu lhe atribui o nome de objeto em razão do seguinte: o objeto é ob, obstáculo à expansão do imaginário concêntrico, isto é, englobante.” (Lacan 1975-76/2007, p.83)

Igualmente, através da conceitualização do objeto *a*, Lacan pode declarar sua ontologia. Em *Mais, ainda* ele nos explicitou que o ser do sujeito diria respeito, justamente, ao objeto *a*. O esforço de matematização lacaniano havia feito subsistir, outrossim, a única substância da experiência analítica, qual seja: o gozo. E então nosso precioso objeto causa de desejo aparece com sua face de *mais-de-gozar*. No seminário X Lacan havia tratado o objeto *a*, causa de desejo, e o situado na dobra do desejo e da angústia. Em *De um outro ao Outro* ele asseverou que o objeto *a* é um lugar de captura de gozo, de um excesso de gozo, da recuperação “de uma perda, de uma renúncia prévia ao gozo” (Rabinovich, 2004, p.11), “o objeto *a* pode captar o mais-de-gozar, através de suas quatro formas tradicionais: voz, olhar, fezes e peito” (Rabinovich, 2004, p.21). Assim, em sua dupla articulação o objeto *a* faz a dobradiça entre desejo e angústia por um lado, e desejo e gozo por outro. Gozo compreendido, enfim, como satisfação da pulsão.

⁶⁴ Lembremos que Lacan articulou o corpo à imagem corporal que lhe traz vestes, portanto, consistência, e que também pode ser fetichizada. Em seu seminário XX, relacionou o corpo à corpse (cadáver), postulando um corpo corpsificado pelo significante. Para designar o que seria o corpo enquanto objeto *a*, o real do corpo, não redutível à imagem ou ao significante, é que Lacan refere à carne (a libra de carne, a tripa, os pedaços de corpo cedidos).

2.6) A fantasia, causa de sintomas.

Após versarmos sobre o objeto *a*, logo mais preparados para seguirmos em nossa trilha sobre a dupla incidência (significante e real) que preside a causação do sujeito, destaquemos algumas considerações de Jacques-Alain Miller em seu *Percurso de Lacan*, em 1999. O autor propôs uma “divisão entre sintoma e fantasia⁶⁵”. (Miller, 1999, p.95) Não obstante estivesse avisado que há uma dimensão simbólica (e imaginária) na fantasia e uma implicação do objeto no sintoma (enquanto um núcleo de gozo)⁶⁶, ele sustentou uma interessante separação que articula fundamentalmente a fantasia ao objeto e o sintoma ao significante.

A partir da máxima: *nem tudo é significante na estrutura*, Miller asseverou que há, nas estruturas discursivas, os significantes S1, S2 e seu efeito \mathcal{S} . Nesta estrutura que comporta quatro termos o *a* é um elemento “que não é significante e que não funciona como significante”. O necessário para que algo funcione como significante é que “se situe em oposição a outro” significante. O objeto, entretanto, não se coloca por oposição a outro. Ele pode, no entanto, ser produto em uma estrutura. Dito isso, seria possível estabelecer uma distinção entre o efeito do significante, que é \mathcal{S} e o produto do significante, que é *a*:

Enquanto o efeito se move e se desloca com o significante, dando lugar a essa divertida dimensão das formações do inconsciente, o objeto determina a inércia da análise[...]. Todos os analistas conhecem de algum modo o que é essa inércia do paciente na análise, matriz também da repetição. (Miller, 1999, p.109)

⁶⁵ Lembremos que não obstante a fantasia seja posta como fundamental para o sujeito ela é construída em uma análise, ou seja, evocando a tese de livre-docência de Luiz Carlos Nogueira (1997), ela necessita desta passagem da linguagem comum para a linguagem artificial do dispositivo analítico para dar-se enquanto tal.

⁶⁶ Note-se que o próprio autor, ao mesmo tempo em que realiza tal divisão, estabelece, do cerne de cada um dos conceitos, um diálogo com os elementos que ficaram de fora em seu esquema. Assim, também nos mostra a relação do sintoma com o real e da fantasia com suas três dimensões (imaginária, simbólica e real).

Miller articulou a fantasia a sua estática, já que esta aponta para um lugar do sujeito. A temporalidade da fantasia, neste sentido, diria respeito a um instante que fixa o sujeito. O sintoma, ao contrário, ele situou pela dinâmica, pois o sujeito do significante não possui lugar, movendo-se com o significante e podendo aparecer “aqui ou acolá, sendo sua localização sempre equívoca.” (Miller, 1999, p.116). O sintoma teria um tempo retroativo e um movimento que não poderia ser encontrado na fantasia. Enfim, o autor indicou, a partir do enunciado *Bate-se numa criança*, uma relação entre a fantasia e o gozo, estabelecendo, de saída, que a fantasia, em sua monotonia (que envergonha o sujeito neurótico por seu conteúdo perverso), traz prazer ao sujeito, ao passo que os sintomas (sobre os quais nossos analisantes costumam queixar-se e falar longamente) produzem desprazer⁶⁷. A fantasia seria, assim: “uma máquina para transformar gozo em prazer. Como uma máquina, digamos, para domar o gozo, pois o gozo, por seu próprio movimento, se dirige ao desprazer e não ao prazer [...] Além desse princípio [do prazer], o que há é uma dimensão de gozo, e a fantasia aparece como um meio para articulá-la com a que corresponde ao princípio do prazer” (Miller, 1999, p.102).

A máquina da fantasia colocar-se-ia “em ação quando se manifesta o desejo do Outro”. Ela, enquanto resposta, “recobre a angústia suscitada por esse desejo do Outro”⁶⁸. A fantasia fundamental, que decantada em uma análise pode aparecer com uma “fórmula cuja simplicidade” fora indicada por Freud em *Bate-se numa criança*, corresponde àquilo “que nunca poderia vir à luz no recalçado”. Nesta direção, Miller

⁶⁷ “O fato de que o inconsciente seja estruturado como uma linguagem não implica que tudo se interprete, mas o que não se interpreta também tem uma função [...] O sintoma aparece frente aos olhos do próprio sujeito como uma opacidade subjetiva, como um enigma. O sujeito não sabe o que fazer com essa irrupção, e por isso demanda interpretação. Se Lacan situa o sujeito suposto saber na entrada do processo analítico é porque, nesse momento, a demanda fundamental do paciente é relativa ao enigma, à interrogação que seu próprio sintoma lhe faz. E a dificuldade, diferente em cada caso, é que a fantasia se apresenta ao sujeito como transparente, e como se a leitura fosse imediata”. (Miller, 1999, p.114)

⁶⁸ Por outro lado, conforme desenvolveremos adiante, quando há desfalecimento da cobertura fantasmática, reencontramos a angústia.

ênfatizou que se não há interpretação possível para a fantasia fundamental (como há dos sintomas), isto se deve ao fato dela situar-se no ponto do Outro em que falta o significante, ao que corresponde o matema $S(A)$.

Miller retomou um comentário fundamental de Freud, encontrado em “Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade”, 1908, segundo o qual a fantasia determinaria o sintoma: “dado o sintoma, pode-se encontrar a fantasia que o determina” (Miller, 1999, p.131). Vai-se do sintoma à fantasia. Esta concepção causal da fantasia, colocada desta forma, implicaria um caminho direto entre fantasia e sintoma, mais precisamente, a fantasia se situaria como precursora imediata do sintoma. As imagens fantasísticas “parecerão ser o próprio conteúdo do inconsciente.”⁶⁹

Lacan, ao fazer sua distinção entre o Imaginário e o Simbólico, situou, inicialmente, a fantasia na dimensão imaginária ($a - a'$), ou, como escreveu Prates (2006), enquanto “uma montagem do imaginário pelo simbólico” e o sintoma foi considerado uma formação simbólica (significante). Por esta via o psicanalista francês procurou tornar heterogêneos os dois termos sintoma e fantasia. Por outro lado, ele trabalhou, até determinado momento, tentando provar a supremacia do simbólico e assim esbarrou em um problema referente à prevalência, localizável na experiência, da fantasia, da “prevalência que uma imagem pode tomar para o sujeito.” (Miller, 1999, p.132)

Pois bem, a partir da formalização que incluiu uma releitura de noção de Real, o matema da fantasia passou por uma revisão. Lacan implicou “na fantasia o sujeito do significante”, muito embora o mesmo tenha iluminado a lógica (e não a gramática) da fantasia. A fantasia revelaria, “a um só tempo, o assujeitamento estrutural ao significante” (Prates, 2006, p.259), já que não haveria possibilidade de ocorrência de

⁶⁹ Este comentário freudiano teria fornecido as bases para a noção de fantasia (enquanto conteúdo inconsciente) de Melanie Klein.

fantasia antes do atravessamento do sujeito pela linguagem e, assim, da “produção do sujeito”. Lacan chegou, finalmente, a uma formalização que de fato articulava “dois elementos heterogêneos”. Miller (1999) retorna novamente a Freud e frisa que o último indicara que se fariam necessárias duas coisas para se construir uma fantasia: um prazer proveniente da zona erógena e uma representação de desejo. Lacan teria dito \mathcal{S} , o sujeito do desejo e a , esse gozo.

A fantasia apareceu, então, “enquanto montagem pulsional (...) ligada ao momento de eclipse do sujeito por sua subordinação ao significante” (Prates, 2006, p.261). Prates também nos indicou que Lacan articulou, a partir da conceitualização do objeto a , a fantasia:

com esse corte que ‘faz parir’ a um só tempo o sujeito e o objeto em sua relação de excentricidade fundamental. Esse mínimo de estrutura é o que permite ao sujeito orientar-se no nível do gozo e do desejo, construindo sua singular ‘realidade psíquica’. (Prates, 2006, p.269)

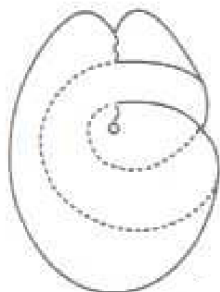
Para mostrar as distinções, bem como os pontos de entrecruzamento, entre desejo (do lado do significante e da falta-a-ser) e gozo (do lado do objeto e do ser) na fantasia, Miller, em *Matemas I*, evocou a figura topológica do *cross-cap*⁷⁰ e asseverou:

O sujeito do desejo é, sem dúvida, nômade, mas nem por isso deixa de estar arraigado em um ponto fixo, em uma estaca em torno do qual ele deambula, mas dando voltas (...) O que detém o sujeito, o que o fixa, é o objeto (...) a fantasia é a função que coordena o sujeito nômade do desejo ao objeto que o fixa (...) Na palavra, o sujeito experimenta a despossessão de si, da ‘falta-a-ser’ (\mathcal{S}), particularmente da falta-a-ser representada por um significante. Em compensação, é na fantasia que ele tem acesso ao que o significante lhe permite ser (...) Daí a estrutura paradoxal da fantasia, que coordena dois elementos heterogêneos – e a referência que Lacan toma da topologia do *cross-cap* para dela dar conta (na medida que o *cross-cap* se compõe de um fragmento de esfera e de uma banda de Moebius) (Miller, 1996, p.100)

⁷⁰ A figura topológica do *cross-cap* é utilizada por Lacan porque permite demonstrar a coordenação entre dois elementos heterogêneos. A banda de Moebius corresponderia ao sujeito e o fragmento de esfera ao objeto.

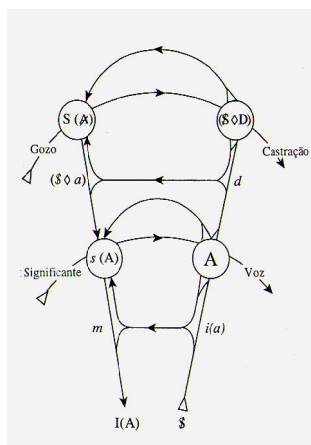
Abaixo, o que Lacan designou como ‘superfície mínima do *cross cap*’:

Figura 3.



Pois bem, retomando o grafo do desejo Miller nos mostrou como a fantasia causa o sintoma⁷¹ ao mesmo tempo em que guarda com esta formação do inconsciente diferenças importantes⁷². Verifiquemos esta figura lacaniana:

Figura 4.



⁷¹ Lembremos, ainda, a conexão entre temporalidade e causalidade na teoria kantiana e assinalemos que toda teoria sobre a constituição do sujeito em Lacan, desde a lógica do significante até a construção da fantasia e formação de sintoma, envolve uma temporalidade específica que não obedece a irreversibilidade prescrita por Kant.

⁷² Miller nos faz notar que neste ponto encontramos, consubstancialmente, o acerto e o erro de Melanie Klein. A psicanalista inglesa teria acertado ao seguir a pressuposição freudiana acerca da relação causal entre fantasia e sintoma, porém, equivocara-se ao priorizar a dimensão imaginária da fantasia e ao supor que a mesma seria um conteúdo inconsciente.

No grafo, a fantasia ($\mathcal{S} \diamond a$) situa-se logo abaixo de $S(A)$ como uma tampa para a falta do Outro. Imediatamente abaixo encontramos $s(A)$, o significado do Outro, uma das escrituras lacanianas para o sintoma. Ao mesmo tempo, ela, a fantasia ($\mathcal{S} \diamond a$), “aparece como o último ponto de bifurcação possível da trajetória que tem como ponto de partida ($\mathcal{S} \diamond D$) (pulsão) e passa por d (desejo)” (Miller, 1999, p.134).

Miller afirmou, então, que a fantasia liga-se à estrutura neurótica do mesmo modo que um axioma⁷³ “está ligado ao resto dedutivo de um sistema lógico”. “*Não sei mais. Batem em uma criança*”, ao chagarmos a este ponto da fantasia, “não estamos mais diante de uma mera reticência do sujeito, e sim diante de uma falta das palavras e do saber.” (Miller, 1999, p.135) É, portanto, em uma falta de saber que se abriga o resto resistente ao simbólico que é consoante ao axioma fantasmático. A fantasia é um axioma, ele concluiu. A frase que profere a fantasia fundamental é aquela que em lógica se chama axioma:

Acho que é uma forma de expor de que maneira uma articulação significante pode estar no lugar real, pois o axioma é o que não se muda em um sistema lógico. Funda o sistema, mas está apartado dele. E isso me parece ser exatamente compatível com a frase que de Freud (...) ‘essas fantasias subsistem apartadas do resto do conteúdo de uma neurose’ (...) Creio que quando Lacan diz ‘a fantasia é um axioma’, trata-se da formalização dessa intuição freudiana, da maneira de poder ver como uma articulação simbólica pode estar ao mesmo tempo no lugar real, de algo que não muda. (Miller, 1999, p.125).

Vale sublinhar também que, em *De um outro ao Outro*, Lacan reformulou o grafo do desejo incluindo o objeto a na fórmula da fantasia, bem como $S1$ (do lado do significado do Outro – $s(A)$) e $S2$ (do lado do Outro (A)). O ponto da interrogação (*Che vuoi?*) que culminava no matema da fantasia passou a comportar a fórmula da pulsão. A

⁷³ O autor procurou definir um axioma: “Em um sistema lógico, certas formas são imodificáveis: seus axiomas. Justamente por estarem no fundamento do sistema lógico, não se deixam modificar pelas leis de transformação do resto do sistema. São seu ponto de partida (...) é algo posto ao princípio. Há definição de termos, e depois axiomas, em qualquer tratado de lógica. São frases, primeira, segunda, terceira, aí postas, postuladas. Não podem ser discutidas a partir de qualquer outro ponto de vista, pois é a partir delas que poderão produzir-se verdades e falsidades, verificações. Mas antes delas mesmas, não há nada. São o ponto de partida e um ponto limite.” (Miller, 1999, p.135)

demanda (em sua função pulsional) passa ao patamar de cima e a significação ao patamar de baixo. A inconsistência lógica do campo do piso inferior, do saber inconsciente portanto, “obriga a enunciação a assumir o giro da demanda, transforma enunciação em demanda” (Rabinovich, 2004, p.27). A autora nos apontou, outrossim, que Lacan examinou a divisão que fez no grafo e colocou as perguntas do lado direito e as respostas do lado esquerdo:

Do lado direito, o das perguntas, temos de cima abaixo o \mathcal{S} , o $i(a)$, o (A) e o $d(A)$ – desejo do Outro situado à mesma altura que o fantasma do lado das respostas, ponto a partir do qual Lacan marcará o surgimento das perguntas – e a fórmula da pulsão, $(\mathcal{S}\diamond D)$ (Rabinovich, 2004, p.29).

As perguntas surgem de (A) : ‘Eu (je^{74}) te pergunto o que é Eu (je)?’ e de $(\mathcal{S}\diamond D)$: ‘*Che vuoi?*’ e convergem em $d(A)$. A primeira pergunta, frente a inconsistência do Outro, instaura um tu⁷⁵: “Instaura o sujeito suposto saber, pois, introduz um sujeito nesse campo do (A) no qual, por estrutura, não há sujeito algum. A demanda-pergunta da enunciação interroga, então, o eu e o tu; interroga a existência de um sujeito que seja tal, tanto no campo do Outro como no inconsciente” (Rabinovich, 2004, p.30).

No piso superior, à pergunta ‘o que desejas?’ obtemos a resposta: ‘aquilo que *te manque*’. O lugar de convergência das perguntas é um nó, o desejo do Outro, encruzilhada que organiza a transferência. Pois bem, do lado das respostas encontramos duas saídas divergindo a partir da fantasia, esta tomada como o que garante a resposta sobre a pergunta convergente no desejo do Outro. Lacan situou a fantasia em consonância à função ‘*je répondant*’.

⁷⁴ Note-se que Lacan indicara neste ponto que *je* não é o equivalente ao sujeito do inconsciente.

⁷⁵ Retornamos à importância da alteridade na constituição do sujeito formalizada, agora, em termos lógicos. Neste ponto ressoam a lógica do não-todo e a influência do teorema da incompletude de Godel através do qual “demonstrou a impossibilidade para um sistema formal abstrato de demonstrar sua consistência” (Rabinovich, 2004, p.41). Quanto à diferença entre incompletude e inconsistência: “A inconsistência é o ponto em que existem em um sistema duas proposições contraditórias entre si, cada uma delas, separadamente, é verdadeira ou falsa, mas não insolúvel [...] a incompletude é gerada por um postulado acerca do qual é impossível decidir se é verdadeiro ou falso.” (Rabinovich, 2004, p.42)

Há o vetor divergente que sai da fantasia (a garantia de resposta) e chega ao sintoma, tendo partido do enodamento que é o desejo do Outro (ponto convergente entre “O que é Eu?” e “*Che Vou?*”). Daí uma definição de sintoma enquanto sede de gozo: o sujeito inscreve sua relação com o gozo através do *mais-de-gozar* e o modo como cada um sofre nessa relação com o gozo, isso é o sintoma:

A pergunta que surge da fórmula da pulsão para convergir com a anterior no desejo do Outro, que passou primeiro pelo fantasma, tem como segunda resposta, também divergente, o significante do Outro barrado, $S(A)$. (Rabinovich, 2004, p.36)

A fantasia, enquanto resposta, é, a um só tempo, o que possibilita a significação do Outro (sintoma) e o que “melhor obtura o rechaço apresentado por $S(A)$ ” (Rabinovich, 2004, p.38) Diante das perguntas ‘o que é o Eu?’ e ‘que objeto eu sou para o Outro?’ a resposta da fantasia é \mathcal{S} e a. “A função do *je* oscila entre o \mathcal{S} e o *a* no fantasma.” (Rabinovich, 2004, p.38) A fantasia enquanto garantia de resposta aparece, enfim, em seu papel fundamental de causa em relação ao sintoma.

Todavia, $S1$ e $S2$ unidos pelo vetor da enunciação (inconsciente) e coerentes tanto com a pergunta sobre ‘o que é Eu?’ ($S2$) quanto com a suposição de saber ‘tu o sabes’ ($S1$), possibilita-nos uma discussão sobre o percurso formativo dos sintomas. A resposta retroativa localiza o sintoma $s(A)$ em uma significação alienada, isso pois o (*je*) ali é pego em uma significação que lhe chega do Outro. (Rabinovich, 2004, p.36) Aqui a autora localiza o desencadeamento próprio ao início de uma análise. Como veremos, neste patamar temos o sintoma pensado pela via da articulação significante. Finalmente, pontuaríamos que se por um lado o sintoma é causado pela fantasia que o precede, por outro ele depende do encadeamento próprio à determinação significante.

2. 7) A causação do sujeito

Insistimos, até o momento, na sustentação da existência de uma dupla causalidade que incide sobre o sujeito no momento de sua constituição. Com o intuito de versar sobre esta dupla via causal, a partir de agora abertamente tratadas como *autômaton* e *tiquê*⁷⁶, elegeremos alguns recortes: do seminário XI, do artigo “Posições do Inconsciente”, bem como de retomadas de conceitos pertinentes a estes trabalhos em seminários posteriores.

No seminário XI Lacan havia proposto uma topologia⁷⁷ para dar conta da constituição do sujeito, topologia que articulava dois campos: do sujeito e do Outro. Sendo o Outro “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer.” (Lacan, 1964/1985, p.193) Lacan formalizou a constituição do sujeito através de duas operações que articulam essa relação do sujeito com o Outro, quais sejam, a alienação e a separação. Mais ainda, nomeou tais operações de movimentos da causação do sujeito.

Pois bem, o lugar-destino do sujeito, condição necessária para sua constituição, Lacan designou pela operação alienação⁷⁸. Escolha forçada, alienação na linguagem, que condena o sujeito a uma divisão. A partir de Hegel, ele fez referência à “bolsa ou a vida?” articulada ao *fator letal* de “a liberdade ou a morte⁷⁹?” para demonstrar-nos que

⁷⁶ Aristóteles trabalhou com as noções de *tiquê* e de *autômaton*, a causa pensada como acaso, como tropeço e como fortuna. O filósofo teria proposto esses termos para referir-se à nossa ignorância sobre a causa das causas.

⁷⁷ Lacan realiza essa formalização a partir da teoria dos conjuntos (e de suas operações de reunião e de interseção) e dos diagramas de *Euler/Venn*.

⁷⁸ A operação da teoria dos conjuntos implicada aqui é da reunião. Na reunião entre dois conjuntos, A e B, constrói-se um conjunto com os elementos pertencentes a A ou a B. Ou seja, reunir, como nos diz Lacan, é diferente de adicionar, na reunião não se conta novamente o que pertence aos dois conjuntos.

⁷⁹ Muito embora a escolha se dirija à liberdade, Lacan nos mostra como a verdadeira prova de liberdade seria escolher a morte, o que justifica, por exemplo, suas asserções acerca do suicídio, como o “o único ato bem sucedido” (Darmon, 1994, p.183). Em a “liberdade ou a morte”, que Lacan trabalha

ao escolhermos a bolsa perdemos ambas. Há nesta escolha, que Lacan designou como forçada, a implicação de um “nem um nem outro”, pois, ao escolhermos a vida, a viveremos amputada da bolsa. A escolha, muito pouco livre, refere-se, portanto, a intenção de se guardar uma das partes, a outra desaparecendo em cada caso, mas também implica na perda de uma parte daquilo que se procurou preservar.

O sujeito, na alienação, faz operar uma escolha forçada entre ser e sentido. Ao escolher o sentido, produzido pelo significante, o sujeito perde a parte do ser que ali se ligava. Tem-se uma vida amputada de uma parte do sentido. Ao escolher, o sujeito perde todo o conjunto do ser, inclusive a parte do sentido que se reunia a do ser. Assim, justamente neste outro lugar ele, o sujeito, se manifesta como desaparecimento. Desta forma, diz Lacan: “A alienação consiste nesse vel que condena o sujeito a só aparecer nessa divisão que venho, me parece, articular suficientemente ao dizer que se ele aparece por um lado como sentido, produzido pelo significante, do outro ele aparece como afânise.” (Lacan, 1964/1985, p.198)

Na alienação encontramos a dupla de significantes e um sujeito ali aprisionado. Considerando este primeiro casal significante, Lacan afirmou que o sujeito aparece inicialmente no Outro (S2) e que este significante binário é o significante do recalque original (*Urverdrangung*) que “a ser passado ao inconsciente será [...] o ponto de atração [*Anziehung*] por onde serão possíveis todos os outros recalques”. Por isso, o S2 seria o representante da representação (*Vorstellungsrepräsentanz*). Encontramos aqui a via por onde o inconsciente é o discurso do Outro. Entre S1 e o sujeito, enquanto significante binário (S1, S2), verificamos, então, a questão de vida e de morte do *fator letal*. (Cf.: Lacan, 1964, p.207)

como “a liberdade ou a vida”, o psicanalista nos mostra que ao escolhermos a morte teríamos a liberdade duas vezes.

Quando surge S2, o conjunto dos significantes, há significação retroativa. Desta feita, o sujeito seria o que “S1 representa ante S2” (Rabinovich, 2004, p.26). S2 estaria posto como o significante da *Urverdrangung* (reclaque original, da alienação significante), e como vimos considerado como saber (assim relacionado ao mais-de-gozar), isto pois a significação alienada vinda retroativamente do Outro tem por função “mascarar essa conseqüência maior do discurso que é a exclusão do gozo.” (Rabinovich, 2004, p.28) Lacan articulava, então, o significante com o “fora do significante”. Acompanhamos a retomada desta questão no seminário XVII.

A alienação, Lacan revelou em “Posição do inconsciente”, é coisa do sujeito, da intrusão do significante. Ele concedeu, assim, prioridade ao significante. S1 é a causa primeira (enquanto causa material). Todavia, este primeiro significante (S1 extraído de S2), quiza possamos afirmar, em princípio, não dialetizável, um traço, uma marca, é um significante bastante peculiar, que se constitui por sua queda necessária. Eis um significante que não se pode substituir como tal, uma vez que há apenas um e precisaríamos da representação deste mesmo significante para outro significante, o que ocorreria apenas pela via do retorno. Neste retorno, o primeiro significante é puro não-senso, extermina todos os sentidos, mas produz efeitos. Conforme nos diz Éric Laurent (1997), no momento em que o sujeito se identifica com o significante-mestre (S1) este passa a representá-lo para outro significante (S2). S1 designaria o sujeito sem dar-lhe sentido algum, referindo-se, então, ao ser. “O segundo significante lhe outorga sentido e, ao fazer isso, apaga o ser, produzindo a afânise do sujeito.” (Rabinovich, 2000, p.102)

Nas operações de causação do sujeito, há, todavia, outro tempo que não o do sujeito. Há o tempo do objeto. Este tempo designamo-lo como o instante e, portanto, asseveramos que é distinto da diacronia temporal do significante ou mesmo de seu percurso retroativo. Assim, através da outra operação lógica proposta por Lacan, a

separação⁸⁰, o sujeito encontra, por uma torção, na via de retorno ao vel da alienação, o engendramento do desejo. No intervalo do par primeiro, o desejo é apreendido nas lacunas do discurso do Outro. Neste intervalo do par significante do sujeito Lacan propõe “uma Outra coisa a motivá-lo que não os efeitos de sentido com que um discurso o solicita.” (Lacan, 1960/64, p.858) Na separação, neste parir (partes) do sujeito, ele joga com a própria perda: “pode o Outro me perder?”, pois este é seu recurso contra a opacidade daquilo que ele encontrou no Outro como desejo. Ao mesmo tempo, isso “restitui o sujeito à opacidade do ser que lhe coube por seu advento de sujeito” (Lacan, 1960-64/1998, p.858)⁸¹

É preciso citar detidamente:

Pela separação o sujeito acha, se podemos dizer, o ponto fraco do casal primitivo da articulação significante, no que ela é de essência alienante. É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro, do primeiro Outro com o qual ele tem que lidar, ponhamos para ilustrá-lo, a mãe, no caso. É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito. O sujeito – por um processo que não deixa de conter engano, que não deixa de representar essa torção fundamental pela qual o que o sujeito reencontra não é o que reanima seu movimento de tornar a achar – retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua afânise (Lacan, 1964/1985, p.203).

Imbricado a este outro termo, a separação, Lacan nos apontou o recobrimento de duas faltas. A primeira é encontrada pelo sujeito “na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso”. O Isso fala do sujeito. É uma falta de sujeito, seu desaparecimento. A segunda, apreendida nos intervalos do discurso do Outro, Lacan a destaca: “ele me diz isso, mas o que ele quer?” (Lacan, 1964/1985, p.203). Note-se que

⁸⁰ A interseção de dois conjuntos é constituída pelos elementos que pertencem aos dois conjuntos.

⁸¹ “Essa é uma operação cujo desenho fundamental vai ser reencontrado na técnica. Pois é na escansão do discurso do paciente, à medida que nele intervém o analista, que veremos ajustar-se a pulsação da borda pela qual deve surgir o ser que reside para-aquém dela” (Lacan, 1960/64, p.858).

Lacan colocou em consonância a separação e o instante da fantasia, a resposta ao ‘*Che Vuoi?*’ vindo do Outro.

Nesse seminário Lacan propôs que pensássemos o *cogito cartesiano* em termos da interseção de dois conjuntos, o penso (*cogito*) e o sou (*sum*): “O *cogito* é equiparado a um conjunto, o conjunto A; o conjunto B é o *sum*; o *ergo* situa-se na interseção.” (Rabinovich, 2000, p.63) O *cogito cartesiano* é, pois, a própria interseção.

Diana Rabinovich retorna à letra lacaniana e demonstra que, em “A lógica da fantasia”, a alienação concebida como a escolha forçada pelo sentido, o “ser o sentido” do seminário sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, “sofre a negação complementar de de Morgan⁸² ou lei de dualidade” (Rabinovich, 2000, p.49). Através da aplicação desta negação ao cogito cartesiano⁸³ Lacan obtém “uma disjunção, um vel alienante entre um ‘ou eu não penso ou eu não sou’” (Rabinovich, 2000, p.49):

A essa união, aplica-se uma negação, um não excludente, que afirma que na união de ambos, o *cogito* e o *sum*, ambos não podem ser verdadeiros ao mesmo tempo: - (A+B). Sendo assim, não se pode afirmar o pensar e o ser ao mesmo tempo; pensar e ser excluem-se mutuamente. (Rabinovich, 2000, p.63)

Graciela Brodsky (2004) segue este mesmo percurso e afirma que Lacan chegou, no seminário XV, no oposto do cogito cartesiano: “Lacan então situa a interseção negada no ponto de partida. Não há nada na interseção. Pensamento e ser não se

⁸² A aplicação da negação de de Morgan “permite conservar a formalização de uma perda” (Rabinovich, 2000, p.61). Segundo esta lei de dualidade “a reunião pode se expressar em termos de interseção e negação ou, inversamente, a operação de interseção pode se expressar através de uma reunião e uma negação” (Rabinovich, 2000, p.62). Assim, dados dois conjuntos, A e B, a negação da reunião entre A e B é equivalente a interseção de - A e - B, conjunto vazio. A negação da interseção entre A e B resulta na reunião - B e - A. Utilizando-se da negação a lei de dualidade é possível transformar reunião em interseção e interseção em reunião. Tanto Darmon (1994) quanto Brodsky (2004) nos apontam que a lei de Morgan aplicada à teoria dos conjuntos define que a negação da interseção é equivalente à união dos complementos.

⁸³ Brodsky (2004) é bastante precisa: “Lacan, interessado em saber como se obtém uma certeza a respeito do ser (não o da filosofia, mas sim o do ‘o que sou?’), acha oportuno aproveitar o método cartesiano na psicanálise, uma vez que a divisão subjetiva não dá qualquer resposta ao ‘o que sou?’ (...) é fácil perceber o peso do que começamos a deslindar, pois implica a idéia de que se espera da psicanálise algo que nada tem a ver com a falta-a-ser; ao contrário, espera-se uma certeza sobre o ser. Vale dizer, espera-se uma resposta que não pode mais ser posta em dúvida” (p.61).

juntam” (Brodsky, 2004, p.65). No seminário XV o estatuto do sujeito passa a apoiar-se, conforme esclareceu Lacan, nesta negação do *cogito cartesiano*.

Notamos que Lacan situou a negação na interseção entre penso e sou, obtendo um não sou e um não penso⁸⁴. Ou, mais precisamente, um “sou e não penso” e um “penso e não sou”. Daí a máxima: o sujeito pensa onde não é, e é onde não pensa. Brodsky sublinhou fortemente que o “sou” Lacan o situou na alienação como o falso ser do *je*, “ele diz o falso *je*”. A operação “penso e não sou”, Lacan a designa como “absolutamente rechaçada pelo sujeito”(Brodsky, 2004, p.68), e o pensamento, de modo fiel a Freud, Lacan o considera pensamento inconsciente⁸⁵.

Sobre o ‘ali onde Isso estava’ freudiano, retomado por Lacan, Rabinovich assevera que é o que inscreve:

o sujeito como ausência; o que implica que no Outro, no Outro do significante (...) não há nada que se possa dizer ao sujeito ‘tu és isso’, nenhum significante que possa fazê-lo. Haverá um resto que o indicará; esse resto, que não pode ser dito, é o objeto a. Não há, no nível significante, nada que permita ao sujeito se assumir como um *je*. O eu [*je*] está foracluído. (Rabinovich, 2000, p.75)

Rabinovich (2000) frisou, ainda nesta trilheira, que a negação posta na interseção dos dois círculos, incide sobre este eu enquanto *je*. “Eu (*je*) não sou” onde estava o *cogito* e o “eu (*je*) não penso” no lugar do *sum*. O ponto comum: não-eu (*pas-je*). Isso implica a caracterização de um ‘não ser’ do *je* enquanto pensar inconsciente e um “ser que é pensar sem *je*” (Rabinovich, 2004, p.59), o não penso do Isso, da pulsão acéfala. Nesta direção, a escolha forçada⁸⁶ pelo sentido é o que leva ao “eu não penso”:

⁸⁴ Note-se que a negação aplicada à interseção de A (*cogito*) e B (*sum*) é equivalente à reunião da negação de A (meia-lua do *sum*) e da negação de B (meia-lua do *cogito*).

⁸⁵ Sobre o início do tratamento Brodsky foi bem clara: “Esse ‘penso’ traz com ele um ‘não sou’, pois uma vez que o sujeito se põe a pensar dessa maneira, já não sabe quem é, todo o falso ser desmorona, o narcisismo rateia, promovendo-se a falta-a-ser que produz uma análise” (p.68).

⁸⁶ Brodsky (2004) ressalta o termo ‘preferencial’ utilizado por Lacan para designar a escolha pelo não penso da alienação.

por outro lado, a opção da análise é o que leva ao ‘eu não sou’ (...) a escolha do ‘eu não penso’ é o que permite que surja algo cuja essência é ser não-eu, em francês é *pas-je*, enquanto que colocado na interseção de um eu (*je*) penso e um (*je*) sou, quer dizer, algo que se sustenta por não ser *je*. Acrescenta que esse ‘*não je*’ se positiviza de uma forma particular que é o *Es* ou o Isso freudiano. Quer dizer que quando o ‘não penso’ se positiviza dá um ser que se afirma no *Es*, ou Isso freudiano. (Rabinovich, 2004, p.59)

Esta interessante articulação localiza o *je*, o pronome, em sua função barrada, afetada pela negação. Desta feita Lacan identifica o *pas-je* com esse conjunto vazio (implícito em todo conjunto). Partindo da assertiva que o objeto *a* não admite eu, Rabinovich procurou responder a questão que colocava este *pas-je* em consonância ao *a*. E ela asseverou que, no que tange o não penso, “o não-eu é o objeto *a*” (Rabinovich, 2000, p.67). Mais ainda, indicou-nos que a escolha pelo não penso afirma o isso e, assim, “o eu como tal, na interseção do *pas-je* se positiva no isso. Existe um ‘ser sem eu’” (Rabinovich, 2000, p.68). O objeto positivizado no nível do isso é o objeto *a*. Do lado do inconsciente, do não sou, positiva-se um pensar sem eu e o que encontramos na interseção é o $-\varphi$ (*menos fi*):

Do lado do isso, na interseção, situa-se o objeto *a*. Do lado do pensar, nessa mesma interseção marcada como ‘não-eu’, situa-se o *menos fi*, o falo significação da castração como operação simbólica [...] a partir de uma forma particular da negação do cogito, obtém-se: em primeiro lugar, a negação do ego, ego ergo sum, e depois a negação da conjunção necessária entre pensar e ser, o ergo. Ambas são negadas e, por último, obtém-se duas positivities, o isso e o inconsciente, o objeto *a* e o *menos fi*. (Rabinovich, 2000, p.69)

Rabinovich (2004) esclareceu também que Lacan havia diferenciado o *je* do sujeito barrado (do inconsciente). Lembremos que o *je* encontra-se em sua função de *shift* na fantasia, entre o \mathcal{S} e o *a*, não sendo, portanto, nem um nem outro. Ele se divide nos dois pólos de respostas divergentes do grafo. Entre $S(A)$, o ponto em que o sistema significante carece de um “significante que assegure a consistência lógica do discurso”,

e o s(A) que “marca uma resposta que é uma significação alienante articulada com o gozo” (p.32), o nome do sintoma.

O sujeito se constitui, por fim, nas duas operações propostas por Lacan – alienação e separação - através de um corte. Por uma dupla via, a significante e a real. Se retomarmos os quatro termos da estrutura discursiva diremos, acompanhando Laurent (1997), S1 – S2 – alienação; \mathcal{S} - a – separação.

2. 8) A causa material e a causa real

No seminário XI, o significante apareceu articulado ao recalque original e o objeto ao trauma. Apropriadamente, Danielle Eleb (2004) nos apontou que o apelo à *tiquê*⁸⁷, feito por Lacan, implicou uma concepção de inconsciente que não fosse apenas *autômaton*, mas que abarcasse o que aquele designou como o encontro com o real do trauma. Afinal, segundo Lacan, “o real está além do autômaton, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer.” (Lacan, 1964/1985, p.56) Tal encontro é um “encontro marcado ao qual somos sempre chamados – com um real que escapole” (Lacan, 1964/1985, p.55 – 56). É um encontro que, justamente por ser desprovido de significação, configura-se como traumático. A construção da fantasia se dá, neste sentido, com o propósito de mascarar o real primeiro: “O lugar do real vai do trauma à fantasia – na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição” (Lacan, 1964/1985, p.61)⁸⁸.

⁸⁷ Revisitando a Física aristotélica, Lacan pode fazer um proveitoso uso das construções do filósofo grego acerca das quatro causas, bem como dos termos traduzidos como acaso e fortuna, *tiquê* e *autômaton*. Em “A ciência e a verdade”, 1960, Lacan disse que, em relação à verdade, a concepção causal referente à psicanálise é a material e isso a diferencia da ciência moderna (causa formal), da magia (causa eficiente) e da religião (causa final). *Autômaton*, Lacan relacionou ao determinismo da cadeia significante e *tiquê*, ele designou pelo que chamou de o encontro com o real.

⁸⁸ Note-se que esta revisão nos parece essencial para desmembrarmos a repetição enquanto *tiquê* tanto da repetição significante (*autômaton*) quanto da repetição da fantasia, já que esta última guarda consigo o objeto da pulsão, aquele que retorna sempre ao mesmo lugar, porém de forma dissimulada.

Assim como a repetição não poderia mais girar em torno da concepção de repetição significativa, com o advento de uma concepção causal própria à psicanálise, também o inconsciente, enquanto conceito fundamental, mereceu revisão⁸⁹: “Há um buraco, e algo que vem oscilar no intervalo. Em suma, só existe causa para o que manca [...]. O inconsciente freudiano, ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação.” (Lacan, 1964/1985, p.27)

Destacamos caminhos importantes trilhados por Lacan neste trabalho decidido na direção e no resgate da noção de causa para a psicanálise. Ele afirmou que o significativo possui materialidade (significante enquanto causa material). Estabeleceu, então, uma relação entre esta materialidade significativa e o modo de sua aparição em cadeia. *Autômaton* seria, nesta direção, a expressão da série de significantes que se movem por si mesmos, pela fortuna e que produz de maneira espontânea sua determinação. Essa seqüência de significantes está governada, impreterivelmente, por leis dedutíveis de sua própria produção e que assim as determina.

Em “Posição do inconsciente” Lacan seguiu a assertiva que o Outro é, para o sujeito, o lugar de sua causa significativa. Todavia, a eficácia⁹⁰ significativa produz-se (o que nos retorna a Freud) por uma temporalidade particular, a retroação (*nachtraglich*). Daí que, em psicanálise, essa causa primeira, que é a material (significante), só se possa averiguar em seus efeitos e, também, a asserção segundo a qual em psicanálise remonta-se à causa pelo efeito. Quanto à materialidade (e eficácia) significativa podemos citar um trecho bastante claro de “Posições do Inconsciente” em que Lacan deslizara sua pena para a questão da causa: “O efeito de linguagem é a causa introduzida no sujeito. Por esse efeito, ele não é causa dele mesmo⁹¹, mas traz em si o germe da causa que o cinde.

⁸⁹ Pensemos sobre a inclusão do isso no inconsciente.

⁹⁰ Vale lembrar as nossas pontuações sobre a *Wirklichkeit* e voltar a frisar a contingência.

⁹¹ Referência à causa-de-si de Espinosa.

Pois sua causa é o significante sem o qual não haveria nenhum sujeito no real.” (Lacan, 1960/64/1998, p.849)

Entrementes, não é apenas *autômaton* que aparece como causa nos âmbitos do sujeito. Lacan tratou, também, da questão da causa das causas pelo acaso, pelo impossível, por aquilo que não cessa de não se inscrever, pelo real do trauma, por onde a representação falta, falha, portanto, como *tiquê*. Poderíamos mais uma vez dizer que a causação do sujeito é concebida por uma dupla via, a do significante – causa material e a do objeto – causa real. Haveria, na constituição do sujeito, uma articulação necessária entre o significante, enquanto causa material, e a *tiquê*, encarnada no objeto *a*, objeto real. Alguns autores propõem, neste sentido, uma dialética entre a determinação simbólica e a sobredeterminação real. Poderíamos pensar, entretanto, na dimensão do real como aquilo que está além da determinação. *Tiquê* seria, assim, aquilo que contradiria o determinismo e que introduziria a dimensão do acaso no âmbito da causalidade do sujeito.

Outrossim, dentre as discussões acerca da emergência do sujeito, Lacan introduziu a idéia segundo a qual a causa seria o termo médio entre o sujeito da ciência revelado por Descartes, com o *Cogito Ergo Sum*, o *cógito* cartesiano e o *Wo Es War, Soll Ich Werden* freudiano, traduzido como: ‘*Lá onde isso estava, lá onde se estava, é meu dever que eu venha a ser*’, que possibilita o surgimento de um imperativo ético que pressiona o sujeito a reconhecer seu lugar – lugar de ser – de ex-sistência, que, enfim, impõe ao sujeito a assunção de sua própria causalidade com o reconhecimento, no Outro, do vazio, do buraco recortado pelo objeto. Verifiquemos o médium.

Primeiro Descartes. Em relação aos diálogos possíveis com a ciência, acompanhamos que se atribuiu fundamental importância tanto à ciência moderna quanto ao nascimento da psicanálise. Lacan afirmou ser impensável a prática psicanalítica e a

introdução do conceito de inconsciente antes da formulação do cogito cartesiano. A ciência moderna seria, então, essencial à existência da psicanálise. O psicanalista francês nos mostrou que, apesar de ter sido Aristóteles quem introduziu a noção de sujeito, foi Descartes quem o fez aparecer verdadeiramente. Neste sentido, Lacan confiou a Descartes a descoberta fundamental do vínculo da certeza do sujeito como sujeito, bem como da cara divisão entre saber e verdade e escreveu que o sujeito cartesiano é, de fato, o pressuposto do inconsciente: “O termo sujeito não designa o substrato vivo, mas o sujeito cartesiano, que aparece no momento em que a dúvida se reconhece como certeza” (Lacan, 1964/1985, p.122). Ou ainda, “Eis por que era importante promover, antes de mais nada, e como um fato a ser distinguido da questão de saber se a psicanálise é uma ciência (se seu campo é científico), exatamente o fato de que sua práxis não implica outro sujeito senão o da ciência.” (Lacan, 1960/1998, p. 878)

Entretanto, a psicanálise não equivale à ciência moderna. Isto porque esta última ao fundar-se introduz o sujeito em sua cena discursiva e, substancialmente, o exclui. A psicanálise, com seu discurso inaugural, reintroduz o sujeito rechaçado pelo agenciamento operacional da ciência, nomeando-o sujeito do inconsciente. O sujeito está implicado no campo psicanalítico, fato que a ciência moderna parece não suportar. A ciência moderna criou o sujeito, mas o retirou de seu terreno operatório:

Lacan formula - o que lhes pode parecer paradoxal - que o sujeito do inconsciente freudiano, esse sujeito que aparentemente é muito diferente de um cogito, é o sujeito da ciência, é o sujeito pontual e desvanescente de Descartes. Aqui temos que distinguir duas coisas. Em primeiro lugar, esse sujeito da ciência que emerge com Descartes, ao mesmo tempo em que emerge é rechaçado do discurso da ciência, é uma das suas condições, mas uma condição foracluída, rechaçada para o exterior, o que faz com que a ciência se apresente como um discurso sem sujeito [...]. (Miller, 1999)

Dizemos, enfim, que o discurso psicanalítico, formalizado por Lacan, reintroduz o sujeito, trabalha com a divisão entre saber e verdade, recolocando este último termo em seu terreno operatório e, finalmente, recupera a questão sobre a causa. O uso

particular destes termos – sujeito, saber, verdade, causa – marca uma distinção entre psicanálise e discurso científico⁹². Acompanhemos a consideração de Alain Juranville:

Para Lacan, como vimos, a ciência se caracteriza pelo repúdio da verdade como causa e pela forclusão, em suas produções, do Nome-do-Pai, ao passo que 'a psicanálise é o que reintroduz na consideração científica o Nome-do-Pai'. E como o Nome-do-Pai funda a emergência do sujeito, podemos adiantar que 'a ciência é uma ideologia da supressão do sujeito' (Juranville, 1987, p.267)

Nesta direção, Paul Verhaeghe (2002) nos mostrou que a questão da causalidade, dentre as construções da ciência, não a moderna, mas, a contemporânea, praticamente desapareceu. Esta ciência, ao invés de tratar a causa, pensa sobre as correlações entre os fatos e procura estabelecer as leis que os determinam. Isso com o intuito de prever e controlar seus objetos de estudo. A ciência contemporânea caminha preenchendo as lacunas entre a causa e o efeito sem permitir incidentes, sem imprevistos. O autor afirma, também, que dentro do paradigma mecânico-determinista deste modo de saber a causa enquanto *tiquê* não tem lugar.

Por outro lado, Lacan, ao reintroduzir a questão da causa no cenário do discurso inaugurado pela psicanálise e de lembrar, além de Aristóteles, também a ética de Espinosa (o sentido da causa imanente, a causa que se produz em seus efeitos), impõem-nos uma importante discussão acerca da liberdade e do determinismo.

Neusa Santos Souza (1996), fazendo também referência à Espinosa, indica-nos que a problemática relativa ao determinismo em psicanálise não está desvinculada da questão sobre a liberdade e sobre a responsabilidade. Se a psicanálise, a partir de Freud, foi acusada de pecar por um determinismo exacerbado (determinismo inconsciente), ela

⁹² Note-se que Lacan localiza a ciência ao lado do 'sou e não penso' do Grupo de Klein (quadrângulo superior esquerdo), em consonância à obsessão, ao analista, ao isso, à pulsão e ao objeto *a*. Essa é a escolha preferencial, como sublinhou Brodsky (2004). A escolha rechaçada é justamente a referente ao inconsciente, enquanto 'penso'. E desdobramentos: histeria, - phi, lugar do analisante e lugar da psicanálise. Desta forma ele criou um interessante pólo de tensão entre psicanálise e ciência

precisou mostrar como é que o sujeito assujeitado pela cadeia significante tem escolha, é responsável.

No seminário XI, Lacan fora enfático sobre a função da liberdade: “O de que o sujeito tem que se libertar é do efeito afanístico do significante binário”. (Lacan, 1964/1985, p.208) No mesmo seminário, ele disse que o estatuto do inconsciente é ético. Ele fazia ali um apelo ao sujeito responsável. O sujeito da psicanálise seria, também, um sujeito responsável por aquilo mesmo que o causa. Teríamos junto a nós uma questão ética. Estaríamos às voltas com as relações existentes entre ética e causalidade. Lá onde se estava... A ética, formulada pelo *Wo Es war soll Ich werden*, revela um imperativo (diferente do imperativo kantiano, ou superegóico: Goze!), o imperativo da ética nos remete à causa.

Pois bem, no grupo de Klein do seminário XV, Lacan situou dois *Wo Es war* (Lacan, 10.01.1968, inédito). Um primeiro ‘lá onde isso estava’ freudiano ele o colocou do lado do isso, conforme destrinchamos, na alienação pulsional do “não penso” e do “falso ser”, em decorrência do que o sujeito surgiria inicialmente como uma falta introduzida pelo significante (S1-S2). O segundo “lá onde isso estava”, ele o localiza “à direita do lugar do inconsciente” (Lacan, 10.01.1968, inédito). Assim, “a falta do sujeito própria do isso torna-se, no inconsciente, objeto da perda” (Rabinovich, 2000, p.82). Novamente Lacan: “a verdade é que a falta (do alto à esquerda) é a perda (de baixo à direita)”.(Lacan, 10.01.1968, inédito) Estas colocações, em princípio, parecem vertiginosas já que Lacan havia localizado o objeto *a* ao lado do isso e $-\phi$ nas linhas do inconsciente. Seria uma inversão conceitual? Parece que não se trata disso. Lembremos da proposição sobre as duas faltas por nós iluminada no seminário XI e insistamos que Lacan manteve seu pólo de tensão formalizado pela oposição dos vértices indicados pela diagonal da transferência. Lacan procurou articular os resíduos das operações

(alienação e verdade) expostas no grafo, a saber: “a operação verdade produz a falta-a-ser, a castração” (Brodsky, 2004, p.96) e a operação alienação produz o objeto *a*.

Se pensarmos na conjugação realizada por Lacan entre a falta, a perda e a causa, concluiríamos que a falta induz uma perda que produz a causa. Desta feita, o “onde isso estava” refere, inicialmente a uma falta de sujeito na pulsão. Porém, é preciso que “o sujeito se torne perda para que se estabeleça a causação do desejo”. Assim, o “lá onde isso estava” é falta a partir do sujeito. Na verdade ela só o é se o sujeito se faz perda” (Lacan, 10.01.1968, inédito). Ou seja, “a falta só se torna realmente falta quando o sujeito se faz perda” (Rabinovich, 2000, p.83), quando este cai como objeto *a* na hiância do desejo do Outro. Lembremos das linhas sobre o objeto *a* enquanto objeto de cessão relacionado à angústia primordial. Este “*a* que se perde [ou se cede] para se tornar causa” (Rabinovich, 2000, p.84).

Lacan afirmara, em “Posição do inconsciente”, que nos é possível captar a causa apenas como instância do inconsciente. Discorrera sobre a causa material significante e introduziu, nos intervalos entre os significantes, a causa real. Desta feita, concordaríamos que não há causa no isso, não há objeto causa da pulsão, muito embora haja objeto da pulsão e a pulsão possa ser alocada como causa. A pulsão seria, é claro, um efeito da intrusão significante, mas suas vicissitudes, sua pergunta (demanda) e seu objeto causariam tanto a resposta fantasmática, quanto (com a ajuda da última) toda sorte de sintomas. O objeto *a* ali surgiria acompanhado de sinais + e -, enquanto cálculo, tentativa de recuperação de gozo, *mais-de-gozar*. O objeto *a*, perda e, então causa de desejo, estaria no quadrângulo direito inferior, do ‘penso’, articulado ao $-\Phi$. Estabeleceríamos, deste modo, a seguinte série: falta, perda, causa.

Lacan propôs um trajeto da alienação à separação (por uma torção) em que ocorre a passagem do primeiro para o segundo *Wo Es war*. Por isso “a falta primeira da

alienação remete, na separação, à perda do sujeito como objeto causa do desejo do Outro” (Rabinovich, 2000, p.117). Como vimos, na separação o sujeito coloca em jogo sua própria perda para poder situar seu lugar de causa.

Brodsky (2004), neste sentido, traz-nos uma esclarecedora contribuição. Ela diz que se $-\phi$ e a aparecem invertidos no vértice esquerdo inferior do grupo de Klein é justamente porque Lacan diferencia o produto de uma operação e a escrita da solução para a análise⁹³. Assim, a falta-a-ser é resolvida pelo lado do “sou” e o produto da operação alienação, que é o “sou” via objeto a , encontra seu limite e é demarcado por $-\phi$.

Pois bem, após percorrer estas veredas entre o sujeito cartesiano e o *Wo Es war* freudiano, afirmamos que a noção de causa certamente faz a psicanálise se haver por um lado com a ciência e por outro com a filosofia. Lacan procurou articular a questão da causalidade com a ciência (com aquilo que toca o sujeito do inconsciente e suas relações entre o saber e a verdade), mais ainda, não obstante tenha retirado essa noção da ontologia aristotélica, utilizou-a no terreno da ética (o que implicou uma importante discussão sobre o que é liberdade para a psicanálise). Eis, então, o início do entendimento disso que Lacan propôs como relativo a um *médium*.

Enfim, verificamos a depuração da noção de causalidade em Lacan. A dupla via, material e real, esteve relacionada ao recalque original e ao trauma. Há na constituição do sujeito uma articulação entre $-\phi$ (falta) e a (perda que se desdobra em causa). S1, a causa material, relaciona-se ao representar o sujeito para outro significante. Então, a materialidade significante segue a determinação de *autômaton*. O objeto a que surge em sua irreduzível opacidade, é a causa real e funciona como *tiquê*. Relaciona-se não ao

⁹³ A autora nos indica que Lacan pretendia construir uma nova configuração para o final de análise. Desta forma “partindo da experiência do inconsciente, que é a experiência da análise, é possível voltar a afirmar um “sou”, uma vez que a experiência do inconsciente é uma falta-a-ser e não um ser. Isso fez com que apresentasse a solução do quarto vetor de modo invertido” (Brodsky, 2004, p.96).

contingente (muito embora haja uma relação de contingência entre o Real e o Simbólico), mas ao impossível, àquilo que o simbólico não supre. A causa material assume seu caráter de determinação para o sujeito e a causa real revela o ponto em que esse sujeito é indeterminado.

Após essa incursão introdutória sobre a questão da causalidade e da determinação nos âmbitos da noção lacaniana de sujeito, poderíamos apresentar uma dedução fundamental para a confecção de nosso próximo capítulo, qual seja: se há uma dupla causação do sujeito é lógico supormos a existência de uma dupla face do desencadeamento. Passemos, finalmente, ao problema do desencadeamento para Jacques Lacan.

3. O desencadeamento da psicose

*O louco é o homem livre por excelência, porque
ele não precisa do Outro para causar seu desejo,
pois leva o objeto a no bolso.*
Jacques Lacan

3.1) Aimée

Em sua tese de doutorado em psiquiatria *Da Psicose Paranóica e suas Relações com a Personalidade*, publicada em 1932, Lacan tratou do Caso Aimée. Ele deixou escrito que escolheu o relato deste caso específico por dois motivos. Primeiro motivo: a informação, Aimée foi uma paciente que recebeu um seguimento razoável de seus médicos. Segundo motivo, que particularmente nos interessa: o valor demonstrativo do caso. E, este caso:

[...] corresponde, com efeito, a uma psicose paranóica, cujo tipo clínico e cujo mecanismo, a nosso ver, merecem ser individualizados. Tanto um quanto outro nos parecem dar a chave de certos problemas nosológicos e patogênicos da paranóia, e, em particular, de suas relações com a personalidade. (Lacan, 1932/1987, p.147)

Pois bem, partindo deste caso que se tornou uma espécie de paradigma da *paranóia de autopunição*, Lacan pode demonstrar suas hipóteses acerca da formação deste tipo específico de personalidade e do desencadeamento da fenomenologia relativa ao quadro. Como precisamente pontuou Ogilvie (1991), a preocupação lacaniana acerca do sujeito e sua determinação já se fazia presente neste tempo “pré-psicanalítico”.

Assim, atento ao determinismo que estaria relacionado aos casos de psicose paranóica, Lacan asseverou que as bases do desenvolvimento da personalidade desses sujeitos deveriam ser buscadas nas exigências de método contidas na psicologia concreta. Sobre isso, Simanke (2002) escreveu:

A inspiração para a tarefa positiva de fundação de uma ciência psicológica à altura das necessidades clínicas da psiquiatria e de uma abordagem concreta da realidade humana vai ter que ser buscada em outro lugar. É, de fato, no turbulento pensamento de Georges Politzer que Lacan vai apoiar-se inicialmente. (p. 163)

A relação sublinhada por Simanke é relevante para nosso problema pois aponta para a importância da eleição, por parte de Lacan, de uma psicologia reformada que viesse a combater a explicação exclusivamente organicista que imperava na sua geração de psiquiatras, mas que, ao mesmo tempo, não submergisse aos fundamentos da psicologia tradicional, ou de uma versão compreensiva desta psicologia: “Daí, a pretensão de fundar uma nova metodologia de análise, histórica, psicológica, porém determinista, materialista e concreta, que permitia conservar a validade e a cientificidade da explicação médica” (Simanke, 2002, p.61-62).

Ronaldo Torres, nesta mesma direção, argumentou que a noção de personalidade defendida por Lacan não poderia, quanto a seu funcionamento, dever sua explicação a uma “noção de existência que a coroaria como fenômeno sem determinação” (Torres, 2004, p.312)

É igualmente interessante pontuarmos que o antiindividualismo lacaniano mostrou suas raízes em seu trabalho de doutoramento. Ao procurar uma definição para o que designou como personalidade, Lacan fiou-se em uma antropologia. Como precisamente escreveu Ogilvie, os fenômenos da personalidade (tal como a psicose paranóica) não se referem a dimensões individuais relativas ao automatismo instintual, mas, como algo especificamente humano, situam-se: “[...] na dimensão plural de um comportamento acoplado a uma representação, e, enquanto tal, assumem sentido e funcionam num sistema social submetido a leis específicas.” (Ogilvie, 1991, p.28)

Torres (2004) nos lembra, também, que a antropologia lacaniana referente ao seu estudo sobre a personalidade sofreu forte influência de Espinosa no que se referiu à articulação que Lacan delineou entre campo representacional, organismo e meio social.

O referido filósofo parece ser a chave para uma posição monista em termos ontológicos, plena de implicações para as noções de causa e determinação⁹⁴. A partir de então estariam vetadas explicações dualistas que atribuíssem causalidade biológica a fenômenos psíquicos e assim reciprocamente. Para tanto seria preciso redefinir o que era um fato mental. Através deste sistema de relações, Lacan estabeleceu que um fato mental excede o indivíduo. Nesta direção, o psiquiatra francês postulou que o estudo do desenvolvimento da personalidade dos sujeitos em questão comportava uma análise que se aplicava “aos acontecimentos de sua história, aos progressos de sua consciência, a suas reações no meio social.” (Lacan, 1932/1987, p.354)

Ao definir a personalidade paranóica como uma forma de síntese, Lacan marcou uma posição diferenciada em relação à psicologia compreensiva, já que não abriu mão dos quadros clínicos, nem mesmo de sua dimensão psicopatológica. Não deixou de discorrer, igualmente, sobre o papel das disfunções orgânicas na determinação de fenômenos psicopatológicos⁹⁵. Aliás, em relação às causas, o psiquiatra francês denominou causa ocasional o papel desempenhado pelos fatores orgânicos (ainda que não específicos) no desencadeamento dos sintomas pertinentes à psicose paranóica do tipo referido. (Cf.: Lacan, 1932/1987, p. 355)

Neste sentido podemos adicionar que embora Lacan não tenha negado a ocasionalidade orgânica dos fenômenos que o interessavam, ele conseguiu construir,

⁹⁴ Com o nascimento da ciência moderna, o termo causa passou também a ser estendido à relação lógica. A causa foi, então, considerada pelo espírito da doutrina cartesiana como “inerente à própria realidade dos fenômenos percebidos” (Lalande, 1995, 143). A idéia de causa imanente, em Espinosa, diz respeito àquilo “que faz a verdade de uma proposição, a premissa da qual a podemos deduzir e, a título de aplicação particular, o fato de onde resulta logicamente um outro fato” (Lalande, 1995, p.143). Uma causa imanente em seus efeitos significa que “toda a existência da estrutura consiste em seus efeitos, em suma, de que a estrutura, que é apenas uma combinação específica de seus elementos peculiares, nada significa sem seus efeitos” (Jameson, 1992, p.22). Deleuze, neste sentido, mostrou-nos que Espinosa inicia sua obra – *Ética*, pela definição de causa de si, desarticulando a tradição que ditava que a causa de si era uma causa derivada de um efeito extrínseco a esta mesma, como uma analogia à causa eficiente. Esta discussão será retomada por Lacan em “Posição do inconsciente”.

⁹⁵ Lembremos aqui que Lacan trabalhou com quadros de encefalite, epilepsia e transtornos neurológicos envolvendo a escrita e a expressividade de forma simultânea à redação de sua tese.

com sua tese, um argumento que apontava para os limites da explicação organicista, e que colocava em primeiro plano as motivações psicogênicas para a ocorrência de um desencadeamento:

Por isso, trazer para o primeiro plano os fatores sintéticos da personalidade não é renunciar ao determinismo e à explicação causal, mas reforçá-la, já que, a partir daí, é possível dar conta de algo que a determinação orgânica deixa de fora (Simanke, 2002, p.63).

Acompanhando as palavras de Lacan:

Não é de modo algum contraditório que a histeria consista por um lado em dissociações de funções que permitem modificações fisiológicas ou lesionais de centros determinados e que, por outro, os acidentes sejam desencadeados e organizados por motivações psicogênicas. (Lacan, 1932/1987, p.35 nota de rodapé)

Esta afirmação aproxima-se bastante da posição referente ao monismo não reducionista decorrente, dentre outros, do monismo anômalo de Donald Davidson. Conforme evidenciamos nos preâmbulos do capítulo anterior, ao tratarmos das afasias assimbólicas e da teoria das pulsões em Freud, o que agora designamos por monismo não reducionista refere-se ao campo do sentido de tal forma que este não seja reduzido ao biológico, sem que com isso se adira ao idealismo. Do mesmo modo, a crítica ao dualismo operada por Lacan não redundou em exclusão da autonomia do psíquico.

Ainda em relação à questão do determinismo organicista e da renúncia à soberania do mesmo, continuemos com Simanke (2002):

[...] exclui-se a suposição de uma causa orgânica soberanamente determinante [...] A partir do momento em que se renuncia a esta última, toda a explicação terá que derivar do estudo da evolução do quadro (lembrando que este era o método por excelência da medicina clínica, tal como foi descrita por Foucault). As bases orgânicas da personalidade – de que Lacan não abdica – tornam-se genéricas, decorrentes do fato de que esta totalidade psíquica constitui-se ao longo da história de um organismo vivo, mas elas não mais explicam a coerência interna dos elementos desta síntese, nem a diferença

entre as personalidades mórbidas e sadias. Tudo isso vai ter que ser buscado no âmbito de uma explicação antropológica. (p.64)

Lacan defendeu a tese segundo a qual, nos casos de paranóia, os distúrbios intelectuais (ou de pensamento) estariam na origem da enfermidade e responderiam pelo distúrbio observado. Para isso, Lacan inverteu a idéia organicista segundo a qual o fenômeno elementar (alucinação) seria efeito de uma lesão cerebral e base para os desdobramentos delirantes, concebidos “como um discurso desencaminhado por este funcionamento anômalo da representação” (Simanke, 2002, p.64). A interpretação passou a ser considerada por Lacan como o mecanismo primitivo que regularia o crescimento do delírio, deixando este, portanto, de ser um fenômeno secundário. Os fenômenos elementares passaram a colocar-se na dependência da interpretação delirante⁹⁶. Note-se que, se por um lado Lacan conseguiu driblar o organicismo, por outro, ao colocar a interpretação delirante no lugar da causa, ele tratou as razões como causas.

Neste ponto parece-nos interessante pontuar que, em 1946, através de seu texto “Formulações sobre a causalidade psíquica”⁹⁷, Lacan retifica esta posição. Seu interlocutor principal era, então, o psiquiatra Henri Ey e seu organo-dinamicismo. Acerca das posições relativas à causalidade psíquica de Henri Ey, Lacan discorreu sobre o dualismo cartesiano e o imputou ao colega psiquiatra. Sobre as formulações gerais de Henri Ey, Lacan apontou os emaranhados em que o primeiro se enodou. Quanto ao dualismo, Lacan evidenciou o erro na leitura do cartesianismo de Ey e lamentou a afirmação de um certo materialismo (organicismo) segundo o qual o espírito seria um

⁹⁶ Cabe lembrar que a noção de fenômeno elementar fora desenvolvida por Clerambault para designar um caso particular dos automatismos mentais. Ao absorver esta noção de seu mestre em psiquiatria, Lacan conseguia isolar o problema da intencionalidade e integrar a hipótese de um elemento sentido com estranho e alheio ao sujeito não apenas como fato descritivo, mas também explicativo, do processo mórbido.

⁹⁷ Note-se que neste texto Lacan já indicara a questão da antecipação e sua relação com a prematuração do humano, conceito que ele desenvolverá extensamente no texto que citaremos adiante: “O estágio do espelho como formador da função do eu”, de 1949.

epifenômeno⁹⁸. Ele se reportou, enfim, “à forma do materialismo para o qual o espírito imanente à matéria realiza-se por seu movimento” (Lacan, 1946/ 1998, p.160). Lacan fiava-se, como na tese, por esta lógica causal imanente.

Ao conceber os distúrbios mentais como uma afronta à liberdade, Henri Ey teria situado a crença delirante, enquanto um fenômeno de déficit, nas “dobras do cérebro”. Assim, além de aportar-se em um dualismo equivocado introduzido entre o orgânico e o psíquico, o que teria produzido “uma teoria da vida psíquica incompatível com uma psicogênese dos distúrbios mentais” (Lacan, 1946/ 1998, p. 158), Henri Ey teria se pautado por este “materialismo” que concebia tais distúrbios enquanto epifenômenos.

Lacan, após sua crítica contundente, quatorze anos passados, retoma sua tese de 32: “Quando defendi minha tese sobre A psicose paranóica em suas relações com a personalidade, um dos meus mestres pediu-me que formulasse o que, em suma, eu me havia proposto com ela: ‘Em suma, senhor’, comecei, ‘não podemos esquecer que a loucura era um fenômeno do pensamento’” (Lacan, 1946/1998, p. 163). E, mais adiante: “toda a loucura é vivida no registro do sentido (...) o problema da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem” (p.166).

Lacan havia afirmado, em sua tese, que a paranóia era um fenômeno do pensamento e do conhecimento. E a gênese dos sintomas era social. Observemos que os termos destas sentenças ganharam contornos interessantes na montagem lacaniana. O conhecimento passava a ser um fenômeno, e não apenas uma ação sobre este, o elemento social impingia a inclusão da alteridade indeterminada para o sujeito e a própria paranóia deixava de ser um quadro desviante em relação à estrutura social, uma vez que era a expressão da sua estrutura.

⁹⁸ É importante destacar novamente que se considera um epifenômeno aquilo que é efeito de uma operação causal e que não possui este mesmo, valor ou efetividade causal.

Vale lembrar, neste ponto, a correção que Lacan apresentou em seu seminário sobre *O Sinthoma*, de 1975-76, acerca de suas veredas anteriores à psicanálise. Ele defendeu, então, que se por muito tempo hesitou em publicar novamente sua tese de 32 foi pela seguinte razão: a paranóia e a personalidade não possuiriam relação pelo simples fato de serem a mesma coisa.

Pois bem, naquele momento da tese, a interpretação delirante foi realocada pelo psiquiatra e passou a ocupar uma posição determinante para o desencadeamento da psicose. Isso marcou um passo a mais em relação às posições organicista e compreensiva. Não obstante este passo dado, notamos que, ao tomar a interpretação ao modo de um fenômeno elementar, o psiquiatra tratou como causa o que se referia a ordem das razões.

Entrementes restavam ainda algumas questões a responder. Uma questão fundamental: como tais interpretações delirantes articulavam-se no tempo? A esse respeito Richard Simanke afirma:

Mas isso era apenas o começo. A interpretação foi deslocada para o momento desencadeador do delírio, mas resta explicitar, por um lado como ela reage a eventos determinantes na história individual e, por outro, como ela constrói, a partir daí, uma estrutura complexa, cujo caráter reacional vai permitir fundar o determinismo peculiar da personalidade e da psicose. Isso se faz pela investigação das relações entre o delírio e a história da paciente. (Simanke, 2002, p.88)

O trabalho de Simanke, desta forma, indica a importância dos desdobramentos históricos para a construção da personalidade. Na fundamentação deste diálogo entre delírio e história, as noções psicanalíticas revelaram sua utilidade para Lacan. Todavia, inicialmente, ele estabeleceu com a psicanálise uma relação que nitidamente separava método e doutrina em psicanálise (lembrando a influência de Politzer, autor que relegou ao ostracismo a metapsicologia psicanalítica). Lacan aproximou-se, assim, paulatinamente da metapsicologia freudiana e preocupou-se, desde estes primórdios de

sua produção intelectual, em fazê-la de forma crítica. Nesta vertente, Simanke frisou o caráter antropológico do retorno a Freud realizado por Lacan antes mesmo deste último lançar mão da famosa sentença que o guiou a partir de 1953.

Conforme indicamos acima, Lacan estabeleceu, dentro do quadro das paranóias, a existência de um tipo clínico específico (e pertinente ao caso de sua paciente) ao qual denominou *paranóia de autopunição*. Pois bem, com o intuito de explicar as inter-relações entre o delírio e a história de sua paciente Lacan escreveu, então, que *conflitos vitais* (também não específicos) teriam desempenhado “o papel de causa *eficiente* (determinante da estrutura e da permanência dos sintomas)” (Lacan, 1932/1987, p.355). Segundo Lacan, estes conflitos vitais seriam expressos imediata e manifestamente através do conteúdo sistematizado dos delírios e seu simbolismo evidente. Dentre estes conflitos, Lacan destacou em Aimée aqueles ligados ao complexo *fraterno* (Lacan, 1932/1987, p.356).

Lacan elencou, também, fatores que agiriam “como causa *específica* da reação pela psicose.” (Lacan, 1932/1987, p.355) Segundo ele, esses fatores poderiam demonstrar-se tanto por anomalias do desenvolvimento típico da personalidade, o que se integra “as coerções sancionadas pelo grupo social, e que podemos designar com o termo *Superego*” (Lacan, 1932/1987, p.355), como por anomalias globais. Pois bem, a anomalia de evolução (ou desenvolvimento), Lacan definiu como uma “*fixação afetiva* precisamente nesse estágio infantil em que se forma o *Superego*, pela assimilação à personalidade das coerções parentais ou de seus substitutos.” (Lacan, 1932/1987, p.356)

Lacan concebeu, assim, a *psicose paranóica de autopunição* como uma parada de evolução. Esta causa específica, ou seja, a fixação no estágio do desenvolvimento erótico pertinente à formação do *Superego*, que Lacan aponta como próprio do narcisismo secundário, evidencia a esfera sexual (que, segundo Lacan, seria o lugar de

síntese entre o orgânico e o social) como base do funcionamento psicótico. Esta fixação serve, também, como explicação para a existência de tendências no psiquismo (erotização anal, sado-masochismo, intenção de irmãos quanto a uma escolha homossexual, sublimação) que, por sua vez, corroboram o papel de causa eficiente que conflitos vitais desempenham no determinismo do delírio. Segundo Lacan, “antes da psicose, essas tendências são latentes quanto à sua potência real.” (Lacan, 1932/1987, p.356)

Lacan estabeleceu, portanto, uma tríade causal composta por: 1) história (conflitos vitais enquanto causa eficiente), 2) parada na evolução ou no desenvolvimento (causa específica e o ponto de fixação no estágio do Superego) e 3) tendências referentes à pulsão (e suas vicissitudes). Encontramos pontos de ligação entre estas causas de tal forma que partimos da eficiência dos conflitos vitais em seu diálogo com a causa específica, passamos pela esfera sexual evidenciada pela última e chegamos a confirmar o papel determinante da primeira que, assim, faz passar as tendências das pulsões parciais e dos destinos das pulsões do estado latente à potência real⁹⁹.

Poderíamos conceber a causa específica como uma matriz a partir da qual Lacan pensou as manifestações clínicas posteriores da psicose, enquanto ramificações, versões relativas à primeira. Em relação a Aimée, concluiríamos que os eventos desencadeantes (conflitos vitais) de um surto assim o foram por terem tocado no conflito central (seu ponto de fixação) da paciente de Lacan o que então teria evidenciado o campo sexual daquela. Conforme bem sintetizou Simanke, para dar conta da psicose e da formação da

⁹⁹ Vale neste momento uma interpolação com os comentários freudianos sobre as causas. Freud designou como causa eficiente o momento traumático real e como causa específica o fator quantitativo. Não obstante Lacan não se tenha utilizado do aspecto quantitativo, recordemos que desdobramos o fator orgânico proposto por Freud e chegamos à pulsão. Interessante pensarmos que Lacan igualmente fez surgir a sexualidade desde a causa específica e relacionou a história à causa eficiente.

personalidade delirante de sua paciente (que ocorrera progressivamente mediante reações específicas), Lacan enfatizou tanto a relação entre os surtos e os acontecimentos ligados ao seu conflito central, como o desenvolvimento de seu caráter sob a influência de sua interpretação delirante. (Cf.: Simanke, 2002, p.88)

É interessante notarmos que apesar de ainda não se apresentar como psicanalista, esta leitura pautada em uma acepção dialética trouxe a Lacan uma preocupação em escapar de uma noção metafísica de sujeito. O sujeito da tese é um sujeito temporal, que acontece ao longo do tempo e inclui sua relação com o tempo. As relações que Lacan estabeleceu entre a causa específica (fixação no estágio do superego – que evidencia a esfera sexual) e os conflitos vitais, enquanto causa eficiente (responsável pela estrutura e permanência dos sintomas), parecem denotar isto.

Em relação ao caso propriamente dito e aos surtos desencadeados de Aimée, Richard Simanke fez um apanhado daquilo que designou por itens mais chamativos do percurso desta paciente:

a relação persecutória que se estabelece com os editores e as cortesãs, que reproduz uma rivalidade originária com a irmã; delírios sobre atentados tramados contra o filho, alvo da inveja fraterna, que visavam atingi-la indiretamente; a fixação amorosa no príncipe de Gales; o atentado a faca contra uma atriz em frente ao teatro (Simanke, 2002, p.86).

Quinet (2006) apontou, neste sentido, que o delírio central de Aimée referia-se à frase: “querem matar meu filho”. Esta idéia de perseguição vinha acompanhada de sua justificativa: “Para me castigar. Por quê? Porque não cumpria minha missão, porque meus inimigos se sentiam ameaçados por minha missão.” (Lacan, 1932, p.200) Portanto havia, em Aimée, uma idéia delirante de punição em relação a uma suposta falta moral, que exprimiam seus escrúpulos éticos.

Como sabemos, dentre os desencadeamentos de Aimée, a relação delirante que ela estabeleceu com Huguette Duflos, atriz por quem era fascinada, mereceu destaque

nas construções de Lacan e pode ser considerada o paradigma da correlação entre o delírio e a autopunição para este caso de paranóia. Isto porque as interpretações delirantes de Aimée culminaram em uma passagem ao ato por parte da mesma: o famoso atentado à faca contra a tal atriz, o que a levou à reclusão (punição).

Lacan concluiu que havia ali um processo de idealização patológica, inicialmente, referente à irmã e posteriormente transferido para a atriz. Mais ainda, ele chamou a atenção de seus interlocutores para uma peculiaridade. Sublinhou, então, que o tipo de paranóia para a qual ele sustentava uma explicação possuía uma propriedade particular: sua *curabilidade*. Ele descreveu o atentado:

No dia 10 de abril de 193..., às oito horas da noite, a Sra. Z., uma das atrizes mais apreciadas pelo público parisiense, chegava ao teatro onde se apresentaria. Foi abordada na porta da entrada dos artistas, por uma desconhecida que lhe fez esta pergunta: 'A senhora é que é a Sra. Z?'[...] A desconhecida então, diz a atriz, mudou de feição, tirou rapidamente de sua bolsa uma faca e, com o olhar injetado de ódio, investiu seu braço contra ela. (Lacan, 1932/1987, p.149)

Aimée, na delegacia, disse que a atriz há muito a atormentava, fazendo escândalos contra ela. Huguette Duflos enviava-lhe mensagens alusivas nas personagens que representava no teatro, mensagens que funcionavam como denúncias contra ela. Aimée ficou dois meses presa e após este período foi internada e observada por Lacan durante um ano e meio. Após a reclusão Aimée “curou-se”. Segundo Lacan, ela teve, através de seu encarceramento, seus desejos de auto-punição satisfeitos.

Além do uso do fator *curabilidade*, Antonio Quinet (2006) nos apontou que Lacan fez uso também do conceito de *Verhaltung*¹⁰⁰ (retenção) para “explicar a fixação da paciente nos mecanismos autopunitivos.” (Quinet, 2006, p.97) Segundo Quinet, após o episódio de autopunição, as idéias paranóicas e a auto-referência puderam desaparecer (cura), mas o sujeito continuou fixado no ponto em que estava retido. Ponto de fixação

¹⁰⁰

Trataremos deste conceito mais a frente, na discussão do caso Homem dos Lobos.

que, como desenvolvemos, funcionaria como causa específica para sua psicose. E, acrescentamos, faz a função da fantasia para a psicose.

Aimée esteve fixada (retida) como aquela que sempre seria “punida, maltratada e então perseguida pelo Outro da maldade” (Quinet, 2006, p.97). Ele asseverou, ainda, que não foi o ato¹⁰¹ de esfaquear a atriz que provocou a queda do delírio de Aimée, mas a própria reclusão enquanto punição. Desta feita, a autopunição representaria “um gozo de punição” que adviria “no real de seu aprisionamento.” (Quinet, 2006, p.97) A reclusão, enquanto punição, é certo, provocou satisfação na paciente de Lacan. Isto aparece em consonância com as formulações causais de Lacan. Entretanto, esta explicação parece não dar conta da causa da passagem ao ato¹⁰² (este momento extremo em que o sujeito não se reconhece e cai como objeto) operada por Aimée, nem mesmo da passagem ao ato como causa. Conforme desenvolvermos a causação das formas de ato segue a economia da angústia. Guardemos isso por enquanto.

3. 2) Serguei Constantinovitch Pankejeff - A *Verwerfung* e o Homem dos Lobos.

Esta grande obra freudiana acerca do caso clínico que ficou conhecido como o Homem dos Lobos abre, ao psicanalista interessado na questão do desencadeamento, a possibilidade de discutir um quadro diverso e o desencadeamento de ‘sintomas’ relativos a outro modo estrutural. Muito embora Freud não tenha diagnosticado uma psicose para o caso em questão¹⁰³ e Lacan não tenha sido exatamente assertivo sobre o mesmo, a hipótese pode ser levantada, problematizada e, quiçá, sustentada.

¹⁰¹ Por outra via, podemos pensar que um ato não pode ser dissociado de uma mudança subjetiva, pois, o sujeito no ato passa a não se reconhecer ali onde estava ou, na formulação de Diana Rabinovich, “o ato é correlativo, no nível do eu (*moi*), a certa depersonalização, que indica esse não se reconhecer, esse se desconhecer” do sujeito no alcance inaugural, na própria execução do ato. (Rabinovich, 2004, p.86) O correlato do ato é, então, o limite do reconhecimento do sujeito. Ou, nas palavras de Christian Dunker, “o ato se define pela ruptura e pelo rearranjo da ordem simbólica.” (Dunker, 2007, p.73)

¹⁰² Trataremos este conceito logo à frente, a partir da construção do caso Dora.

¹⁰³ “[...] o paciente passou um longo período em sanatórios alemães, e foi, na época, classificada pelos mais autorizados especialistas, como um caso de ‘insanidade maniaco-depressiva’. Esse diagnóstico

Se por um lado Freud trabalhou seu caso célebre como sendo o de um neurótico obsessivo, Lacan, por outro, parece o ter retomado pela borda da psicose. Algumas manifestações tanto da infância como da idade adulta do Homem dos Lobos foram lidas pelo psicanalista francês como referentes a uma recusa, por parte daquele sujeito, ao mundo simbólico. Em diversos momentos, entretanto, Lacan não se mostrou decidido em relação ao diagnóstico estrutural do caso. Vejamos como este historial clínico nos foi apresentando no que tange o problema antes da constituição e depois do desencadeamento.

Em seu seminário *Os Escritos Técnicos de Freud*, Lacan seguiu a assertiva segundo a qual o complexo de castração no Homem dos Lobos, problema crucial deste caso, ocupou uma função bastante singular em sua estruturação. Retomando passagens freudianas, Lacan nos lembrou que, toda vez que Freud apontou situações que tocaram em seu temor da castração, sintomas de caráter anal (como suas conhecidas manifestações intestinais) apareceram. Tais sintomas indicariam uma retirada daquele paciente para uma posição da teoria anal da sexualidade, recusando, então, a realização genital. Lacan asseverou, enfim, que o plano genital, para o Homem dos Lobos, fora como se não existisse. Segundo Quinet (2006):

Tudo é anal no Homem dos Lobos não por ele ser neurótico obsessivo (que também tem fixação anal, em termos freudianos), mas porque ele se ateu à hipótese de uma teoria sexual infantil onde não entra a diferença dos sexos, onde entra a teoria do coito anal. (p.133)

Em seu texto “Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite”, Lacan escreveu:

era certamente aplicável ao pai do paciente, cuja vida, de muitas atividades e interesses, foi perturbada por repetidos ataques de grave depressão. No filho, porém, jamais consegui, durante uma observação que durou vários anos, detectar quaisquer mudanças de ânimo que fossem desproporcionais à situação psicológica manifesta, tanto na intensidade quanto nas circunstâncias de seu aparecimento. Formei a opinião de que este caso, como muitos outros que a psiquiatria clínica rotulou com os mais multifários e variáveis diagnósticos, deve ser considerado como uma *condição que se segue a uma neurose obsessiva* que acabou espontaneamente, mas deixou para trás um defeito, após a recuperação” (Freud, 1918, p. 20).

“É assim que Freud, em sua inflexível inflexão à experiência, constata que, embora o sujeito tenha manifestado em seu comportamento um acesso, e não sem audácia, à realidade genital, esta permaneceu como letra morta para seu inconsciente, onde reina sempre a ‘teoria sexual’ da fase anal” (Lacan, 1954/1998, p.388).

Lacan comentou que, para discorrer sobre a reação de seu paciente diante da castração, Freud lançou mão do termo *Verwerfung*. O Homem dos Lobos teria suprimido a castração, tratar-se-ia de uma abolição simbólica. A *Verwerfung* freudiana seria exatamente aquilo que se oporia à *Bejahung* (afirmação) original, que, por sua vez estaria ligada à dialética da *Verneinung*: “A *Verwerfung*, portanto, corta pela raiz qualquer manifestação da ordem simbólica, isto é, da *Bejahung* que Freud enuncia como o processo primário em que o juízo atributivo se enraíza.” (Lacan, 1954/1998, p.388) E sobre a *Bejahung*: “Tal é a afirmação inaugural, que já não pode ser renovada senão através das formas veladas da fala inconsciente, pois é somente pela negação de negação que o discurso humano permite voltar a ela.” (Lacan, 1954/1998, p.388)

Lacan afirmou que aquilo que não foi deixado ser na *Bejahung*, que o sujeito suprimiu (*Verworfen*), não poderá ser reencontrado na sua história, no simbólico, como se espera que ocorra com o recalçado (negação com conservação simbólica). Ele nos diz que Freud precisou disso com sua escrita, enfatizando que o sujeito nada quereria saber do que fora abolido no sentido do recalque:

Pois, com efeito, para que ele tivesse que conhecê-lo nesse sentido, seria preciso que isso, de algum modo, tivesse vindo à luz pela simbolização primordial. Mais uma vez, porém, o que acontece com isso? O que acontece, vocês podem ver: o que não veio à luz do simbólico aparece no real. (Lacan, 1954/1998, p.390).

Freud deixara escrito que aquilo que ulteriormente fora recalçado volta de diversas formas, articulado, por exemplo, como um sintoma. Entrementes, quando a recusa é da ordem da *Verwerfung*, o destino deste recusado é bastante diferente. Com o

intuito de marcar tal diferença, Lacan deixou dito que o tipo de recalque que ocorre na neurose não está no mesmo nível, em relação ao simbólico, da negação de que se trata na psicose. Daí sua afirmação relativa ao retorno no real do que fora foracluído do simbólico¹⁰⁴.

Nesta direção, podemos acompanhar Quinet (2006) em seu escrito sobre as condições necessárias para a ocorrência de uma formação inconsciente. Para que um sujeito possa fazer uma negação (no sentido do recalque) é preciso que tenha havido uma afirmação primeira. Como não há negação no Inconsciente, para alcançarmos uma frase inconsciente, basta suspendermos o ‘não’. O exemplo freudiano, retirado de seu artigo “A negação”, é clássico: “O senhor está pensando que é minha mãe, mas não é minha mãe.” A negação da *Verwerfung*, no entanto, não quer dizer seu contrário, ela não retém o que é negado como afirmação.

É a partir da *Bejahung* que a *Verneinung* (denegação) é possível: ela que se constitui portanto, sobre o fundo de uma afirmação primeira. Trata-se de uma negação própria da neurose, completamente diferente da *Verwerfung* (foraclusão). A negação na psicose não quer dizer o seu contrário; quando aparece, ela é o efeito da *Verwerfung*, cuja maior expressão é o negativismo do catatônico ou do melancólico: um não à vida, um não a qualquer coisa. (Quinet, 2006, p.131).

Permanecendo em nossa trilha, sigamos Lacan em seu seminário sobre *As psicoses*, tempo em que o psicanalista passou a discorrer, mesmo que inicialmente, sobre o Nome-do-Pai:

o que cai sob o golpe do recalque retorna, pois o recalque e o retorno do recalçado são apenas o direito e o avesso de uma mesma coisa. O recalçado está sempre aí, e ele se exprime de uma maneira perfeitamente articulada nos sintomas e numa multidão de outros fenômenos. Em compensação, o que cai sob o golpe da *Verwerfung* tem uma sorte completamente diferente. (Lacan, 1955-56/1988, p.21).

¹⁰⁴ Note-se que Lacan utilizou o conceito de *Verwerfung*, extraído de Freud, antes mesmo de estabelecer a noção de foraclusão do Nome-do-Pai ou de estabelecer a metáfora paterna. Como vimos, a *Verwerfung* apareceu na obra lacaniana em oposição àquilo que ocorre entre a afirmação primordial (*Bejahung*) e a negação própria à neurose (*Verneinung*).

Ao trabalharmos com o diagnóstico de psicose a partir do seminário III e depois em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses”, de 1958, somos convocados à leitura do desencadeamento não mais de sintomas neuróticos, mas sim do surto psicótico. Pois bem, em se tratando das psicoses, dizemos que o significante Nome-do-Pai¹⁰⁵ está foracluído e que o que então fora recusado no simbólico, *Verwerfung*, retorna no real. E esse retorno, que envolve uma contingência, está certamente relacionado ao desencadeamento da psicose. A foraclusão e o significante foracluído localizam-se em causa.

Retornando ao caso em questão, acompanhemos novamente o seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud*:

A castração, que é precisamente o que para ele não existiu, manifesta-se sob a forma do que ele imagina – ter-se cortado o dedinho, tão profundamente que só se segura por um pedacinho de pele. Fica então submerso pelo sentimento de uma catástrofe tão inexprimível que não ousa nem mesmo falar disso para a pessoa ao seu lado. Aquilo de que não ousa falar, é isso – é como se essa pessoa à qual ele imediatamente refere todas as suas emoções, estivesse anulada. O outro não existe mais. Há uma espécie de mundo exterior imediato, manifestações percebidas no que chamarei um real primitivo, um real não- simbolizado, apesar da forma simbólica, no sentido corrente do termo, que toma esse fenômeno. (Lacan, 1953-54/1986, p.73-74).

O psicanalista referia-se à alucinação que o menino tivera na infância, aos cinco anos de idade, aquela relativa ao corte no dedo. Recordando: ele cortara o dedo com uma faca e este ficara preso apenas por um pedacinho de pele, sentara-se, depois disso, ao lado de sua ama, mas nada lhe dissera sobre o ocorrido. Lacan disse, outrossim, que naquele momento da alucinação (um fenômeno psicótico) o sujeito não era de modo

¹⁰⁵

Corroborar esta discussão a leitura de Porge (1998) e seus comentários sobre a entrada do Nome-do-Pai na obra lacaniana. Como acima apontado, este significante teve sua aparição no seminário sobre *As psicoses*. Entrementes, em *O aturdo*, 1970, Lacan atribuiu a introdução do Nome-do-Pai ao texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses”, 1958, artigo em que procedeu a fundamentação da metáfora paterna. Porge pontuou, então, que no trabalho de 1958 Lacan teria realizado uma introdução comentada do Nome-do-Pai.

algum psicótico: “Poderá ser psicótico mais tarde”. (Lacan, 1953-54/1986, p.74) A alucinação é explicada da seguinte forma: “o que não é reconhecido faz irrupção na consciência sob a forma de visto.” (Lacan, 1953-54/1986, p.74) Enfatizemos que não se trata do reconhecido simbolizado e verbalizado. Assim somos levados ao nível do imaginário – ‘a forma do que ele imagina’.

Chegamos assim a um novo problema. A tese de que aquilo que não se inscreve no simbólico retorna no real, possui suas formas complementares, quais sejam: aquilo que se inscreve no simbólico retorna no simbólico (sintoma) e aquilo que se inscreve imaginariamente no simbólico retorna no imaginário (fetiche). Para seguirmos nesta toada seria preciso admitir a existência de três formas de causalidade: imaginária, simbólica e real. Vimos que cada qual possui uma especificação distinta: a determinação simbólica (*autômaton*), o imediatismo imaginário e a condicionalidade que preside a relação entre ambos (a *Wirklichkeit* enquanto efetividade que coordena as relações entre causa material e causa formal ou imediata). Verificamos em seguida que há espaço para a causa real, representada pelo encontro do trauma, o choque (*tiquê*). Ora, as leis que comandam a escolha da estrutura são descritas principalmente a partir do simbólico (determinação significativa), sugerindo uma espécie de hierarquia dos tipos causais.

Acerca do real que “subsiste fora da simbolização” e a partir do qual o que fora recusado retorna, Lacan havia escrito, no referido texto de resposta a Jean Hyppolite, que este real seria um domínio constituído por um movimento de expulsão, expulsão para fora do sujeito e que estaria sempre “prestes a submergir com seus estrondos o que o ‘princípio de realidade’ constrói nele sob o nome de mundo externo”. (Lacan, 1954/1998, p. 390) Este real expulso é o que justamente pode emergir sob a forma de uma alucinação.

Parece-nos relevante pontuarmos que esta concepção lacaniana acerca de uma expulsão primeira que daria origem ao real fornece pistas de uma preciosa articulação entre o Real e a foraclusão (*Verwerfung*): “Primeiro houve a expulsão primária, isto é, o real como externo ao sujeito.” (Lacan, 1954/1998, p. 391) Por mais que possamos argumentar que neste momento do ensino de Lacan o psicanalista ainda não tratava o Real como o fez a partir dos anos sessenta, principalmente com a conceitualização do objeto pequeno *a*. Não podemos deixar de frisar que em sua resposta ao comentário de Jean Hyppolite, Lacan postulou a constituição deste “domínio” real por meio dessa expulsão radical, o que nos pode servir de preâmbulo para uma discussão posterior sobre o conceito de foraclusão generalizada (o que nos faria rever a hierarquia dos tipos causais entre real, simbólico e imaginário). Guardemos isso por enquanto.

Retornando ao caso, ainda sobre a alucinação que o Homem dos Lobos tivera aos cinco anos de idade, Lacan destacou a total impossibilidade em que o menino se encontrou de falar no momento em que vira seu dedinho cortado e dependurado apenas pela pele. Segundo Lacan, o menino parou diante da “estranheza do significado” e mergulhou em um “mutismo aterrorizado”, incapaz de comunicar seus sentimentos ou expressar qualquer apelo, mesmo estando ao lado de sua amada Nania. Ele caiu em um “abismo temporal”：“...em uma espécie de funil temporal de onde retorna sem ter podido contar as voltas de sua descida e sua subida, e sem que seu retorno à superfície do tempo comum tenha correspondido em nada a seu esforço.” (Lacan, 1954/1998, p.392)

Lacan prossegue:

O conteúdo da alucinação, tão maciçamente simbólico, deve seu aparecimento no real ao fato de não existir para o sujeito. Com efeito, tudo indica que ele continuou fixado, em seu inconsciente, numa posição feminina imaginária que tira todo o sentido de sua mutilação alucinatória. (Lacan, 1954/1998, p.394)

Enfim, dizemos que a alucinação do menino teve relação estreita ao não-reconhecimento da castração por sua parte, e referiu-se ao momento em que o recusado irrompeu na consciência sob a forma do visto, ou, segundo uma formulação posterior, quando o que esteve foracluído no simbólico retornou no real. Todavia, frisemos que, mesmo tendo destacado este episódio psicótico, Lacan asseverara que naquele ponto não se tratava de uma psicose¹⁰⁶.

Destacando a descrição que Lacan fizera do desencadeamento da alucinação causada pela foraclusão e pelo retorno no real, pontuemos o estranhamento do sujeito e a desorganização de sua experiência do tempo, o que poderíamos articular com o fenômeno de *Unheimlich* e com o tempo do instante, o tempo da pulsão. Não encontramos nestes comentários lacanianos algo que nos lembre um encadeamento significativo, ou mesmo um ponto de corte que provoca significação retroativa. Não encontramos *autômaton*.

O fenômeno elementar em discussão pode remeter-nos ao sonho dos lobos. De acordo com Quinet (2006), Freud havia interpretado este sonho como relativo ao reconhecimento da castração por parte do Homem dos Lobos, já que ali ele teria tomado conhecimento da realidade genital (o sonho desvelou a cena primária). Quinet pontuou, então, que tal conhecimento não exerceu qualquer eficácia no sentido de provocar alguma decisão possível para o problema sexual. Por isso Lacan afirmara que o significante primordial permaneceu no inconsciente do paciente de Freud como letra morta:

¹⁰⁶ Ora, a excepcionalidade da presença de uma alucinação em um paciente não psicótico levanta problemas quanto à generalização das leis de determinação do sujeito a partir do modelo estrutural-dialético. Ou as leis de retorno são inexoráveis e não pode haver alucinação na neurose (retorno no real), ou é preciso corrigir a extensionalidade destas leis. Lembremos, outrossim, da referência laciana ao *acting out* como aquilo que retorna de fora, em homologia à alucinação (seminário III). Como explicaríamos um *acting out* (enquanto um debruçar do sujeito sobre o objeto) ou mesmo uma passagem ao ato na neurose? Versaremos sobre isso em nossa retomada dos casos Dora e Jovem Homossexual.

o sujeito não o fez entrar na sua história. Essa impressão primitiva da cena primordial do coito a *tergo* entre os pais permaneceu ali durante anos não servindo para nada, mas era um significante, e Lacan vai dizer que o significante está lá, é dado primitivamente, mas não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar na sua história. (Quinet, 2006, p.132-133).

Escutemos o próprio Lacan:

No *Homem dos Lobos*, a impressão da famosa cena primordial permaneceu lá durante anos, não servindo para nada, e no entanto já significante, antes de ter o direito de exprimir seu efeito na história do sujeito. O significante é, pois, dado primitivamente, mas ele não é nada enquanto o sujeito não o faz entrar em sua história, que toma sua importância entre um ano e meio e quatro anos e meio. O desejo sexual é com efeito o que serve ao homem para se historicizar, na medida em que é nesse nível que se introduz pela primeira vez a lei. (Lacan, 1955-56/1988, p.180).

Este significante primordial, como o designa Lacan em seu seminário sobre *As Psicoses* esteve presente no *Homem dos Lobos* desde tempos remotos. Uma questão preliminar seria, então, referente à relação possível entre este significante (que permanece no sujeito enquanto letra morta e, então, parece não corresponder à definição lacaniana: um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante) e a forclusão (*Verwerfung*). Outra questão que se apresenta, logicamente, é referente ao que pode ter ocorrido com o *Homem dos Lobos* quando do chamamento deste significante para então significar algo, ou seja, com o confronto com o Nome-do-Pai.

À primeira questão Lacan respondeu com sua fórmula canônica: a psicose é causada pela forclusão do significante Nome-do-Pai. A segunda, a partir dessas últimas citações, far-nos-ia pensar sobre as possibilidades que o paciente de Freud teve ou não de se historicizar¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Note-se que Freud, em “Moisés e o monoteísmo”, já havia notado que a historicização inclui lacunas intransponíveis, impossíveis de se tamponar. Desta feita, a narrativa histórica não comportaria apenas elementos simbólicos (ou imaginários) em sua tessitura.

Em seu seminário sobre *A angústia* Lacan se refere ao Homem dos Lobos como “este caso *borderline*”. Muito embora esta expressão não apareça na versão para o português do seminário, podemos encontrá-la em uma tradução para o espanhol. É claro que um diagnóstico como este causa no mínimo espanto aos interlocutores acostumados com as versões de estrutura defendidas por Lacan. Deveríamos pensar, se não em uma psicose não decidida (dispensemos tautologias, portanto), em versar sobre uma leitura do caso que comporte, até determinado momento (pelo menos até depois da segunda análise com Freud), a idéia de uma psicose não desencadeada. Um complicador: o fenômeno psicótico da infância (alucinação) precisaria ser lido como um fenômeno psicótico isolado? Como Lacan propôs em seu seminário sobre *Os escritos técnicos de Freud*, o sujeito, até então, não seria psicótico de forma alguma. O sujeito se tornaria psicótico depois, em sua psicose tardia? Posição difícil de sustentar.

Antônio Quinet, nesta direção, comenta esta incomum designação de Lacan sobre o caso construindo a hipótese segundo a qual se trataria de um termo para apontar um lugar do sujeito “na borda do furo da forclusão do Nome do Pai e da elisão do falo.” (Quinet, 2006, p.147)

Poderíamos sustentar que o chamamento do significante primordial para fazê-lo significar seja lá o que fosse teve efeitos decisivos para o Homem dos Lobos. (Cf.: Lacan, 1955-56/1988, p.180) E isso desde a infância. Caso sigamos a hipótese de uma psicose não desencadeada neste caso, que sem dúvida pode ser designado como a mais sensacional das psicanálises (Lacan, 1964/1985, p.237), pensaríamos que ali ocorreram suplências bem sucedidas, afinal Freud mesmo pôde reconhecer os efeitos de estabilização que o encontro com substitutos paternos provocou em seu paciente (Jesus Cristo, o preceptor alemão, o próprio Freud, o ‘Homem dos Lobos’ enquanto caso clínico). Isto até a idade adulta.

Ser-nos-ia possível, então, retomar o diálogo entre a alucinação e o sonho de repetição (revelador da cena primária). No seminário X¹⁰⁸, Lacan nota que no sonho dos lobos ocorre um escancarar súbito e repentino de uma janela. Lacan frisou estes termos: “súbito”, “de repente”. Ele postulou que a cena primária fora escancarada. Em outras palavras, destacou o olhar como objeto. O olhar fascinado do menino, referência clara ao objeto pequeno *a*. Algo como uma disrupção surgiu com este sonho (o trauma foi visto) e, como Freud nos mostrou, provocou ‘sintomas’. Poderíamos, neste ponto, apenas indicar o encontro com o real (do trauma) como causa. Nesta toada, Lacan também nos possibilitou pensar novamente sobre o fenômeno de *unheimlich*. Sobre a aparição, no mundo, daquilo que “*não pode ser dito*” (Lacan, 1962-63/2005, p.86). O sonho de angústia do Homem dos Lobos poderia, enfim, referir-se ao estranho. Como trabalharemos no próximo capítulo, o *unheimlich* é relativo à angústia. Da aproximação do objeto pequeno *a* no lugar que seria do $-\phi$, o que surge é a angústia.

Uma interessante associação poderia, então, ser feita com o conto “O Homem da Areia”, de ETA Hoffmann, já que, ali, como veremos, o protagonista, Nataniel, nos diversos momentos da trama em que o olho surgiu, pareceu ser tomado pela angústia. Voltemos ao Homem dos Lobos que, após o sonho, passou a angustiar-se bastante diante do olhar dos outros. O sonho teria sido relativo ao *unheimlich* e, assim, ao encontro do real (Lacan, 1964/1985, p.56). A alucinação do dedo cortado, ocorrida logo após, estaria ligada ao sonho. Ambos, o sonho e a alucinação aparecem, no caso Homem dos Lobos, como referentes ao que fazer com a castração. Voltamos à *Verwerfung*.

Trata-se, na experiência analítica, de partir do fato de que, se a cena primitiva é traumática, não é a empatia sexual que sustenta as modulações do analisável, mas um

¹⁰⁸

Note-se que, neste seminário, Lacan tratou do enquadre da fantasia no Homem dos Lobos, o que novamente nos impõe certa hesitação a respeito do diagnóstico daquele paciente.

fato factício, um fato factício, como o aparece na cena tão ferozmente acossada na experiência do *Homem dos Lobos* – a estranheza do desaparecimento e do reaparecimento do pênis. (Lacan, 1964/1985, p.71).

A dificuldade por nós encontrada em precisar a alucinação do Homem dos Lobos, enquanto prova da psicose do menino no momento em que ela ocorreu, leva-nos a uma hipótese segundo a qual este fenômeno elementar servir-nos-ia como um subsídio para o apontamento da insuficiência da determinação da estrutura. Ou seja, para além daquilo que se articula para formar uma estrutura remanesce o que ficou excluído radicalmente na constituição do sujeito, a *Verwerfung* original do Real. Isso implicaria a assertiva segundo a qual as determinações estruturais são parciais (a estrutura é esburacada) e não universalizáveis para um sujeito, o que também nos obrigaria a incluir a causalidade própria da angústia em nossas concepções. A noção de suplência, antes de uso restrito, como veremos no caso do pequeno Hans, tornar-se-ia então generalizável trazendo uma nova complexidade para o tema da causa. As estruturas clínicas seriam assim uma teoria da determinação do sujeito ligada à formação de um grupo de sintomas, mas não de todos os fenômenos que estamos tratando nesta presente problematização do desencadeamento. Outra consequência deste apontamento direcionar-se-ia a uma disjunção entre constituição e estruturação. Por essa via, podemos evocar uma passagem de Lacan em que este escreveu que o sujeito constituído apoiar-se-ia em uma estrutura (não-toda), sendo que essa última poderia referir-se à neurose, à psicose ou à perversão. O encontro do real do que fora foracluído originalmente estender-se-ia aos outros modos estruturais.

Apesar dessas considerações sobre as dificuldades diagnósticas, Lacan, ao versar sobre as virtualidades psicóticas do paciente de Freud, em seu seminário sobre *As psicoses* (1955 – 1956), correlacionou a referida alucinação ao que assim denominou ‘curta paranóia’ que teria ocorrido com o Homem dos Lobos em idade adulta. Desta

feita, por retroação, o referido fenômeno elementar pode ser finalmente incluído neste quadro, a psicose. Poderíamos, enfim, seguir os rastros desta versão estrutural na paranóia desencadeada entre o final da análise com Freud e o início do trabalho com Ruth Mack Brunswick¹⁰⁹.

Em seu seminário *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan asseverou que a psicose desencadeada pelo Homem dos Lobos mais tarde em sua vida esteve ligada aos problemas pendentes da análise que aquele realizara com Freud. Lacan hipotetizou, inclusive, que a psicose esteve relacionada ao próprio manejo freudiano. Nesta direção, Lacan referiu-se aos destinos que Freud deu ao sonho dos lobos (como uma experiência derradeira relativa à apreensão de um real derradeiro), bem como à decorrente construção acerca da cena primária:

A visão dos lobos aparece a Freud como a inversão da fascinação do olhar. É no olhar desses lobos, tão angustiante no relato que dele fornece o sonhador, que Freud vê o equivalente do olhar fascinado da criança diante da cena que a marcou profundamente no imaginário e desviou toda a sua vida instintual. Há aí como que uma revelação única e decisiva do sujeito, onde se concentra um não sei o que de indizível, onde o sujeito, por um instante, está perdido, estilhaçado (...) depois do sonho do homem dos lobos, assistimos ao primeiro começo da análise, que permite dissociar dentro do sujeito uma personalidade tão singularmente compósita que ela marca a originalidade do estilo do caso. (Lacan, 1954-55/1985, p.223).

Parece-nos interessante notar que o próprio Homem dos Lobos, em entrevista a Karin Obholzer (1993), afirmou que a cena primária foi uma construção de Freud:

Na minha história, que é que foi explicado pelos sonhos, decisivamente? Eu não saberia dizer. Freud remeteu tudo à cena primária, que ele deduziu do sonho. Mas, no sonho, ela não aconteceu (...) mas essa cena primária, é pura construção (Obholzer, 1993, p.54).

¹⁰⁹

Parece-nos importante destacar, no entanto, que o diagnóstico de paranóia proposto por Ruth Mack Brunswick foi refutado pelo Homem dos Lobos e, segundo o próprio paciente, serviu-lhe como estímulo para sua cura: “a Sra. Mack escreveu que eu estava sofrendo de paranóia, e talvez tenha sido por isso que eu recuperei tão depressa a saúde: para provar que ela estava errada” (Obholzer, 1993, p.71)

Em seu seminário *Os escritos técnicos de Freud*, Lacan deixou marcado como Freud procurou, exatamente neste mesmo caso, precisar o momento na história do menino em que o trauma (cena primária) ocorreu: “Quem saberá jamais o que ele viu? Mas quer o tenha visto, quer não, só pode tê-lo visto em tal data precisa, não pode tê-lo visto sequer um ano mais tarde.” (Lacan, 1953-54/1986, p.46) E, mais tarde em sua obra: “Ele se empenha, e de modo quase angustiado, em interrogar qual é o encontro primeiro, o real, que podemos afirmar haver por trás da fantasia.” (Lacan, 1964/1985, p.56)

Não teria sido Freud traído pela própria idéia de que a historicização pode ser feita de modo a não deixar lacunas? Não seria esta totalização da história, realizada por meio da construção e do manejo da transferência de tal forma a substancializar este evento como fato positivo, a causa precipitante da paranóia do Homem dos Lobos?¹¹⁰

Pois bem, essas passagens podem nos enviar ao que bem lembrou Antonio Quinet acerca de uma afirmação lacaniana realizada neste seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Lacan atribuiu o desencadeamento da psicose do Homem dos Lobos ao “forçamento do Real provocado por Freud para descobrir não só a cena traumática, mas sua efetiva realidade.” (Quinet, 2006, p.148) Isso, pois teria havido ali o chamamento à significação de algo impossível ao Homem dos Lobos, devido à forclusão do Nome-do-Pai.

Este real, sentimos que, através de toda essa análise, arrasta consigo o sujeito, e quase o força, dirigindo de tal modo a pesquisa que, depois de tudo, podemos hoje nos perguntar se essa febre, essa presença, esse desejo de Freud, não é o que, em seu doente, pode condicionar o acidente tardio de sua psicose. (Lacan, 1964/1985, p.56)

¹¹⁰ Recordemos o comentário lacaniano sobre a psicanálise como uma paranóia dirigida, como aquilo que pretende realizar o mito da completude de determinação, ao encontrar significação para tudo.

Todavia, se a causa do desencadeamento psicótico do Homem dos Lobos estiver alocada no manejo freudiano e em seu forçamento de uma simbolização impossível, por que a paranóia não se desencadeou durante o tratamento? Por que ele veio a desencadear um quadro psicótico depois da análise terminada?

Pois bem, acompanhamos que a psicose “tardia” desencadeada pelo Homem dos Lobos, ou o “episódio psicótico” relatado por sua segunda analista Ruth Mack Brunswick, desenrolou-se em uma articulação entre hipocondria e paranóia:

A instalação do delírio hipocondríaco, relatada por Ruth Mack Brunswick, dura três anos e é um tanto complexa. As escansões e o desenvolvimento do delírio são concomitantes às doações de dinheiro feitas por Freud, perto da primavera. Tudo começa com a preocupação com o nariz, que se estende aos dentes. Ele parte para uma romaria por médicos, arranca os dentes e ao mesmo tempo mantém a preocupação com a espinha no nariz, e uma coisa vai substituindo a outra, até que tira a espinha e no lugar fica um furo. A partir de então três tipos de fenômenos ocorrem: uma dúvida intensa (‘será que esse furo vai se fechar?’), a adoção de um espelho de bolso onde se olha de cinco em cinco minutos e, principalmente, a impressão de que todo mundo está olhando para o furo em seu nariz. (Quinet, 2006, p.138-139)

Quinet nos aponta que esta formação delirante do Homem dos Lobos revelou reações que se mostraram nos três registros. No Simbólico ele pensou, questionando-se: será que o buraco deixado pela espinha vai fechar? No nível Imaginário, passou a se olhar no espelho de cinco em cinco minutos, procurando assegurar-se de sua integridade corporal, “constituindo assim o par *a-a*’ do estádio do espelho.” (Quinet, 2006, p.140) No nível Real, ocorrera a emergência do objeto olhar, no olhar que se multiplica, como já havíamos pontuado no sonho dos lobos (sonho de angústia), todos passaram a olhar para o buraco deixado em seu nariz. Ainda com Quinet (2006): “Vemos aqui a contigüidade, ao nível do fenômeno, dos três registros (Real, Simbólico e Imaginário), como aparece topologicamente no nó paranóico.” (p.140)

A preocupação com o nariz foi designada por Ruth Mack Brunswick como hipocondria, fenômeno que esteve na base do delírio paranóico do Homem dos Lobos.

Novamente Quinet (2006) nos recorda que Freud percebera uma íntima relação entre hipocondria e psicose, já que, muitas vezes, a manifestação hipocondríaca surge como porta de entrada ao surto psicótico.

Na hipocondria do Homem dos Lobos a castração, ao invés de ser uma operação simbólica, aparece “imaginarizando o Real no corpo” (Quinet, 2006, p.142). Neste ponto o autor citado faz uma interessante distinção fenomenológica entre as manifestações clínicas decorrentes da elisão do falo (consequência da forclusão do Nome-do-Pai) e aquelas próprias à forclusão: “As tentativas de suplência do Nome-do-Pai são da ordem do Simbólico e promovem o delírio, ou seja, são da ordem do Outro, e os efeitos da elisão do falo dizem respeito à imagem do corpo.” (Quinet, 2006, p.143)

Podemos, por essa via, atribuir plausibilidade à assertiva segundo a qual a manifestação hipocondríaca do Homem dos Lobos foi decorrente da elisão do falo, que, por sua vez, provocara, no nível do fenômeno, a castração imaginizada no corpo, na pele. Iniciaríamos, então, o desenho de uma duplicidade causal para o desencadeamento da psicose. A forclusão do Nome-do-Pai implica uma causalidade que nos remete ao significante, e a elisão do falo ao objeto, isso, pois tal elisão deixa o objeto *a* solto (sem revestir-se na fantasia) e por isso ele pode multiplicar-se (como ocorrera com o olhar).

Sustentando que, de fato, se tratou de uma psicose, Quinet (2006) propôs uma separação em três séries para que se pense o caso do Homem dos Lobos. Acompanhemos suas formulações: A primeira seria a série fálica, referente à hipocondria deste paciente. Quinet apontou, então, que a associação que o Homem dos Lobos realizara, quando de sua análise com Ruth Mack Brunswick, estabeleceu uma conexão entre o pênis e o nariz. O Homem dos Lobos relacionou uma doença que teve no nariz com a blenorragia de um colega quando tinha 13 anos e sua própria blenorragia, quando contava com 18 anos. Conforme indicamos a elisão do falo (efeito

da forclusão do Nome-do-Pai) produzira um distúrbio imaginário no paciente de Freud. Obholzer (1993) perguntou-lhe como uma espinha no nariz pode deixá-lo tão perturbado. Ele respondeu:

Pois é, como? Na gonorréia, eu achava que tinha alguma coisa terrível, uma coisa que não devia existir, mesmo sabendo que não sofreria nenhum prejuízo com ela. Na verdade, havia apenas aquela gota, era exatamente a mesma coisa, mas, apesar de tudo, sofri com isso (...) tive uma dilatação das glândulas sebáceas (...) Lembro-me de ter pensado na ocasião: você perdeu tudo, mas também poderia ficar desfigurado (...) ainda existe uma coisa pior que perder a fortuna, ficar desfigurado (...) perguntei a Freud se ele poderia me recomendar um dermatologista. Ele recomendou Ermann (...) esse Ermann me tirou a glândula (...) meu nariz dava a impressão de estar torto e ficou todo vermelho. Voltei a Ermann, que disse: - Poderíamos fazer uma eletrólise (...) e o resultado foi o que se vê no rosto de quem tem varíola (...) Buracos, apareceram uns buraquinhos no meu nariz, e isso começou a me aborrecer, não é? Eu não parava de me olhar no espelho para ver se eles desapareceriam. (Obholzer, 1993, p.71, 72, 73).

Na segunda série, em que se encontra o delírio paranóico, vê-se enquadrar as relações do sujeito com o Outro. No caso do Homem dos Lobos, tal relação com o Outro passava, necessariamente e de forma determinante, por Freud. E, foi por conta da relação transferencial de seu paciente consigo (haveria restos transferenciais) que Freud relatou ter indicado Ruth Mack Brunswick para realizar a análise do Homem dos Lobos ao invés de retomá-la pela terceira vez. Freud indicara, outrossim, o Dr. Ermann, médico dermatologista que tratou o nariz do Homem dos Lobos.

Ao término de sua segunda etapa de análise com Freud, em 1920, o Homem dos Lobos passou a visitar o psicanalista anualmente, recebendo, durante seis anos, uma certa quantia em dinheiro, arrecadada junto à comunidade analítica. Em 1923, quando visitou Freud, chocou-se com a má aparência daquele, que já havia realizado sua primeira cirurgia por conta do câncer. Logo após, em 1924, iniciou-se o episódio hipocondríaco. Em 1926, visita outro dermatologista que lhe afirma que a cicatriz do nariz nunca desapareceria. “Instala-se então o delírio de perseguição.” (Quinet, 2006, p.130) A partir de outubro de 1926, ele inicia sua curta análise com Ruth Mack

Brunswick. Sobre a doença de Freud e seu encaminhamento a Brunswick, ele próprio disse à Obholzer (1993):

Freud já estava sofrendo de câncer, de um câncer do palato. E já não aceitava alunos, ou só aceitava muito poucos... Dispunha de pouco tempo. Lembro-me que tomei um taxi com ele e conversamos. Ele já tinha dificuldade de falar. Disse-me que não podia tratar de mim, mas que havia uma norte-americana, uma aluna dele, que cuidaria do meu caso. Deu o endereço dela. (p.71)

Interessante sublinharmos, seguindo uma hipótese de Quinet (2006), que o desencadeamento da paranóia do Homem dos Lobos apareceu na seqüência do abalo sofrido por ele quando se deparou com o estado de saúde de Freud, seu provedor (posto no lugar do Outro), e sua má aparência. Poderíamos hipotetizar enfim que, a operação que Freud sofrera, enquanto corte em seu valor de ato, teria sido o desencadeante do surto. Recordemos, nesse sentido, a pontuação freudiana sobre os alfaiates que tanto perturbavam seu paciente. A operação (relacionada ao corte) seria, evocando Freud, um momento traumático real (causa desencadeante)?

Muito embora essa hipótese nos pareça plausível, parece-nos igualmente importante frisar que houve certo percurso formativo neste desencadeamento (que passou pela identificação com Freud doente). Sustentariamos, enfim, que a razão do surto também esteve relacionada a este ponto. Afinal, ele pensou quando do desencadeamento do surto: você já perdeu tudo, mas pode ainda ficar desfigurado.

O desencadeamento do surto psicótico que faz o Homem dos Lobos procurar de novo Freud, sendo então encaminhado para Ruth Mack Brunswick, foi motivado certamente pela evocação da morte de Freud e por um possível abalo do significante retido promotor de sua identificação ideal como o caso preferido de Freud, o Homem dos Lobos” (Quinet, 2006, p. 149).

Quinet (2006) nos lembra que o delírio é uma forma de enquadrar o gozo. Serguei Pankejeff se estabilizou ao se identificar com o nome criado para ele por Freud

– Homem dos Lobos. Assim ele reteve o significante (o autor nos mostra que Homem dos Lobos é o significante da retenção – *Verhaltung*¹¹¹), identificando-se rapidamente com o mesmo e podendo, enfim, inserir-se em uma filiação simbólica, fazendo laço social e, conseguindo, inclusive, trabalhar em um emprego burocrático. Assim, se por um lado a análise com Freud forçou o descobrimento de algo impossível de simbolizar, por outro, a própria relação filial com Freud (e depois a identificação com o nome fornecido a ele por seu analista) teve um efeito de suplência e, então, de estabilização.

O primeiro Outro perseguidor, que apareceu no delírio paranóico do Homem dos Lobos como querendo seu mal foi, justamente, o Dr. Ermann. Em sua análise com Ruth Mack Brunswick, ele, Serguei Pankejeff, revelara que o dermatologista o havia desfigurado de modo permanente e que pretendia processá-lo pela mutilação realizada. Segundo sua analista, ele de fato o teria feito se Ermann não tivesse morrido.

A figura central do delírio do Homem dos Lobos, no entanto e como acima indicado, teria sido Freud. Quinet (2006) apontou a posição megalomaniaca de base daquele, explicitada nas frases: *Eu sou o filho predileto de Freud, o caso mais célebre da psicanálise*. É consubstancial à idéia megalomaniaca, entretanto, a acusação que o Homem dos Lobos dirigia a Freud, afirmando que o último o havia espoliado e impedido que recuperasse sua fortuna ao ter reprovado sua volta a Odessa. As doações em dinheiro realizadas anualmente por Freud eram, segundo o Homem dos Lobos, a expressão da culpa do analista e uma tentativa de ressarcir-lo pelo mal efetuado. Ele

¹¹¹ Quinet defende a idéia que o paranóico não é um sujeito que se encontra à deriva da dispersão, como o esquizofrênico, mas um sujeito retido por um significante. Para isso, lança mão do conceito de retenção (*Verhaltung*). “Na paranóia, o significante mestre do trauma, não está nem recalçado nem disperso, ele é submetido à operação de *Verhaltung* (retenção) – termo que Lacan toma emprestado de Kretschmer em sua tese sobre a paranóia [...] Aqui todos os significantes estão referidos a esse Um retido, fixando o sujeito a um gozo traumático de um real impossível de suportar. O sujeito paranóico se encontra retido por esse Um que não o deixa, e a partir do qual ele entra em relação com os outros. O sujeito identificado com esse Um não se inscreve como (- 1) nem em relação ao significante, nem em relação ao gozo. Ele é o Um- o number one – ao qual tudo se refere, daí o caráter megalomaniaco apontado desde Kraepelin nos paranóicos.” (Quinet, 2006, p.94)

também responsabilizou a psicanálise por seus males intestinais (problemas que se iniciaram antes deste chegar a Freud e permaneceram até o fim de sua vida).

Segundo Quinet (2006) a idéia de perseguição em relação a Freud apareceu a partir de um outro sonho com lobos ao longo da análise com Ruth Mack Brunswick. Neste, o paciente relatou a presença de um muro em uma rua. De um lado estava ele com duas mulheres, do outro, lobos olhando para ele. Ele se aterrorizou com a possibilidade dos lobos irromperem por uma porta que havia no muro.

Através de associações, esse sonho traz a recordação de que, depois do primeiro sonho dos lobos, ocorrido aos quatro anos de idade, ele não suportava ser olhado com fixidez. Encarava agressivamente qualquer pessoa que o fitasse mais demoradamente ou o olhasse com mais atenção. Outra associação que surge desse segundo sonho é o reaparecimento de sua identificação com Cristo, esse Cristo que é perseguido pelo Pai (...) essa identificação com Cristo é na verdade uma identificação com a mãe, ou seja, com uma posição feminina em relação a Deus, que marca sua posição de gozo. Trata-se, então, de um Deus que o feminiza, ou em termos lacanianos, do efeito ‘empuxo-à-mulher’ da psicose. (Quinet, 2006, p.146-147)

Notamos que a questão da multiplicação do objeto *a* revelou-se também através deste sonho e de suas recordações. Este sonho o remeteu ao seu famoso sonho de repetição. A leitura de Quinet igualmente ressignificou o que havia sido considerado por Freud uma “neurose obsessiva”. Cristo Ihe foi apresentado pela mãe e o menino identificou-se a um Deus que o feminizava. Ainda que nos restem questões sobre uma explicação possível à emergência da fenomenologia obsessiva neste caso, podemos recordar que Freud frisara que tais manifestações desapareceram quando o menino encontrou outro substituto paterno, o preceptor alemão.

Na construção do caso Homem dos Lobos verificamos também o surgimento da angústia enquanto efeito¹¹² da emergência do olhar (enquanto objeto real) no sonho dos lobos. Como apontamos anteriormente, Freud construiu a cena primária a partir disso:

¹¹² Recordemos as duas posições freudianas acerca da angústia – como causa e como efeito.

O único ponto de real de toda a construção cênica do coito a *tergo* é esse olhar (...) Logo depois o sujeito, ao sair na rua, se sente olhado por todos. Nessa época, todo olhar atencioso, indica sua analista, fazia com que ele recordasse do sonho de angústia dos lobos com seu caráter de pesadelo (Quinet, 2006, p.147).

Como vimos, esta questão do olhar enquanto objeto real reapareceu em diversos outros momentos da vida do Homem dos Lobos, causando-lhe algumas manifestações. Esteve presente, inclusive, no delírio paranóico do Homem dos Lobos, sucedâneo de suas manifestações hipocondríacas: “Lá onde se encontra a verificação do falo, na imagem especular, lá se situará o olhar: todos olham o furo no seu nariz, precisamente o furo da imagem especular” (Quinet, 2006, p.147).

A partir deste sonho o delírio do Homem dos Lobos aparece com sua estrutura de rede, revelando uma conspiração existente contra ele:

A perseguição começa com o Dr. Ermann, estende-se a Freud e em seguida a todos os médicos. O delírio adquire caráter retroativo. Com efeito, segundo Ruth Mack Brunswick, ele passa a dizer que toda classe médica lhe era hostil, desde sua infância; todos os médicos o haviam maltratado e abusado de sua fraqueza. Nesse momento de sua análise, ele profere a ameaça de matar Freud – e segundo Brunswick não se tratava de uma bravata. Encontramos, portanto, uma série de figuras do Outro perseguidor, gozador e terrível, que quer o seu mal – o lobo, Deus, dr. Ermann, Freud e até a própria Brunswick. Não encontramos nesse relato de análise tampouco a figura de um Pai simbólico, pacificador. (Quinet, 2006, p.146)

A terceira série proposta por Quinet dizia respeito justamente à série olhar, ao “olhar que emerge no campo da realidade característica da paranóia.” (Quinet, 2006, p.147). O autor faz referência ao paralelo estabelecido por Lacan, em seu seminário sobre *A angústia*, entre o sonho dos lobos do Homem dos Lobos e o desenho feito por uma esquizofrênica em que esta deixou escrito “eu sou sempre vista”.

Conforme defendeu Quinet (2006), a psicose de Serguei Constantinovitch Pankejeff foi estabilizada pela construção do caso clínico e sua publicação, efetivada

por Freud, quando aquele pôde identificar-se ao nome dado a ele pelo Outro: o Homem dos Lobos (o significante da suplência do Nome-do-Pai). Outrossim, o dom de dinheiro pôde aparecer como agente de estabilização. As idéias delirantes de filiação parecem ter partido disso. Entretanto, Lacan, em “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”, afirmou que as doações em dinheiros feitas por Freud ao Homem dos Lobos, ao término do segundo tempo de análise com o último, foi “um fator desencadeador da psicose.” (Lacan, 1953, p.313) Seguindo esta hipótese lacaniana Quinet (2006) afirmou que o Homem dos Lobos foi:

[...] sustentado por aquele que ocupava o lugar do Outro, entrando na série lobo-pai-Deus. O Homem dos Lobos não coloca Freud como um Outro que é barrado, que falta, mas como um Outro que tem, tem para dar e dá: o dinheiro. É curioso porque o próprio relato de Freud nos diz que, para o Homem dos Lobos, receber o dinheiro tinha a significação de ser possuído sexualmente pelo pai. De uma certa forma podemos dizer que, ao mantê-lo economicamente, Freud (para a subjetividade do Homem dos Lobos) o mantinha também como objeto de gozo do Outro. Ele reivindica esse papel: ‘Eu sou o filho predileto de Freud, eu sou o caso mais célebre da psicanálise, Freud fez com que eu perdesse meu dinheiro, então nada mais justo que ele me pague com isso’(p.148)

É interessante pontuarmos, com a intenção de encerrarmos este trecho do capítulo, que alguns eventos foram elencados para designar os diversos quadros desencadeados pelo Homem dos Lobos. Lacan (1953) tratou inicialmente a doação em dinheiro como fator desencadeante. Todavia, este mesmo fato pôde ser lido como mantenedor da estabilidade do paciente de Freud. Quinet (2006) interpretou o encontro do Homem dos Lobos com Freud adoentado e, portanto, a evocação da morte do psicanalista (o que passou pela identificação daquele com o psicanalista) como motivo do desencadeamento do surto.

Arriscamo-nos a versar sobre a causa naquilo que esta toca o Real e, enfim, postular tanto o que Lacan defendeu em 1964 como a circunscrição do “momento traumático real” enquanto causa do desencadeamento psicótico do Homem dos Lobos.

O forçamento do Real agiu como causa. Porém, se durante a análise tal forçamento encontrou o anteparo da filiação, o corte em Freud desencadeou o surto propriamente dito.

Ao lado do motivo e da causa, poderíamos ainda acrescentar a razão do desencadeamento, a saber, a ligação da hipocondria com a interpretação delirante que surgiu subsequente. Pois bem, através da identificação com Freud, o Homem dos Lobos pensou: ‘ainda posso ficar desfigurado’. Eis a razão deste desencadeamento, que desenbocou em seu transtorno corporal (imaginário).

3. 3) Schreber: a abolição interna e o retorno desde fora

Este caso de paranóia foi extensamente discutido por Lacan. Se o psicanalista introduziu o significante Nome-do-Pai para tratar justamente de Schreber foi para nos mostrar, como ressaltaremos adiante, que o significante está em causa na psicose.

A metáfora paterna, como vimos, realiza uma operação, coloca “esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe.” (Lacan, 1958/1998, p.563) Pensando sobre a psicose, mais precisamente sobre o caso do presidente Schreber, Lacan formulou a pergunta acerca do que ocorre quando o apelo ao Nome-do-Pai corresponde não à ausência do pai (já que a presença do significante é consoante à ausência da coisa), mas ao buraco deixado pela ausência deste significante no simbólico. Em seu seminário sobre *As psicoses* ele havia versado sobre isso:

Na psicose, é o significante que está em causa, e como significante não é nunca solitário, como ele forma sempre alguma coisa de coerente – é a significância mesma do significante – a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante.” (Lacan, 1955-56/1988, p. 231)

Para responder a questão preliminar que se estabelece ao não recuar diante da psicose, Lacan asseverou que se faz necessária uma formulação acerca de “novos efeitos de significante” (Lacan, 1958/1998, p.579). É como um acidente (*tiquê*) que a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o consubstancial fracasso da metáfora paterna conferem à psicose sua condição fundamental. Pelo fracasso da função metafórica, abrir-se-ia “um furo correspondente no lugar da significação fálica” (Lacan, 1958/1998, p.564).

Voltamos ao que escreve Quinet sobre o efeito de elisão do falo provocado pela forclusão do Nome-do-Pai. A forclusão deste significante, segundo o autor, põe em causa a cadeia significante, “que assume, então, sua independência e se põe a falar, à revelia do sujeito.” (Quinet, 2003, p.30) A questão preliminar, segundo Lacan, introduz a necessidade de uma formulação acerca do manejo da transferência na psicose (Lacan, 1958, p.590). E, certamente, implica-nos no campo da constituição do sujeito e do desencadeamento. Sigamos, enfim, por esta trilheira.

“Para que a psicose se desencadeie”, escreve Lacan, “é preciso que o Nome-do-Pai, *verworfen*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito.” (Lacan, 1958/1998, p.584) Examinemos esta formulação lacaniana do ponto de vista do problema da causalidade. Ela introduz considerações de quatro tipos:

- (a) Uma condição (Nome-do-Pai jamais advindo no lugar do Outro)
- (b) Uma contingência (invocação do significante Nome-do-Pai)
- (c) Uma determinação (em oposição simbólica ao sujeito)
- (d) Uma causa (a forclusão)

Essa interessante idéia lacaniana pode ser corroborada por outra afirmação do mesmo autor segundo a qual se por um lado não há neurose sem Édipo, por outro, quando se trata de psicose, algo deste complexo não se realiza. O sujeito, na psicose, encontra-se em relação com o significante, como sempre, concebido enquanto distinto de toda significação. Entretanto, pensando sobre a questão da origem, este significante seria algo próximo a um ‘significante puro’.

Isso pode parecer-lhes impreciso, mas é suficiente, mesmo se não podemos dizer de imediato o que é esse significante. Vamos ao menos fazer-lhe o cerco por aproximação, a partir das significações conotadas em sua proximidade. Pode-se falar da aproximação de um buraco? Por que não? Nada há mais perigoso que a aproximação de um vazio. (Lacan, 1955-56/1988, p.229)

Retomando a questão da afirmação inicial (*Bejahung*) poderíamos apontar que esta porta de entrada ao mundo simbólico (já que a afirmação primordial é referente ao consentimento neurótico em relação ao qual a palavra mata a coisa) não teria o mesmo destino na neurose e na psicose. O psicótico não admite a inadequação significante no que esta refere à indeterminação de sentido. A alternância e o equívoco não têm lugar. O significante Nome-do-Pai foracluído e a conseqüente elisão do falo (anulação da possibilidade de simbolização fálica) determinam outra configuração em relação à significância. Por isso a assertiva segundo a qual devemos tomar o discurso psicótico ao pé da letra.

Lacan em seu seminário *As psicoses*, discorreu sobre a questão da significação na psicose e centrou-se no neologismo, formação tão comum nos delírios psicóticos. Acerca desta significação delirante, Lacan apontou um caráter irreduzível que lhe seria própria. Tratar-se-ia de uma significação que remete apenas a si mesma. Como teria dito Schreber, as palavras têm peso em si mesmas: “Antes de ser redutível a uma outra significação, ela significa em si mesma alguma coisa de infável, é uma significação

que remete antes de mais nada à significação enquanto tal” (Lacan, 1955-56/1988, p.43).

No fenômeno psicótico, na invasão psicótica como nos colocou Lacan, ocorreria, então, a emergência de “uma significação enorme que não se parece com nada” (Lacan, 1955-56/1988, p.102), isto pois, ao jamais ter entrado no sistema de simbolização, não se pode ligar a mais nada. Esta significação é o equivalente estrutural da angústia na causação dos sintomas neuróticos. Como isso não se afirma que ela mesma seja expressa segundo este afeto, como no caso do estranhamento, mas que ela é um efeito (da forclusão) que passa a ter valor de causa (no delírio).

Uma significação quando surge na neurose na presença do conflito coloca em movimento no sujeito o recalque. Acontece que o recalque, na psicose, não funciona, é inadequado. O sujeito é “incapaz de fazer dar certo a *Verneinung* com relação ao acontecimento.” (Lacan, 1955-56/1988, p.104) Isso porque, na psicose, não encontraríamos o compromisso que fortalece o sintoma na neurose. Nesta direção podemos acompanhar a assertiva lacaniana segundo a qual o psicótico é uma testemunha do inconsciente diferente do neurótico, já que o primeiro fornece um testemunho aberto e o sujeito na neurose dá um testemunho encoberto da existência do inconsciente (que é passível de decifração).

Lacan também versou sobre a perplexidade do psicótico diante do significante. Na psicose há um impasse concernente ao significante. No desencadeamento da crise psicótica, “o sujeito reage à ausência do significante pela afirmação tanto mais reforçada por um outro que, como tal, é essencialmente enigmático” (Lacan, 1955-56/1988, p.221):

Eis o que, absolutamente não num momento deficitário, mas ao contrário num momento culminante de sua existência, se revela para ele sob a forma de uma irrupção no real de

alguma coisa que ele nunca conheceu, de um aparecimento de uma estranheza total, que vai progressivamente acarretar uma submersão radical de todas as suas categorias, até forçá-lo a um verdadeiro remanejamento de seu mundo. (Lacan, 1955-56/1988, p.103)

Além da questão da *Verwerfung*, Quinet (2003) recordou certa equivalência, proposta por Lacan em seu seminário sobre *A Ética da Psicanálise* (Lacan, 1960), entre a forclusão e o fenômeno da descrença (*Unglauben*). No referido seminário, Lacan afirmou que haveria na psicose uma descrença em relação à realidade psíquica. Essa descrença “corresponde ao que Lacan enunciara em *Télévision* como sendo “a rejeição do inconsciente na psicose”. (Quinet, 2003, p. 72) Realidade psíquica e inconsciente, Quinet apontou, são termos referentes ao significante e não ao real da Coisa. A ausência da crença na psicose corresponderia à rejeição da afirmação primeira (*Bejahung*) ou à ausência da crença na recriminação primário.¹¹³

Em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964), Lacan fez corresponder a *Unglauben* à “ausência de um dos termos da crença, do termo que designa a divisão do sujeito” (Lacan, 1964/1985, p.225). Quinet (2003), mantendo-se na trilha apontada, afirmou que a crença tributária da divisão do sujeito é um fenômeno neurótico. É o sujeito neurótico que pode permanecer entre uma afirmação (*Bejahung*) e uma negação (*Verneinung*). A crença teria seu fundamento no momento em que o sentido se desvanece e se acompanharia de alguma não-crença. Deste modo, dizemos que o neurótico crê justamente porque não tem certeza de coisa alguma, tampouco há para este sujeito “o significante derradeiro que diga o verdadeiro sobre o verdadeiro”. (Quinet, 2003, p.75) O neurótico seria, enfim, um crente.

¹¹³ “A recriminação primária é o que vem barrar o gozo, é o que vem no lugar da Coisa, inominável, esvaziando-a de gozo. Ela é, portanto, o significante que marca a Coisa como gozo perdido, não apenas proibido mas impossível” (Quinet, 2003, p.75).

No fenômeno da crença é sempre possível depreender-se um anseio, um voto [...] trata-se de evitar o pior, sobre o qual o sujeito não quer nem saber. O anseio como manifestação do desejo inconsciente é determinado pela lei, e o pai simbólico, o Nome-do-Pai, é quem sustenta a crença, como a crença em Deus Pai o testemunha. (Quinet, 2003, p.76)

O psicótico, finaliza o autor, não crê. Tampouco crê em seu Deus, ele tem certeza dele. O psicótico não pede nada a Deus, “é antes Deus que lhe pede, ordena coisas”. E, citando Lacan em *Problemas cruciais para a psicanálise*: “Aqueles que têm certeza’, diz Lacan, ‘não acreditam, não dão crédito ao Outro, eles têm certeza das coisas, estes são psicóticos’”. (Quinet, 2003, p.76).

Discorrendo sobre a questão do determinismo da psicose de Schreber, Lacan retoma o fator homossexualidade discutido por Freud. Ele se pergunta: como a homossexualidade teria determinado a psicose de Schreber? Ele nos mostra que as determinações para o desencadeamento dos diversos quadros de Schreber - desde a primeira crise ocorrida por volta de 1886, passando pelo período de ‘normalidade’ que durou oito anos, mas também foi marcado por frustrações em relação à paternidade (já que Schreber não pode ter filhos) e, finalmente aportando em seu surto sucedâneo da posse do cargo de presidente do tribunal de Apelação de Leipzig - foram atribuídas a conflitos referentes a atribuições paternas.

Porém, de acordo com Lacan, ao elencarem os conflitos de Schreber, os comentadores do caso deixaram de lado algo fundamental: o ponto em que não houve conflito:

Em suma, a noção de conflito é sempre empregada de maneira ambígua – coloca-se no mesmo plano o que é fonte de conflito e, o que é muito menos fácil de ser visto, a ausência de conflito. O conflito deixa, se é possível dizer, um lugar vazio, e é no lugar vazio do conflito que aparece uma reação, uma construção, uma encenação da subjetividade. (Lacan, 1955-56/1988, p.41)

A questão ‘homossexual’ de Schreber parecia girar em torno da falta de conflito. Todavia, para chegarmos a tal assertiva, precisamos seguir um percurso. Entre a fase pré-psicótica (referente ao primeiro tratamento de Schreber) e a psicótica (quando da construção delirante e, então, da estabilização de Schreber), Schreber teve um pensamento que teria marcado uma passagem: *como seria bom ser copulado como uma mulher*. Segundo Lacan, Schreber foi: “da primeira entrevisão de uma identificação e de uma captura na imagem feminina, até o desabrochar de um sistema do mundo em que o sujeito está completamente absorvido em sua imaginação de identificação feminina” (Lacan, 1955-56/1988, p.77).

Este termo “pré-psicose”¹¹⁴, parece-nos intrigante. Ele se refere, segundo Lacan, em seu seminário III, ao “sentimento de que o sujeito chegou à beira do buraco”. (Lacan, 1955-56/1988, p.230) E então Lacan foi enfático, tratar-se-ia de conceber “o que se passa para um sujeito quando a questão lhe vem dali onde não há significante, quando é o buraco, a falta que se faz sentir como tal”. Pois bem, no que tange o que se designa como pré-psicose, o que poderíamos fazer equivaler à psicose não desencadeada, o sujeito mantém-se firme. Porém, em qualquer momento: “numa certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com este defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentamo-nos até o presente com o termo *Verwerfung*” (Lacan, 1955-56/1988, p.231).

O desencadeamento na psicose, diferentemente do desencadeamento na neurose, não diria respeito à esfera dos conflitos, explicados por descompensações significativas,

¹¹⁴ Note-se que Lacan não utilizou este termo pré-psicose para o Homem dos Lobos. Miller e outros, em *La psicosis ordinaria*, de 2006, recordaram uma fórmula de François Leguil que fazia do desencadeamento um “momento de concluir” que envolveria acomodamentos e suplências possíveis (relativas à certeza antecipada). Desta feita, *a posteriori*, depois de revelada a psicose, poderíamos notar premissas, sinais precursores, tudo aquilo que Lacan designara como fenômenos de franja, estados qualificáveis de pré-psicóticos (p.19). Parece relevante destacar que neste citado trabalho alguns autores se propuseram a tratar o que denominaram “neodesencadeamento” em uma reconsideração ou atualização do enunciado em sua forma canônica de “Uma questão preliminar”. Todavia, as psicoses ordinárias não serão assunto deste trabalho.

mas sim, essencialmente, ao significante. Ao encontro com o buraco deixado pela falta do significante. Por isso Lacan nos diz que na psicose “o significante está em causa” (Lacan, 1955-56/1988, p.231). Ou seja, radicalizando, é apenas na psicose que o significante ocupa este lugar, na neurose ele não estaria em causa, mas em determinação. Seria tentador dizer, por homologia, que no caso da perversão o significante incidiria como lei (lei autônoma em relação ao objeto, ao contrário da fantasia neurótica).

Ainda sustentando a ausência de conflitos neste desencadeamento, voltemo-nos à questão feminina de Schreber. Ao final do mesmo mês em que assumiu o cargo de presidente do Tribunal de Apelação em Dresden, em outubro de 1893, Schreber viu-se às voltas com a idéia acima frisada segundo a qual deveria ser muito bom ser mulher e submeter-se à cópula.

Essa fantasia percorrerá seu caminho até desembocar no delírio de transformação na Mulher de Deus. Este ser divinizado, que é o Outro enquanto Deus, gozando de seu corpo, o fecundará para dar origem a uma nova raça de homens schreberianos. (Quinet, 2003, p. 22)

Quinet (2003), escrevendo sobre o presente caso, apontou-nos que Lacan propôs que procurássemos a causa do desencadeamento psicótico de Schreber no momento em que este foi chamado a se confrontar com o buraco, quando o significante foracluído foi invocado. A construção realizada pelo delírio de Schreber acerca da procriação (em que ele ocupara o lugar da mulher de Deus) foi, então, uma resposta ao apelo, ao chamamento do Nome-do-Pai, após o mesmo assumir o cargo de presidente do Tribunal de Apelação em Dresden, “de correspondência simbólica à função paterna, uma vez que ele é encarregado das leis.” (Quinet, 2003, p. 21)

Por esta trilha, outra discussão fundamental que a nós se apresenta acerca da psicose diz respeito às relações entre essa estrutura clínica e a sexuação. Desta feita,

conforme bem nos colocou Alain Juranville, poderemos testemunhar o próprio empenho lacaniano pela formalização. O psicanalista teria buscado as quatro proposições básicas da lógica formal aristotélicas e as reescreveu¹¹⁵. São elas:

a universal afirmativa (todos os homens são bons), a particular negativa (alguns homens não são bons), a universal negativa (todos os homens não são bons, nenhum homem é bom) e a particular afirmativa (alguns homens são bons) (...) Para Aristóteles, o necessário (que decorre da universal afirmativa ...) opõe-se ao contingente (deduzido da particular negativa), e o impossível (a universal negativa) ao possível (a particular afirmativa). Para Lacan, é o possível que se opõe ao necessário, segundo a “contradição”; e o impossível opõe-se ao contingente (Juranville, 1987, p. 272).

Pois bem, Lacan utilizou, enquanto formulação simbólica, a universal afirmativa e a particular negativa: “a universal afirmativa nele inscreve a universal da lei. A particular negativa nele coloca a existência em sua separação da lei” (Juranville, 1987, p. 273-4). Isso lhe serviu de argumento para a sustentação do que seria o homem na partilha dos sexos.

Do lado do homem encontramos, nas fórmulas de sexuação propostas por Lacan, a função universal do falo. Porém, para que uma proposição universal seja verdadeira, é necessária a ocorrência de outra proposição que a negue. Assim, se a regra é a castração simbólica enquanto universal, é preciso a existência de um singular que negue a castração, que diga não à função fálica.

Esse pelo-menos-um fora do fálico do lado masculino da sexuação é sustentada pela função do Pai. Por um lado, estruturalmente, essa função do Pai é equivalente ao Nome-do-Pai – o significante da exceção, sem representação, que constitui todos os outros como um conjunto, o tesouro de significantes. Por outro lado, essa função da exceção à regra da castração dá consistência ao mito do pai da horda primitiva que, como Pai gozador, que proibia o gozo fálico a todos os seus filhos. Uma vez morto, o totem que o representa denota a função simbólica do pai morto, ou seja, do pai como significante da

¹¹⁵ Juranville recorda que existem importantes diferenças entre a ontologia presente na lógica clássica de Aristóteles e as articulações lacanianas realizadas a partir das proposições aristotélicas, já que, para o psicanalista: “o universal da lei não implica a existência, contrariamente a idéia de Aristóteles, e para que a lei tenha sentido e possa denotar alguma coisa, é necessária uma existência primordial exterior ao campo da lei” (Juranville, 1987, p. 272). Lacan aportou-se, para esta justificativa, na lógica significante que permite separar o universal da existência.

lei, de proibir o gozo e delimitar um conjunto que é a sua horda, a tribo que se sustenta em seu significante. (Quinet, 2003, p.85)

A exceção (o Um) é justamente aquilo que delimita a própria borda do conjunto universal – o conjunto de todos os homens (enquanto um conjunto). O que aponta, por um lado o significante sem representação e, por outro lado, aquele que não está submetido à insigne fálica, ou seja, o pai da horda.

Do lado das mulheres, não encontramos a exceção que fundaria o universal de todas as mulheres. Por isso Lacan nos diz em seu seminário *Mais ainda* que as mulheres se contam uma a uma e que não há mulher que não esteja submetida à função fálica. Não obstante sua relação com o falo, as mulheres não estão todas inscritas na função fálica. As mulheres são, então, não-toda fálicas. O gozo na mulher, por esta via, é um gozo dividido entre o gozo fálico (como no homem) e, portanto, articulado ao significante e o gozo enigmático, fora do significante¹¹⁶. Assim, conforme o aforismo lacaniano: não há relação sexual, dizemos que um homem apenas tem acesso a uma mulher transformando-a em objeto, no objeto causa de seu desejo, pequeno *a*. O que ocorre pela via da fantasia.

Percorrendo esta discussão, Quinet (2003) retorna ao delírio de Schreber. Ele escreveu que o psicótico tenta fazer valer a relação sexual e fazer existir A Mulher. Assim, apenas na psicose uma mulher pode encontrar o Homem (enquanto aquele Um não inscrito na função fálica). Mas seria preciso acrescentar que ele faz existir a relação sexual vindo a ocupar justamente o lugar de causa. O sujeito se vale pelo significante, que não representa um sujeito para outro significante, mas que causa o Outro como totalidade. No caso da perversão poderíamos dizer, aproveitando o ensejo, que se trata de fazer valer a lei “sem exceção”, como se o regime de determinação significante e de

¹¹⁶ Sobre o lado mulher da partilha dos sexos: “Exatamente como os teoremas de Gödel, o próprio Lacan liga-as ao termo indecidível e impossível” (Jurenville, 1987, p.275).

causa real ficasse submetido à lei como junção e o sujeito suportasse a contradição entre ambos.

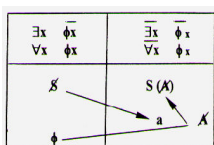
Como na psicose não há o universal da castração, não há o conjunto dos homens. E, por não formar um conjunto, os homens perdem a consistência. Quinet nos mostra que no delírio de Schreber os homens “nada mais eram que ‘imagens de homens feitos às pressas’” (Quinet, 2006, p.87). Assim, não havendo conjunto dos homens, Schreber não pode localizar-se como sexuado:

E o Um da exceção por não ser o Nome-do-Pai, que está foracluído, não é a exceção paterna, o lugar da lei fálica. Na psicose ‘é da irrupção de *Um-pai* como sem razão que se precipita aqui o efeito, sentido como de forçamento, para o campo de um Outro, a ser pensado como o mais estranho a todos os sentidos’ (Lacan – O aturdido). O efeito em questão é o empuxo-à-mulher. (Quinet, 2003, p.87)

Não poderíamos utilizar, para designar a psicose, os quantificadores (das fórmulas da sexuação¹¹⁷) nos quais encontramos a função fálica ($\forall x \bar{\Phi}x$ e $\bar{\forall}x \bar{\Phi}x$) mas apenas aqueles em que esta função está negada, a saber: $\exists x \bar{\Phi}x$ e $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$ ¹¹⁸. Como na psicose não tratamos do mesmo tipo de negação que encontramos na neurose, parece-nos relevante pensar como o psicótico encara este Um da exceção do mito neurótico.

Quinet (2003) sustenta que para o psicótico este Um não é o Nome-do-Pai, que está foracluído, mas sim se refere ao *Um-pai*. O encontro com o *Um-pai* seria, então, a causa do surto de Schreber e o teria forçado para o lado feminino: $\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$. Desta feita, de forma diversa do que encontramos na neurose, o encontro com o Um “não funda a razão

¹¹⁷ Lacan preocupou-se, então, em formalizar (claro, pela lógica) a estrutura da sexualidade, estabelecendo duas possibilidades do sujeito inscrever-se como variável em relação à função fálica:



¹¹⁸ Como nos recorda Miller, Lacan preocupou-se em fundamentar esta partilha da sexualidade utilizando-se de um sistema lógico no qual a dupla negação (não existe x que não esteja em relação com o falo) não fosse, obrigatoriamente uma afirmação. (Miller, 1997, p.149)

do Todo, ele provoca o efeito empuxo-à-mulher.” (Quinet, 2003, p.87) E a mulher, esta sim, pode enfim encontrar o Homem.

A noção de *Um-pai* introduzida na presente discussão através de nossa leitura de Quinet (2003) nos remete novamente ao texto de Lacan “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, de 1958, quando ele se pergunta como o Nome-do-Pai pode ser chamado por um sujeito no lugar onde aquele significante nunca esteve? Sua resposta: através de um pai real, o *Um-pai*. O Nome-do-Pai é evocado fazendo surgir o buraco, mas não através dele, mas sim do *Um-pai*: “É preciso ainda que esse Um-pai venha no lugar em que o sujeito não pode chamá-lo antes. Basta que esse Um-pai se situe na posição terceira em alguma relação que tenha por base o par imaginário *a-a*.” (Lacan, 1958/1998, p.584)

Mais ainda, Lacan deixou sob sua pena que essa conjuntura no início de uma psicose pode ser delineada em situações romanescas, como aquelas referentes à figura de um marido para uma mulher que acabou de dar a luz, a pessoa de seu confessor no caso de uma mulher penitente, no ‘pai do rapaz’ para uma mocinha enamorada. No que toca o caso desta questão preliminar, poderíamos, é claro, pensar inicialmente na figura do Dr. Flechsig. Escutemos novamente Quinet:

A invocação ao Nome-do-Pai pode dar-se quando uma pessoa vem ocupar esse lugar terceiro em relação à dupla especular em que o sujeito se mantém em sua semi-estabilidade [...] Esse apelo ao Nome-do-Pai pode ser também a paternidade. (Quinet, 2003, p.20)

O encontro com o *Um-pai* provoca, então, este forçamento, este chamado do Nome-do-Pai foracluído, nunca advindo no lugar do Outro.

A noção de *Verwerfung* indica-lhes que deve haver já previamente alguma coisa que falta em relação com o significante na primeira introdução aos significantes fundamentais (...) Isso seria, no caso do presidente Schreber, a ausência do significante

macho primordial com o qual ele pode parecer durante anos poder ser igual – ele tinha o ar de ter seu papel de homem, de ser alguém, como todo o mundo. A virilidade significa realmente alguma coisa para ele, pois que também é objeto de seus vivíssimos protestos quando da irrupção do delírio, que logo de saída se apresenta como sob a forma de uma questão sobre seu sexo, um apelo que lhe vem de fora, como na fantasia – *como seria belo ser uma mulher sendo copulada*. O desenvolvimento de delírio exprime que não há para ele nenhum outro meio de realizar-se, de afirmar-se como sexual, senão admitindo-se como uma mulher, como transformado em mulher. (Lacan, 1955-56/1988, p.286)

“Por não ter acesso ao significante que lhe permitiria situar-se como homem na repartição dos sexos” (Quinet, 2003, p.25), Schreber situou-se do lado da mulher. Ele se tornou, mais tarde, a Mulher de Deus. Lacan designou esta saída de Schreber - a transformação em mulher (primeiro a fantasia como uma voz vinda de fora, depois a efetiva transformação: os nervos femininos, o corpo em transformação, os seios que aumentam e diminuem para atrair Deus) - como o eixo do delírio de Schreber. Todavia, sublinhemos, o empuxo-à-mulher não é a causa do desencadeamento de uma psicose, mas um eixo, um caminho trilhado em consequência do encontro, ou mais precisamente, do chamado do significante foracluído. Situando-se como mulher na partilha dos sexos, Schreber colocou-se, enfim, como objeto do Outro gozador. “O Outro me goza”, segundo Colette Soler esta seria “a fórmula mais adequada a Schreber.” (Quinet, 2003, p.89)

Em seu texto “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”, Lacan nos deixou escrito que Schreber estava fadado a torna-se uma mulher. No campo imaginário, a hiância correspondente ao buraco deixado pela falta da metáfora simbólica, abriu-se desde antes do momento psicótico. Este buraco só poderia ser contornado na efetivação da emasculação de Schreber. Se neste momento anterior o tornar-se mulher causou horror para o sujeito em questão, após o surto psicótico isto passou a ser um “compromisso razoável” e, depois, uma “decisão irreversível e motivo futuro de uma redenção concernente ao universo.” (Lacan 1958/1998, p.570)

A exclusão do Nome-do-Pai na psicose provoca, então, um efeito significativo, “dá início à cascata de remanejamentos do significante” (Lacan, 1958/1998, p.584), diferente do que notamos na neurose. Se o significante está em causa na psicose (e como verificaremos em determinação na neurose) é justamente porque nesta estrutura clínica o significante se desencadeia no real. Os significantes desencadeados no real, surgem do real na fala onipresente vinda desde fora.

Lacan faz uso das *Memórias* do presidente Schreber para ilustrar o ponto culminante do processo do desencadear significante, este estaria aportado no momento em que surgiu a expressão: “o Sol (enquanto o aspecto central de Deus) é uma p...”. Muito embora possamos acompanhar a nota do tradutor do texto sobre a questão preliminar de Lacan, apontando que o psicanalista francês utilizou o termo desencadeou entre aspas (“*déchaîne*”) para referir-se ao significante, mas que o tradutor optou, na versão para o português, por reservar este significante para a ocorrência do desencadeamento da psicose, não podemos deixar de frisar esta interessante inserção lacaniana, já que ali lemos o atrelar irreduzível do desencadeamento com a causa.

O significante, na psicose, desencadeia-se, isto no momento mesmo da inauguração da cadeia, pela forclusão do significante Nome-do-Pai. E, mesmo que falemos em um significante da retenção, como relembra Quinet (2006), ou sobre um significante primordial que fixa o sujeito, mas que permanece em seu inconsciente enquanto letra morta, não podemos falar sobre cadeia de significantes, tampouco sobre um sujeito que é representado por um significante para outro significante. Falamos sobre um sujeito aprisionado no momento de inauguração da cadeia (*Fort! Da!*), à relação imaginária a-a’ do estágio do espelho, ou na operação alienação. S1 e S2, na psicose, encontram-se colados, em holófrase. Segundo Lacan, em *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*:

Chegaria até a formular que, quando não há intervalo entre S1 e S2, quando a primeira dupla de significantes se solidifica, se holofraseia, temos o modelo de toda uma série de casos – ainda que, em cada um, o sujeito não ocupe o mesmo lugar (Lacan, 1964/1985, p.225).

O que se designa como desastre imaginário na psicose segue, como sabemos, até que o sujeito consiga sua estabilização (entre significado e significante) na metáfora delirante¹¹⁹. Nesta direção, acompanhamos a tessitura dos textos lacanianos em que ele insiste em colocar que, diante do psicótico, não podemos nos acreditar “de posse de uma idéia adequada da realidade” (Lacan, 1958/1998, p.583) da qual estes sujeitos se mostrariam discrepantes. Quinet (2003) igualmente nos aponta que a metáfora delirante Mulher de Deus possibilitou a construção do delírio de Schreber e a sua conseqüente estabilização, pois apesar de não barrar o Outro, a metáfora delirante amenizou o gozo, tornando-o mais localizado. Assim, ele pode: “suprir o furo no simbólico correspondente à forclusão do Nome-do-Pai (...) Esta metáfora permite apreender que o significante foracluído no simbólico – o significante da procriação – retorna no real” (Quinet, 2003, p.23-24).

Com a intenção de encerrarmos este trecho do capítulo, situemos uma última discussão relevante, que se refere ao que não é significante, qual seja, o objeto. Atribuímos plausibilidade à asserção segundo a qual o psicótico coloca-se como objeto do Outro gozador. Faz-se necessário precisar, entretanto que, de modo diverso daquilo que ocorre na neurose, na psicose não há extração do objeto *a*, enquanto objeto mais-de-gozar do campo do Outro.

¹¹⁹ Neste ponto somos novamente convocados a pensar sobre a prática clínica e sublinhar o equívoco que se nos apresenta ao tentarmos tomar a fala psicótica pela via da significação. Não se trata, portanto, de proceder a uma decifração do delírio, tomando-o, por exemplo, como uma metáfora simbólica. A substituição que ocorre na psicose é da ordem da suplência, como indica a metáfora delirante.

Isto acarretará sua multiplicação e surgimento no real, quer na qualidade de olhares que observam e vigiam o sujeito, quer na qualidade de vozes que a ele se dirigem. Como diz Lacan, a paranóia é uma ‘voz que sonoriza o olhar que nela é prevalente’. (Quinet, 2003, p.38)

Em sua *Nota passo a passo* que consta do seminário sobre *O sinthoma* de Lacan, Jacques-Alain Miller nos aponta que a derrelição designada no delírio de Schreber pelo *liegen lassen* (deixar largado) é consoante ao “*deixar cair* a relação com o corpo próprio” (Miller, 2007, p.210). Deus, ao tomar Schreber “por aniquilado, deixa-o na miséria ou largado” (Lacan, 1958/1998, p.566). Isso, apresenta-nos Lacan, equivale ao “abandono fundamental” ou ao “furo cavado no campo do significante pela forclusão do Nome-do-Pai” (Lacan, 1958/1998, p.570). Novamente Miller:

Quem, o que cai no *deixar-se cair*? Não é o puro sujeito do significante, que é insubstancial, não pesa, não está submetido à gravidade. É o sujeito no que seu ser é alojado no objeto pequeno *a*. O corpo está necessariamente em jogo. (Miller, 2007, p.210)

Parece-nos bastante interessante ressaltar outrossim, a questão do objeto *a* no caso freudiano de uma paranóia que contrariaria a teoria psicanalítica. Para isso, faremos um breve parêntese neste ponto. Na construção clínica de Freud teríamos explicitado o elemento mínimo organizador da configuração delirante. O fenômeno elementar, sinal do desencadeamento do delírio desta paciente de Freud, esteve evidenciado no estalido que a mesma ouvira quando estava no quarto junto ao amante.

Retomemos Antonio Quinet:

Justo no momento em que eles trocam carinhos íntimos ela tem uma alucinação auditiva e ouve um ‘tilintar’. É em torno deste significante puro que aparece no real, um ‘trim’ – que vai formar-se o delírio de perseguição ,..., O contato sexual com o outro sexo envolve a função significante do Nome-do-Pai, descrito por Lacan como a grande estrada que permite um homem ter um contato sexual com uma mulher. O mesmo acontece com a mulher: por falta do Nome-do-Pai – o significante fálico que permitiria atribuir significação ao que estava ocorrendo, em seu momento de carícias sexuais com um homem – aparece no real sob a forma deste tilintar. (Quinet, 2003, p.21)

Incluamos neste elemento mínimo, nesta abolição de significante que o coloca em causa, o objeto *a* e escrevamos novamente a frase lacaniana sobre a paranóia citada acima: trata-se de uma voz que sonoriza o olhar que nela é prevalente. Verificamos, nesta direção, o *a* solto, desgarrado do invólucro neurótico (e perverso) da fantasia, que enfim na psicose se multiplica (torna-se corpo, é carregado no bolso, encontra-se na voz, no olhar sonorizado, no “sou sempre vista” da esquizofrenia). Do mesmo modo podemos finalmente responder à questão deixada no tópico homônimo do capítulo anterior quanto à possibilidade de tratarmos o estalido por causa imediata. Parece-nos, de fato, que uma explicação imaginária para a alucinação após esta articulação entre um elemento simbólico foracluído e o retorno do real não seria mais pertinente.

3.4) Joyce, o *sinthoma*.

Velho pai, velho artífice, mantém-me, agora e sempre, em boa forma

James Joyce

Em seu seminário imediatamente anterior a este sobre *O Sinthoma*, *RSI*, de 1975, Lacan procedeu a uma formalização do Nome-do-Pai. De acordo com o que nos mostrou Porge (1998), em *RSI* Lacan falou pela última vez sobre seu seminário suspenso, *Os Nomes-do-Pai*, de 1963 e pôde, então, apresentar uma solução para problemas colocados pelo Nome-do-Pai. Porge (1998) cita Lacan em seu *RSI*:

Colocarei, se posso dizê-lo, este ano a questão de saber se quanto ao de que se trata, a saber, a nodulação do imaginário, do simbólico e do real, é necessária esta função suplementar em suma de um toro a mais, aquele cuja consistência seria referir à função dita do pai. É bem porque essas coisas me interessavam desde muito tempo, embora não tivesse ainda nesta época encontrado esta maneira de as figurar, que comecei *Os nomes do pai*. (Porge, 1998, p.154).

Lacan havia apresentado a topologia do nó borromeano em seu seminário *Mais ainda*. E, neste seminário *RSI*, ele encontrou a solução para o Nome-do-Pai inserindo-o na estrutura ternária (do real, do simbólico e do imaginário). De que forma? Introduzindo uma quarta consistência ao nó de três. O Nome-do-Pai, enquanto esta quarta consistência “explicita o Nome-do-Pai implícito nos três.” (Porge, 1998, p.154)

Conforme pudemos acompanhar, em seu seminário *O avesso da psicanálise*, Lacan fez em pedaços o Complexo de Édipo, interpretando-o como um sonho de Freud ditado pelas históricas. Frisamos, naquele momento, a distinção existente entre o pai simbólico, o pai imaginário e o pai real. Em seu *RSI*, ainda conforme Porge (1998), Lacan asseverou que, pela própria função de sonho, Freud teria instaurado, com seu Nome-do-Pai, o laço do real, do simbólico e do imaginário. O complexo de Édipo freudiano seria, enfim, uma nomeação do pai, primeiro por ser uma nomeação de uma função do pai e, segundo, porque é uma nomeação operada por Freud que, ao referir a paternidade a um significante, teria realizado um ato de nomeação e, em sua invenção mesma, teria produzido o ponto em que a teoria não tem pai:

Ao atribuir ao complexo de Édipo este lugar no nó borromeano, Lacan lhe reconhece definitivamente uma função que vai além da crítica que fez deste complexo. Uma função suplementar e de suplência, malgrado ou talvez por causa das imperfeições denunciadas por ele (...) A resposta que o quarto elo borromeano fornece seria que no complexo de Édipo há um dizer de Freud, que semidiz a verdade e que excede e suplementa os conteúdos, criticáveis, deste complexo [...] O ‘seu’ na frase ‘o que Freud instaura com seu Nome-do-Pai idêntico à realidade psíquica’ é para ser ouvido de duas maneiras: primeiro no nível do conteúdo da mensagem de Freud, o essencial do complexo de Édipo é a função paterna, a seguir no nível do dizer de Freud. Os mitos do pai em Freud são uma versão do pai que Freud inventa [...] Esta versão que Freud inventa lhe permite notadamente não se considerar ele mesmo como o pai de sua teoria [...] O complexo de Édipo é um Nome-do-Pai que funciona aí onde justamente há um ponto em que a teoria não tem pai (Porge, 1998, p.156-7).

Vale notar que esta topologia dos nós é considerada o ponto culminante das incursões topológicas de Lacan, o que inclusive permitiu-lhe certa crítica relacionada

aos processos demonstrativos, em favor daquilo que designou como mostração, ou como se pode defender, uma ousada substituição do matema pelo poema. Os nós borromeanos foram introduzidos por Lacan como maneira de transmitir as relações existentes entre os três registros por ele formulados. Inicialmente, como frisamos, trabalhou com o nó de três termos. Porém, na última aula de *RSI*, ele apresentou a solução para o problema do Nome-do-Pai bem como, para a impossibilidade de diferenciação entre as letras R, S e I, problema irreversível em um nó a três: novamente, a intrusão do quarto elemento:

A razão dessa substituição foi em decorrência do fato de que não existiria maneira de se estabelecer topologicamente diferenças entre os registros. Somente ao nomear de maneira diferente cada um dos elementos do nó, pode-se sustentar as diferenças entre eles. Lacan introduziu então o termo ‘nomeação’ como o quarto elemento, que então permitiria a amarração dos demais (Leite, 2000, p.225).

Ou, conforme Erik Porge:

O Nome-do-Pai se articula com R, S, I de uma maneira tal que se distingue do ternário, permitindo distinguir os elementos deste e que, como quarto elemento nodulado borromeamente, obedece aos mesmos princípios de ligação que os outros elementos. O nó borromeano permite a manutenção de uma identidade de laço dos termos e uma diferenciação dos termos do laço. O plural os nomes do pai, aos quais são identificados real, simbólico e imaginário, significa essa conjunção, cujo operador é o Nome-do-Pai. (Porge, 1998, p. 160).

Este quarto elemento, êxtimo, permitiu, portanto, a nomeação dos três outros registros, a saber: nomeação imaginária, nomeação real, nomeação simbólica. Porge (1998) então versou sobre a formulação lacaniana acerca do Nome do Nome do Nome (qualificação posterior do psicanalista acerca do Nome-do-Pai) e sua imbricação com a resposta tautológica de Deus a Moisés, a saber: “eu sou o que sou” – expressão que serviu a Lacan como protótipo do furo no discurso sobre o Nome-do-Pai:

a identificação do pai ao zero na axiomática dos números inteiros, as faltas de elaboração em Freud do complexo de Édipo – encontra no furo do toro dos anéis borromeanos uma localização operatória (Porge, 1998, p.160).

Segundo Jacques-Alain Miller, em *Matemas I*, com essa solução Lacan teria introduzido uma nova questão preliminar, já que, ao fazer passar o Nome-do-Pai do status de “pedra angular da ordem simbólica àquela de um suplemento, mesmo de um sintoma”. (Porge, 1998, p.127). Assim, Lacan nos proporia uma revisão acerca deste operador na clínica e em nossa concepção de sujeito.

Por esta mesma vereda Márcio Leite (2000) nos indicou que Lacan, até os anos setenta, concebera a causa da psicose pela forclusão que, por sua vez, impedia a separação significativa e provocava o efeito de holófrase que o psicanalista apresentou em seu seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Assim, “com a formalização da letra como fora do Simbólico, sobredeterminando-o”, assistiríamos a imposição da idéia segundo a qual “haveria uma ‘universalização’ da holófrase e por conseqüência da psicose?” (Leite, 2000, p.228). Acompanhemos, com o intuito de esboçarmos alguma conclusão, a aposta de Lacan em Joyce.

No seminário XXIII, sobre Joyce, Lacan discorreu sobre o funcionamento dos Nomes-do-Pai, notadamente a partir do laço borromeano nodulado a quatro. O psicanalista procurou responder a questão de como “um desenodamento do nó” (Lacan, 1975-76, p.85) poderia ser suprido. A suplência, em Joyce, realizou-se por três operações: o *sinthoma*, o fazer-se um nome e o Ego do Joyce (Leite, 2000, p.225).

Através de sua topologia, Lacan tentou mostrar-nos o herege Joyce, herético por ter escolhido, e a rolagem que realizou com seu *sinthoma*: “do *sinthoma que rola*, o *sinthoma* com rodinhas que Joyce junta com o outro” (Lacan, 1975-76/2007, p.16). Do *sinthoma*, Lacan designou o ‘sin’ (pecado, falta primordial), seu início, e asseverou que haveria “necessidade de que não cesse a falha que sempre aumenta, exceto ao sofrer o

cessa da castração como possível.” (Lacan, 1975-76/2007, p.14)¹²⁰ Haveria, então, uma articulação do *sinthoma* com o necessário e (por seu oposto) da castração com o possível. Interessante pontuarmos, também, o Real (enredado ao *sinthoma*) como impossível; a falha como aquilo que não cessa de não de inscrever:

O *sinthoma* é um ‘acontecimento do corpo’ – Joyce – herético, partidário do *sinthoma-que-rola-como-eu-te-impulsiono*, faz decair o *sinthoma* de seu *masdiaquinismo*, mas isso não o impede de querer se içar com seu *sinthoma* sobre o ‘escabelo’ da obra de arte. (Miller, 2007, p.208)

O *sinthoma*, com a intrusão desta letra ‘h’, difere do sintoma enquanto formação do inconsciente. “O *sinthome* aponta o Real do sintoma, Real este constituído pela sua exclusão do Simbólico e que aponta o gozo, fora do sentido.” (Leite, 2000, p.228) O sintoma, enquanto mensagem cifrada encaminhada ao Outro, seria, a partir de então, “efeito do *sinthome*, meio do sujeito organizar seu gozo” (Leite, 2000, p.228).

Para Lacan, Joyce (o nome) é o *sinthoma*. E “toda sua obra é um longo testemunho disso” (Lacan, 1975-6/2007, p.68). O *sinthoma*, enquanto quarto nó, amarra o Real, o Simbólico e o Imaginário. Esta amarração foi fundamental em Joyce. Como afirmou Miller, em *Nota passo a passo*, possivelmente referindo-se à nomeação simbólica:

Se o nó não segura, o Nome exerce função de *sinthoma*. Na psicanálise ele é o instrumento para resolver o gozo pelo sentido. Do mesmo modo que, na ‘metáfora paterna’, o Nome resolve o significado *x* do desejo materno, DM, dando-lhe a significação do falo. (Miller, 2007, p. 238)

Conforme destacamos, Quinet (2003) nos apontou que “Homem dos Lobos” para Serguei Pankejeff teve função de nome próprio. Ele inclusive passou a assinar suas

¹²⁰ Lacan versou sobre o necessário e tratou, neste início do seminário, a castração como possível, ou seja, como aquilo que cessa, de se escrever.

cartas com o nome fornecido por Freud. Foi como caso clínico que o Homem dos Lobos constituiu um nome. Joyce, de forma distinta, teria constituído um nome com o “próprio nome através de sua arte.” (Quinet, 2003, p. 192)

Se por um lado nós hesitamos em afirmar, no caso Homem dos Lobos, a ocorrência do desencadeamento de sua psicose, por outro, ao examinarmos o “caso” Joyce, acompanhamos o argumento lacaniano segundo o qual este escritor genial não desencadeou psicose alguma, apesar de ter sido um psicótico. Mais ainda, como não houve desencadeamento, o escritor irlandês encontrou uma “estabilização” para sua psicose diferente daquela que postulamos como metáfora delirante.

Márcio Leite, retomando o “caso” equivalente a “Joyce, o *sinthoma*”, no legado freudiano – Dostoievsky, seguiu a assertiva segundo a qual Joyce fora diferente do grande escritor russo, isso pois o primeiro “não pagou sua dívida romantizando a culpa, mas tentando escapar dela.” (Leite, 2000, p.231) Joyce construiu sua obra e através dela procurou “fazer-se ser um livro”. Ele teria introduzido “o gozo da letra na literatura, ultrapassando o sentido como única maneira de remissão da dívida”. Desta feita, e não deixando mais língua para escrever, transgrediu “o sentido como regra da produção artística.” (Leite, 2000,p.232) Dostoievsky, conforme nos ditou Freud, com seu desejo parricida, teria permanecido fiel à vertente edípica.

Assim como Freud o fez com Dostoievsky, Lacan tomou os textos de Joyce como um legado psicopatológico. Segundo o psicanalista francês, Joyce teria deixado sob sua pena o testemunho de sua falta paterna, esta mesma a causa de sua psicose (como sublinhamos, não desencadeada). Nesta direção, Leite se perguntou se “a pouca importância de John Joyce, o pai fracassado de Joyce”, o pai bêbado de carteirinha, como nos disse Lacan, poderia ser suficiente para nos levar à conclusão de “seu caráter forclusivo em James, justificando um diagnóstico de psicose?” (Leite, 2000, p. 227)

Continuando sua incursão pela letra de Joyce, Lacan frisou, igualmente, a relação daquele com sua esposa Nora, afirmando que eles estabeleceram uma relação sexual¹²¹. Para Joyce só houve uma mulher e ela foi “sempre do mesmo modelo, e ele só a enlva com a maior das repugnâncias.” (Lacan, 1975-76/2007, p.81) Também, sempre que aparecia um “neném” para o casal, era um drama, e um grande mal-estar aflorava entre eles. Esta relação sexual, esquisita, conforme a designou Lacan, serviu a este último como mais um argumento em favor do diagnóstico que sustentou para Joyce.

Outrossim, Lacan indicou-nos as elucubrações que Joyce realizou sobre sua filha Lucia, clinicamente psicótica (Lacan afirmou tratar-se de uma esquizofrenia), como outra justificativa do diagnóstico de psicose do escritor (um testemunho de sua carência de pai). Joyce se teria levantado contra o que os médicos disseram sobre Lucia, e nesta oposição passara a designá-la como uma telepata. Nesta certeza sobre as qualidades da filha Lacan encontrou em Joyce o fenômeno psiquiátrico denominado “falas impostas”:

Nas cartas que escreveu a esse respeito, formula que é muito mais inteligente que todo o mundo, que o informa – milagrosamente é a palavra subentendida – acerca de tudo o que acontece a um certo número de pessoas, que para ela essas pessoas não têm segredos. (Lacan, 1975-76/2007, p.93)

Caminhando por este trilho diagnóstico, podemos recordar, quanto ao nome próprio “Joyce” como suplência da falta paterna, que o escritor quis que a universidade se ocupasse dele. Conforme uma citação que Lacan nos apresenta, Joyce afirmara seu desejo que os universitários se ocupassem dele por trezentos anos (Lacan, 1975-76/2007, p.17). E Lacan formulou a seguinte interrogação:

¹²¹ Referência lacaniana ao já citado aforismo: não há relação sexual, ou seja, não existe razão, proporção entre os sexos, entre homem e mulher.

Por que não conceber o caso Joyce nos termos seguintes? Seu desejo de ser um artista que fosse assunto de todo mundo, do máximo de gente possível, em todo caso, não é exatamente a compensação do fato de que, digamos, seu pai jamais foi um pai para ele? Que não apenas nada lhe ensinou, como foi negligente em quase tudo, exceto em confiá-lo aos bons padres jesuítas. (Lacan, 1975-76/2007, p.86)

Lacan sustentou, então, que houve em Joyce uma compensação da “demissão paterna”, da carência de pai, da *Verwerfung* de fato.

Centrei a coisa em torno do nome próprio, e pensei que – façam o que quiserem desse pensamento -, ao se pretender um nome, Joyce fez a compensação da carência paterna (...) Mas é claro que a arte de Joyce é alguma coisa de tão particular que o termo *sinthoma* é de fato o que lhe convém” (Lacan, 1975-76/2007, p.91).

A arte de Joyce teria tido esta função de suplência simbólica deixada pelo furo (no simbólico) cavado através da forclusão do Nome-do-Pai. Não obstante, Lacan, através do nó borromeano, pensou consubstancialmente o *sinthoma* em sua consistência (imaginária) e em sua ex-sistência (real): “O problema todo reside nisso - como uma arte pode pretender de maneira divinatória substancializar o *sinthoma* em sua consistência, mas também em sua ex-sistência e em seu furo?” (Lacan, 1975-76/2007, p. 38).

Enfim, de volta ao diagnóstico de Joyce, mas articulando-o aos outros anéis do nó, verifiquemos como Lacan apoiou-se em uma confiança de Joyce presente em *Retrato de um artista quando jovem*. Neste livro Joyce relatou uma surra que levou de colegas. Segundo Lacan:

[...] ele encontrou colegas para prendê-lo contra uma cerca de arame farpado e dar nele, James Joyce, uma surra [...] Esse Heron, portanto, lhe bateu durante um certo tempo, ajudado por alguns outros colegas [...] Depois dessa aventura, Joyce se interroga sobre o que fez com que, passada a coisa, ele não guardasse rancor [...] Constata que todo o negócio se esvaiu, *como uma casca*, diz ele. (Lacan, 1975-76, p.145)

Desta confiança Lacan extraiu o que pode nos impressionar na relação de Joyce com seu corpo, bem como a metáfora que lança mão para designar tal relação: “alguma coisa se destaca tal como uma casca”. Esta casca que se destaca, Lacan asseverou, é “a forma de Joyce *deixar cair* a relação com o corpo próprio” (Lacan, 1975-76/2007, p.146). Poderíamos, enfim, traçar um paralelo com Schreber e seu deixar cair ilustrado no tópico anterior. Conforme ponderou Leite (2000):

Lacan deu importância fundamental a esse acontecimento e sugeriu que ele produzira em Joyce uma relação alterada com o próprio corpo, fazendo com que ele sentisse seu corpo como alheio (p.227)

A idéia de si como um corpo, relacionada ao Eu tem, em Joyce, seu funcionamento alterado. Lacan formalizou essa alteração utilizando-se do nó Borromeano com o laço do Imaginário escapando, ou seja, não se enodando aos outros anéis (do Real e do Simbólico). Em Joyce teria havido a necessidade de uma “nominação imaginária do Eu”:

Essa nominação imaginária do Eu de Joyce seria aquilo que faz ‘suplência’ à ausência de um ‘*moi*’, o qual depende do Nome-do-Pai e da função fálica, e que é suprido mediante este ego (não é ‘*moi*’) particular, que escapa como tal à dimensão imaginária. É o que se convencionou chamar de ‘Ego de Joyce’. (Leite, 2000, p. 227)

Enfim, Lacan propôs que se considere o caso de Joyce como uma “resposta para suprir um desenodamento do nó” (Lacan, 1975-76/2007, p.85), por conta do Imaginário que se desatou.

Quanto à questão do inconsciente na psicose, situado nestas aulas como aquilo que participa de um equívoco entre o Imaginário e o Real, e que em outras datas Lacan designou como um inconsciente a céu aberto, neste seminário ganhou destinos diversos. Lacan afirmou, então, que Joyce fora um desabonado do inconsciente. (Lacan, 1975-76/2007, p.160) Também, que seu sintoma não teve chance alguma de engancha algo

do inconsciente. Curiosamente, ele apontou que como havia dito, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, parecia-lhe verdadeiramente estranho tratar como desabonado do inconsciente, alguém “que joga estritamente apenas com a linguagem.” (Lacan, 1975-76/2007, p. 162)

No que tange a peculiar ligação que Joyce estabelecera com a linguagem, Lacan nos havia apresentado a idéia segundo a qual a fala, para o escritor, foi-lhe progressivamente imposta, referência ao *sinthoma falas impostas*, que ele retirou da relação de Joyce com sua filha Lucia, “essa fala que, ao ser quebrada, desmantelada, acaba por ser escrita” (Lacan, 1975-76/2007, p. 93) Desta forma, como pontuamos, o gênio de Joyce não teria deixado mais língua inglesa para escrever.

Sigamos, tomando a obra de Joyce como *sinthoma* (Joyce era o *sinthoma*, sua obra era o *sinthoma*, Joyce fez-se um livro), Lacan verificou uma “falha” em seu *falasser* (*parletre*) articulada àquilo que o escritor irlandês denominou epifanias. Estas enunciações, que Joyce designava como experiências de êxtase eram: “... pequenas composições, diálogos triviais que o escritor recolheu em sua juventude nas ruas de Dublin, que tinham um caráter de clareza e de revelação e que permaneciam, porém, como enigma.” (Leite, 2000, p.226) Ou, “[...] nome que Joyce deu a uma série de vivências inefáveis que dominaram um período de sua vida, e que estão na base de seus contos e livros” (Leite, 2000, p.232).

Essas epifanias poderiam ser consideradas uma espécie de prova clínica da falta própria à estrutura de Joyce e, por seu aspecto enigmático, poderiam ser lidas enquanto “enunciações elevadas à potência do Real.” (Leite, 2000, p.232) Quiçá algo que tocaria o *sinthoma* e não o sintoma enquanto formação do inconsciente. Outrossim, seria-nos possível retomar a imbricação do impossível no enigma, enquanto modelo da estrutura

não-toda da verdade. Joyce, nesta trilha, seria um exemplo forte, pois, como bem nos mostrou Leite (2000):

Finnegans Wake é uma obra que foge ao sentido e é composta por neologismos. Ao mesmo tempo é uma obra que é o cúmulo do sentido e resgata a história universal inteira. Pode-se encontrar de tudo nessa obra colocado como enigma. Esse é o desejo de Joyce: me decifrem, ele é a esfinge em vez de ser o Édipo. (p. 238)

Joyce não tem sentido? Dizer que não devemos dirigir o tratamento pela via do sentido, na psicose, é o mesmo que afirmar que o psicótico não tem sentido? A significação dura, aquela que devemos tomar “ao pé da letra”, que não se parece com mais nada (além dela mesma) é desprovida de sentido? Talvez possamos sublinhar a quantidade de vezes que Lacan indicou em Joyce seu cúmulo de sentido. E acrescentemos, já não havíamos notado que o efeito do sentido é justamente aquele do *non-sense*?

Enfim, em se tratando do sentido, retomemos o nó pela via daquilo que o foraclui, qual seja, o Real. Isso, para pensarmos a questão de uma foraclusão que não se limitaria àquela do Nome-do-Pai. O Real foraclui o sentido que, por sua vez, consiste na “copulação” do Simbólico e do Imaginário. Lacan já havia formulado a noção de Real como aquilo que ex-siste¹²², como aquilo que possui a intimidade exponencial do sujeito muito embora permaneça de fora. Como vimos na construção do caso Homem dos Lobos, em sua resposta a Hyppolite, Lacan postulou que o Real se constituía pela expulsão para fora do sujeito. Neste seminário sobre o *Sinthoma*, Lacan discorreu mais uma vez sobre o Real, procurando distingui-lo do Simbólico e do Imaginário. Pois bem,

122

Neste seminário ele afirmou que o *sinthoma*, enquanto quarto nó ex-siste. O *sinthoma* ex-siste, o real ex-siste. Tratar-se-ia, assim, de uma dupla ex-sistência inerente à topologia do nó Borromeano a quatro laços?

diante da interrogação acerca da existência de outras forclusões, além daquela do Nome-do-Pai, Lacan (1975-76/2007) foi assertivo:

Não resta dúvida que a forclusão tem alguma coisa de mais radical. O Nome-do-Pai é, no final das contas, alguma coisa leve. Mas é certo que é aí que isso pode servir, enquanto no que concerne à forclusão do sentido pela orientação do real. (p. 117-8)

Esta concepção lacaniana nos levaria à tese da presença de uma forclusão (em ato) precedendo à própria estruturação do sujeito. De uma *Verwerfung* original constitutiva do Real¹²³ (e do sujeito enquanto objeto) e distinta dos modos de negação próprios ao apoio do sujeito na estrutura, enquanto resposta à castração. Assim, o retorno do Real passaria a dizer respeito, justamente, ao retorno daquilo que passou a designar-se por forclusão generalizada. Desta feita:

O retorno simbólico daquilo que foi excluído pelo juízo é diferente do retorno real daquilo que foi excluído pelo ato [...]. Daí que o retorno do Real se mostre em figuras clínicas como a alucinação e o *acting out*, ou seja, figuras que precisam ser primeiro transcritas simbolicamente e inscritas num novo modo de existência, para daí serem interpretadas [...]. É importante distinguir entre esse retorno do real ao imaginário e as formações imaginárias que bloqueiam a simbolização do desejo. Esta deriva das variantes da denegação (*Verneinung*), aquelas do retorno da forclusão generalizada. A primeira organiza-se pelo contínuo de *automaton*, as segundas pelo descontínuo da *tikê* (Dunker, 2007, p.300).

A relação do sujeito com o Real forcluído, que retorna segundo o choque de *tiquê* é, portanto, distinta daquela referente aos modos de negação da estrutura (recalque, desmentido e forclusão). No caso da psicose, frisamos o suficiente, forclusão do Nome-do-Pai, o que, como vimos, faz o significante ocupar o lugar de causa. Quiçá apenas nesta estrutura possamos pensar verdadeiramente a causalidade por uma dupla via, isto pois, além deste sujeito levar o objeto *a* no bolso, o significante que

¹²³ Conforme precisou Dunker: “Este Real pode ser parcialmente comparado à Coisa em si kantiana. A diferença crucial é que ele é um Real constitutivo do sujeito como objeto, não do mundo. É o que Lacan chama de aCoisa (*lachose*).” (Dunker, 2007, p.300)

ali se desencadeia não parece reger-se por *autômaton*, mas sim por *tiquê*. Na neurose localizaremos a causa de desencadeamento no objeto *a* e na perversão, sustentaremos, a causa se corrompe pela lei e pela criação do objeto fetiche.

4. O desencadeamento na neurose

*Se há uma dimensão em que devemos buscar
a verdadeira função, o verdadeiro peso,
o sentido da manutenção da função
de causa é na direção da abertura da angústia.*
Jacques Lacan

4. 1) Dora: a histeria revisitada

Enfim, o caso Dora. Enveredemos, inicialmente, pelas vias do desejo e de uma hermenêutica edípica sustentada pelo determinismo da lei significante. Conforme nos propôs Lacan, em “Intervenção sobre a transferência”, de 1951, haveria uma possibilidade de leitura deste caso que revelaria a presença de três inversões dialéticas. Neste ponto em que estamos, as duas primeiras inversões nos parecem interessantes para explicarmos os pressupostos que embasam as asserções sobre a formação da sintomatologia de Dora.

Assim, em referência a algumas interpretações que sublinham o amor de Dora tanto por seu pai como pela Sra. K., Safatle (2005) faz um alerta pontuando que este modo de leitura segue a lógica de uma negação simples, o que não possibilita um pensamento dialético. As interpretações estariam baseadas em inversões da palavra do paciente.¹²⁴

Dora reclama que o amor de seu pai lhe fora roubado pela ligação deste com uma amante. A primeira inversão consistirá em mostrar como o sujeito desconhece, no sentido de denegar, que esta configuração do estado do mundo dos objetos de seu desejo é suportada e pressuposta por seu próprio desejo. Dora deve pois se reconhecer naquilo que ela nega como absolutamente estrangeiro e fora de seu desejo,[...], o desejo de Dora estaria vinculado, de maneira constitutiva, ao desejo do Outro paterno. A primeira inversão leva pois ao desvelamento de uma relação edípica. (Safatle, 2005, p.62)

¹²⁴ O autor pontua três formas possíveis de inversão. A lógica de *Verneinung* tem seu porto nesta negação simples tão bem caracterizada pela passagem ao oposto e pela retificação plena de um termo. Neste sentido, não se estaria em um solo propriamente dialético, na *Aufhebung* hegeliana, ou seja, aquilo que “pede o desenvolvimento de uma figura de negação que não seja passagem incessante no oposto, mas que seja capaz de produzir objetos que bloqueiem os processos de inversão [...] isso significa que o objeto deve aparecer, ao mesmo tempo, como adequação e como inadequação ao pensamento” (Safatle, 2005, p.57).

O analista ocuparia, deste modo, a função de revelador do desconhecido para o analisante. O que foi recalcado pode ulteriormente ser rememorado. O encaminhamento da análise apontaria uma solução para Dora: encontre um objeto substituto de seu pai. Neste ponto, estaríamos refazendo “a narrativa edípica como uma narrativa conciliatória” (Dunker, 2007, p.56)¹²⁵.

Uma das grandes contribuições de Lacan reside na crítica à edipianização das análises, que terminam por enclausurar o sujeito numa remissão interminável ao sistema de identificações e de escolhas objetais implicados no Complexo de Édipo. Nesta leitura, o paciente, tal qual o personagem Édipo, está privado de um saber que o determina e que a análise poderia fazer surgir pelo trabalho de rememoração. (Dunker, 2007, p.53)

Safatle assinala, então, o segundo modo de inversão, referente ao encaminhamento realizado por Freud que fora na direção da identificação de Dora com as escolhas de objeto de seu pai.

A análise de Freud demonstra que o ciúme em relação à Sra. K é um pensamento reativo que esconde um pensamento inconsciente oposto. O ciúme era apenas um modo de manifestação da identificação com o lugar do sujeito rival. O ódio pode, pois, inverter-se no seu oposto: o amor (inversão no oposto) (Safatle, 2005, p.64)

Cernindo esta lógica de inversões simples, pensemos também sobre a bofetada de Dora no Sr. K., quando este lhe diz: *minha mulher não é nada para mim*. Caso sigamos as trilhas da identificação com o rival, interpretaríamos a bofetada de Dora como um desdobramento sintomático e não como uma passagem ao ato. Note-se que tanto Freud quanto Lacan reconheceram o valor da identificação de Dora com a Sra. K. Porém, na leitura freudiana isto figurou uma “identificação com o sujeito-rival, com o lugar da escolha paterna de objeto.” (Safatle, 2005, p.64) Ou, conforme Serge André,

¹²⁵ Sobre isso Dunker continua: “o tratamento deve explorar as dificuldades de subjetivação do desejo decorrentes da sobreposição entre os efeitos da metáfora paterna. Como sói em todo processo que se queira analítico, e não sintético, trata-se de separar o sujeito de seus modos de alienação ao Outro, tendo em vista o excesso sintomático que decorre de sua unificação.” (Dunker, 2007, p.56)

uma “identificação feminina na medida em que [Dora] desejaria ser amada pelo Sr. K. e por seu pai à maneira pela qual a Sra. K. é amada por seu pai” (André, 1998, p.147). Desta feita, a inclinação homossexual de Dora pontuada na fascinação (desvelada) desta pela Sra. K. teria seu fundamento na pergunta: ‘*o que meu pai ama na Sra. K.?*’. ‘*Diz-me o que visa seu desejo...*’

Todavia, a revelação do fascínio pela Sra. K., sintetizada nesta primeira pergunta, encaminha-nos para outra direção. André (1998) nos reportou para a questão da abordagem do feminino pela histórica. O autor lembrou que os dois sonhos de Dora relatados por Freud na parte final da construção do caso apontavam para o enigma, para o mistério do corpo feminino. No primeiro sonho, o psicanalista analisou o aparecimento de uma caixa de jóias como metáfora do sexo feminino. O segundo sonho apareceu em suas linhas como uma geografia da sexualidade feminina. Ela ali reunira a virgem e a mãe. Desta feita, afirmamos que o problema com o qual Dora esteve às voltas neste segundo sonho fora o mistério da feminilidade. Como bem traduziu Colette Soler, inspirada por Lacan, o que fascinava Dora era “o objeto agalmático que faz desejar. Da Sra. K à contemplação da Madona, isso é tudo que interessa a Dora.” (Soler, 2005, p.52) *O que é uma mulher?* - esta questão já se anunciava e funciona, para nossos fins, como índice de causalidade¹²⁶.

Como histórica, Dora demandava saber de seu analista e assim lhe dirigiu tal pergunta. Entretanto, ao interpretar as associações de sua paciente, Freud lhe respondeu que uma mulher é uma mãe. Podemos, neste sentido, atribuir plausibilidade à asserção de André que escreveu:

¹²⁶ Acompanhemos Dunker (2007) em uma asserção relativa à pergunta enquanto índice de causalidade: “É o momento de formação da questão, de precipitação de uma vacilação narrativa. Na retórica, essa é a circunstância que define a existência de uma causa, ou seja, da *quaestio* (questão). A causa como questão envolve o reconhecimento de uma contingência que não é imediatamente decidível. Esta contingência pode ser abordada pela via da tese (quando se evita os parâmetros de lugar e tempo) ou pela via da hipótese (quando tempo e lugar participam da formulação da questão)” (Dunker, 2007, p.74-75). Enfim, uma questão é um exemplo de como a causalidade não deriva de um fenômeno em presença, mas justamente da ausência do fenômeno.

Pois esse anseio por uma criança nunca é senão um *ersatz* destinado a tapar a lacuna indizível da feminilidade. Dora, em suma, esperava que Freud lhe dissesse o que é uma mulher. Ele lhe responde: uma mãe. Ela, depois disso, não tem outra saída senão abortar sua análise. A única resposta correta a se dar a Dora seria não o saber, mas o não-saber, não interpretação fornecendo um sentido, mas invenção transmitindo um não-senso. (André, 1998, p. 154-155)

Observe-se que este traço de negatividade inerente ao não-senso, que faltou à direção freudiana, pode ser considerado uma condição suficiente não apenas para a produção do sintoma (desencadeamento), mas para a sua sustentação (permanência). Qualquer resposta empírica à questão encaminhada ao outro, antes de solucionar o sintoma, faz com que ele se desloque ou se reforce. Tudo se passa como se esta causa negativa (formadora de sintomas) devesse permanecer em ausência para que o sintoma se estabilize. Sua figuração empírica, a realização positiva do desejo que este articula só pode aparecer como corrupção da causa.¹²⁷ Isso vale para o incentivo freudiano para que Dora se case, para sua resposta “uma mulher é uma mãe”, bem como para a proposta amorosa do Sr. K e ainda para as lições de anatomia sexual obtida nos livros de sexologia freqüentados por ela (elemento associativo do segundo sonho).

Pois bem, Dora perguntou-se: *o que é uma mulher?* e interessou-se pela Sra. K., mas não por estar identificada ou desejar ser a Sra. K.: “Claro, Dora se interessa pela Sra. K como sintoma, mas não quer ser a Sra. K – vide a bofetada, quando este lugar lhe é proposto” (Soler, 2005, p.55)¹²⁸.

A importância do lugar vacante, ou irrealizado, como especificidade causal do sintoma é claramente indicado por Lacan, em “Intervenção sobre a Transferência”: “o

¹²⁷ Lembremos, neste ponto, as conclusões freudianas acerca das razões da permanência de um quadro sintomático, que giraram em torno do ganho secundário, de seus motivos, enquanto economia psíquica, mas que também evidenciaram a necessidade neurótica de manter o desejo próprio insatisfeito.

¹²⁸ Referência a asserção lacaniana, presente na conferência sobre Joyce, segundo a qual a mulher caracterizar-se-ia por ser o *sinthoma* para o homem. O que implica em uma distinção conceitual entre a histérica e a mulher. Sinteticamente, Collete Soler as distingue no que refere o desejo e o gozo: “o que quer a mulher? Ela quer gozar! A histérica quer ser, não um objeto de gozo, mas o objeto precioso que sustenta o desejo e o amor. ‘Diz-me o que visa seu desejo, em mim ou no outro’ (...) As mulheres, para a mulher, não desempenham o papel da rival desempenhado na histeria. Para a histérica interessar-se pelo sintoma do outro significa não consentir em ser sintoma.” (Soler, 2006, p.54)

valor real de objeto que é a Sra. K. para Dora. Ou seja, não um indivíduo, mas um mistério, o mistério de sua própria feminilidade corporal” (Lacan, 1951/1998, p.220).

Por esta via lacaniana aportaríamos, finalmente, na leitura do caso sustentando uma negação que suportasse “o caráter irreduzível de uma negação” (Safatle, 2005, p.58) não reversível pela simbolização. Sigamos, enfim, nossa trilheira a partir daquilo que Safatle propôs como terceira inversão¹²⁹:

Notemos que a terceira inversão é estruturalmente distinta das outras duas. À medida que as duas primeiras eram passagens no oposto, esta é o desvelamento de uma contradição interna à própria determinação da imagem da Sra. K. Uma contradição entre sua posição de imagem fantasmática que sustenta o pensamento identificador do eu de Dora e seu valor de negação de toda determinidade. Ela indica a tentativa de inscrição do valor do sexual como negação irreduzível. Uma negação que, como veremos, tem valor ontológico, já que ela é o modo de acesso à essência do que há de real no sujeito.” (Safatle, 2005, p.67)

Desta feita, podemos argüir que a pergunta de Dora: “*o que é uma mulher?*” não engendrava a imagem da Sra. K como modelo para uma identificação narcísica, mas a própria confrontação com o sexual, com o Outro sexo. Novamente Safatle:

Não se trata, entretanto, da imagem da Sra. K, a análise não termina na identificação com essa imagem como uma assunção da identificação narcísica com uma imagem na posição de eu ideal [...] em vez de fazer Dora se apaixonar pela Sra. K, em vez de lhe fornecer uma simples imagem narcísica, ela deve ser desvelada como a imagem de um

¹²⁹

Esta leitura inscreveria a psicanálise em um solo propriamente dialético. Vale lembrar, neste ponto, que este modo de negação é constitutivo de objetos e, conforme Safatle (2005) “é revelação da estrutura negativa do objeto da pulsão. Daí se segue a idéia de que há uma negação, em operação na clínica, que é modo ontológico de presença do que há de real no objeto” (Safatle, 2005, p.300). Quanto à questão da causa podemos frisar que Kant foi, também neste aspecto, criticado por Hegel, pensador que então concebera a causalidade “como a relação estabelecida entre a substância e o acidente” (Dunker, 2007) e reconheceu a reflexibilidade inerente a este conceito, que seria destinada a ser o que é pelo efeito. Segundo Jameson, o modelo que domina o pensamento de Hegel sobre a causalidade diz respeito ao conceito leibniziano de *expressão*: “sistema, concebido precisamente de forma a se ocupar da efetividade [causalidade] de um todo a partir de seus elementos” (Jameson, 1992, p.21). Em Hegel, cada elemento do todo é a expressão da totalidade em questão. O todo pode ser reduzido a uma *essência interior* e seus elementos são formas fenomenais de expressão da totalidade. Estas articulações sobre o solo dialético da psicanálise e a noção de causa para Hegel permitem-nos entender porque alguns autores sustentam que Lacan fora hegeliano não enquanto postulava a dialética do reconhecimento, mas quando procurou afastar-se do filósofo. Segundo Zizek (1991) ele fora ‘essencialmente hegeliano, mas sem o saber; certamente não o é onde se espera [...] E inversamente, a leitura de Hegel à luz de Lacan fornece uma imagem de Hegel radicalmente diferente da que é comumente aceita”.

mistério, no sentido de algo fundamentalmente desprovido de determinação objetiva e de representação consciente adequada. (Safatle, 2005, p. 66)¹³⁰

Assim, da imagem da Sra. K poderia advir a ausência, o vazio, o buraco. Esta “matéria opaca que resta quando as máscaras do fantasma vacilam. É ela que guarda o lugar no qual o sujeito pode ainda se reconhecer.” (Safatle, 2005, p.298) Neste sentido, poderíamos inclusive voltar àquilo que designamos enquanto causa formal (causa imediata segundo o freudismo) e reler (como o fez Lacan notadamente em seu seminário XI) nossa concepção de formação do eu. Postulamos que esta *Bildung* ocorre a partir de um engodo identificatório. Conforme Dunker, “o que é constitutivo nesta operação é o que a imagem não revela, é o que o representante não representa” (p. 28). Assim, o imediatismo ou a forma figurativa do imaginário passariam a vestir o *a*: “Dito de outro modo, o que há sob o hábito, e que chamamos de corpo, talvez seja apenas esse resto que chamo de objeto *a*. O que faz agüentar-se a imagem, é um resto.” (Lacan, 1972-73/1985, p.14)

O encontro traumático com o sexual (enquanto inadequação irreduzível) aparece, então, como causa de desencadeamento. O objeto está em posição de presença negativa para o sujeito. A explicação para o desencadeamento pode, enfim, ser procurada naquilo que condiciona a teoria lacaniana da causalidade: a repetição e a contradição não predicativa. Algo na forma da repetição (relacionada ao objeto) e na propriedade produtiva da contradição (de uma negatividade específica) possui valor causal para o sintoma e, acrescentemos, para as formas de ato.

Conforme procuramos mostrar, a interpretação que Lacan efetivara deste caso nos trouxe a questão sobre a mulher (sobre o enigma do sexo feminino). Todavia,

¹³⁰ Retomamos, desta feita, nossa pergunta aberta no caso Dora do capítulo precedente para enfim respondê-la: caso Freud houvesse interpretado Dora quanto ao seu amor homossexual a abertura da causa outrossim se fecharia, mortificando-se. A questão de Dora não pedia uma complementação ou a reificação de um objeto.

destaquemos igualmente outra pergunta fundamental da histérica: “*O que é um pai?*”, já que esta mereceu um tratamento clínico irreduzível à hermenêutica edípica até aqui criticada. O que também pode servir-nos como índice de causalidade. Como vimos, esta pergunta solicita uma resposta pelo simbólico (o pai simbólico), engendra o pai real enquanto agente da castração (e enquanto impossível) e faz aparecer o pai imaginário em seu imediatismo.¹³¹ Frisemos, neste ponto, o pai simbólico. Aquele que se constitui por avaliação simbólica, o que se designa em uma destinação de palavra, ou mesmo como aquilo que está sempre em potência de criação.

Lacan, em seu seminário XVII, *O Avesso da Psicanálise*, versou sobre o segundo sonho de Dora e asseverou que este teria marcado que o pai simbólico é o pai morto. Ao encontrar um substituto para seu pai no “dicionário proibido”, Dora teria mostrado que, para além da morte do pai, o que lhe importaria era o que ele poderia produzir de saber. Neste sentido Soler (2006) indicou-nos que a histérica faz de si uma causa de saber.

Por essa linha interpretativa, Lacan se havia interrogado se a *Penisneid* foi no que desembocou tudo que Freud pode ouvir das “bocas luminosas” de suas pacientes. Enfim, por que este último substituiu o saber ali encontrado pelo mito do Complexo de Édipo? Lacan frisou, então, que foi do desejo histórico que Freud extraiu seus significantes-mestres encobrendo-os com seu nome. O primeiro enfatizou, desta feita, que ao se indagar uma histérica quanto ao seu desejo, chegar-se-ia a resposta encontrada em Dora: ela queria um mestre, um mestre castrado. Isto poderia ser suficiente para refutarmos a idéia de um pai onipresente no princípio do desejo (o pai da horda). O pai onipotente anularia o desejo. Neste ponto encontramos-nos novamente com a explicação freudiana acerca dos motivos de um desencadeamento histórico, relativo, outrossim, à

¹³¹ Note-se que essa pergunta pode ser desdobrada nos modos causais específicos de cada registro: real, simbólico e imaginário. Respectivamente: causa real, causa material e causa imediata (ou formal).

permanência dos sintomas. Relembrando: a necessidade de se manter o desejo insatisfeito.

Lacan postulou justamente que o Sr. K. tinha importância para Dora enquanto um mestre castrado, mas ela não o desejava. Ele pontuou, então, que no momento em que o gozo lhe foi oferecido Dora mostrou que não era o que desejava. O que ela queria era “o saber como meio de gozo” (Lacan, 1969-70/1992, p.90), isso para servir à verdade segundo a qual o mestre seria castrado. Daí a referida conclusão lacaniana segundo a qual a histérica queria um mestre. Porém, esse mestre, que deveria saber muitas coisas, teria os pés de barro. Ela queria um mestre castrado, “um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina, e ele não governa.” (Lacan, 1969-70/1992, p.122)

Essa interessante articulação pode nos fazer aportar por um instante na função de demanda (novamente imbricada à pulsão) inseparável da pergunta. Já elencamos duas perguntas (índices causais) situáveis na transferência: “o que é um pai?” e “o que é [quer] uma mulher?”. Relembrando o grafo do desejo, quiçá possamos fazer substituir “Eu te pergunto o que é Eu?” por “o que é um pai?”, essa pergunta-índice de uma causalidade simbólica, da determinação significante (ainda que faça também engendrar o pai real e aparecer o pai imaginário). E “o que queres?” por “o que é [quer] uma mulher?”, pergunta-índice da causa real.

A primeira pergunta alocada por Lacan no grafo do desejo em *De um outro ao Outro*, referente à constituição do sujeito, envolve uma suposição de saber. A resposta: “tu o sabes” mostra a demanda por um mestre. A pergunta: “*O que é um pai?*” pede, no nível simbólico, uma resposta que nos aponta o mestre castrado, aquele que faz o desejo perpetuar-se e que nos oferece os fundamentos para os motivos de um desencadeamento. Neste mesmo patamar do grafo, Lacan introduziu o par significante e nos mostrou a significação retroativa vindo do Outro (S2). Poderíamos, enfim,

hipotetizar que a pergunta sobre o pai, ao pedir uma resposta simbólica (o pai morto), nos situa no campo do determinismo da linguagem. Ali, em relação à Dora, a caixinha de jóias aparece como metáfora do sexo feminino.

No patamar de cima, a questão “*Che vuoi?*”, cuja primeira garantia de resposta é a fantasia, que por sua vez diverge para o sintoma (demonstrando seu núcleo de gozo) e para a falta de significante que assegure a consistência do Outro, tem como resposta “aquilo que *te manque*”. Localizaríamos, então, neste ponto a causa enquanto *tiquê*. Aqui, a pergunta “*o que é uma mulher?*” pede uma resposta que claudica, que não se preenche. Lembremos, igualmente que o ponto convergente das perguntas é um nó, o desejo do Outro (encruzilhada que organiza a transferência). Assim, na direção da cura, encontraríamos as nossas duas perguntas, índices de causalidade (determinação) simbólica e (causa) real, convergindo e sendo organizadas pelo desejo.¹³²

Leiamos, finalmente, o caso Dora pensado por uma dupla via. Incluamos, para tanto, uma concepção do impossível a partir daquilo que Lacan situou como modelo para estrutura não-toda da verdade: o enigma. Assim, conforme alinhavado, vê-se como a interpretação lacaniana apresenta certa exigência no plano do significante (*Schmuckkästchen* – a caixinha de jóias que se coloca em metáfora com os órgãos genitais) e aponta o motivo para o desencadeamento na questão do desejo, que busca um mestre castrado, mas também ilumina o problema de solução impossível (a causa do

¹³² Evocamos nestas últimas linhas a máxima lacaniana “o desejo é o desejo do Outro”. Porém, é certo que possamos dizer que se espera da psicanálise enquanto prática, certo desejo original. Como não há clínica sem ética, o desejo, no campo psicanalítico, torna-se um problema de ética. Miller convocou um trecho de Colette Soler em que esta afirmou ser o discurso do analista o lócus da ética da psicanálise, entendido como o desejo do analista, o que refere a pessoa nenhuma. O desejo do analista é ético no tratamento, mas foi preciso uma operação que afetasse o desejo do Outro (Miller, 1996, p.111), que o separasse da pai-versão e de sua tendência à infinitização (da falta-a-ser). Assim, manejar com o desejo do analista implica que este desejo peculiar que sustenta o tratamento, seja um desejo decidido, que envolva uma escolha. Uma escolha que parte de um “saber que ao apostar no pai, se é conduzido ao pior.” (Miller, 1996, p.112) Desta feita, se o que assegura a transferência (neurótica) é o desejo enquanto o desejo do Outro, o analista opera a análise a partir de um desejo original que se deixou entrar suficientemente no irreduzível objeto *a*.

desejo) posto pelo enigma - caixa de jóias – sexo feminino. É esta impossibilidade, encontrada na figuração negativa e indeterminada das escolhas da vida amorosa da paciente de Freud, que ocupa o lugar de causa dos sintomas de Dora.

Recordemos, neste ponto e apenas para finalizarmos este trecho do capítulo, uma interessante e fundamental articulação de Lacan, em seu seminário II, sobre o que se faz necessário para que ocorra uma formação sintomática: “A coalescência de pelo menos duas séries de motivações é necessária para a produção de qualquer formação sintomática. Uma é sexual, a outra é consoante ao nome que lhe damos aqui, simbólica – é o fator da fala tal como é assumido pelo sujeito.” (Lacan, 1954-55/1985, p. 176)

4. 2. a) A Jovem Homossexual: a frustração e a fantasia

Lacan, em seu seminário IV, iniciou seus comentários sobre o caso da Jovem Homossexual acompanhando as formulações freudianas acerca das dificuldades de se fazer operar uma análise “por encomenda” ou, mais ainda, de fazê-lo quando não surge, no analisante, um sintoma, concebido como uma mensagem cifrada dirigida ao Outro. Lembremos que Freud tivera a impressão de que nada se efetivara naquela análise. Todavia ele nos deixou escrito que pôde claramente enxergar do que se tratava.

Quanto ao homossexualismo da moça, Lacan se perguntou o que ocorrera para que alguém, que até determinado momento aparecia como uma promessa de mãe amorosa, passasse a freqüentar mulheres maduras e depois caísse de amor por uma dama de reputação bastante duvidosa. Assim, em um primeiro tempo, a paciente de Freud teria percorrido a narrativa edípica de maneira clássica, fazendo operar a equivalência entre pênis imaginário-criança, instaurando-se como mãe imaginária em relação a um pai simbólico e, portanto, inconsciente. No segundo tempo, algo se realizou, o pai imaginário (potente) entrou em jogo, ele deu uma criança (objeto real) à

mãe, “aquilo que estava latente no nível do grande Outro começa a se articular de maneira imaginária” (Lacan, 1956-57/1995, p131), a relação imaginária da moça com as crianças (falo) tornou-se insustentável. Frustrada, a jovem transformou a equação. “Aí está o ponto-chave” (Lacan, 1956-57/1995, p.106), a frustração. Notamos, então, que tais asserções lacanianas fazem ressoar as elaborações freudianas.

A inversão homossexual fora entendida, portanto, como um fenômeno reativo em relação a um pai há muito instituído. O objeto real dado pelo pai à mãe a conduziu ao plano da frustração e a inversão passou por uma identificação com o pai. Lacan chegou, inclusive, a postular que tal inversão referira-se a uma perversão tardia, uma relação perversa entre aspas. (Lacan, 1956-57/1995, p.135) No terceiro tempo, o da relação “perversa”, a jovem tornara-se ela própria o pai imaginário, conservando, inclusive, seu pênis (Lacan, 1956-57/1995, p.131). Ela amava a dama de maneira viril, comportando-se como “um cavalheiro que tudo sofre” por sua amada. (Lacan, 1962-63/2005, p.123) Lacan, fiel à letra de Freud, pontuou que a homossexualidade (ou o “fazer-se de homem”) desta jovem era bastante particular, o amor que ela nutria pela dama era um amor cortês, devotado, que dispensava a satisfação, a própria maneira como um amor ideal pode trilhar seu rumo, através da “instituição da falta na relação com o objeto.” (Lacan, 1956-57/1995, p. 109) Segundo ele a jovem buscava, para além da dama, aquilo que lhe faltava, neste ponto, o falo. Em seu seminário sobre *A Angústia* ele disse que a moça empenhara-se, nesta inversão que efetivara em se fazer ser, para tal dama, “o suporte do que faltava no campo do Outro.” (Lacan, 1962/63/2005, p.124).

É interessante notarmos que, assim como Freud, Lacan tratou a inversão homossexual da jovem como algo contíguo à constituição do sujeito, constituição sexual conforme o freudismo. Desta feita, ao homossexualismo, mesmo sendo decorrente de uma frustração, não se aplicaria a noção do desencadeamento de

sintomas. Conforme anunciamos na primeira parte desta tese, a frustração descrita por Lacan poderia nos auxiliar então a apontar as razões e os motivos de tal inversão.

Verificamos que aquilo que Lacan designou como uma “perversão” tardia teve seus primeiros rastros no Édipo. Da fase fálica da organização sexual infantil restaria um elemento imaginário, fantasístico, a partir do qual existiriam dois tipos de seres, aqueles que têm e aqueles que não têm o falo. A menina entraria no Édipo justamente por ser desprovida de falo. Ela então falicizaria a situação. Logo estamos no que Lacan denominou dialética simbólica. O que não se tem é existente. O falo circula, entra em jogo. A menina entraria com o menos (assim como o menino entraria com o mais). (Lacan, 1956-57/1995, p.125) E, nesta situação, como nos diz Lacan: “todas as espécies de coisas podem ser dadas em troca, tantas coisas, com certeza, que é por isso mesmo que vemos tantos equivalentes do falo nos sintomas.” (Lacan, 1956-57/1995, p125)

Embora a frustração neste ponto de nossa interpretação ainda não esteja alocada enquanto causa, voltemo-nos a este nosso porto. Causa óbvia do desencadeamento de sintomas segundo Freud¹³³, foi tratada por Lacan, neste seminário IV, como uma das modalidades da falta (além da privação e da castração). Através da dialética da frustração Lacan procurou articular o modo de entrada do sujeito no simbólico. Segundo o próprio Lacan:

Qual é o objeto que está em causa, ou que é posto em jogo, na dívida simbólica instituída pela castração? Como lhes indiquei da última vez, é um objeto imaginário, o falo. Pelo menos é isso que Freud afirma, e é disso que vou partir hoje para tentar levar um pouco mais adiante a dialética da frustração.” (Lacan, 1956-57/1995, p.61)

¹³³ Recordemos que, quanto ao caso em questão, Freud postulava uma frustração específica, uma frustração que se fez acompanhar do fator quantitativo enquanto causa específica. Isto quando ele versou sobre a causa da tentativa de suicídio da moça.

Lacan afirmara que a frustração remeteria a tempos primeiros da vida de um sujeito, relacionar-se-ia ao trauma e a fixações e daria o fundamento para o Édipo. A relação para o objeto em jogo na frustração, designou Lacan, seria real¹³⁴ e estaria localizado na imago primordial do seio materno. Mas, quando surgiria a frustração? A dialética da frustração, segundo Lacan, diria respeito a um momento evanescente em que o sujeito se veria privado de um objeto por alguém de quem poderia esperar o que pedira. “O objeto entra, neste momento, no que se poderia chamar de área narcísica das pertinências do sujeito.” (Lacan, 1956-57/1995, p.101)

Não obstante possa ser qualificada como um momento ainda afastado do simbólico, a frustração seria o que justamente introduz a ordem simbólica. A mãe, em sua relação supostamente dual com a criança, seria apreendida pelo par presença e ausência. A estrutura deste par possibilitaria à criança sua articulação no registro do apelo. O sujeito reivindicaria, então, o objeto porque o mesmo pode ser exigido por direito. Entretanto, não é mais tanto o objeto e sim o amor que ele passa a pedir. Assim, o que se espera neste momento em que o sujeito demanda algo, conforme sustenta o psicanalista, é o dom que vem do outro materno. “Que horas você chega? (...) Onde é que você some? Que horas, me diga que horas, me diga que horas você volta?” (Você, você – Chico Buarque).

Desta feita, “estes objetos, até então objetos de satisfação, tornam-se objetos do dom” (Prates, 2006, p.157). E o dom já carrega a cadeia simbólica. O par presença e ausência, condição necessária, mas não suficiente para a constituição da ordem simbólica, é sua matriz. Neste primeiro momento já temos, enfim, o simbólico.

Pois bem, no segundo tempo, o da privação, a mãe surge como desejante. O pai entra em jogo, para a criança, como privador. Desta forma, esta última formula sua

¹³⁴ Vale lembrar novamente que não se trata ainda do Real formalizado por Lacan a partir da década de 60.

questão: o que quer essa mulher? Continuando a canção de Chico Buarque, que faz uma bela interpolação entre a posição do sujeito diante do desejo caprichoso da mãe no jogo do *Fort-Da* e a sua posição perante a privação materna:

Que roupa você veste, que anéis?
 Por quem você se troca?
 Que bicho feroz são seus cabelos que à noite você solta? [...]
 Pra quem você tem olhos azuis e com as manhãs remoça?
 E à noite, pra quem você é uma luz debaixo da porta?
 No sonho de quem você vai e vem
 Com os cabelos que você solta?
 (Chico Buarque, *Você, você*, 1997)

Assim, seguimos a leitura lacaniana segundo a qual a frustração refere-se a uma perda imaginária, provocada por um agente simbólico e relativa a um objeto real. O pai simbólico priva a mãe, frustra a criança e lhe apresenta a castração no campo do Outro. Localizaríamos, nesta configuração, o pai simbólico enquanto agente (e não efeito) da castração e a perda de um objeto real, inicialmente articulado ao falo.

Todavia, caminhamos com Lacan através de algumas revisões¹³⁵ que ele próprio realizara. E então passamos a afirmar que se por um lado a frustração inicialmente serviu-nos de explicação para a razão da inversão homossexual, por outro este termo revisado pode nos ajudar a versar sobre o desencadeamento. Assim, retornado a nossa questão podemos supor uma interessante figuração para a frustração (enquanto fator desencadeante) que, finalmente, inclua a causa real.¹³⁶ Isto de tal forma que as articulações e desarticulações entre o falo e o objeto *a* façam-se presentes:

¹³⁵ Note-se que Prates nos apresenta a retomada destas três modalidades da falta a partir do seminário de Lacan sobre a *Identificação*, portanto, em um momento de seu ensino em que o conceito de Real já estava sendo modificado. A privação passou a ser lida como um furo no Real. “A privação enquanto primeiro passo que constitui o sujeito como rejeição original só poderá ser significada *a posteriori*, a partir da dimensão da frustração que introduz o eu como imagem fundadora do desejo. Essa é a consequência lógica do fato de que o simbólico (aqui colocado como Outro e o discurso) já está aí desde sempre.” (Prates, 2006, p.181)

¹³⁶ Lembremos que Freud, ao tratar da frustração enquanto causa específica no caso desta jovem, concebeu-a numa articulação com o inusitado. Poderíamos argüir que se tratava de um apelo ao

A apresentação clínica da neurose, como conjunto articulado de sintomas, é inequivocamente dependente da frustração (*Versagung*), segundo a tese de Freud. A frustração encontra-se preservada imaginariamente na formação do caráter, sob a forma de história identificatória. Por outro lado a frustração se reatualiza na forma de um encontro com o Real, que desencadeia a formação de sintomas [...] Essa consistência dependerá portanto da articulação entre o representante da falta e o objeto designado 'no real'. (Dunker, 2002, p.125)

Freud e Lacan não parecem discordar em relação à ausência de formações sintomáticas na Jovem Homossexual¹³⁷. O que se desencadeou, então, neste caso? Na puberdade a jovem tornou-se homossexual e apaixonou-se por uma dama. Isto, ambos colocaram nos âmbitos da constituição do sujeito. Tanto um quanto outro apontou que a inversão homossexual da moça estivera ligada à frustração (razão) e a identificação com o pai seria seu sucedâneo.

Entrementes, sustentaremos que a frustração enquanto encontro com o Real, causara certa mostração por parte da mesma, ao que poderíamos agora atribuir a expressão: *acting out*. A jovem homossexual exibia-se aos olhos de todos, seu amor pela dama era público. *Acting out*, Lacan no seminário X foi categórico, ação dirigida ao pai, à lei do pai, por vingança e ressentimento. Fracassada em seu desejo e em suas ambições infantis, ela se tornara amante e passara a mostrar sua fantasia. Resumamos: a frustração enquanto encontro com o Real causou o desencadeamento de um *acting out* e a inversão, que foi motivada pelo ressentimento da moça, passou por um percurso formativo referente à identificação com o pai. O que se mostrou, então? *Acting out*. A fantasia. Logo, podemos falar inicialmente do desencadeamento desta forma de ato.

Ainda nos âmbitos desta breve discussão sobre o ato, recordemos que Lacan versara sobre a transferência que de fato se fez operar nesta curta análise. Freud fizera

contingente, mas, de toda forma ali ele incluiu algo que não dizia respeito ao campo do determinismo psicanalítico.

¹³⁷ Pontuemos que este caso nos traz uma intrigante questão sobre a necessidade (e a suficiência) do desencadeamento de sintomas como elemento de uma análise.

uma articulação sobre as reações de sua paciente com o pai e consigo, encontrando ali, alguma homologia. A paciente pretendia enganá-lo, assim como enganava os pais (principalmente o pai). Entrementes, como considerou Lacan, Freud equivocou-se ao acreditar na intenção da moça, ao crer em sua contratransferência, na realização de sua relação imaginária e ao denunciar tão cedo isso a ela: “Na medida em que está, e que interpreta precocemente demais, ele faz voltar ao real o desejo da moça, quando era simplesmente desejo, e não uma intenção, de enganá-lo” (Lacan, 1956-57/1995, p.108-9). Retomada no seminário X, esta interrupção de análise realizada por Freud foi precisamente descrita por Lacan com a seguinte assertiva: “Freud a deixa cair.” (Lacan, 1962-63/2005, p.127).

Conforme anunciamos, este fora um tratamento com transferência (os sonhos da jovem apontaram para isso), mas sem desencadeamento de sintomas (enquanto uma mensagem dirigida ao Outro; sintoma analítico¹³⁸). Freud transmitiu para sua paciente uma explicação bastante concisa sobre sua inversão homossexual, o que, como sabemos, foi “assistido” por ela. Apesar de compreender esta dificuldade freudiana, Lacan apontou o embaraço de Freud com sua contratransferência e, depois, o quanto este último *largou mão* de sua paciente, deixando-a cair como um objeto. Hipotetizemos, então, que algo ali havia para fazer girar uma análise (a transferência apontava isso). Pensaríamos em um manejo tal que trouxesse a moça pela mão sem deixá-la cair? Enfim, teria sido possível “pôr o cavalo na roda para fazê-lo girar no carrossel”? (Lacan, 1962-63/2005, p.140)

Quanto ao trajeto de análise da jovem, podemos retomar a asserção lacaniana segundo a qual o *acting out* é o início da transferência, porém, como bem pontuado, uma transferência sem análise, uma transferência selvagem. O sujeito no *acting out*

¹³⁸ Poderíamos pensar no desencadeamento de sintomas (sob transferência) na análise conforme indicou Freud seus Estudos sobre a Histeria.

pede interpretação, entretanto, “não é o sentido do que vocês interpretam, seja ele qual for, que importa, e sim o resto.” (Lacan, 1962-63/2005, p.141) Apresentemos, assim, a nossa hipótese acerca do percurso de tratamento desta paciente de Freud enquanto *acting out*. À luz das formulações deste tempo da transmissão lacaniana seria plausível pensarmos o *acting out* não pela via do sintoma, mas como uma mostração extensiva da fantasia. E a interrupção da análise realizada por Freud enquanto uma passagem ao ato.

Pois bem, seria a Jovem Homossexual uma dessas pacientes que nos chegam pela via do objeto (e não do sintoma)? Desta feita, teria ela percorrido, ao longo do tratamento, uma trajetória do *acting out* à passagem ao ato (do lado do analista)? Guardemos isso por um instante e façamos um breve parêntese.

Lacan enfatizara, na discussão deste caso, a questão da fantasia. Ele retomou o extraordinário artigo freudiano “Bate-se numa criança”, em que Freud segue a assertiva segundo a qual não se interpreta a fantasia, e demonstra a construção em três tempos desta última. Quais sejam: primeiro *Meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio* (fantasia contemporânea à introdução de um irmão, ou uma irmã, um rival). Neste ponto, a situação fantasística comporta três elementos: o agente da punição, uma criança que despenca em relação ao amor dos pais (que está em jogo) e o sujeito em relação a quem a cena se produz. (Lacan, 1956-57/1995, p.117) O segundo tempo, que apresenta propriamente a construção de uma fantasia (enquanto não interpretável), diz respeito a uma relação dual e, portanto, ambígua, entre sujeito e agente espancador: *eu sou espancado por meu pai*. Sobre isso Lacan disse:

Enquanto a primeira fantasia encerra um sentido, uma estrutura que põe ali um sentido (...) a segunda apresenta uma situação tão ambígua que podemos nos perguntar, por um instante, em que medida o sujeito participa da ação daquele que o agride e o golpeia. Esta é a clássica ambigüidade sadomasoquista. Para resolvê-la, vamos concluir com Freud que isso se liga à essência do masoquismo [...]. (Lacan, 1956-57/1995, p.119)

Segundo Lacan, Freud acentuara a fugacidade desta segunda etapa, sempre reconstruída, que logo se precipita na terceira. Situação em que o sujeito é reduzido “a seu ponto mais extremo.”(p.119) Aparentemente o sujeito aparece como no primeiro tempo, enquanto observador, só que esta fantasia final é dessubjetivada: “Depois da redução da situação intersubjetiva primeira com sua tensão temporal, e da passagem à situação segunda, dual e recíproca, chega-se à situação dessubjetivada que é a da fantasia terminal, a saber: *Bate-se numa criança.*” (Lacan, 1956-57/1995, p.119)

Nesta construção o sujeito está indeterminado, ou reduzido ao olho, aquilo que se apresenta como o ponto último de redução ao objeto. Observa-se, outrossim, nesta leitura, a infiltração da teoria do tempo lógico aplicada à fantasia¹³⁹. Não são apenas três posições, qualitativamente distintas do sujeito, mas três *tempos*. Pois bem, Lacan frisou que a fantasia fixa o sujeito no ponto em que a significação está perdida e o que subsistiu como resíduo está dessubjetivado, os “significantes em estado puro se mantêm sem a relação intersubjetiva, esvaziados de seu sujeito.” (Lacan, 1956-57/1995, p.120)¹⁴⁰ Verificamos, igualmente, a gama de objetos pré-genitais que são escalados na composição da fantasia. Os objetos, parciais, anal, oral, o seio, a voz, o olhar ...

¹³⁹ Dunker (2007) sintetizou o sofisma analisado por Lacan em “O tempo lógico e a asserção de uma certeza antecipada – um novo sofisma” de Lacan,1945: “três prisioneiros têm fixado às suas costas um disco cada um (entre dois pretos e três brancos disponíveis). Na primeira situação, o prisioneiro vê dois discos pretos e conclui, *imediatamente*, que ele é um branco (*instante de ver*). Na segunda situação, o prisioneiro vê um preto e um branco e conclui, *mediatamente*, que se o prisioneiro preto não se move, é porque não está vendo dois pretos e, logo, ele mesmo pode se assumir como um branco. Há aqui uma escansão temporal e a realização subjetiva de uma passagem do tempo; é o *tempo para compreender*. Na terceira situação, o prisioneiro vê dois companheiros brancos. Evidentemente, nenhum deles se move, mas essa imobilidade é absorvida ao caso anterior, e então cada qual inicia sua saída pensando tratar-se do caso II (um preto e dois brancos). No entanto, quando se percebe a movimentação conjunta dos prisioneiros, cada qual se detém. A certeza antes adquirida vacila, pois não sabem mais se é mesmo da situação II que se trata. A escansão comum do movimento leva, então, à recuperação da certeza, agora indubitável, de que se trata de um caso III, no qual há três brancos, o que conduz à liberdade coletiva” (p.31)

¹⁴⁰ Em seu seminário IV Lacan utilizou-se deste artigo freudiano para discorrer sobre o aspecto “perverso” do caso da Jovem Homossexual. A fantasia masoquista e a parcialidade, a construção da fantasia de si como dejetivo e a redução ao olho. Entretanto, se acompanharmos a retomada que Lacan fez do caso em seu seminário sobre *A Angústia*, poderíamos supor que ele dizia sobre o apoio do neurótico na fantasia e como isso se nos apresenta como perversão. O neurótico se serve de sua fantasia e se organiza ao fazê-lo. “Os neuróticos têm fantasias perversas”, afirmou então Lacan (Lacan, 1962-63/2005, p.60).

Fechemos nosso parêntese e retornemos ao caso. Alinhavamos anteriormente a constituição à fantasia (agora: *Bate-se numa criança*) e a fantasia ao perfilar-se dos sintomas. Poderíamos seguir os passos de Freud e supor que se a fantasia ocupa lugar de causa dos sintomas na constituição do sujeito o abalo fantasmático pode surgir em posição causal no desencadeamento de sintomas ou, mais precisamente, em se tratando da Jovem Homossexual, do ato. Assim, iluminando o que igualmente se revelou um desencadeamento neste caso e relendo o texto de Freud, perguntemo-nos: quiçá tenha havido abalo fantasmático, em congruência com a natureza do ato que precedeu a chegada à análise?

Pois bem, concordamos com Freud e podemos aproveitar uma colocação de Souret (1998) segundo a qual quando a fantasia se estremece, os sintomas inflamam. Neste ponto, asseveramos, enfim, que a fantasia possui valor de causação tanto dos sintomas quanto das formas de ato. A mostração escandalosa de um amor arrebatador por uma Dama foi um *acting out* (e teve relação com a fantasia pela mostração do objeto) e o que precipitou a análise, em um passo posterior, foi uma passagem ao ato, representada pelo atirar-se da ponte. Do *acting out* ela passou ao ato¹⁴¹.

4. 2. b) A Jovem Homossexual e a passagem ao ato

Quando se trata do *acting out*, se está em cena¹⁴², a mensagem é dirigida a um outro, mesmo que de sua verdade não se queira saber nada (o que é fundamental no *acting out*). Há mostração e aquilo que se mostra, que possui visibilidade máxima é, por

Pois bem, quanto à identificação com o pai, enquanto portador do falo, podemos acompanhar as construções de Lacan acerca do bancar o homem tão comum em um quadro histérico. Conforme acrescenta Soler (2003), esta identificação pode ser com o seu ter o falo, ou, ao contrário, com a falta (castração).

¹⁴¹ Cabe retomar o caso Dora e localizar, na bofetada que esta deu no Sr. K uma passagem ao ato: “Se a bofetada de Dora é uma passagem ao ato, todo o comportamento paradoxal na casa dos K., que Freud prontamente descobre com tanta perspicácia, é um *acting out*” (Lacan, 1962-63/2005, p. 137).

¹⁴² Lacan evocou a janela como aquilo que faz borda, que separa a cena do fora de cena.

outro lado, invisível. O essencial do que se mostra é sempre outra coisa, é o resto, é a libra de carne do *Mercador de Veneza*.

Não obstante, quando o ilusório do reconhecimento (a cena) encontra seu limite, uma borda, uma hiância, quando não se é mais possível manter-se no teatro, ponto no qual a imagem especular mostra-se limitada, vemos, então, perfilar-se a angústia. No ponto de mutação em que no lugar do “objeto situável, reconhecível e intercambiável” (Lacan, 1962-63/2005, p.100), $(-\phi)$, cria-se “essa espécie de objeto privado e incomunicável, mas dominante” (Lacan, 1962-63/2005, p.100), nosso correlato na fantasia, o objeto pequeno *a*. Neste ponto, surge a angústia.

Quando não estamos em cena, quando ficamos aquém dela e procuramos ler no Outro qual é a sua questão, só encontramos aí, em *x*, a falta [...]. Esse fenômeno de borda, vocês o encontram, por exemplo, em ocasiões privilegiadas, na janela que se abre, marcando o limite do mundo ilusório do reconhecimento, aquele que chamo de cena [ou palco]. Essa borda, esse enquadramento, essa hiância, ilustra-se neste esquema pelo menos duas vezes – na borda do espelho e também neste sinalzinho, \wedge . Que fica aí o lugar da angústia, isto é o que vocês devem guardar como o sinal do que deve ser procurado no meio (Lacan, 1962-63/2005, p.121)

Assim como o fez Freud, Lacan igualmente tratou da tentativa de suicídio¹⁴³ realizada pela jovem. De maneira diversa de outros casos, nos quais isso nem sempre foi tão visível, na Jovem Homossexual, acompanhamos um momento no qual a fantasia foi “forçada” de tal maneira que se evidencia a angústia e se desencadeia uma passagem ao ato. É isso que parece ser indicado no olhar reprovador do pai e na crítica recebida da Dama.

¹⁴³ Note-se que Lacan, no seminário IV, havia tratado a tentativa de suicídio da Jovem Homossexual pela via simbólica, pela conjunção significativa, acompanhando Freud. Ao pular da ponte ela mesma teria se transformado naquela “criança latente, que poderá, com efeito, *niederkommen*, quando a crise chegar a seu termo?” (Lacan, 1956-57/1995, p.110). Assim, este ponto chave do caso e situação em que podemos localizar uma explicação correlata ao que designamos como um evento desencadeante, teria sido, segundo o que Lacan sustentava inicialmente em seu ensino, um ato simbólico, o *niederkommen* (posto para baixo) de uma criança no parto. A correlação ao pai (já que o salto da jovem se deu no instante em que seu objeto de amor, homólogo ao pai, opôs-se a ela) não foi descartada por Lacan.

A desaprovação do pai deixa-lhe em supremo embaraço. Lacan evocou a etimologia deste termo e chegou a *imbaricare*, palavra “que faz a mais direta alusão à barra”, a \mathcal{S} . (Cf.: Lacan, 1962-63/2005, p.19) O desejo pelo pai (responsável por sua inversão e conduta) confronta-se com a lei (condenação presente no olhar do pai). Localizaríamos, até aqui, o modo causal próprio ao simbólico. Entrementes, a desaprovação acrescida da Dama provoca-lhe emoção (enquanto “movimento que se desagrega, a reação que chamamos catastrófica” (p.20)). Desta feita, verificamos que este caso nos revelou, por detrás das aparências, o objeto, o olho (a). Vimos então o emprego da noção de causalidade apreendida de forma bi-unívoca. O máximo do embaraço, o máximo da emoção, uma dupla entrada dos afetos. A reprovação do pai e o olhar, associado com a crítica recebida da Dama desencadearam uma passagem ao ato.

O olhar do pai tornou insustentáveis os objetos intercambiáveis que a jovem colocava para tamponar o buraco. Eis a causa real e o tempo da pulsão. Ela se sente rejeitada, deixa-se cair, identifica-se definitivamente com o a ¹⁴⁴ em sua queda, já que a queda é essa “identificação absoluta do sujeito com o a ao qual ele se reduz.” (Lacan, 1962-63/2005, p.125) Ela se “precipita e despenca fora da cena” (Lacan, 1962-63/2005, p.129). Tudo se passa como se o ato fosse uma resposta, mas uma resposta direta, instantânea, sem a presença do trabalho de construção do juízo. Vale notar que a mesma espécie de reação automática verifica-se na passagem ao ato de Dora, a bofetada que dá no Sr. K ao ouvir a frase: *minha mulher não é nada para mim*.

Surgiria então outra pergunta. Por que, em vez de uma passagem ao ato, não estacionamos, em ambos os casos, no desencadeamento de uma vigorosa expressão de angústia? Vimos que por um lado a fantasia, enquanto garantia de resposta, é aquilo que

¹⁴⁴ A identificação com o objeto pode ser alocada como mais um índice de causalidade por nós proposto. Assim, este viria a somar-se à identificação com o traço e às perguntas (questões: ‘o que é um pai?’/ ‘o que é uma mulher?’). Poderíamos, inclusive, parear a identificação com o traço à pergunta sobre o pai e a identificação com o objeto com a pergunta sobre a mulher.

recobre a angústia suscitada pelo desejo do Outro e que, por outro lado, este afeto é reencontrado quando ocorre o desfalecimento da cobertura fantasmática, isto pois veríamos surgir o objeto a onde se encontrava $-\phi$. E foi justamente este desfalecimento que encontramos na passagem do *acting out* ao ato suicida.

Como uma resposta possível, poderíamos dizer que Lacan (1962-63/2005) postulara que o ato é o “único correlato polar do lugar da angústia” (p.344), uma via, quem sabe, de dissipação daquela. Se o ato ocorre de maneira evidentemente automática, acontece que o sujeito ali atravessa e ataca sua própria imagem, o $i(a)$, a máscara do narcisismo, fazendo surgir a em sua queda. Assistimos deste modo, a angústia perfilar-se no lugar de causa e o ato, ao mesmo tempo em que procura a via de sua dissipação evidencia-a naquilo que esta é sinal (sinal do que há de mais estranho (*Unheimlich*) para o sujeito).

Seguindo esta via, Diana Rabinovich ¹⁴⁵ nos convida a uma reflexão clínica bastante plausível e apropriada ao caso em discussão. Ela indica a dificuldade, por nós compartilhada, de fazer rodar uma análise quando o sujeito se apresenta a nós no lugar mudo da pulsão, como a , o que pode ocorrer na neurose, na psicose ou mesmo na perversão.

É algo associado, não ao sintoma, não ao desejo, mas à pulsão, e o mesmo termo de passagem ao ato no-lo diz. Quer dizer, há algo da ordem da satisfação que, ao satisfazer-se nesse ‘personagem’ de forma direta, deixa o sujeito sem lugar, enquanto que, por sua vez, o sujeito desejante está como esse sujeito mudo da pulsão. (Rabinovich, 2004, p.60)

¹⁴⁵ A autora acrescenta que a passagem ao ato, do lado do Isso (‘eu não penso’), é o modo exemplar da instauração do sujeito. No ato inaugural do sujeito há implicação de uma passagem ao ato. “É o sujeito enquanto apagado ao máximo da palavra que o barra” (Rabinovich, 2004, p.60).

4. 3) O Homem da Areia e a angústia.

O conto de Hoffmann (O Homem da Areia), utilizado por Freud para apresentar o fenômeno do estranho (*Unheimlich*), dizia respeito às lembranças de infância de Nataniel, estudante que perdera o pai de forma apavorante e que ouvia de sua mãe ameaças relativas ao tal homem da areia. Segundo sua babá, um homem muito perverso arrancava os olhos das crianças (lançando-lhes areia) que não dormiam na hora certa. À noite, em sua cama, Nataniel ouvia passos de um misterioso visitante com quem seu pai se ocupava. O menino, logicamente, acreditava tratar-se do homem de areia. Certa vez escondeu-se no escritório do pai e verificou que o homem de areia era o advogado Copélio, um homem assustador. Em sua narrativa fantástica Hoffmann, a partir de então, deixa-nos em dúvida sobre a faticidade do que passa a relatar.

O pai e o convidado estão trabalhando num braseiro incandescente. O pequeno intrometido ouve Copélio invocar: ‘Aqui os olhos! Aqui os olhos!, e trai-se ao soltar um alto grito. Copélio apanha-o e está prestes a lançar brasas tiradas do fogo em seus olhos, jogando estes depois no braseiro, mas o pai implora que solte o menino e salva-lhe os olhos. Depois disso o rapaz cai em profundo desfalecimento. (Freud, 1919/1980, p. 286)

Um ano depois, durante outra visita do Homem da Areia, o pai de Nataniel é morto em seu escritório por uma explosão. Copélio desaparece. Anos mais tarde, Nataniel reconhece a figura do ‘fantasma de sua infância’ em um oculista itinerante chamado Giuseppe Coppola, de quem compra um telescópio após se ter horrorizado (o homem lhe disse, oferecendo-lhe algo como vendedor, que tinha ‘ótimos olhos’). Através de seu novo telescópio, Nataniel observa a casa em frente, do professor Spalanzani, e permanece espiando sua “bela mas estranhamente silenciosa e imóvel filha”, Olímpia. O rapaz apaixona-se violentamente, esquecendo-se de sua noiva.

Mas Olímpia é um autômato, cujo mecanismo foi feito por Spalanzani e cujos olhos foram colocados por Coppola, o Homem da Areia. O estudante surpreende os dois

Mestres discutindo quanto ao seu trabalho manual. O oculista leva embora a boneca de madeira, sem os olhos; e o mecânico, Spalanzani, apanha no chão os olhos sangrentos de Olímpia e os arremessa no peito de Nataniel, dizendo que Coppola os havia roubado do estudante. Nataniel sucumbe a um novo ataque de loucura. (Freud, 1919/1980, p.287)

Recuperado, o rapaz reconcilia-se com sua antiga noiva. Certo dia, em meio a um passeio que faziam, resolvem subir no alto de uma torre. Clara, a noiva, avista algo lá embaixo. Através de seu telescópio, o rapaz observa aquilo que chamara a atenção dela, cai em novo ataque de loucura e tenta jogar a moça da torre berrando ‘Gira, boneca de pau!’.

Lá em cima na torre o louco corre em círculos berrando ‘Gira, anel de fogo!’ – e nós sabemos a origem das palavras. Entre as pessoas que começaram a se juntar em baixo, destaca-se a figura do advogado Copélio, que voltou de repente ‘...’, Nataniel fica imóvel, avista Copélio e, com um grito selvagem de Sim! Ótimos olhos – ótimos olhos!’, lança-se por sobre o parapeito. (Freud, 1919/1980, p. 287)

Freud identificara, então, o estranho ao Homem da Areia à idéia de ter os olhos roubados. Fez uma relação entre os olhos e o complexo de castração, isto, pois a figura fantasmática apareceu tanto na cena da morte do pai e como quanto perturbador do amor. Freud propõe, então, que verifiquemos as causas infantis para os temas da estranheza e introduz, neste âmbito, a análise do fenômeno do “duplo”, marcado:

[...] pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self). E, finalmente há o retorno constante da mesma coisa – a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes, através das diversas gerações que se sucedem. (Freud, 1919/1980, p.293)

O retorno constante de alguma coisa referir-se-ia à própria repetição e o estranho passaria a ser lido como uma modalidade do humano relacionada ao recalque, já que, conforme asseverou Freud, o elemento que amedronta pode ser algo do reprimido que

retorna. Aqui a repetição estaria relacionada evidentemente ao retorno do recalçado: “Essa categoria de coisas assustadoras construiria então o estranho; e deve ser indiferente a questão de saber se o que é estranho era, em si, originalmente assustador ou se trazia algum *outro* afeto.” (Freud, 1919/1980, p.300)

Neste sentido Freud apreendeu o uso lingüístico que estende o *heimlich* (enquanto doméstico ou familiar) para o seu oposto *unheimlich*, pois quando dizemos estranho não estamos tratando de algo inédito, e sim de algo familiar que deveria ter permanecido recalçado mas veio à luz.

Lacan em seu seminário X, retorna a este mesmo artigo freudiano a fim de correlacioná-lo à angústia, comentando que a *unheimlichkeit* constitui o eixo necessário para se abordar a questão da angústia (Lacan, 1962-63/2005, p.51). Segundo o psicanalista francês, a angústia surgiria quando um mecanismo fizesse aparecer *uma coisa qualquer* no lugar do menos *phi* ($-\phi$) e essa coisa seria, justamente, a *unheimlichkeit*. Mais ainda, o psicanalista sustentou que o *Heim* (a casa do homem) é o próprio lugar do ($-\phi$), um lugar situado em um ponto no Outro e que “representa a ausência em que estamos”. Essa ausência, lugar da falta enquanto ($-\phi$), outrossim, comporta a possibilidade do surgimento de uma presença que comanda isto de outro lugar, lugar inapreensível pelo sujeito. A presença em questão é a do objeto *a* em sua função na fantasia. A aproximação do *a* provoca angústia (sinal) e é uma experiência estranha para o sujeito: “Quando aparece algo ali, portanto, é porque, se assim posso me expressar, a falta vem a faltar ,..., é nesse momento que começará a angústia” (Lacan, 1962-63/2005, p.52).

Lembremos que o ($-\phi$) representa um fragmento ausente na composição ou realização de uma imagem. Mas, à par deste elemento negativo, é a experiência de uma “presença” que denuncia a aproximação da angústia. Falta, portanto, mas falta em

presença. Por isso que Lacan postulou que a angústia aparece como falta da falta, pois envolve a anulação do sujeito do desejo pela sobreposição do objeto. Seguindo esta construção, Lacan retoma Freud e afirma que o que está no lugar do *Heim* que é *Unheim*. A boneca do conto de Hoffmann, sugere Lacan, é a própria imagem $i'(a)$ complementada pelo que há de mais distinto dela, ou seja, o olho (objeto a). O olho de que se trata, segue o psicanalista, é o olho do herói (Nataniel) e a narrativa se sustenta pela exaustiva tentativa de extrair-lhe esse olho.

Acompanhando Lacan na distinção que propôs entre a repetição propriamente dita e o retorno do recalcado, podemos seguir este exemplo literário por uma dupla via e, portanto, de forma dissonante da primeira interpretação freudiana. Por um lado, verificamos a determinação significativa (*autômaton*), assinalada pelas variações em torno do nome de Copélio (Coppola) e na reedição de experiências infantis do rapaz. Por outro, em cruzamento com o primeiro, enveredamos pela causa enquanto *tiquê*, isto ao deparamo-nos com a fantasia (arrancar os olhos) que esteve, por seu abalo, repetidas vezes associada com o desencadeamento da angústia.

Atingida por sua realização (retomando Freud) ou quiçá atravessada de forma selvagem, o desnudamento da fantasia fez surgir a , o olho objeto da pulsão escópica (não o olho reificado, objeto narcísico) neste estranho. Isto pela presença vacante de a (olho) no lugar da falta. Poderíamos postular, seguindo Lacan no seminário X, que o objeto a , dentro do quadro ali construído, seria a efusão e equivaleria ao momento em que a angústia se revelaria tal como é. No entanto, da angústia Nataniel passa ao ato (dissipação da angústia) e, no final, é ele quem cai como objeto. Recordemos, no automatismo do ato o sujeito atravessa e ataca sua própria imagem narcísica, fazendo surgir a .

Podemos falar, portanto, em um desencadeamento da angústia como uma espécie de índice da presença de um sujeito no momento mesmo em que vigora sua identificação com um objeto. Sua causa, não obstante, não pode ser nem a determinação significativa, nem o próprio objeto como presença. Lacan (1962-63) nos indicara, seguindo os propósitos freudianos, que a angústia é um afeto que como tal não é recalcado e que definitivamente não diz respeito ao retorno do recalcado (o que sofre recalçamento são os significantes que amarram tal afeto). Por outro lado, enquanto sinal, a angústia é causa e sem causa, é algo suspenso entre a causa (objeto *a* – *unheimlich*) e o que ela afeta, ou entre a causa e a efusão (correlata do objeto *a*), isso, nos disse Lacan no seminário homônimo. O *a*, objeto da causa real, é o objeto da angústia (e não objeto causa de angústia).¹⁴⁶

4. 4) Hans: a angústia e o objeto fóbico

Como sabemos, ‘Hans’ é um caso de neurose infantil. Assim sendo, o desencadeamento de sintomas e a constituição do sujeito aparecem imbricados e com tênues distinções, já que não acompanhamos ali o período de latência contido em outras psicanálises.

Ana Laura Prates, ao promover uma rica discussão sobre este caso freudiano, apontou que o início da masturbação e o nascimento da irmã Hanna foram os dois pontos fundamentais que ocasionaram o desencadeamento da fobia¹⁴⁷ de Hans. Até então:

¹⁴⁶ Note-se que Lacan aproveita a concepção final de Freud sobre a angústia, enquanto causa e sinal, mas assevera que este afeto não é sem objeto, discordando da posição freudiana.

¹⁴⁷ Sobre esta questão sublinhemos que Miller (1999) nos indicou que Lacan havia designado a fobia não como uma estrutura clínica com o status de neurose obsessiva ou histeria, mas como “uma ‘plataforma giratória’; um momento anterior, em que se pode escolher uma estrutura clínica” (120). Neste sentido, Gérard Pommier, em uma conferência realizada na Universidade de São Paulo, em 17/04/08, evocou a placa giratória proposta por Lacan em *De um outro ao Outro* para dizer-nos que o objeto fóbico (que não é um significante) refere-se à condensação de cadeias significantes contraditórias e que nos aparece como um sintoma (não o sendo propriamente). A fobia adviria da angústia relativa à privação

Hans vinha jogando muito bem seu jogo imaginário de presença/ausência com a mãe. Ele era tudo para ela, freqüentava sua cama, acompanhava-a ao banheiro etc. Era seu verdadeiro apêndice, a ponto de Lacan chamá-lo de ‘Hans – o fetiche’(pois ele está colocado pela mãe como metonímia do falo) (Prates, 2006, p.160)

Nesta direção Lacan, no seminário sobre *A Relação de Objeto*, apontou que Hans estava identificado com o falo materno. Seu pênis, tantas vezes maldito por sua mãe, ficara a margem e, deste modo, a única saída que teve foi a tal identificação através da qual pode integrar sua masculinidade: “É na medida em que o pequeno Hans tem uma certa idéia de seu ideal, na medida em que ele é o ideal da mãe, a saber, um substituto do falo, que o pequeno Hans se instala na existência.” (Lacan, 1956-57, p.430)

Conforme Prates (2006) bem alinhavou o medo por cavalos (que eles caíssem e que eles mordessem) teria surgido da seguinte forma:

Ele se dá conta da privação materna, mas não consegue sair dessa situação sozinho. É nesse ponto que seu pai não comparece, não o ameaça (...) Hans forja uma série de mitos que constituíram uma transição da dialética imaginária do jogo intersubjetivo com a mãe em torno do falo para o jogo da castração (já que o pai aí faltou) (...) Hans consegue, por fim, encontrar uma suplência para esse pai que se obstina a não querer castrá-lo. Primeiro, ele fantasia um serralheiro que desparafusa a banheira e lhe fura o ventre. Depois, numa outra fantasia, o bombeiro lhe desparafusa o traseiro e lhe dá outro ,..., Deste modo, nos diz Lacan, a mãe é demolida e é o pai quem é convocado a desempenhar o papel de perfurador. (Prates, 2006, p. 160 – 161)

Ao tratar do caso pequeno Hans no seminário IV, Lacan estava notadamente envolvido com a idéia de um pai (da realidade) cumpridor da sua função de castração. E a falta deste pai ocuparia um importante papel no momento da constituição do sujeito. Hans deu-se conta da privação materna, mas não teve pai que o interditasse. Diante do enigma do desejo do Outro, Hans respondeu com sua fantasia (isto como todo sujeito

materna (seria uma tentativa de se proteger desta angústia) e localizar-se-ia depois do recalque original (S2?), mas antes do Nome-do-Pai. Mais ainda, procurou mostrar-nos que o objeto fóbico é o invólucro do objeto da pulsão oral ou escópica.

neurótico ou perverso), mas isso não se desdobrou em castração do Outro. Diríamos, então, que como seu pai fora leniente, a construção das fantasias operou essa função castradora. Notemos que a explicação desta construção fantasmática foi, então, curiosamente funcional. Além de ser causa de sintomas, tal construção apareceu enquanto aquilo que fez às vezes do pai, provocou a castração.

Pois bem, o pequeno elegeu, igualmente, um objeto fóbico (objeto com valor significante), o cavalo, através da metonímia que ligava os arreios do equino ao bigode do pai, o que nos seria possível notar na seguinte passagem freudiana: “- Hans para seu pai: *'tenho mais medo dos cavalos que têm uma coisa preta na boca'*, o que é seguido pela resposta do pai: *'talvez um bigode?'*” (Freud, 1909/1980, p.58). Entretanto, enquanto significante, o cavalo também tinha sua dimensão metafórica, ele “era, ao mesmo tempo, o pai, o falo, a irmãzinha, tudo o que quisermos” (Lacan, 1957-58, p.196) inclusive, a mãe. Este objeto teria emergido para assegurar o menino que, às voltas com suas construções fantasmáticas, procurou também assim proteger-se daquilo do que a angústia é sinal.

Isso quer dizer que o objeto fóbico vem desempenhar o papel que, em razão de alguma carência, em razão de uma carência real no caso do pequeno Hans, não é preenchido pelo personagem do pai [...] Ele é o elemento em torno do qual vão girar todos os tipos de significações que formarão, afinal, um elemento de suplência ao que faltou no desenvolvimento do sujeito. (Lacan, 1956-57/1995, p. 411)

Lacan havia afirmado que o “que deveria produzir-se no terceiro tempo [do Édipo] fica faltando” (Lacan, 1957-58/1999, p.199) para Hans. Desta forma, podemos localizar uma hipótese segundo a qual a fobia e a fantasia (em Hans articuladas posteriormente à neurose) seriam suplências à insuficiência paterna¹⁴⁸. Afinal, como

¹⁴⁸ Incluíamos aqui a psicose e adiantemos que este desenho estará presente em muitos casos construídos por Lacan. Além do pai leniente de Hans, o pai ausente do Homem dos Lobos, o pai bêbado de Joyce. Estes pais que faltaram foram freqüentemente evocados pelo psicanalista.

vimos, o menino encontrou sua saída graças à construção de sua fantasia e de sua fobia. Igualmente, a partir desta noção de suplência reencontramos a tese da causalidade do que “não se inscreve no simbólico”, mas cujo representante organiza a função simbólica. Verificamos isto com a noção de metáfora paterna (Nome-do-Pai). Pois bem, para que ele não fosse apenas um assujeito, se fizeram necessárias suas fantasias e a aparição de algo que lhe metesse medo:

Ele precisou, com efeito, de seu cavalo pau-para-toda-obra a fim de suprir tudo o que lhe faltou naquele momento de virada [...] o que ele convocou no lugar do pai foi aquele ser imaginário e onipotente chamado encanador. Esse encanador apareceu, justamente, para dêss-assujeitar alguma coisa, pois a angústia do Pequeno Hans era, essencialmente, como eu lhes disse, a angústia de um assujeitamento. (Lacan, 1957-58/1999, p.196)

Este caso nos permite novamente uma discussão sobre as duas vertentes da psicanálise, no que estas tocam a causação do sujeito e o nosso problema do desencadeamento, quais sejam: o objeto (na fantasia) e o significante (no ‘sintoma’ fóbico), isto, mesmo que sigamos Miller e Pommier (já que se a fobia for “algo como um sintoma”, mas não propriamente um sintoma, de toda forma já envolve uma articulação significante). Como resposta ao enigma do desejo do Outro, Hans construiu sua fantasia (o que lhe possibilitou a segunda resposta divergente do ponto da fantasia no grafo: $S(A)$). Outrossim, houve a eleição do objeto fóbico (através de metonímia e metáfora significante, o que funcionou como metáfora paterna).

Percorremos certa trilha significante: metonímia e metáfora; o desejo; a lei; o pai. Todavia, conforme retomado por Lacan em seu seminário X, podemos pensar o caso Hans pela via do objeto e pelas relações possíveis entre a angústia e a eleição do objeto fóbico. Ou, pelas relações possíveis entre o objeto a da angústia e o objeto intercambiável (falo). Para tanto poderia ser interessante primeiro abriremos mais um parêntese. Focalizemos, inicialmente, um recorte do seminário sobre *A Relação de*

Objeto, no qual Lacan articulou o objeto fóbico ao objeto fetiche. O que é de suma importância para o caso, já que algumas discussões giraram em torno da escolha estrutural de Hans.

No referido seminário sobre *A Relação de Objeto*, Lacan retomou as incursões freudianas sobre o fetichismo em seus artigos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905, e “O fetichismo”, de 1927. Ele afirmou, a partir de tais leituras, que o objeto em questão no fetichismo é o objeto da troca simbólica (presença e ausência), o falo. E que:

Ele é feito para ter essa espécie de alternância fundamental, que faz com que tendo aparecido num ponto, desapareça, para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem (Lacan, 1956-57/1995, p.155).

Na borda do Édipo, asseverou Lacan neste seminário, tratar-se-ia da assunção, por parte da criança, do falo como significante. Nesta direção, Ana Laura Prates nos indicou que:

O objeto fetiche articula-se precisamente com esse tempo da constituição simbólica em que o sujeito tem que se deparar com a privação materna. Do mesmo modo, é em relação a essa mãe faltosa e desejante que Lacan articula a função do objeto fóbico. (Prates, 2006, p.158)

No tempo relativo à privação, a criança dar-se-ia conta da falta materna. Neste cenário, Lacan desenhou seu esquema do véu. O véu, ou a cortina, teria uma importante função na relação do sujeito com o objeto. Novamente, o objeto fóbico e o objeto fetiche:

O véu, ao encobrir a falta, faz supor o objeto lá onde não há nada. O objeto é, deste modo, suposto para além do véu. Esse é o contexto no qual Lacan convoca as perversões, especialmente o fetichismo: o objeto fetiche, por representar o falo como

ausente, constitui-se paradigma da relação do ser humano com o objeto. (Prates, 2006, p.158)

Os objetos fóbico e fetiche, em suas articulações com o desejo, não são objetos empíricos, no sentido em que estes objetos revelariam uma inadequação do desejo em relação ao empirismo. Eles teriam valor significante, um valor fálico universal. Entretanto, mesmo que possamos argüir que o primeiro é simbólico e o segundo imaginário, verificamos que ambos possuem valor significante e são imaginarizados, sofrendo, podemos dizer, uma reificação. Ao adquirirem seus valores específicos são de alguma forma positivizados. Desamarremos, neste ponto, objeto fóbico e objeto fetiche para focalizarmos o último e chegarmos à perversão.

Lacan relacionou a função do fetiche à metonímia significante (seminário V), no deslocamento já postulado no freudismo do falo a outras partes do corpo (ou outros objetos). O fetiche é um semblante, uma presença do objeto lá onde não há qualquer coisa, conforme o véu denota. No fetichismo, a eleição do objeto fetiche implica em certa defesa do sujeito. Lacan fora enfático em relação à perversão: não se trataria de um inconsciente a céu aberto. O perverso também se defenderia em seu desejo, pois “o desejo é uma defesa, proibição de ultrapassar um limite no gozo.” (Lacan, 1960/ 1998, p.839)

Quanto à questão da estrutura, sobre a *Verleugnung*, o desmentido da perversão, Lacan apontou que não se trata de recalque (*Verneinung*), enquanto denegação da castração ou da forclusão (*Verwerfung*) da psicose, enquanto expulsão para fora, eliminação do significante Nome-do-Pai. Na perversão o sujeito sabe da castração e a partir deste saber desafia-se a viver como se nada houvera. Enquanto o neurótico afirma nada querer saber sobre a verdade, no perverso saber e não-saber não são excludentes.

Acompanhando Freud em suas postulações sobre o fetichismo, verificamos que ali se tratava de um saber sobre a castração da mulher e, consubstancialmente, seu desmentido, ou seja, a atribuição do pênis à mulher e a construção fantasística da mulher fálica. Por isso dizemos que o perverso faz ares de conquista, como aquele que obteve sucesso em fazer gozar o Outro, não obstante seu saber sobre a castração. Ele consagra a ilusão de um acesso ao gozo sem intermediações, justamente no ponto em que está mais devotado à Lei. Nesta direção, podemos afirmar que para este sujeito só há gozo fálico.

Lacan nos diz, em seu seminário sobre *A relação de Objeto*, que o fetichista é um sujeito que nos mostra “sua própria imagem em dois espelhos opostos.” (Lacan, 1956-57/1995, p.86) Este sujeito seria, enfim, alguém que passou da mãe (castrada) ao falo e encontrar-se-ia alternadamente em uma ou outra posição. Neste sentido, diz-nos Lacan, o objeto fetiche, que simboliza o falo, traz estabilização ao perverso. Este objeto enquanto semblante, ou seja, enquanto uma aparência como aparência, é o que permite ao perverso se fazer ser por essa divisão sem passar pela *Verneinung* neurótica.

No seminário sobre *A Angústia*, Lacan asseverou, a partir da homologia que propôs entre o desejo sádico que visa a angústia do outro e o que Kant articulara “como a condição de exercício de uma razão pura prática, de uma vontade moral propriamente dita” (Lacan, 1962-63/2005, p.117), que o sádico procuraria fazer-se aparecer como um puro objeto fetiche. Aproximando Kant de Sade, Lacan discorria sobre o amor à Lei tão evidente na perversão.

Quanto ao problema do masoquismo, Colette Soler retornou a Freud e nos mostrou que o psicanalista havia indicado primeiramente as “metonímias das representações de gozo, quais sejam, fazer amordaçar, amarrar, bater, açoitar” etc. Depois, as pulsões nesta economia implicadas, a saber, oral, anal e sádica, “conforme se

trate de se oferecer para ser devorado, espancado ou sexualmente possuído”. E, finalmente, “a série de encarnações do objeto: o filho dependente, o filho malvado, e a mulher¹⁴⁹ na medida em que é castrada e submetida ao coito.” (Soler, 2006, p. 59)

O masoquista faz ares de dejetivo, pois se pretende um objeto depreciado. Porém, como assinalaram Freud e Lacan, o masoquista “só passa ao ato numa cena”. Há um traço de brincadeira no masoquismo, ele não é para valer, é um “humorista delicado”, apontou-nos a leitura de Soler (2006). Esse humor, novamente, é sinal de um reconhecimento da castração que a um só tempo inclui o seu contrário. Ele brinca com a Lei. Daí este caráter duplo do desmentido: sei, mas é como se não soubesse. Voltamos ao semblante, à máscara. O masoquismo e o feticchismo trazem essa marca da relação do sujeito perverso com a escolha de um objeto. Essa escolha é a escolha de uma aparência, o que surge emoldurado pela fantasia própria a este modo estrutural.

No que tange a relação deste sujeito com o corpo do outro, o que se evidencia é a parcialidade, o perverso despedaça esse corpo, o outro se transforma em mãos, boca, pernas etc. Poderíamos afirmar que o perverso decompõe o corpo do outro em objetos parciais e assim se aproxima do real¹⁵⁰. Entretanto, Lacan é enfático quanto ao objeto de que se trata na perversão, ele utiliza o falo como fetiche. O perverso sacrifica o objeto em nome da Lei. Este sujeito pretende evidenciar que desejo e Lei andam juntos.

Pois bem, afirmamos anteriormente, junto com Lacan, que desejo e Lei são a mesma coisa, já que possuem o mesmo objeto e são organizados pela função simbólica do pai. Assim, gozo fálico e gozo perverso aproximar-se-iam. Se encontramos dificuldade em diferenciar objeto fetiche e objeto fóbico, já que ambos pareceram ser

¹⁴⁹ Soler (2006) apontou para uma importante diferenciação entre a mulher e o masoquista quanto ao desejo e o gozo. Propõe uma série composta pelo masoquista, a mulher e o analista, na medida em que os três se ‘fazem de objeto’, mas, claro, de formas diversas já que não é possível supor que se fingir de objeto para um outro decorra sempre do mesmo desejo.

¹⁵⁰ Marquemos também que Lacan faz uso do termo *Verleugnung* para referir o ato. Em *A lógica da fantasia* ele diz que esta cisão é indissociável do sujeito do ato, naquilo que o ato é opaco ao sujeito.

decorrentes da subtração do falo, talvez possamos deslocar nossa questão para a fantasia, ainda que nos reste a pergunta sobre as diferenças entre a fantasia do perverso e a fantasia perversa do neurótico.

Ao lermos “Subversão do sujeito e dialética do desejo”, de 1960, notaremos uma passagem em que Lacan, citando a questão da perversão, foi bastante claro no que tange a fórmula da fantasia. Ele asseverou que este matema permite evidenciar que o sujeito perverso “institui o predomínio, no lugar privilegiado do gozo, do objeto a da fantasia, que ele coloca no lugar do \mathcal{A} ” (Lacan, 1960/1998, p.838). O perverso “imagina ser o Outro para garantir seu gozo”. E é isso que o neurótico revelaria “ao se imaginar perverso”. O neurótico (histérico, obsessivo ou fóbico¹⁵¹) falsearia essa fórmula ao identificar “a falta do Outro com sua demanda, Φ com D ” (Lacan, 1960/1998, p.838). Em seu seminário sobre *A Identificação*, ele acrescenta que o sujeito neurótico visa como objeto a demanda do Outro e o que ele demanda é justamente o objeto do Outro, o pequeno a . Esta mesma relação entre demanda e fantasia não apareceria na perversão.

No seminário seguinte, sobre *A Angústia*, Lacan fez referência ao modo como o objeto a é revestido na perversão. Ali ocorre que o $-\varphi$ aparece no lugar de a . Neste sentido, afirmou que o masoquista reconhece-se como objeto do próprio desejo, fazendo uma explícita diferenciação com a noção de causa de desejo. Na fantasia do perverso o a enquanto causa de desejo é absolutamente estranho ao sujeito. O a ficaria “do lado da $i(a)$ ” (Lacan, 1962-63/2005, p.154), da imagem especular, lá onde o sujeito não pode vê-lo.

No trecho citado de “Subversão do Sujeito”, 1960, Lacan nos indicara que, na fantasia neurótica, há prevalência dada à demanda, o que favorece o esconder da angústia do desejo do Outro. Entrementes, quando se trata da eleição do objeto fóbico

¹⁵¹ Note-se que neste ponto Lacan articulou a fobia a uma estrutura clínica tal como a histeria e a neurose obsessiva.

para encobrir a angústia, esta permanece como “impossível de desconhecer”. A fobia seria, então, uma forma menos eficiente de encobrir a angústia. O objeto fóbico localiza a angústia, mas não a encobre satisfatoriamente. E, neste sentido, é importante notar como a gênese da angústia acompanha a formação do “sintoma”. Quanto mais angústia dispersa, menor a consistência do objeto fóbico. Quanto mais a angústia se localiza, maior a consistência do objeto fóbico.

Retomemos, portanto, nossa questão sobre as relações possíveis entre a angústia e o objeto fóbico com o intuito de finalmente versarmos sobre ela. Em seu seminário sobre *A Angústia*, Lacan retorna ao texto freudiano *Inibição, Sintoma e Angústia*¹⁵², de 1925, com o intuito de designar uma passagem teórica da inibição (inibição de movimento segundo o freudismo) ao impedimento, que podemos articular com o ocorrido em Hans:

O impedimento ocorrido está ligado a este círculo que faz com que, no mesmo movimento em que o sujeito avança para o gozo, isto é, para o que lhe está mais distante, ele depare com a fratura mais íntima, muito próxima, por ter-se deixado apanhar, no caminho, em sua própria imagem, a imagem especular. É essa a armadilha. (Lacan, 1962-63/2005, p.19)

Pensando sobre o quadro proposto por Lacan, em que ponto poderíamos situar a angústia neste caso? Ele pontuara que o *Fort-Da*, tantas vezes renovado pela criança, não provoca angústia (já que a ausência é a própria possibilidade da presença). Conforme Prates (2006) a fobia de Hans provocou-lhe um impedimento que o deixara “bem perto da mãe”. Poderíamos, então, localizar a angústia no ponto em que a falta

¹⁵² Ao construir a matriz de seu quadro da angústia, Lacan propõe-se a colocar no eixo vertical a dificuldade e no eixo das coordenadas, o movimento. No eixo da dificuldade à inibição segue-se o impedimento e depois o embaraço (que vimos nos casos da Jovem Homossexual e de Dora). No eixo do movimento o sentido da inibição desloca-se à emoção (também tratada nos casos referidos) e à efusão (perturbação, desassossego, desnortamento). Ele nos diz, então, que a inibição é “um sintoma posto no museu” (Lacan, 1962-63/2005, p.19) e que no dia-a-dia o sintoma de que se trata é o impedimento. Neste, o movimento, é certo, fica dificultado, mas, o que fica impedido é o próprio sujeito que cai na armadilha da captura narcísica. Não obstante, Lacan asseverou que a inibição é propriamente o lugar onde se exerce o desejo” (Lacan, 1962-63/2005, p. 344).

veio a faltar, no caso de Hans, enquanto a mãe esforçou-se para estar o tempo todo em cima (expresso em seu medo que o cavalo-mãe mordesse). Assim, a interdição de suas práticas masturbatórias realizada pela mãe teria sido vivida por Hans como exercício do desejo materno sobre ele.

Lacan convocou o objeto fóbico de Hans (o cavalo do pensamento que puxa o coche da história e de repente “empina, enlouquece, cai e se entrega ao grande *Krawallmachen* [tumulto, arruaça]”) (Lacan, 1962-63/2005, p.16), para afirmar que ali o menino encontrou “uma das imagens de seu acalentado medo”. Ana Laura Prates, servindo-se de um trecho deste seminário X em que Lacan discorreu sobre a causa no advento do sintoma, afirmou que este é o resultado e o efeito é o desejo:

Teríamos, então, a angústia do lado da causa, a inibição (desejo) do lado do efeito e o sintoma como resultado. Mas o problema, segundo Lacan, é que o desejo é um efeito estranho, um efeito que não tem nada de efetuado [...] O desejo, assim, está sempre encoberto pela inibição, como o demonstra claramente a fobia do pequeno Hans. (Prates, 2006, p.196)

A formação do “sintoma”, que comportou a eleição do objeto fóbico (enquanto uma das imagens de seu acalentado medo), aparece, enfim, como resultado, como proteção (não muito eficiente) contra a angústia, ou, mais precisamente, contra aquilo de que a angústia é sinal. A angústia aparece como causa. A eleição do cavalo, pela metonímia significativa, foi determinada igualmente por sua condição de figuralidade (a causa imediata freudiana). Neste espectro da determinação poderíamos pensar em um diálogo entre causa material e causa formal (imediata) e na presença de um percurso formativo.

Assim podemos dizer que o desencadeamento em Hans deu-se inicialmente pela angústia. A fantasia apareceu logo ali, com sua função bastante singular neste caso. O resultado, após certo percurso, que envolveu a determinação significativa, foi o sintoma

fóbico. O efeito, mesmo sendo não efetuado é o desejo, um desejo cabreiro, prevenido, inibido. Recordemos que situamos o pai simbólico neste efeito. Daí Lacan (1962-63) poder afirmar que entre a causa e seu efeito (desejo conjugado à lei?) deva existir necessariamente uma lacuna, claudicação. Para que a causa subsista, ela não pode ser preenchida.

Outra questão importante para tratarmos, que nos faz retornar à diferença (ou oposição) entre neurose e perversão, refere-se à estrutura. Freud (1909) nos revelara que em determinada passagem Hans fechou os olhos para não olhar e sentiu nojo das calcinhas amarela (xixi) e preta (*lumf*) da mãe, isso, em um instante determinado em que a mãe não as usava. Lacan, em seu seminário IV, procurou transmitir-nos o quanto este evento esteve associado à escolha estrutural do menino, já que, ao não tomar as calcinhas da mãe como objeto (fetiche), o menino não se tornou um fetichista. Mas, por que ele o fizera? Lacan esboçou uma resposta: o destino. No que referiu à escolha, Lacan havia insistido: o sujeito “assume ou não, aceita ou recusa” a privação do falo na mãe. (Lacan, 1957-58/1999, p.191) Ele foi então bastante claro, nesta encruzilhada, o sujeito colocar-se-ia na condição de escolher: “Ponham também esse escolher entre aspas, porque o sujeito é tão ativo quanto passivo nisso, pela simples razão de que não é ele quem manipula as cordinhas do simbólico. A frase foi começada antes dele, foi começada por seus pais.” (Lacan, 1957-58/1999, p.192)

Eis o determinismo significativo posto nesta posição transcendente da cadeia, o campo do Outro (S2) que antecede o sujeito. Neste determinismo, verificamos o significativo incidindo no sujeito (S1), extraído de S2 e fazendo cadeia. Todavia, há “escolha”. Abrimos, assim, uma discussão sobre liberdade e determinação em psicanálise: “O que implica, portanto, esse consentimento do sujeito em receber a lei do

pai? Abre-se aqui uma importante discussão a respeito da escolha do sujeito, não obstante a determinação significativa dada pela estrutura.” (Prates, 2006, p. 165)

Desta feita, para além da questão da determinação significativa do sujeito, vale uma interpolação sobre a noção de causalidade em sua relação aparentemente disjuntiva em relação à idéia de liberdade. O uso da noção de causa em Lacan não derroga a importância das noções de escolha ou de decisão (como na decisão da estrutura). Estes termos não entram apenas como marcas de uma indeterminação, mas como pontos em que a causa sucede e não antecede o efeito a que se liga. Ou seja, os pontos de “liberdade do sujeito” são eles mesmos revertidos em posições causais para a construção do fantasma ou para a formação de sintomas. São escolhas contingentes, que apenas se revelam como tal, quando se tornaram parte de uma necessidade estrutural. O ato de escolha cria suas próprias condições de possibilidade. Assim podemos ler a escolha de Hans. O “destino”.

Prates (2006), em uma preciosa articulação que fez entre a liberdade e a fixidez da fantasia, afirmou que a meta da psicanálise é que o sujeito obtenha certa margem de liberdade em relação ao lugar que ocupou como objeto (causa) do desejo do Outro. Pensando a travessia da fantasia consoante ao final de análise¹⁵³, dizemos que não se trata de abolir a fixação do sujeito no objeto sustentáculo de sua fantasia, mas de fazer valer a inadequação entre o finito do objeto e o desejo que, não obstante seja também finito, ganha a aparência de se infinitizar levando o sujeito sempre para mais longe (Lacan, 1962-63/2005, p. 366). Trata-se de um percurso que, é certo, faz-se pelas bordas, através do qual o objeto, enquanto tripa causal, opaco como a carne (e não um

¹⁵³ Note-se que no seminário X, Lacan, além de declarar que a psicanálise é uma aventura singular marcada pela “busca do ágalma no campo do Outro”, diz que para que uma psicanálise seja possível no sentido de levar as coisas para “além do limite da angústia”, convém que o analista “tenha feito seu desejo entrar suficientemente nesse a irredutível para oferecer à questão do conceito de angústia uma garantia real.” (Lacan, 1962-63/2005, p.366)

tipo de ausência que é encoberto pela transparência do véu), surge estranhamente vinculado à fantasia.

Assim, novamente, acompanhemos Prates (2006) em sua conclusão: a fantasia seria algo impossível de deslocar, citando aqui Lacan, não fosse a margem deixada pela possibilidade de exteriorização do objeto *a*. E, utilizando-se de um trecho de Rabinovich (2000): “se a nossa causação fosse absolutamente necessária, não haveria psicanálise, não seria possível se livrar do Seja feita a sua vontade! Referente ao Outro”.

5. 5) Homem dos Ratos – *autômaton e tiquê*.

Com o intuito de tratar este caso freudiano procuraremos a causa e o percurso determinativo do desencadeamento dos sintomas ali presentes. Destacaremos, para isso, o relato do suplício dos ratos que serviu de tema para a obsessão do rapaz e a dúvida, elemento que salta aos olhos no conflito anunciado por Freud e que, igualmente, é uma expressão subjetiva comumente encontrada neste tipo neurótico. Acreditamos ter relevância apresentarmos, inicialmente, o trajeto que Lacan designara real, aquele que vai do trauma à fantasia... (e ao sintoma), passa primeiro pela angústia e depois pelo desejo. Isto, lançando luz, logicamente, nas particularidades do obsessivo.

Lacan nos havia apontado que no trauma o sujeito cede à situação. Ele foi enfático, não se trata de um vacilo do sujeito, mas de cessão. Isto produz marcas para o sujeito e a relação que ele estabelece com o objeto e com o gozo passa a inscrever-se na fantasia e nas formas dos sintomas. Pois bem, no trauma há cessão de objeto. Este momento traumático que desde Freud configurou-se como causa (de fantasia, que por sua vez causa os sintomas) articula-se a um montante de gozo que não se conforma ao sujeito, sendo sempre de mais ou de menos. No caso do obsessivo tratar-se-ia de um encontro com um prazer excessivo:

Pois, depois de tudo, por que a cena primitiva é tão traumática? Por que ela é sempre muito cedo ou muito tarde? Por que o sujeito encontra nela ou prazer de mais – pelo menos foi assim que primeiro concebemos a causalidade traumatizante no obsessivo – ou de menos, como na histérica. (Lacan, 1964/1985, p.71)

Note-se que além de sublinhar a relação com o ‘prazer de mais’ na experiência traumática do obsessivo, Lacan, neste trecho do seminário XI, igualmente estabeleceu uma importante articulação com o tempo. Se por um lado o tempo do trauma é o instante, por outro, enquanto corte (que marca um antes e um depois do trauma), vimos perfilarem-se duas formas neuróticas de relação com a temporalidade. Poderíamos, então, supor que o muito cedo se refere à histeria e o muito tarde à neurose obsessiva.

Seguindo esses pressupostos, Antonio Quinet nos indicou a formação do sintoma primário deste tipo neurótico, a saber, a dúvida, a hesitação, central no Homem dos Ratos, e a relacionou ao “prazer de mais”. A dúvida relacionar-se-ia ao trauma:

Na neurose obsessiva, a experiência primária foi acompanhada de prazer, contrariamente à histeria: mais tarde, quando de sua recordação, esta será acompanhada de sua recriminação (*Vorwurf*), o que dá origem à produção de desprazer. Em seguida, recordação e recriminação são recalçadas para organizarem o sintoma primário da doença: a escrupulosidade. Quando do retorno do recalçado, o afeto da recriminação é vinculado a um conteúdo deformado – a idéia obsessiva que é o sintoma de compromisso. (Quinet, 2003, p.73)

Segundo nos mostrou Quinet (2003), a crença ou a descrença na recriminação primária que acompanhou o encontro inicial com a Coisa (*das Ding*) no trauma, a saber, aquilo que, freudianamente falando, marca a Coisa como proibida (note-se que em seu seminário sobre a *Ética* Lacan mencionara que a Coisa funciona segundo a causalidade expressa pela *tiquê*), é fator diferencial na escolha da neurose ou da psicose. Por isso Lacan nos disse que o neurótico obsessivo não pode ser psicótico. O primeiro crê na recriminação primária.

Lacan relacionou o sintoma obsessivo às exigências do supereu, qual seja: Goze! Ele também propôs, em seu seminário V, que leiamos a fantasia¹⁵⁴ do obsessivo a partir do importante papel que o roteiro sádico desempenha em sua configuração. Aí a moral categórica kantiana reencontra Sade. O sujeito aparece em algumas cenas de forma mascarada e os outros semelhantes, enquanto reflexos do primeiro, também desempenham papéis em suas tomadas. A coreografia perversa¹⁵⁵ de suas fantasias raramente é traduzida de modo confesso. Ao contrário, este sujeito esforça-se por alcançar o objeto de sua busca conciliadora, o que, enfim o faria “reconhecer-se em relação a seu desejo” (Lacan, 1957-58/1999, p.423).

No princípio de uma análise, concordamos com Lacan, “encontramos alguém que nos fala, acima de tudo, de toda sorte de empecilhos, inibições, bloqueios, medos, dúvidas e proibições.” (Lacan, 1957-58/1999, p.423) A vida de fantasia do obsessivo poderá chegar depois, o que depende também do manejo do analista.

Ele nos confiará então a invasão mais ou menos predominante de sua vida psíquica por fantasias. Vocês sabem o quanto essas fantasias podem assumir, em alguns sujeitos, uma forma realmente invasiva, absorvente, cativante, capaz de tragar pedaços inteiros de sua vida psíquica, de sua vivência, de suas ocupações mentais.” (Lacan, 1957-58/1999, p.423)

Pudemos notar que em “Subversão do Sujeito e dialética do desejo”, Lacan tratou da fantasia dos neuróticos e, como vimos, procurou diferenciá-la da fantasia do perverso, isto, no que tange a sua articulação com a demanda do Outro e, portanto, com a pulsão¹⁵⁶. Ele retomou esta distinção no seminário sobre *A Angústia*. Asseverou, então,

¹⁵⁴ Note-se que a fantasia neste ponto do ensino de Lacan é apresentada como “um imaginário preso numa certa função significante” (Lacan, 1957-58/1999, p.423).

¹⁵⁵ Lacan não parecia desavisado da articulação corrente entre desejo e perversão: “Não é irrelevante, no entanto, que a articulação do problema do desejo em sua perversidade intrínseca nos leve ao divino marquês” (Lacan, 1957-58/1999, p.).

¹⁵⁶ Lacan nos indicou que a pulsão, enquanto “o representante da representação, na condição absoluta, está em seu lugar no inconsciente, onde causa o desejo, segundo a estrutura da fantasia que dele extrairemos” (Lacan, 1998, p.829). Podemos também acompanhar Prates (2006): “A própria pulsão é,

que fantasia do neurótico não tem o mesmo mecanismo da fantasia do perverso, mas o apoio deste sujeito em sua fantasia apresenta-se como perversão. O neurótico tem fantasias perversas, mas isso não quer dizer de modo algum perversão¹⁵⁷. A fantasia do primeiro (enquanto uma máquina de transformar gozo em prazer) é o que melhor lhe serve para encobrir a angústia, mas ela lhe cai mal e é por isso que “o neurótico nunca faz grande coisa com sua fantasia.” (Lacan, 1962-63/2005, p.60)

Um dos imperativos categóricos da fantasia dos obsessivos, apontou-nos Lacan, diz respeito a poupar o outro das frustrações de que ele mesmo fora objeto, o que apareceria em tantas manobras destes sujeitos (cerimônias, precauções etc.). No obsessivo, “o ideal do eu assume a forma do Todo-Poderoso” e seria justamente aí que este sujeito encontraria a parceria perfeita para se “constituir como desejo, a saber, a fantasia ubiquista.” (Lacan, 1962-63/2005, p.335) A fantasia do Todo-Poderoso, da onipotência e onisciência, daquele que pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, causada pela angústia (como toda fantasia), é “colocada como estrutura de seu desejo”. Acontece que esta moral prática (poupar o outro) não se mostra adequada quando a esfera passa para a realização da conjunção sexual. A explicitação de suas fantasias perversas, isso, verdadeiramente lhe cai mal. Há, para esse tipo neurótico, certo impedimento localizado entre o desejo e a fantasia, o que se mostra de fundamental importância para o entendimento do desencadeamento de seus sintomas.

nesse sentido, efeito do corte operado pelo significante que ‘distingue a pulsão da função orgânica que ela habita’ (Lacan, 1960/1998, p.831). É porque o grito da necessidade deve passar necessariamente pelo Outro, enquanto tesouro dos significantes, que o corpo pode ser recortado, delimitando as zonas erógenas. A demanda do Outro, então, resumida na frase *Che vuoi?*, passa a ser o paradigma propriamente dito da pulsão. Esse será o aspecto fundamental para a compreensão do algoritmo da fantasia como a resposta neurótica, ou ‘uma espécie de cálculo’ (Lacan, 1960/1998, p.835) do que faltaria para ter acesso ao gozo” (Lacan, 1960/1998, p.263).

¹⁵⁷ É importante destacar a ênfase dada por Lacan ao desejo de analista enquanto um desejo particular. Em sua reformulação do final de análise iniciada com o seminário sobre a *Ética*, o que, é lógico, implicou uma revisão da direção da cura, Lacan conseguiu formalizar um desfecho para a análise que não seria decorrente da passagem do desejo de reconhecimento para reconhecimento do desejo, o que, enfim, aproximava o final de análise, ali sim, da perversão (tanto no que esta refere ao reconhecimento do desejo enquanto metonímico e, assim, com sua tendência à infinitização, como pela conjugação do desejo à Lei, como ‘versão ao pai’).

No seminário X, Lacan retornou ao entrelaçamento do desejo com a inibição (como acompanhamos em Hans), para dizer que o obsessivo tem com seu desejo uma defesa contra outro desejo. Caso enveredemos pela máxima lacaniana *o desejo é o desejo do Outro* notaremos que a relação do obsessivo com seu desejo é bastante particular, o que levou Lacan a diferenciar neurose obsessiva de histeria.

O sujeito histórico situa seu desejo como um enigma, isto, a tal ponto que dizer para alguém assim estruturado que “*este ou aquele é quem desejas*” configura “uma interpretação forçada, inexata, lateral” (Lacan, 1957-58/1999, p.419). Desde os Estudos sobre a Histeria, passando por Dora e aportando no caso da Jovem Homossexual, a atribuição deste objeto ao desejo de uma dessas pacientes históricas inviabilizou o curso do tratamento (e corrompeu a questão da causalidade indicada pela pergunta: “o que é uma mulher?”). O desejo histórico é desejo de um desejo, este sujeito se esforça por sustentar-se no ponto no qual convoca seu desejo, “o ponto onde está o desejo do Outro.” (Lacan, 1957-58/1999, p.419). Ele permanece, enfim, fascinado diante do brilho do Outro, do objeto agálma causa de seu desejo. Um apoio possível que o sujeito histórico encontra para seu desejo é a identificação com o outro, ou mais precisamente, com o traço do outro, o que explica os fenômenos de contágio, epidemia ou outras manifestações sintomáticas da histeria.

A problemática do desejo do obsessivo gira em torno do suporte (apoio) para esse desejo. No intuito de encontrar tal apoio, ele verte-se a um objeto. Lacan discorreu inicialmente sobre a redutibilidade deste objeto ao falo enquanto significante, ou à relação do obsessivo com os pequenos outros. Como destacamos, o desejo se articula e se ordena pela intrusão do significante. O falo, enquanto o significante da relação do sujeito com o significado (Lacan, 1957-58/1999, p.418), está em questão na dialética do

desejo do obsessivo, o que se evidenciou, por exemplo, na relação de rivalidade, muito bem articulada por Freud, que o Homem dos Ratos estabeleceu com seu pai.

Lacan citara um episódio de cólera em que o paciente de Freud tivera ainda menino em relação a seu pai, chamando-o de *tu guardanapo, tu prato* e daí retirou um exemplo contundente da relação do obsessivo com o Outro. O que o menino queria era fazer o Outro se reduzir a objeto e assim destruí-lo. Ele chama a atenção para a dubiedade própria ao obsessivo, sujeito tão solidamente instalado no significante, já que é na destruição do Outro que ele pretende sustentá-lo. (Lacan, 1957-58/1999, p.483)

Notemos que essa relação particular que o obsessivo nutre com seu desejo, outrossim, serve-nos como explicação para os motivos de um desencadeamento, que, no caso do Homem dos Ratos, passou pela identificação (e rivalidade fálica) com o pai.

O obsessivo é aquele que permanece diante da demanda do Outro, sempre pedindo permissão, dedicando-se a restaurar o Outro, obturar sua fenda. Porém, assim como a histérica, o obsessivo precisa de um desejo insatisfeito (motivo de desencadeamento e da permanência dos sintomas). É por isso que, ao se aproximar da satisfação de um desejo, este diminui, perde a importância. Ele resolve este problema fazendo de seu desejo um desejo proibido, sustentado pela proibição do Outro.

No seminário sobre *A Angústia*, Lacan explicou a particularidade do desejo deste tipo neurótico como constituído pela via da potência, ou seja, um desejo impossível.¹⁵⁸ Pois o “obsessivo sustenta seu desejo no nível das impossibilidades do desejo” (Lacan, 1962-63/2005, p.351), como não autorizado a se realizar como ato. Novamente assinalamos o ponto de ruído localizado entre desejo e fantasia.

¹⁵⁸ Em seu seminário sobre *A relação de objeto*, Lacan havia afirmado que o obsessivo é “um ator que desempenha seu papel e assegura um certo número de atos como se estivesse morto” (Lacan, 1956-57/1995, p.26). Assim, em um jogo vivo, ele fica ao abrigo da morte, invulnerável. O outro, o pequeno outro, aparece-lhe como um duplo. O obsessivo, mortificando o desejo, chega o mais próximo possível da morte para ali se proteger de todos os golpes possíveis de seus jogos agressivos e ilusórios.

Tais pontuações sobre o desejo e a fantasia podem servir-nos de gancho para investigarmos as formulações lacanianas sobre o caso em questão, a partir da formalização clínica a qual este se propôs desde os anos 60. Destaquemos, novamente, a dúvida do Homem dos Ratos. Ao tratar da neurose obsessiva a partir da conceitualização do objeto pequeno *a* (objeto localizável nos objetos da pulsão) no seminário X, Lacan afirmou que a causa da ambivalência obsessiva, do ‘sim-e-não’ do obsessivo seria o próprio objeto *a*. Recordemos que a dúvida, enquanto sintoma primário, é decorrente do excedente traumático do obsessivo.

Segundo Lacan, não nos seria possível compreender a fenomenologia deste tipo neurótico, “se não apreendermos a ligação do excremento não apenas com o $-\Phi$ do falo, mas com as outras formas do *a*” (Lacan, 1962-63/2005, p.328). Retomando a série de objetos da pulsão Lacan disse que é com os excrementos que o sujeito tem, pela primeira vez, a oportunidade de se reconhecer em um objeto. Isto, na medida em que, neste nível, em relação à demanda o Outro, o sujeito já tem para dar aquilo que ele é¹⁵⁹. Entrementes, deste belo objeto, a criança logo se veria estimulada a manter distância. Eis a origem da ambivalência. Lacan indaga-se, então, como a referida função anal pode explicar a tal relação tão particular que o obsessivo tem com seu desejo e como dessa relação de objeto decorre sua fantasia.

A forma de desvio e cercamento, a base impossível que o obsessivo dá ao seu desejo, permitiu-nos ver delinear-se que a relação de um sujeito com um objeto perdido do tipo mais repulsivo mostra uma ligação necessária com a mais elevada produção idealista. (Lacan, 1962-63/2005, p.336)

Ainda no seminário X, Lacan reformulou a tabela da angústia e colocou o desejo no lugar da inibição. Onde estava o impedimento ele escreveu: *não poder*, pois o sujeito

¹⁵⁹ Lacan articulou a angústia original ao grito do lactante e ao não saber do sujeito sobre que objeto ele é para o desejo do Outro.

ficaria “impedido de se ater a seu desejo de reter, e é isso que se manifesta no obsessivo como compulsão. Ele não pode conter-se”. Substituindo “emoção” ele anotou *não saber*, a fim de designar o momento em que o sujeito “não sabe onde responder”. Dos vaivéns do significante, que o obsessivo “postula e apaga”, Lacan retirou um movimento que se dirigiria sempre ao mesmo destino, por uma trilha não sabida por ele, mas que seria realizado com o intuito de encontrar a causa, “de reencontrar a marca primitiva”. O sujeito verte-se ao objeto, à causa.

E é pelo fato de essa causa não ser outra coisa senão o objeto derradeiro, abjeto e derrisório, que ele continua na busca do objeto, com seus tempos de suspensão, seus caminhos errados, suas pistas falsas e suas derivações laterais, que fazem com que essa busca gire indefinidamente. Tudo isso, que se manifesta no nível do *acting out*, manifesta-se também no sintoma fundamental da dúvida, que marca, para o sujeito, o valor de todos os objetos substitutos. Aqui, não poder é não poder o que? Impedir-se. A compulsão, nesse caso, é a dúvida. (Lacan, 1962-63/2005, p.347)

Recordemos que Soler havia proposto que a histérica faz de si uma causa de saber. Guiávamo-nos pela pergunta “o que é um pai?”, tão importante na relação da histeria com o mestre. Neste ponto, poderíamos nos fiar pela causa de desejo e asseverar que isso é fundamental na neurose obsessiva. O sujeito se apóia no objeto causa de seu desejo e verte-se para ele (o que vimos desenrolar-se na histeria pela questão “o que é uma mulher”). Conforme anunciamos, por um lado, a impossibilidade de seu desejo assinada pelo descaminho entre este e a fantasia fornece-nos os motivos da deriva, das escansões e das hesitações próprias à sintomatologia do neurótico obsessivo.

Neste sentido a dúvida demonstra o valor sempre questionável dos objetos substitutos encontrados pelo obsessivo. Por outro lado, este sintoma primário nos remete ao trauma e encontra o objeto *a* como causa. Lacan foi então bastante preciso, este sintoma fundamental do obsessivo seria também consoante ao não poder impedir-se

próprio à compulsão enquanto sintoma de compromisso. Enfim, a compulsão é a dúvida e é causada por *a*.

Em sua tessitura entre desejo e inibição, Lacan referiu-se ao *a* como uma rolha, como a causa do desejo de reter. Neste mesmo seminário X, há uma passagem em que Lacan tratou da hesitação e da ambivalência próprias ao obsessivo e afirmou que a angústia é a causa da dúvida, já que o que se tenta evitar com a dúvida “é aquilo que, na angústia, assemelha-se à certeza assustadora.” (Lacan, 1962-63/2005, p.88) Novamente encontramos a angústia em posição de causa. Note-se, igualmente, que ao localizá-la enquanto causa, Lacan retirou da posição causal a identificação do Homem dos Ratos com o pai.

Acompanhamos desde Freud que o desencadeamento da angústia e a formação de identificações envolvem acepções de causalidade distintas. A angústia é um sinal de presença do objeto diante do fracasso de simbolização. A identificação implica um percurso até sua ereção, o que inclui um encadeamento significativo em posição determinativa. Outra diferença importante, que deve ser demarcada, é que a identificação procura conjugar as exigências do imaginário com as do simbólico enquanto a angústia provém do real. Ou seja, o real como causa implica um entendimento algo diverso da determinação simbólica ou da figuração (imediate) imaginária. Não obstante tenhamos tratado a identificação com o traço e a identificação com o objeto como índices de causalidade, o que nos propiciaria uma articulação entre simbólico e real, ainda assim seriam indicadores, sinais de causalidade simbólica e real respectivamente.

Quanto ao suplício dos ratos que serviu de tema para a compulsão do rapaz (e que agora já podemos colocar em parceria com a dúvida), verificamos, outrossim, a angústia assumir o lugar de causa. Lacan nos havia indicado que a efusão é o objeto *a* e

que a angústia, que não é sem objeto, é causa da efusão (e algo suspenso entre a causa e a efusão). Pois bem, segundo ele, tratar-se-ia, para o obsessivo, da efusão anal, forma da primeira emergência do objeto *a* neste sujeito. O que depois se articulará na dialética de seu desejo. Em seu seminário anterior, sobre *a Identificação*, Lacan afirmara que o rato era mesmo o objeto *a*. A compulsão adviria, enfim, desta estranha experiência do sujeito na qual um significante fornecido contingencialmente pelo capitão propiciou o aparecimento de *a* no lugar de $-\phi$.

A efusão, portanto, é coordenada ao momento da aparição do *a*, momento do desvelamento traumático em que a angústia se revela tal como é, como aquilo que não engana, momento em que o campo do Outro, por assim dizer, fende-se e se abre para seu fundo (Lacan, 1962-63/2005, p. 339)

Seria possível, a partir de então, pensar as articulações entre o falo e o objeto *a* na questão principal da dúvida do Homem dos Ratos, que reaparece em sua formação compulsiva. Conforme acompanhamos em Freud, houve um deslocamento significativo – *Spilratte – Raten – Ratten* - determinante do desencadeamento de seus sintomas (que, em seu percurso formativo, passou pela identificação com o pai). Poderíamos, neste sentido, voltarmos ao conceito de sobredeterminação¹⁶⁰ freudiano lido por Lacan e pensar sobre o encadeamento e a duplicidade (significante/ significado) necessários para qualquer formação sintomática.

Tal encadeamento fornece-nos a fonte do determinismo inconsciente. A materialidade significativa produz seus efeitos *a posteriori*. Não obstante, Freud forneceu-nos o fator casualidade e Lacan fez de *a* este objeto, o rato. A causa aqui diria

¹⁶⁰ “A doutrina de Freud é tão assim que não há outro sentido a ser dado a seu termo sobredeterminação, e à necessidade que ele pôs de que, para que haja sintoma, é preciso que haja apenas duplicidade, ao menos dois conflitos em causa, um atual e um antigo. Sem a duplicidade fundamental do significante e do significado, não há determinismo psicanalítico concebível. O material ligado ao conflito antigo é conservado no inconsciente enquanto significante em potencial, significante virtual, para ser tomado no significado do conflito atual e servir-lhe de linguagem, isto é, de sintoma” (Lacan, 1955-56/1988, p.140).

respeito à *tiquê*. Neste ponto da causa real, o tempo é aquele do trauma, do corte, o instante.

Pois bem, à luz dos desdobramentos conceituais expostos até o momento, e com o intuito de delinear com precisão de que se trata a causa de um desencadeamento para a psicanálise, retomemos nossa dupla via e esboçemos, neste ponto, uma seqüência formada por um lado pelos termos: *autômaton* – significante - saber – desejo – lei – sintoma - identificação e por outro por: *tiquê* – objeto *a* – verdade - pulsão – gozo – angústia – fantasia - ato¹⁶¹. Desta feita, aplicando algum rigor nesse versar sobre a causação dos sintomas, diremos que a causa pode ser encontrada naquilo que verte para o objeto (causa real - *tiquê*) e a determinação no que concerne ao significante (*autômaton*). Isto produz efeitos tanto para a direção do tratamento como para uma concepção de final de análise.

No que toca o percurso analítico, Lacan pareceu-nos cristalino em sua abordagem da dupla via: causa e determinação. Isto, através, justamente, da entrada em campo daquilo que passou a designar como objeto *a*. Assim como a repetição não poderia mais girar em torno da concepção de repetição significante, com o advento de uma concepção causal própria à psicanálise, também o inconsciente, enquanto conceito fundamental, mereceu revisão: “Há um buraco, e algo que vem oscilar no intervalo. Em

¹⁶¹ Note-se que Lacan propôs uma modificação para esta questão ao introduzir o conceito de *lalíngua*, através do qual ele articulou o gozo ao inconsciente. Igualmente nos seria possível evocar um importante passo dado por Lacan, aquele operado com a introdução da noção de letra. Como precisamente escreveram Luiz Carlos Nogueira, Helena Bicalho e Jair Abe (2004) sobre o Seminário XX, *Mais ainda*, tratava-se, naquele momento do ensino lacaniano, de trabalhar as letras que sustentam o discurso psicanalítico, a saber: S1, S2, *Œ* e *a* e de reler o axioma ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’: “à luz da contribuição matemática. Para trabalhar essa formalização, Lacan, referindo-se a Bourbaki (1970), determina que é ‘...no jogo mesmo do escrito matemático que encontraremos o ponto de orientação em direção ao qual nos dirigir’; de outra parte, a mais importante contribuição desse grupo de matemáticos consiste em demonstrar que “...as letras são, e não designam, esses conjuntos’ (p.47). É este princípio que permitirá a Lacan avançar seu próprio axioma ‘... Na relação do sujeito ao Outro, ou o significante representa o sujeito para um outro significante, ou o sujeito está em fading na fantasia, invólucro do objeto *a*. É a condição do sujeito na direção do tratamento que permite trabalhar as duas dimensões: sintática, pela combinatória significante e, semântica, pela axiomática da fantasia ‘... a articulação S1 – S2 remete ao plano sintático, enquanto *Œ* e *a*, remetem ao plano semântico da direção do tratamento.” (Nogueira et al., 2004, p. 341-342)

suma, só existe causa para o que manca [...] O inconsciente freudiano, ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação.” (Lacan, 1964/1985, p.27)

Ao referir-se à *tiquê*, enquanto encontro do real, em seu seminário XI, Lacan fora assertivo: “o real está além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer”. A partir destas considerações, a direção da cura deveria visar “tanto o sentido como reduzir os significantes a seu não-senso”. (Lacan, 1964/1985, p.56)

Como notamos desde Freud, o determinismo significativo (*autômaton*) não se apresenta em uma temporalidade linear para o sujeito da clínica. O corte, ou o ponto final de uma frase, faz o sujeito retroagir (e não regredir) e encontrar-se com o sentido só depois. O importante, no entanto, não é somente a narrativa produzida pelo sujeito, já que se assim o fosse correríamos o risco de deixarmos operar uma clínica vertida apenas para o universal partilhado intersubjetivamente, na qual a Lei do desejo teria papel preponderante. E já sabemos que em uma clínica da rememoração, vertida para o pai, os sentidos se inflamam, fazem enxame, infinitizam-se. Há que se criar certo quiasma, incluir o que não é significativo. Tratar também do sujeito enquanto indeterminado. Sobre isso Lacan nos disse precisamente:

O inconsciente freudiano, ele se situa nesse ponto em que, entre a causa e o que ela afeta, há sempre claudicação. O importante não é que o inconsciente determina a neurose – quanto a isso Freud fez o gesto pilático de lavar as mãos. Mais dia, menos dia, vão achar talvez alguma coisa, determinantes humorais, pouco importa – para ele dá na mesma. Pois o inconsciente nos mostra a hiância por onde a neurose se conforma a um real – real que bem pode, ele sim, não ser determinado. (Lacan, 1964/1985, p.27)

O fundamental é que entre a fala e seus efeitos há um buraco, e algo vem oscilar neste intervalo. Em suma, diríamos com Lacan, só existe causa para o que manca. Aí está *tiquê*, o efeito da surpresa do sujeito em relação àquilo que nele fala. Algo que

parece querer dizer alguma coisa, mas, no instante que surge, surge como um susto, como a presença da ausência irredutível de algo. Por isso insistimos: fale mais, fale mais sobre isso... aquilo que claudica surge um pouco antes da abertura da outra cena, nas manifestações do inconsciente, quando “o sujeito se saca em algum ponto inesperado.” (Lacan, 1964/1985, p.32) Ainda Lacan:

No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama a atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem (...) A descontinuidade, esta é a forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente como fenômeno – a descontinuidade na qual alguma coisa se manifesta como vacilação. (Lacan, 1964/1985, p.29)

Ou, sobre o sonho que urge: “*Pai, não vês, estou queimando*”:

O real pode ser representado pelo acidente, pelo barulhinho, a pouca-realidade, que testemunha que não estamos sonhando... o que nos desperta é a outra realidade escondida atrás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud (Lacan, 1964/1985, p.61)

A estas manifestações, Lacan acrescenta o esquecimento. E, para designá-las utiliza termos como: surpresa, tropeço, desfalecimento, rachadura, descontinuidade.

Numa frase pronunciada, alguma coisa se estatela. Freud fica siderado por esses fenômenos, e é neles que vai procurar o inconsciente [...] A descontinuidade, esta então a forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente como fenômeno – a descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação [...] Assim, o inconsciente se manifesta sempre como o que vacila num corte do sujeito. (Lacan, 1964/1985, p.30, 32)

Ou seja, a causa real, em uma análise, localiza-se no intervalo esburacado, no ponto de *non-sense* que separa uma manifestação do inconsciente de sua significação. Nesta pouca realidade, na mancha, no que está escondido “atrás” da falta-a-ser revelada na representação, ou naquilo que a fantasia dissimula em sua ficção. No objeto da

angústia, na efusão, no estranho. No representante da representação, no objeto da pulsão, no trauma.

Desta feita, podemos finalizar este trecho do capítulo, em que procuramos esboçar nossa defesa de uma causalidade (que inclui a liberdade) para a psicanálise, com algo que aponta o momento de concluir: o desejo do psicanalista. Pensemos neste sujeito que inclui e se responsabiliza por aquilo mesmo que o causa. Inspiremo-nos novamente pelo texto de Lacan em outra precisa articulação deste autor. Parece-nos bastante plausível argüir que o desejo do psicanalista implica um desafio a todo determinismo radical, pois, após algumas travessias o sujeito pode fazer de *tiquê*, do acidente, do estranho, do acaso, sua questão, sua causa.

O desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, que intervém quando o sujeito, confrontado com o significante primordial, acede pela primeira vez em posição de sujeição a ele. Só aí pode surgir a significação de um amor sem limites, por estar fora dos limites da lei, único lugar onde pode viver. (Lacan, 1964/1985, p.260)

O desejo do analista é o de se situar neste vazio do entre-dois do significante, lugar do objeto *a*. Podemos concordar com as colocações de Brodsky a este respeito. A autora nos convida à pergunta: por que falamos sobre o desejo do analista? A resposta, simples: para ir na contramão da alienação. Consentir em pensar correndo o risco de perder o ser, esta é a entrada em análise. É preciso fôlego para sustentar a psicanálise. Para passar da escolha pelo “sou e não penso”, da alienação narcísica (do falso ser), para a “escolha rechaçada”, a operação transferência faz-se imprescindível. A questão que resta seria como é possível um final de análise que aplique um retorno, uma releitura do “sou e não penso”.

Ao versarmos sobre o final de análise, entramos em um terreno cujo operador é o desejo do analista. Desejo e causa. A psicanálise como causa. Auxiliando-nos em

nossa direção, Rabinovich (2000) demonstra que seria preciso articular “o lugar do analista e o lugar da causa com o objeto *a* como causa de desejo e valor de verdade.” (p.56) O objeto *a* é central para definirmos o desejo do psicanalista, já que não podemos separar este último do lugar da causa. Podemos sublinhar, outrossim, o fator aposta como algo que está no cerne do desejo do psicanalista. Se a psicanálise precisou responder qual seria a margem de liberdade que resta ao sujeito perante um campo que tão bem ditou o determinismo inconsciente, a resposta aponta justamente para aquilo que o desejo do analista suporta: para além do sentido ou da significação. Acompanhamos novamente Rabinovich (2000), o psicanalista deve se centrar “no sem-sentido como cúmulo de sentido” (p.113), eis uma margem de liberdade, enquanto “liberação do sujeito do significante afanístico.” (p.116)

CONCLUSÃO

*Nonada. O diabo não há! É o que eu digo, se for...
Existe é homem humano. Travessia.
Guimarães Rosa*

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba mais de mim.
Carlos Drummond de Andrade*

Eis um caminho: “A etiologia das neuroses”; “Observações gerais sobre os ataques histéricos”; “Tipos de desencadeamento dos sintomas”; a causação da neurose; os casos clínicos. Acompanhamos a visada freudiana e, então, verificamos o esforço daquele psicanalista em encontrar a causa (*auslösende ursache*) para o desencadeamento das neuroses e, por quê não dizê-lo, das psicoses. Localizamos tal causa no percurso do trauma à fantasia, e ali incluímos a angústia e a pulsão. Todavia, notamos que a teoria da causalidade em Freud não é simples e envolve fatores variados e concorrentes (*Konkurrierende ursache*) operando com pesos e valores diferentes em cada momento da vida psíquica de cada sujeito singular. Com o intuito de fundamentar a hierarquia entre as causas sublinhamos o conceito de sobredeterminação, bem como sua construção das séries complementares.

Desenhamos um primeiro modelo que desdobrava a causalidade da neurose em (A) abalo da fantasia e (B) determinismo orgânico (em um primeiro momento relativo aos fatores quantitativos, a causa específica). Este esquema apresentava-se em conexão com os motivos para um desencadeamento (enquanto causa final), que sintetizamos em ganho primário (economia psíquica), e com aquilo que arriscamos a chamar razões, os ganhos secundários (o que envolvia uma articulação com outrem).

Também elencamos, no terreno das razões, a manutenção da insatisfação do desejo, o que se mostrou vinculado eficientemente à permanência dos sintomas. Enfatizamos, então, que os motivos e as razões podem participar de um desencadeamento, porém a partir de um valor causal não tão evidente. Neste nível menos relevante da causalidade, destacamos, igualmente, o papel ocasional (causa ocasional) da base orgânica para uma conversão histérica e a função auxiliar da causa imediata (a figuração imaginária).

Além dos motivos (e razões) ou da questão da permanência dos sintomas, Freud esclareceu-nos outro ponto, o do processo formativo dos sintomas. Na construção de seus casos clínicos, ele nos mostrou que os mecanismos próprios a tais formações envolviam o conflito entre grupos de idéias antagônicas, o recalque, a identificação, deslocamentos e certos caminhos próprios às vicissitudes da pulsão.

Igualmente, pontuamos, os preciosos encadeamentos significantes que Freud desvelara com suas análises, o que nos trouxe a chave daquilo que precisamente designamos por determinismo inconsciente e cujo papel mostrou-se central no desencadeamento de sintomas.

Vimos que em Freud a fantasia ocupou lugar causal em relação aos sintomas. Quando a primeira fosse atingida assistiríamos perfilar-se estes últimos. Destacamos, outrossim, que, mais à frente em sua obra, a angústia, enquanto sinal de uma moção pulsional perigosa, passou a ser considerada causa de recalque. No artigo em que introduziu as séries complementares, Freud situou (III) a fantasia enquanto decorrente de uma série estabelecida entre (I) a constituição sexual relativa às pulsões parciais e (II) o trauma infantil. A própria fantasia formaria uma série com (IV) a frustração própria à experiência casual do adulto. Uma última série possível seria encontrada na

balança entre (II) as experiências infantis e (IV) aquelas do adulto, estes dois pontos que delimitam o intervalo de incubação proposto pelo psicanalista.

O fator casualidade, destacado na experiência do adulto e preponderante na frustração (*Versagung*) esteve atrelado ao fator quantitativo (*quantitative moment*), ou seja, ao excesso de libido que inviabiliza a tramitação psíquica. Isso, Freud desenhou brilhantemente na construção de seus casos clínicos. Fizemos ressoar, então, no ponto da frustração o momento traumático real (*eigentlich traumatische moment*) que Freud postulara em seus “Estudos sobre a Histeria”. Afirmamos que este momento é consoante à causa desencadeante (*austösende ursache*) e que serve como causa eficiente para outros desencadeamentos (ao qual os últimos retornam, por retroação temporal, em sua consumação).

Desta feita, estabelecemos que a experiência casual do adulto possui um status causal que inclui a contingência e funciona como causa eficiente para outros desdobramentos. Partindo deste momento poderíamos chegar às experiências infantis através do recurso analítico. Foi possível pensar sobre o caráter traumático das experiências infantis (enquanto causa real) e também sobre o quanto estas são ressignificadas em seu caráter sexual em um segundo tempo (e podem igualmente servir de causa eficiente para desencadeamentos futuros).

O trauma, fator causal evidente nos citados estudos, ganhou coloração sexual, ainda neste trabalho, passou a referir-se aos primeiros anos da vida de um sujeito, mas perdeu seu impacto de causalidade em certa imersão nos grandes universais do freudismo, conforme frisamos, o Complexo de Édipo e a bissexualidade inata do humano. Através de um apelo constitutivista, apoiado em sua incursão filogenética, Freud postulou também o desencadeamento bifásico da sexualidade humana.

Não obstante tenha tornado mais fraca a teoria do trauma e com isso esvaziado a importância da contingência na constituição, pudemos seguir as trilheiras freudianas e, inclusive, bifurcar os fatores orgânicos determinantes em: aspectos quantitativos (economia psíquica, quantidade de libido) e fatores constitutivos (constituição sexual, pulsões parciais). Desta forma, asseveramos que ele nos trouxe, isso é inegável, a possibilidade de localizar a pulsão enquanto causa. Como sabemos a pulsão em Freud (este ponto que faz dobra entre o somático e o psíquico) é sempre parcial e apresenta-se por seus representantes.

Evocaríamos então *das Ding*, a coisa freudiana, e diríamos que ali encontramos o lugar das pulsões, sua morada. Lembremos, também, que Lacan, em seu retorno a Freud, mostrou-nos que *das Ding* funcionaria especificamente segundo o aspecto disruptivo de *tiquê*.

Destacamos que, através de uma torção, Freud fez ressurgir o trauma com intensidade em seu artigo fundamental “Além do princípio de prazer”, ao tratar a neurose traumática e o fator de surpresa ou de susto ali preponderantes. Isto acontece justamente no momento em que ele postulava a sua pulsão de morte. Encontraríamos finalmente o trauma, a pulsão e o fator contingência ocupando o lugar de causa. Também notamos a seqüência estabelecida por Freud em “Moisés e o monoteísmo”, quando o autor destacou o trauma infantil como o primeiro ponto necessário para a ocorrência de um desencadeamento.

O inédito de Freud permaneceu e seu organicismo perdeu a relevância para a teoria da constituição do sujeito. A Coisa (*das Ding*) freudiana, conforme destacamos em epígrafe, foi o que Freud deixou cair como objeto na construção de seu campo. E é

certamente aquilo que continua em todos nós. Eis a causa real retirada do freudismo¹⁶²: porque não repetir, voltando ao mesmo lugar, do trauma à fantasia, passando pelas voltas da demanda em torno da pulsão e pela abertura da angústia, este sinal-afeto que não engana.

A inquietude imbricada na questão sobre a causa seguiu suas vicissitudes. O que seria uma teoria da causalidade condizente com a psicanálise? Lacan foi quem se preocupou particularmente em responder a esta questão. Para isso, ele precisou, para além de seu retorno a Freud, conceitualizar o objeto lacaniano, o objeto pequeno *a*.

Lacan pontuou, em suas veredas, que não seria gratuito reabrirmos um debate sobre a causa e apostou que negligenciá-la equivaleria a deixar a psicanálise se reduzir a uma hermenêutica, ao ocultismo ou, quiçá, à transcendentalidade da linguagem. Ele, neste sentido, ousou desenvolver uma teoria da causalidade que se separasse do determinismo, que se diferenciasse da lei, que abrigasse uma particular noção de liberdade e que fosse, ao mesmo tempo, estrutural e dialética. Para tanto, procurou estabelecer uma teoria sobre a constituição do sujeito e sua ligação com a estruturação do sujeito e, consubstancialmente, mostrou como a estrutura de que se trata não é fechada. Isso teve conseqüências para a teoria do desencadeamento, para a direção do tratamento e para as formalizações acerca do momento de conclusão, do final de análise.

Sigamos alguns rastros e vejamos em que ponto chegamos e de onde partimos.

Pois bem, o início é o lugar. Campo do Outro. Lugar do sujeito. A teoria da constituição, com Lacan, mereceu formalização e, também, uma topologia. O Outro (S2) é o conjunto dos significantes. A partir de S2, por retroação, há a realização de um

¹⁶² É certo que se pode argüir que esta leitura do freudismo força um real que ele mesmo não estabeleceu, já que como vimos em seu escrito o sintoma e a fantasia dizem respeito a uma mesma consistência, a base material da pulsão é orgânica, a teoria da libido remete-nos à energética, o acaso estaria relacionado exclusivamente ao contingente etc. Muito embora tenhamos ciência desta possibilidade de recorte da obra de Freud, insistimos em lançar luz em seu inédito, acompanhando, é claro, o que fora destacado e também passado a limpo por Lacan em seu retorno a letra freudiana.

significante (S1) como traço. Assistimos a identificação do sujeito. Eis o que Lacan denominou causa primeira (causa material). A significância cai. O sujeito conta um *um*. Este significante é puro não-senso e Lacan o articulou a um lugar em sua função no nível do Isso, à falta própria à inexorável escolha pelo não penso. Há, enfim, outro efeito, o retorno. E, neste retorno, o significante representa o sujeito para outro significante, tem-se o par, causa da afânise do sujeito. Lacan pontuou, entretanto, que é algo completamente diferente se ter dois ou três significantes. Isso decorre da passagem da alienação à separação. Através de um corte, o significante se encadeia.

Começamos pelo lugar, mas há nesta topologia que localiza o sujeito no momento da constituição, logicamente, uma temporalidade. Existe tempo do sujeito. Tempo que se escande, antecipa-se, dobra-se, redobra-se, urge. Em relação à cadeia significante, o tempo que aparece em sua dimensão diacrônica, descontinua-se, retroage. Este tempo não linear, entrecortado, é o tempo do sujeito determinado pelos efeitos de fala, como vimos e conforme Lacan, em consequência do que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Porém, há outro tempo. O tempo do ato, o instante, o tempo da pulsão.

No campo da linguagem, do desejo, o sujeito é determinado, está assujeitado à Lei, ao simbólico. Segue o regimento de *autômaton*. Porém, no que tange a questão da causa e da liberdade, o determinismo, inclusive o determinismo inconsciente de Freud, toca algo que o ultrapassa, que transborda. Nem tudo é significante, disse Lacan. Há, outrossim, o objeto. Na constituição do sujeito, o encontro marcado do trauma provoca a extração do que há de mais estranho ao sujeito, porque mais íntimo e mais êtimo. Da operação simbólica da intrusão do significante, resta um resto. Um buraco irreduzível em torno do qual o sujeito faz vaso, saco, corpo. O objeto *a*, ponto de identificação

original do sujeito, é um objeto de cessão que, ao ser perdido, transforma-se em causa, causa de desejo.

A causa relativa ao objeto *a* é real, *tiquê*, não é objetiva, mas é da ordem da objetividade. Este objeto perdido (cedido), causa de desejo, é o objeto da angústia, forma uma dobradiça entre desejo e angústia. O resto, todavia, é gozo. E então nosso objeto *a* surge em sua face de mais-de-gozar, em outra dobradiça, entre o desejo e a pulsão.

O objeto *a*, objeto da angústia e objeto da pulsão, revelado nas entrelinhas dos significantes, no tropeço real que abre a separação, pode, enfim, ser revestido na fantasia. Assim, dissemos que da pergunta “que objeto eu sou para o desejo do Outro?”, tem-se o instante da fantasia. Percorre-se, desta feita, o trajeto real do trauma à fantasia.

Alienação e separação. Argüimos que a constituição do sujeito se dá a partir dessas duas operações, através de um corte e por uma dupla via, a significante e a real. Alienação (S1 e S2); separação (\mathcal{S} e *a*). Por estas veredas, significante e real, o sujeito, além de construir fantasia, forma sintoma. Disso retiramos o determinismo (o sujeito da combinatória, que envolve a causa primeira consoante à causa material - significante) e a causalidade (real - objeto).

Através de seus propósitos, Lacan de fato pôde voltar a conceber um lugar para o trauma e o articulou ao real. Isso marcou um verdadeiro passo em relação à teoria da causalidade para a psicanálise. Pois, conforme destacamos, se por um lado o contingente, ou seja, aquilo que cessa de não se inscrever, marca a efetividade (*Wirklichkeit*) da linguagem (que então se transforma em necessidade absoluta), por outro lado, o real enquanto o impossível, o que não cessa de não se inscrever, mostra uma causa que subsiste ao não ser preenchida. Dissemos, assim, que o real diz respeito

a um tipo de ausência que o simbólico não supre. O simbólico o bordeia. O imaginário faz vestes, mas o real não surge como representação.

Enumeramos, em nossa trilha, três modos “causais” referentes aos três registros tão bem explorados e definidos por Lacan. Suas especificações mostraram-se distintas: a determinação simbólica (*autômaton*) que nos remete à causa material (primeira) que é o significante, o imediatismo da figuralidade imaginária (causa imediata ou formal) e a condicionalidade que preside a relação entre ambos. Pois bem, Lacan nos mostrou que o simbólico é furado e que o imaginário consiste no em torno daquilo que justamente a figura não revela. Apontamos, finalmente, a causa real (*tiquê*).

Poderíamos seguir e lançar mão do conceito de sobredeterminação freudiano e dizer que haveria, na constituição do sujeito, uma determinação estabelecida pela relação condicional entre causa primeira (ou material) e causa imediata (ou formal) e uma sobredeterminação real (causa real). Entrementes, acompanhamos Lacan na assertiva segundo a qual o real não se apresenta enquanto determinação para o sujeito e ali encontramos um lugar para a causa que a separa da lei e a aproxima da liberdade. A sobredeterminação relida por Lacan (relação entre significante e significado) bordearia o real, produziria efeitos reais (como no caso da metáfora), mas diria respeito às operações simbólicas e às torções temporais do sujeito. O real constituído pela *Verwerfung* original é justamente o que salta no ponto inesperado, no qual o sujeito apresenta-se como indeterminado. E, recordemos, se a causa fôr preenchida, ela deixa de sê-lo.

Notamos, então, que estas formulações lacanianas acerca da constituição do sujeito não foram sem consequência para a prática psicanalítica. O determinismo significante e a causa real trouxeram alguns itens de reflexão para a clínica.

A nossa questão do desencadeamento se mostrou um ponto clínico central para a reabertura da investigação da noção de causalidade em psicanálise. Isso, porque ele decorre da dupla vertente que procuramos localizar até então, depende das articulações e desarticulações entre o falo e o objeto *a*, além de nos remeter à teoria da constituição (por retroação) para acompanhar a coerência das estruturas clínicas (ao mesmo tempo em que nos revela que a estrutura não é fechada).

Com o intuito de tecermos estas considerações finais sobre nosso problema, privilegiemos inicialmente a neurose e delineemos sinteticamente aquilo que propusemos: seguimos a assertiva segundo a qual nos desencadeamentos pertinentes a esta estrutura o objeto está em causa e o significante em determinação. Neste sentido, acompanhamos seqüências e deslocamentos significantes em Dora (*Schmuckkästchen* – a caixinha de jóias que se colocou em metáfora com os órgãos genitais feminino, bem como a geografia da sexualidade feminina traduzida nos diversos desdobramentos dos pátios: *Bahnhof, Friedhof, Vorhof*); no Homem de Areia (Copélio, Coppola) e no Homem dos Ratos (*Spilratte – Raten – Ratten*). Estes encadeamentos significantes, revelados em análise ou nas construções psicanalíticas, determinaram as formações sintomáticas nos referidos casos. Eram relativos à própria determinação inconsciente.

Todavia, teríamos de passar a outro registro para encontrarmos a causa real. A mulher para Dora, o olho para Nataniel, o rato para o Homem dos Ratos. Sobre esta causa real afirmamos: o encontro com o real faz abalar a fantasia e causa o desencadeamento tanto de sintomas quanto das formas de ato. O sintoma fruto da estrutura e o saber que o acompanhava tornam-se, então, inconsistentes, insuficientes para conter e organizar o gozo. Pode haver uma ruptura da identificação fálica, um esvaziamento de significantes fálicos e a emergência de significantes enigmáticos. Por isso, dizemos que, na neurose, a causa de um desencadeamento diz respeito a algo que

irrompe no sujeito e faz o mesmo surgir em sua condição de opacidade. Encontramos no estranho (e, então, na abertura da angústia) sua maior expressão: isso se desdobra quando *a* (*Unheim*) surge no lugar de $-\varphi$.

Seguindo a trilha real, questionamos se toda fenomenologia desencadeada seria inteiramente redutível aos efeitos de uma estrutura. Mais ainda, se seria possível tratarmos do desencadeamento de fenômenos não específicos de uma estrutura. Poderia haver alucinação na neurose? *Acting out* e passagem ao ato são formas de ato exclusivas de alguma estrutura? Pois bem, asseveramos ser possível um neurótico apresentar-se a nós pela via do objeto ou da fantasia, e não do sintoma. A Jovem Homossexual assim o fez. Verificamos que a frustração real sofrida por ela desencadeou uma forma de ato, *acting out*. E o abalo fantasmático, decorrente do encontro traumático com o olhar do pai, somado ao repúdio da dama, fez com que a jovem automaticamente se atirasse de uma ponte, identificando-se com o objeto ao qual ficara reduzida na queda: passagem ao ato. Notamos estas mesmas designações *acting out* e passagem ao ato em Dora (um caso neurótico) e uma passagem ao ato em Aimée, portanto, em um caso de paranóia de auto-punição.

O Homem dos Lobos fora tratado por Lacan como um “não psicótico” até que lhe sobrevém uma paranóia. Freud havia proposto duas correntes igualmente influentes para a relação tão particular que seu paciente estabeleceu com a castração. Assim, conforme o freudismo, por um lado ele chegou a conformar-se com a castração, resignando-se com sua posição feminina, e por outro ele a recusou veementemente. Como vimos, Lacan, em uma passagem, designou-o como um caso “*borderline*”.

A alucinação que o menino tivera aos cinco anos permaneceu como um episódio psicótico em um sujeito não psicótico no transcorrer de algumas linhas lacanianas. A causa do desencadeamento de tal alucinação repousara na explicação: o que foi abolido

internamente retorna desde fora. Todavia, o referido episódio não pareceu suficiente para servir como prova da psicose do paciente de Freud e foi associado à estrutura no *só depois* de sua “paranóia tardia”. Muito embora tenhamos deslizado nossa escrita na direção de sustentar que aquele fora um caso de psicose, fizemos questão de sublinhar a hesitação que o caso nos impôs quanto ao nosso problema.

O desencadeamento da psicose tardia do Homem dos Lobos trouxe a inclusão da alucinação do dedo cortado, porém esse episódio alucinatorio não serviu a Lacan como critério diagnóstico. Poderíamos argüir, assim, que apenas um desencadeamento delirante demonstraria uma psicose, o que logo se enfraquece diante das formulações acerca de psicoses não desencadeadas, como no “caso Joyce” de Lacan. Também notaríamos que Schreber desencadeou sua paranóia aos 51 anos e, no entanto, foi considerado um psicótico, tendo inclusive vivido o que Lacan denominou pré-psicose (período anterior ao surto).

Quanto à questão própria ao desencadeamento dos fenômenos deste modo estrutural, afirmamos que a psicose se caracteriza pela forclusão do Nome-do-Pai e pela elisão do falo. Outrossim, veríamos ali impedida a extração do objeto *a* enquanto causa de desejo e seu conseqüente revestimento na fantasia. Acrescentamos que, se por um lado, o psicótico não precisa do Outro para causar-lhe o desejo, por outro, ele ocupa justamente o lugar de causa. Ele se vale do significante, que não representa o sujeito para outro significante, mas que causa o Outro como totalidade. Por isso, dissemos que apenas na psicose uma mulher encontra “O homem” e que é assim que o psicótico tenta fazer valer a relação sexual. Lembremos que sublinhamos o empuxo-à-mulher psicótico e argüimos que este não se referiria à causa mas sim a um percurso, um eixo formativo da estrutura delirante.

Pois bem, poderíamos nos perguntar: e a psicose não desencadeada? Seguimos o Joyce de Lacan e o sucesso de suas suplências à carência paterna. Joyce, o *sinthoma*, fez-se um livro.

Outrossim, indagaríamos-nos: e a estabilização psicótica? Acompanhamos Freud dizer que o Homem dos Lobos encontrou estabilidade em substitutos paternos e notamos, em seu próprio nome, enquanto caso clínico freudiano. Schreber estabilizou-se através das articulações possíveis de sua metáfora delirante. Suplências bem sucedidas (como o Nome para Joyce) parecem evitar o desencadeamento e o encontro de um substituto paterno (do Nome-do-Pai) traz estabilidade à psicose.

Propusemos uma leitura segundo a qual o significante na psicose se desencadeia e o objeto se multiplica. Carregar o objeto *a* no bolso e ter o significante em causa parecem peculiaridades desta estrutura clínica. Desta forma, o desencadeamento da psicose pode ser explicado através da evocação do significante Nome-do-Pai foracluído (a partir do encontro com *Um-pai*), o significante em causa que parece funcionar segundo o choque de *tiquê* e não conforme o regimento de *autômaton*.

Quanto à multiplicação de *a*, recordemos o caso da jovem paranóica de Freud e a alucinação auditiva (tratada como fenômeno elementar e sinal de desencadeamento) que precedeu sua construção delirante: o objeto *a* esteve ali sonorizando o olhar que é prevalente neste tipo psicótico. O olhar dos lobos no Homem dos Lobos e no desenho da esquizofrênica. A relação com o corpo próprio, em sua queda enquanto objeto, em Schreber e Joyce. Concluimos que tal objeto *a* encontra-se solto na psicose e, conforme pontuado, não revestido pela fantasia. Desde múltiplos lugares ele mantém seu status causal, de causa real. Daí hipotetizarmos, quanto ao nosso problema do desencadeamento, que apenas na psicose encontraríamos uma duplicidade causal. Na neurose, conforme frisamos, haveria determinação (significante) e causa e na perversão

a causa se encontraria preenchida, isso em nome da lei. Nesta última estrutura o significante estaria vertido para a lei, o gozo seria fálico e, através do véu, o objeto *a* causa de desejo estaria reificado no objeto fetiche.

Muito embora tenhamos aportado as causas do desencadeamento da psicose nesta dupla via que envolve a forclusão e o desprendimento de *a*, concluímos que haveria algo mais radical que a *Verwerfung* do Nome-do-Pai. Concordamos que o retorno real daquilo que fora foracluído do simbólico é um fenômeno particular da psicose, porém o retorno real daquilo que fora foracluído em ato (de constituição do real) estende-se para além das bordas dessa estruturas. Isso explica a causalidade real funcionando segundo *tiquê*, irrompendo na neurose e desencadeando sintomas, formas de ato, e expressões de angústia.

Sublinhamos, em nossa trilheira, *tiquê*, a causa real e dissemos que esta participa da constituição do sujeito (no lugar do trauma e com o tempo do instante) e do desencadeamento dos diversos quadros que investigamos. Transitamos pelo seminário XI de Lacan e localizamos esta causa no tropeço, na pouca realidade, na mancha, no que manca, no espaço aberto entre a fala e aquilo que ela afeta, no que faz o sujeito saltar em um ponto inesperado, mas que se situa até antes do momento de seu pouso. No entanto, é preciso igualmente darmos ênfase, a visada daquilo que claudica não é, de forma alguma, um convite feito ao sujeito para que este mergulhe no mítico gozo do Outro. Afirmamos, enfim, que este diálogo clínico entre o significante (e o ponto em que este tropeça para outro significante) e o objeto pode inaugurar uma nova (e por que não dizer, criativa ou inventiva, inspirando-nos em Drummond) possibilidade de laço entre o sujeito e o Outro.

A questão, como bem nos apontou Laurent (1997), não exclui o primeiro passo da exploração significante, da decantação de certo número de significantes-mestres e da

apreensão das identificações simbólicas do sujeito, bem como de lembranças da vida dos pacientes (pensando a entrada em análise pela via do sintoma). O que se evidencia é que isso é uma condição necessária, mas não suficiente, para fazer girar o tratamento analítico até sua conclusão. No final é a identificação ao objeto que aparece, “chega-se ao núcleo que foi isolado como não-senso” (Laurent, 1997, p.45), o que entra em jogo é o apontamento da pulsão parcial, já que a única maneira de visar o objeto, é visá-lo na entrelinhas, é não comentá-lo diretamente.

Por essa via, Soler (1997) indicou-nos que, diante da pergunta “o que sou eu no desejo do Outro?”, o sujeito na separação precisa do ser (articulado ao gozo, a tradução lacaniana para a libido freudiana) para respondê-la. O sentido não é suficiente para isso, já que ali, na alienação, encontramos apenas significantes. É preciso o para além dos significantes, ou seja, a pulsão, o objeto. A autora asseverou, então, que a análise refere-se justamente ao percurso para que se obtenha uma resposta sobre a questão de que objeto se é para o desejo do Outro. No fim, o sujeito pode “descobrir algo sobre seu inconsciente como saber”, mas também há a apreensão de algo “não completamente inscrito ou escrito, e que é a forma específica de satisfação encontrada pelo sujeito da pulsão.” (Soler, 1997, p.66)

Após este percurso, certamente atribuímos plausibilidade à idéia segundo a qual o mesmo objeto que cai na constituição do sujeito e que causa o desencadeamento surge, no final de análise, em conformidade com o sujeito ético, ‘lá onde se estava’! Desta feita, se procuramos sustentar que discorrer sobre o objeto *a*, objeto da pulsão e causa de desejo, na constituição do sujeito e no desencadeamento, implicava o reexame da noção de causalidade em psicanálise, neste término poderíamos apenas pincelar o quanto o momento de concluir, o ato psicanalítico (aqui posto como passagem de analisante à analista) é consoante à causa.

Lacan (1962-63) havia dito que conviria ao analista fazer seu desejo entrar suficientemente no irreduzível objeto *a* de tal forma que pudesse oferecer à angústia uma garantia real. Assim, através deste operador que é o desejo do analista, verificamos as travessias de uma análise e seu resultado, a decantação do objeto. Conforme precisou Dunker (2007), o momento de conclusão é pertinente a travessias. Travessia da fantasia e certo desnudamento de *a* (nossa margem de liberdade nessa ficção); a dissolução (travessia) da transferência; “uma travessia da angústia (redução à sua forma cristalina)” (p.179) e a travessia da passagem de analisante a analista, quando ocorre a queda, e produz-se novamente a perda.

Enfim, emprestando as Veredas de Rosa: no final, travessia e por que não, a causa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- André, S. (1999). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Aristóteles. (1998). *Física*. Madrid: Gredos.
- Arantes, P.E. (2003). Hegel no espelho do Dr. Lacan. In: V. Safatle (Org.): *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
- Badiou, A. (1996). *O Ser e o evento*. Rio de Janeiro: Zahar, URFJ.
- Badiou, A. (2003). Lacan e Platão: o matema é uma idéia? In: V. Safatle (Org.): *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.
- Brodsky, G. (2004). *Short Story: os princípios do Ato Analítico*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Carvalho, F.Z.F. (2002). *O fim da cadeia das razões: Wittgenstein, crítico de Freud*. São Paulo: Annablume.
- _____. (2004). Verdade e assentimento: o impasse de Wittgenstein diante de Freud. In: G. Ianini; G. M. Rocha; J. M. Pinto; V. Safatle (Orgs.): *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Caygill, H. (2000). *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Chauí, M. (1994). *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática.
- Corrêa, I. (2001). *A psicanálise e seus paradoxos – seminários clínicos*. Recife: Ágalma.
- Costa, J. F. (1994). *Redescrições da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Darmon, M. (1994). *Ensaio sobre a topologia lacaniana*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Deleuze, G. (2002). *Espinoza. Filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- Dicionário português-alemão*. (1983). Porto: Porto
- Dunker, C. I. L. (2002). A Questão do Sujeito: Construção, Constituição e Formação. In: Dunker, C.I.L. e Passos, M.C.. (Orgs.). *Uma Psicologia que se Interroga*. 1 ed. São Paulo: Edican, v. 1, pp. 19-82.
- _____. (2002). *O cálculo neurótico do gozo*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2007). *Estrutura e constituição na clínica psicanalítica*. Tese apresentada como parte dos requisitos para o concurso de livre-docência. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Eleb, D. (2004). *Figures Du destin. Aristote, Freud ET Lacan, ou La rencontre Du réel*. Paris: Érès.

Faria, M. R. (2006). Constituição do sujeito e complexo de Édipo. *Revista Stylus*. Rio de Janeiro, n. 12, PP. 81-94.

Freud, S. (1893-95/1980). *Estudos sobre a Histeria*. In: Freud, Sigmund. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

_____ (1895). *Projeto para uma Psicologia Científica*. (Vol. 1). In: Op. Cit.

_____ (1895). *Críticas à neurose de angústia*. (Vol. 1) In: Op. Cit.

_____ (1896). *Etiologia da histeria*. (Vol. 3). In: Op. Cit.

_____ (1896a). *A hereditariedade e a etiologia das neuroses*. (Vol. 3). In: Op. Cit.

_____ (1900). *A interpretação dos sonhos*. (Vols. 4-5). In: Op. Cit.

_____ (1905) *Fragmento da análise de um caso de histeria*. (Vol. 7). In: Op. Cit.

_____ (1908) *Caráter e erotismo anal*. (Vol. 10). In: Op. Cit.

_____ (1909). *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*. (Vol. 10). In: Op. Cit.

_____ (1909). *Observações gerais sobre os ataques histéricos*. (Vol. 9). In: Op. Cit.

_____ (1909). *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*. (Vol. 10). In: Op. Cit.

_____ (1911). *Nota psicanalítica sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia*. (Vol. 12). In: Op. Cit.

_____ (1912). *Tipos de desencadeamento da neurose*. (Vol. 12). In: Op. Cit.

_____ (1913). *Disposição à neurose obsessiva*. (Vol. 12). In: Op. Cit.

_____ (1915). *Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença*. (Vol. 14). In: Op. Cit.

_____ (1915). *A pulsão e seus destinos*. (Vol. 14). In: Op. Cit.

_____ (1915). *O inconsciente*. (Vol. 14). In: Op. Cit.

_____ (1916-17). *Conferências introdutórias*. (Vols. 15-16). In: Op. Cit.

_____ (1917). *Os caminhos da formação dos sintomas*. (Vol. 16). In: Op. Cit.

_____ (1918). *História de uma neurose infantil*. (Vol. 17). In: Op. Cit.

_____ (1919). *Bate-se numa criança*. (Vol. 17). In: Op. Cit.

_____ (1919). *O estranho*. (Vol. 17). In: Op. Cit.

_____ (1920). *Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*. (Vol. 18). In: Op. Cit.

_____ () .*O estado neurótico comum – conferência XXIV*. (Vol. 16). In: Op. Cit.

_____ (1920). *Além do princípio de prazer*. (Vol. 18). In: Op. Cit.

_____ (1925-26). *Um estudo autobiográfico*. (Vol.20). In: Op. Cit.

_____ (1925). *Inibição, sintoma e angústia*. (Vol. 20). In: Op. Cit.

_____ (1927-28). *Dostoievski e o parricídio*. (Vol. 21). In: Op. Cit.

_____ (1939). *Moisés e o monoteísmo*. (Vol. 23). In: Op. Cit.

Garcia-Roza, L.A. (1986). *Acaso e repetições em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Hans, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Houaiss, A.; Villar, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Jameson, F. (1992). *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática.

Juranville, A. (1987). *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1932/1987) *Da Psicose Paranóica em suas relações com a Personalidade*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária.

_____ (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1945-1998). O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada In: J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1946-1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: Op. Cit.

_____ (1948-1998). A agressividade em psicanálise. In: Op. Cit.

_____ (1949-1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In: Op. Cit.

_____ (1951-1998). Intervenção sobre a transferência. In: Op. Cit

_____ (1953-1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Op. Cit.

_____ (1954-1998). Resposta ao Comentário de Jean Hyppolite. In: Op. Cit.

_____ (1958-1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In: Op. Cit.

_____ (1960-1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Op. Cit.

_____ (1957-1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: Op. Cit.

_____ (1960-64/1998). Posição do inconsciente. In: Op. Cit.

_____ (1970-2001). Radiofonia. In: J. Lacan. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1953-54/1986). O Seminário - livro I. *Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1954-55/1985). O Seminário - livro II. *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1955-56/2002). O Seminário - livro III. *As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1956-57/1995). O Seminário - livro IV. *A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1957-58/1999). O Seminário – livro V. *As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1959-60/1997). O Seminário - livro VII. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ O Seminário – livro IX. *A identificação*. Inédito.

_____ (1962-63/2005). O Seminário - livro X. *A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1964/1985). O Seminário - livro XI. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ O seminário – livro XV. *O ato analítico*. Inédito.

_____ (1972-73/1985). O Seminário - livro XX. *Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1975-76/2007). O Seminário - livro XXIII. *O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lalande, A. (1995). *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Laurent, E. Alienação e Separação. In: Para Ler o Seminário 11 de Lacan. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1997.

Leite, M. P. S. (2000). *Psicanálise lacaniana: cinco seminários para analistas kleinianos*. São Paulo: Iluminuras.

Lima Vaz, H.C. (1993). *Escritos de Filosofia II – Ética e Cultura*. São Paulo.

Miller, J.A. (1996). *Matemas I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (1997). *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____. (1999). *Percurso de Lacan – Uma Introdução* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

_____ (2006). *La psicosis ordinaria*. Buenos Aires: Paidós.

Milner, J. C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Nogueira, L. C. (1997) *A psicanálise: uma experiência original o tempo de Lacan e a nova ciência*. Tese apresentada como parte dos requisitos para o concurso de livre-docência. Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo.

Nogueira, L. C.; Bicalho, H.; Abe, J. (2004). As duas vertentes: significante e objeto a. *Psicologia USP*, São Paulo, v.15. n.1/2.

Obholzer, K. (1993). *Conversas com o Homem dos Lobos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ogilvie, B. (1991). *Lacan - A formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Pacheco, R. A. (2006). *Freud e Lacan: filiação ou subversão*. Texto apresentado no II Encontro Nacional de Pesquisadores em Filosofia e Psicanálise, Na Universidade de São Paulo, São Paulo.

Prado Junior, B. (2003). Lacan: biologia e narcisismo ou A costura entre o real e o imaginário. In: V. Safatle (Org.); *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp.

Prates, A.L. (2006). *Da fantasia de infância ao infantil na fantasia – a direção do tratamento na psicanálise com crianças*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Porge, E. (1998) *Os nomes-do-pai em Jacques Lacan: pontuações e problemáticas*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Quinet, A. (1997) *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. (2006) *Psicose e laço social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Rabinovic, D. (2004). *Clínica da Pulsão*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

_____. (2000). *O desejo do psicanalista: liberdade e determinação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Roudinesco, E. (1994). *Jacques Lacan*. São Paulo: Companhia das Letras.

Safatle, V. (2006). *A Paixão do Negativo*. São Paulo: Unesp.

Sauret, M. J. (1998). *O infantil e a estrutura*. São Paulo. Escola Brasileira de Psicanálise.

Simanke, R.T. (2002) *Metapsicologia Lacaniana*. São Paulo: Discurso Editorial.

Sparano, M.C.T. (2003). *Linguagem e significado: o projeto filosófico de Donald Davidson*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Soler, C. (1997). O Sujeito e o Outro I. In: *Para Ler o Seminário 11 de Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- _____ (1998). *A psicanálise na civilização*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- _____. (2006). O que Lacan dizia das mulheres. Rio de Janeiro: Zahar.
- Souza, N. S. (1996). O Conceito de Causa em Lacan. In: Freire, A. B; Fernandes. F. L; Souza, N. S. *A Ciência e a Verdade – um comentário*. Rio de Janeiro: Editora Revinter.
- Timmermas, B. (2005). *Hegel*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Torres, R. (2004). Lacan e Hegel. *Psicologia USP*, São Paulo, v.15. n.1/2.
- Valas, P. (2001). *As Dimensões do Gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Vas, H. C. de L. (1993). *Escritos de Filosofia II Ética e Cultura*. São Paulo: Editora Loyola.
- Verhaeghe, P. (2002). Causality in science and psychoanalysis. In: J. Glynos & Y. Stavrakakis (Orgs). *Lacan & Science*. London: Karnac.
- Wörterbuch, N. *Deutsch und portugiesisch*. New York: Frederick Ungar Pub. Co.
- Zizec, S. (2004). Le devenir-lacanian de Deleuze. In: G. Ianini; G. M. Rocha; J. M. Pinto; V. Safatle (Orgs.): *O tempo, o objeto e o avesso: ensaios de filosofia e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____ (1991). *O mais sublime dos histéricos - Hegel com Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.